



KAREN MACK E JENNIFER KAUFMAN

A AMANTE DE FREUD

Suas teorias iriam mudar o mundo
— e arruinar o dela.



Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © 2013 by Karen Mack and Jennifer Kaufman

Copyright © 2013 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial

Martha Ribas

Ana Cecilia Impellizieri Martins

Editora

Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente

Beatriz Sarlo

Copidesque

Beatriz de Freitas

Revisão

Lilia Zanetti

Capa

Thiago Lacaz

Foto de capa

© Jill Battaglia/arcangel-images.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M141a

Mack, Karen

A amante de Freud / Karen Mack, Jennifer Kaufman; tradução Daniela P. B.

Dias. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

Tradução de: Freud's mistress

ISBN 9788577344154

1. Romance americano. I. Kaufman, Jennifer. II. Dias, Daniela P. B. III. Título.

13-03947 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, 1001 – Rio de Janeiro – RJ – 20030-070

21.2222 3167 21.2224 7461

divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

Para Molly Friedrich e Amy Einhorn

1

VIENA, 1895

A temporada dos suicídios havia começado. Ela sentou-se à escrivaninha perto da janela e mergulhou sua caneta na tinta preta. A ponta raspava as folhas de papel como a garra de um corvo. Lá fora, o céu era cor de cinza. Desde o princípio de novembro, um frio rascante pairava no ar, e placas de gelo haviam se espalhado pela extensão do Danúbio. Logo o rio estaria com a sua superfície congelada para esperar a primavera seguinte. Outra semana mesmo ela havia lido no *Salonblatt* sobre a moça rica de família aristocrata que, vestida de noiva, com véu e tudo, saltara a cavalo por cima da amurada da ponte Kronprinz-Rudolf. A linda égua afundou feito uma pedra, e o corpo da jovem foi empurrado para a margem na sua mortalha de cetim branco.

Ela mesma nunca imaginara chegar àquele ponto e agora ali estava, à mercê da irmã, redigindo seu pedido de socorro. A carta foi concluída ao amanhecer, no momento em que os sinos da catedral de São Estêvão ressoavam pela cidade. Depois de selar o envelope, ela o depositou na caixa do correio junto à porta principal da casa. Este dia ficaria marcado na sua memória. Era o princípio de tudo.

DOIS DIAS ANTES

A chuva de granizo caía forte, mas a mulher que vinha apressada pelo boulevard não estava usando casaco nem chapéu. Ela trazia nos braços um embrulho envolto em cobertores ásperos, e a carga pesava sobre o seu passo, fazendo com que precisasse avançar com uma perna, depois a outra. Mechas molhadas do cabelo comprido batiam na boca e nos olhos, e de tempos em tempos ela precisava parar, apoiando o embrulho em um dos quadris para passar a mão livre no rosto.

A mulher atravessou a Ringstrasse – a avenida larga e pontilhada de árvores que circundava Viena – e depois passou por uma fileira de prédios de apartamentos parrudos cujas fachadas projetavam sombras no calçamento. A tempestade estava cada vez mais forte,

um pé-d'água constante. Cega pela chuva, ela seguia adiante, chapinhando nas poças com suas botas de couro de boa qualidade ao cruzar a Schwarzenbergplatz, a fronteira invisível que separava a aristocracia de todas as outras pessoas. Poucas centenas de metros à frente, brilhavam as luzes das fachadas de uma fileira de casarões imponentes.

Mais cedo, na pressa de partir, ela não se dera ao trabalho de subir para buscar as luvas ou o sobretudo de lã, mas agora se arrependia amargamente por ter sido tão precipitada. O frio a fazia tremer até os ossos. *Idiota*, pensou. *Minhas botas estão arruinadas.*

Reduziu o passo para atravessar os portões de ferro trabalhado da residência da baronesa e contornou a casa principal até chegar à entrada de serviço. Depois de ter tocado a campainha noturna, começou a bater estrondosamente na porta, praguejando baixinho e andando impaciente de um lado para o outro. Abram essa maldita porta. Uma dor abafada e persistente apareceu na lateral do seu corpo quando uma rajada de vento gelado ameaçou desequilibrá-la. Ela ergueu o embrulho e o apoiou por cima do ombro, sentindo os dedos latejarem ao encontrarem a madeira da porta.

Quando a criada da noite finalmente apareceu, Minna passou por ela e entrou na casa numa rajada de fúria. *Maldita demora essa sua*, pensou, mas murmurou um “boa-noite” mecânico antes de descer a escadaria mal iluminada que levava ao porão. Com cuidado, depositou seu embrulho num catre perto da “Besta”, a imensa fornalha negra ao lado de onde ficava a área com os tanques de lavar. Uma criança frágil e sonolenta emergiu do meio dos cobertores e ficou sentada em silêncio enquanto Minna empurrava o catre mais para junto da fornalha, afastava o colchão fino de cima do estrado e tratava de acomodá-la debaixo da luz rala da vela acesa numa prateleira de madeira.

– *Fräulein Bernays*, sua presença foi solicitada. A patroa já está tocando a sineta há mais de uma hora – disse a criada da noite, ajeitando a touca branca engomada. – Todos são prejudicados com essas suas ausências... – acrescentou soltando um suspiro pesado enquanto se abaixava para limpar uma pegada enlameada de um dos degraus. – Eu falei que era um passeio. Mas ela não quis

acreditar, ficou repetindo que a senhorita só podia estar num outro lugar...

– Se quer mesmo saber, nós duas fomos nos fartar de gim. Não fomos, Flora?

– Fomos sim, *Fräulein* – Flora disse, com um sorriso débil. – E *depois* nós fomos ao médico.

– A criança só pode estar delirando – atalhou Minna. – Trate de se cobrir, querida. Está gelado aqui dentro.

Uma corrente de ar vinda sabe-se lá de onde a fez desejar ter uma muda de roupa seca, e ela podia sentir sua cabeça latejar. Mergulhando a mão no bolso da saia, apalpou o saquinho de papel pardo com o remédio. Graças a Deus: as pastilhas continuavam ali.

Naquele dia mais cedo Minna havia se deparado com Flora em péssimo estado, tentando cumprir suas tarefas enquanto era sacudida por uma tosse tão forte, que cada acesso a fazia cair de joelhos no chão. Diversas vezes ela havia mergulhado a pobre criatura, em meio a choramingos de protesto e soluços, numa tina de água fria na tentativa de fazer a febre ceder. Mas nada parecia funcionar. A criança estava mal: as bochechas brilhantes por causa da febre, os suores da doença cada vez mais intensos. Minna não podia aguentar mais aquela situação. Tratou de fazer um embrulho bem quente com os cobertores e, sem dizer uma palavra a ninguém, saiu para levá-la ao médico.

– Minha garganta dói – choramingou Flora, respirando com dificuldade enquanto Minna tocava a campainha do doutor.

– Ele vai cuidar de você – ela respondeu, exalando uma confiança que na verdade não sentia. – Você é da casa da baronesa, é alguém muito importante.

Um cavalheiro mais velho surgiu à porta enxugando o bigode com um guardanapo de linho. Pelo vão, Minna avistou uma mulher sentada à mesa do jantar mais ao fundo, de onde vinha o aroma de carne cozida e vinho.

– *Herr* Doutor, minha patroa, a baronesa Wolff, solicita atendimento imediato para esta criança. Ela está muito preocupada com o estado da menina.

O médico hesitou por um momento enquanto Minna abria caminho para entrar, já recitando o rosário dos males que afligiam a pequena: febre, tosse, náuseas, perda de apetite. Não haveria motivo para duvidar da sua autoridade. Mesmo sem ter trazido o sobretudo, e apesar da lama respingada nas suas roupas, ela era uma mulher elegante – esguia, com a postura aprumada, a pele macia e uma dicção perfeita. E, além do mais, era também uma mentirosa bastante convincente.

– Será que pode ser escarlatina? – Minna indagou, enquanto o doutor conduzia as duas até o seu consultório nos fundos da casa.

– Uma infecção inespecífica – foi o que ele concluiu depois do exame. – Repouso absoluto por pelo menos um mês... lençóis trocados duas vezes por semana... pastilhas para a inflamação na garganta e Heroína Bayer para a tosse...

Minna foi ouvindo e assentindo com a cabeça, ciente o tempo todo de que seria impossível cumprir as prescrições médicas na casa em questão. E, fosse como fosse, ela ainda não sabia como podia ter achado que se safaria daquela situação. Seus dias, suas noites e até mesmo os seus domingos pertenciam à baronesa. Minna devia ficar ao inteiro dispor da sua empregadora, e qualquer atraso poderia ser motivo de demissão sumária.

Ela voltou a pensar nas ordens do *Herr* Doutor quando pousou a mão na testa úmida de Flora.

– Não me deixe – a criança falou, ligeiramente desnorteada, com uma voz forçada e rouca. Mesmo tendo 10 anos de idade, sua aparência era de 6. Pressentindo a partida, seus dedos agarraram a saia de Minna. Ela lhe deu duas colheradas do xarope pegajoso de cheiro doce e sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido. A criança voltou a se deitar e virou o rosto para a parede.

A criada da noite ficou medindo Minna com os olhos enquanto ela ajeitava algumas pontas úmidas de cabelo de volta para dentro do seu pequeno coque, limpava enfaticamente os saltos das botas com um pano e saía da cozinha sem dizer uma palavra. Ela tornou a subir a escada estreita, atravessou o piso de mármore do saguão de entrada e depois enveredou por um corredor de teto abobadado onde havia uma série de lâmpadas elétricas importadas. Depois de

uma parada ligeira perto da entrada da sala de visitas carmesim para recuperar o fôlego, ela bateu suavemente na porta.

– Entre – disse uma voz.

O refúgio particular da baronesa se parecia mais com uma sala que ninguém jamais iria visitar, com suas poltronas e sofás opulentos e pesados em tecido adamascado, os vitrais nas janelas, os tapetes persas e uma coleção de figuras de porcelana que incluía alguns pugs e poodles, além de pássaros exóticos. Numa mesa lateral havia um vaso com lírios, e no canto perto da janela estava a escrivaninha onde repousava uma bandeja de prata cheia de bolinhos e sanduíches imaculadamente brancos. Minna aparentava calma, mas tinha as faces afogueadas e o coração acelerado como alguém que tivesse acabado de quebrar um vaso precioso. E, além disso, o aroma dos bolinhos da baronesa a fez lembrar que não havia comido nada o dia inteiro.

– Boa noite, baronesa.

– As outras andam comentando sobre a sua conduta – foi a resposta abrupta da jovem senhora, na sua voz nasal refinada. Sentada sobre o seu torturante vestido espartilhado, ela dirigiu à Minna um olhar capaz de escarpelar um coelho. – Quer saber o que dizem? Elas falam das suas peculiaridades: das leituras constantes, desses seus passeios e tudo mais. Hábitos que eu tolero mesmo com as grandes inconveniências que me trazem. Hábitos que tenho feito esforço para ignorar. Você está atrasada. Por onde andava?

– Fui falar com o farmacêutico. Flora está doente – explicou Minna.

– E você pensou que eu não havia reparado – retrucou a baronesa, fazendo um gesto para que Minna fosse sentar à sua frente. Ela hesitou por um instante. A saia ainda estava úmida e certamente deixaria uma marca no tecido delicado do sofá. Acabou decidindo equilibrar o corpo precariamente na beirada do assento, não sem antes puxar e pôr de lado uma das almofadas de seda.

– Não sou nenhum monstro, afinal. Semana passada, cheguei a pedir pessoalmente à cozinheira que preparasse doses diárias de cânfora para a pobre criatura.

*S*e isso tivesse mesmo acontecido seria o primeiro sinal de um tratamento decente dispensado pela baronesa à Flora em toda a sua vida, Minna pensou. A desafortunada menina fora trazida do campo para fazer parte da criadagem da ampla residência barroca. E, desde o dia em que chegara, muito magra e muito pálida, Flora havia se mostrado frágil demais para aquele tipo de serviço. Com seus cabelos cor de palha e os olhos que lembravam duas taças de xerez, ela passava a maior parte do seu dia no porão, aspirando nuvens espessas de fumaça e fuligem. Suas tarefas incluíam desde limpar o aquecedor e esvaziar as lareiras até arear panelas e limpar os banheiros da casa. À noite, não era incomum que Minna a ouvisse chorar até pegar no sono.

– A cânfora não adiantou. Ela estava precisando...

A baronesa ergueu o dedo em sinal de alerta, interrompendo a fala de Minna.

– Cabe a mim decidir quando providenciar medicamentos para a criadagem. E, por falar nisso, quando minha garganta estava inflamada na semana passada não me lembro de ter visto você sair correndo até a farmácia. – Uma pausa tensa caiu sobre a sala enquanto a baronesa ajeitava as almofadas franjadas do seu sofá império. – Eu realmente não tenho sorte com essa sua gente. Não costumo contratar ninguém que venha do Segundo Distrito, mas o seu trabalho me foi tão bem recomendado...

Minna não retrucou. Embora, na verdade, jamais tivesse vivido no Segundo Distrito, na área de Leopoldstadt, onde a maior parte dos judeus de classe média de Viena morava, ela costumava sentir na pele com frequência os golpes do antissemitismo. Quando era menina, chegou a se vingar de alguns dos colegas de escola que a perturbavam com enxurradas de apelidos preconceituosos, e uma vez socou um garoto com tanta força que o nariz dele sangrou. Mas, à medida que foi crescendo, concluiu que a melhor atitude era ignorar as agressões, mesmo sentindo um calafrio na nuca a cada vez que uma delas era lançada na sua direção.

– A senhora pode ter certeza de que eu só estava preocupada com a menina – disse Minna, numa voz baixa e firme.

– Pois deveria se preocupar mais com o seu emprego. Foi contratada como dama de companhia, e até onde sei não possui qualquer conhecimento médico.

– Mas a verdade é que eu tenho algum. Trabalhei para um doutor em Ingolstadt.

– Que doutor? – quis saber a baronesa, cética.

– *Herr* Doutor Frankenstein – disparou Minna numa voz jocosa.

A baronesa a encarou sem dizer nada por um instante, depois abriu um sorriso maroto ao entender a piada. Ela se levantou e caminhou até junto da lareira, pegando a sua cesta de trabalhos manuais.

– Agora, Minna – prosseguiu, dando um tom conciliatório à voz –, eu preciso do seu pedido de desculpas para que possamos encerrar esse assunto.

– Me desculpe – Minna disse prontamente, sem uma ponta de sentimento verdadeiro.

– Eu aceito suas desculpas – respondeu a baronesa. – Seja como for, essa menina nunca foi mesmo ideal. Fraca demais, enfermiza demais.

Ela se olhou no espelho acima do consolo da lareira e levou a mão ao cabelo preso num penteado intrincado.

– O que você acha deste estilo? É o que Clara tem usado. Ela esteve no Palácio Imperial com o cabelo arrumado assim na semana passada.

– Ficou muito bem na senhora – respondeu Minna, com os olhos pregados no topete Pompadour ridiculamente bufante e pensando como alguém na face da Terra conseguiria ver aquilo sem dar uma risada.

– Ótimo, então. Vou passar a adotá-lo – a outra concluiu, fazendo um gesto para dispensar Minna e voltando a se acomodar no sofá com a cesta no colo.

A luz da tarde ia se apagando, e sombras escureciam a sala. Ruídos distantes dos cascos de cavalos e rodas de coches contra as pedras do calçamento chegavam através das pesadas cortinas drapeadas, e ocasionalmente a voz abafada de um dos criados ecoava pelos corredores. As mãos brancas e macias da baronesa se

moviam depressa sobre a cena pastoril que ela estava bordando numa toalha de mesa: pálidos campos verdejantes, um céu cor de lavanda e um pastor conduzindo seu rebanho.

Mais tarde, Minna subiu os dois lances de escadas até seu quarto e livrou-se imediatamente da saia de musselina molhada, da anágua de flanela e das meias de lã, abrindo um por um os vinte botões da camisa de algodão branca. O corpete muito apertado estava esmagando suas costelas, e Minna deixou escapar um suspiro aliviado quando ele foi desamarrado e jogado ao chão. Ela precisava se secar. Estava começando a ficar com cheiro de cachorro molhado. O quarto estava sombrio como seu estado de espírito, com suas paredes num tom de verde arsênico doentio. Ela vestiu uma camisola e levou uma vela até a penteadeira, seguida pela própria sombra bruxuleante na parede.

Inclinando a cabeça para trás, Minna começou a escovar o espesso cabelo castanho, mecha por mecha. Na juventude, costumava ficar orgulhosa do cabelo vistoso e do seu porte alto e esguio. Mas o passar dos anos levava a vaidade embora. As planícies lisas das faces e do pescoço ainda se destacavam, mas mesmo à luz da vela era possível enxergar linhas finas de expressão ao redor dos olhos.

Ela nunca imaginara que a essa altura, com quase 30 anos, estaria na posição de receber em silêncio os achaques de uma mulher jovem que mal devia ter a sua idade, e que teria que assistir igualmente impassível enquanto essa mesma mulher praticamente deixava uma pobre criança morrer como um cão sem dono. Minna certamente já estaria casada, como a irmã Martha, se sua vida tivesse seguido outro rumo, se seu pai não tivesse perdido tudo o que tinha e caído morto em plena rua, se seu próprio noivo não tivesse chegado a falecer. Se, se, se...

Não fazia sentido remoer tudo mais uma vez. Havia anos que ela só podia contar consigo mesma. Não havia parente que pudesse arcar com seu sustento: Martha tinha sua própria família, que não parava de crescer; o irmão, Eli, havia se casado e mudado para longe. Minna, assim, só podia contar com as poucas opções que lhe restavam: trabalhar como dama de companhia ou como governanta.

Estava sozinha no mundo e, ao que tudo indicava, prestes a se mudar mais uma vez.

Depois de enrolar um xale nos ombros, abraçou o próprio corpo, afundando os dedos na carne dos antebraços. Estava se sentindo cansada. E com dor no pescoço. Saindo para a sacada, Minna voltou os olhos para o norte.

Uma dose de gim cairia bem, pensou, mas por ora seria preciso se contentar com o cigarro. Ela pegou um dos turcos finos do maço que guardava na última gaveta da penteadeira e o acendeu. A tempestade dera lugar a uma escuridão cor de ardósia. Minna inspirou fundo para sorver a fumaça.

Muitas vezes, tarde da noite, depois que todas as suas tarefas já estavam concluídas, ela ficava lendo até ver o pavio da vela se afogar numa poça de gordura. Uma boa parte do seu salário era gasta em livros. Mas não em romances sobre criadas fornicando no sótão e senhores lascivos com olhos ávidos sempre em busca da próxima aventura. E muito menos nos eternamente maçantes livros de memórias, aqueles do tipo “lembre-se de mim” que, se dependessem dela, ficariam pegando poeira nas estantes até o fim dos tempos. Não, Minna preferia livros maiores, como *A história da Revolução Francesa*, de Thomas Carlyle, que achara melhor do que *A história da conquista normanda*, de Edward Freeman, embora não tivesse sido exatamente uma leitura capaz de mudar sua vida. Dedicava-se também a destrinchar passagens complexas de *A origem das espécies*, de Charles Darwin, e textos do Heráclito e do Parmênides – cujos corações eram dedicados a esmiuçar questões existenciais.

Houvera também Aristóteles, claro, que Minna decidira deixar de lado depois de descobrir que ele considerava a mulher nada mais que uma deformidade da natureza – *um homem incompleto*. Esse volume em especial ela havia passado adiante sem qualquer remorso. Platão não se saía melhor nesse quesito, insistindo em afirmar a incompetência das mulheres quando comparadas aos homens. Mas não poderia simplesmente dispensar todos os filósofos só por causa da estreiteza das suas convicções. Afinal, o próprio Nietzsche, que Minna adorava, enxergava as mulheres como meros

objetos... propriedades destinadas ao serviço. E Rousseau afirmara que o principal papel da mulher era dar prazer ao homem. O cenário como um todo era bastante desanimador, na verdade.

Já na literatura de ficção não havia nada que pudesse irritá-la. Ela era, aliás, o antídoto perfeito para seus sentimentos de tédio, temor e solidão. Minna escolhera a companhia do *Os sofrimentos do jovem Werther*, romance epistolar de Goethe, e do *Henrique VI*, de Shakespeare (a parte II, não a I, já que esta era mais um tratado histórico do que qualquer outra coisa; além de ser uma das peças mais fracas do autor, na opinião dela). Para fins de entretenimento puro e simples, havia o suspense gótico *Frankenstein*, de Mary Shelley, que ela havia lido inteiro de uma vez só. Isso sem falar de um novo autor vienense, Schintzler, que decidira deixar de lado a carreira médica para escrever peças sobre heróis aristocráticos e seus casos adúlteros. E que fazia isso sem destilar ironia nem querer passar lições de moral, somente fazendo um estudo isento do fenômeno da paixão. Minna nunca lera nada parecido com os livros dele. Tinha mesmo que ser um gosto adquirido, aquele Schintzler – da mesma forma que eram as azeitonas, ou o caviar, ou Klimt. Mas aquela não era uma noite para se perder no gim, na fumaça do cigarro ou nas suas divagações bibliomaníacas.

Minna voltou a calçar as botas por baixo da camisola, sem se dar ao trabalho de fechar por completo as suas tediosas fileiras de botões, e desceu novamente até o refúgio claustrofóbico onde Flora descansava. A menina estava enrodilhada sobre o catre, agarrada à sua boneca de trapos.

Se fosse outro dia, Minna faria com que ela se sentasse para ouvir uma história, mas Flora não parecia muito disposta hoje. Ela queria o que qualquer criança da sua idade quereria na mesma situação. Queria a mãe, queria ir para casa. Minna se sentou na beirada do catre e a abraçou, deixando que Flora se aconchegasse com o rosto colado ao seu peito. Ficou fazendo um carinho de leve no cabelo da pequena e cantarolando uma canção até que viu as pálpebras de Flora pesarem de sono. Minna soltou um suspiro aliviado quando a criança enfim adormeceu.

Na manhã seguinte, a baronesa recebeu um bilhete do seu médico perguntando sobre a saúde da menina e explicando que o atendimento “fora do horário regular” seria cobrado de maneira diferenciada.

“Considere-se dispensada”, ela disse com um franzir petulante da testa, sem olhar nos olhos de Minna para lhe informar que seu pagamento seria inteiramente confiscado. A indignidade habitualmente associada à cena do embate entre a empregadora furiosa e a funcionária impenitente na verdade não existiu. Minna suportou as acusações que lhe eram devidas. Sem nenhum protesto veemente. Não adiantaria protestar. Principalmente em vista do que ela pretendia fazer a seguir.

Pouco mais de uma hora depois que a baronesa havia saído para seus compromissos do dia, Minna arrumou suas coisas e deixou as malas junto à entrada de serviço da casa. Depois, informou à criadagem que ela e Flora haviam sido “liberadas”, e levou a criança ainda perplexa para a Estação Westbahnhof. Estava mandando Flora para casa.

A menina vinha de um lugarejo perto de Linz, onde os invernos eram compridos e as pessoas se esfalfavam em empregos miseráveis nas fundições, nas minas ou nas fábricas. A sua vida havia sido marcada tanto pela privação quanto pela tragédia – uma irmã morrera de difteria, um irmão estava preso e a família não tinha notícias do pai, um trabalhador braçal desaparecido havia muitos anos. Mas a adoração que Flora nutria pela mãe era inegável. “Ela tem o cabelo dourado”, a menina dissera à Minna numa noite em que as duas conversavam, “feito uma fada”.

Minna envolveu o corpo miúdo de Flora num abraço e as duas ficaram aconchegadas na plataforma, quase congeladas, olhando os viajantes aglomerados junto aos portões de embarque: mulheres com casacos de gola de pele empunhando maletas elegantes, crianças com cachos nos cabelos e casacos pesados. A menina agora parecia tranquila, aliviada.

Quando o trem chegou, as duas passaram pelos carregadores uniformizados que aguardavam à entrada dos vagões exclusivos da primeira classe, com sua decoração opulenta e luzes elétricas. Minna

ajudou a pequena a se acomodar na sua cabine da terceira classe, instalando-a no banco de madeira dura entre duas senhoras, uma das quais levava um bebê adormecido no colo.

“E nunca mais volte”, foi o que ela teve vontade de dizer enquanto roçava no rosto quente de Flora para lhe dar um beijo e espremia algumas coroas na mão de uma das senhoras na tentativa de garantir que ela cuidaria para que a criança chegasse em casa a salvo. Mas Minna sabia que Flora acabaria sendo enviada para algum outro lugar dali a poucos meses. Aquele era seu destino. Uma pontada de nostalgia e de remorso a fez se retorcer por dentro. Ela desejava, no mínimo, poder sentir que estava libertando Flora.

Minna olhou o trem se arrastando para longe, sozinha na plataforma vazia, enquanto enfim começava a se dar conta da gravidade da própria situação. Não haveria qualquer carta de recomendação da baronesa, isso era certo. Suas economias estavam lamentavelmente depauperadas, e não restava a Minna qualquer esperança de conseguir uma nova colocação a curto prazo. Tomou um ônibus e rodou a esmo pelas ruas cheias de gente, tentando ignorar o pânico que crescia no peito. Algo lhe dizia que encontrar o trabalho ideal era algo que jamais lhe aconteceria. O esforço para conservar o sentimento permanente de que estava a um passo de encontrar a felicidade começava a ficar muito exaustivo.

Ela conseguiu um quarto numa pensão humilde perto do Danúbio, mas não foi fácil pegar no sono. As horas se passavam entre momentos de cochilo, de leitura, dos seus pés zanzando de um lado para o outro do quarto. O relógio em cima da penteadeira tiquetaqueava alto quando ela enfim se sentou para escrever à irmã. Não havia mais ninguém com quem contar. Nem mesmo a mãe, que mal conseguia manter a si mesma com sua pensão de viúva. Minna teria que encarar mais esse fracasso.

Ela havia sido demitida outras vezes, e pedira demissão mais vezes ainda. A cada momento de revés, insistia em repetir para si mesma que estava tudo bem, que gostava de poder desfrutar da sua independência, da liberdade, do tempo para ficar à toa pelos cafés lendo ou conversando. E, a cada momento de revés, a irmã lhe

dirigia um olhar cheio de pena e lhe dava alguns tapinhas consoladores no braço.

“Pobre Minna. Você sabe que nunca terá um instante de paz enquanto continuar trabalhando para essas pessoas...”

Estava precisando se lavar e trocar de roupa, mas suas malas continuavam na residência da baronesa – ou mais provavelmente, a essa altura, já estariam jogadas no beco mais próximo. Assim que o carregador do dia chegasse para trabalhar na pensão, ela mandaria buscá-las. Minna terminou de escrever a carta para a irmã e a selou. Durante anos, Martha sempre dera a entender que o marido, Sigmund, não poderia arcar com mais uma pessoa morando em casa. Agora, segundo as palavras da própria irmã, as coisas haviam mudado. O consultório prosperara. Surgiam mais pacientes. E havia também um sexto bebê na família. Mathilde, Martin, Oliver, Ernst, Sophie e agora Anna. Talvez fosse o momento propício para contar com a sua ajuda.

Minna esperava que Sigmund se mostrasse sensível à sua situação. O relacionamento entre eles sempre havia sido cordial. Ou, aliás, mais do que cordial. Nos últimos anos, os dois vinham trocando uma correspondência prolífica a respeito de temas do interesse de ambos: política, literatura e também o trabalho científico do cunhado.

Fechando os olhos, Minna imaginou Martha abrindo sua carta e mandando buscá-la imediatamente. E procurou gravar essa imagem na sua mente. E ela, que jamais dependera de parente nenhum, pôde sentir por um momento o imenso alívio dos ignorantes.

2

Minna estava de pé na calçada congelada e suja, tremendo dentro do casaco. As pontas dos dedos arderam de frio quando ergueu a mão para chamar o coche de aluguel, seu ânimo já nas alturas com a perspectiva de que logo estaria instalada em algum lugar. “Venha para cá imediatamente, Minna querida”, a irmã lhe respondera muito persuasivamente. “As crianças estão com muitas saudades. Esperamos você antes do almoço.”

O céu estava encoberto e o vento soprava forte do rio para a margem em mais uma manhã brutalmente gelada de novembro quando Minna saiu ao encontro da irmã. O cocheiro magro e alto havia se mostrado cortês no momento em que parou para pegá-la, mas fechou o semblante assim que ela deu um passo para o lado e revelou seus pertences enfileirados na calçada como os de quem tivesse sido recentemente despejada. Foi aos resmungos que ele ajeitou as malas no compartimento de carga do coche, e agora, enquanto rodavam pelas ruas desertas, os estalos da sua língua eram quase tão altos quanto a batucada dos cascos do cavalo no calçamento.

– *Wie lange dauert’s?* – ela lhe perguntou. Quanto ainda falta?

O homem aparentemente havia escolhido o “caminho turístico”. Contornando a cidade pelo Ring, estava passando por todos os edifícios neoclássicos, renascentistas e barrocos que havia para mostrar e apontando os detalhes marcantes de cada fachada.

– O Hofburgtheater foi fundado pelo imperador em 1874... O Hofoper foi inaugurado por Sua Alteza pouco tempo depois, já o Hofmuseum...

Talvez ele ache que assim vai conseguir uma gorjeta melhor, Minna pensou, com os olhos pregados na silhueta de bolo de noiva dos prédios contra o horizonte da cidade, com suas torres pontudas cobertas de neve e adornos góticos.

As palavras de Martha haviam sido reconfortantes, isso ela não podia negar, mas Minna ainda estava se recuperando da constatação infeliz de que o gesto da irmã havia sido mais um resgate do que um convite. Se tivesse escolha, jamais teria impingido sua presença à

Martha daquela maneira, deixando-a sem muita chance de dizer “não”. Que vergonha àquela altura da vida ver-se numa posição assim! Por outro lado, na presente situação, a casa da irmã seria o refúgio ideal para seu ânimo devastado.

Minna olhou nervosamente para o mostrador do pequeno relógio de ouro pendurado no broche em forma de laço que pertencera à mãe. Ela sabia que a irmã prezava a pontualidade. O almoço, ou *Mittagessen* (uma sopa, carne, legumes e sobremesa), era servido sempre às 13h em ponto, sem atraso. Na sala de jantar da Martha, não havia entra-e-sai de comensais. E as tarefas domésticas eram cumpridas com precisão de horário. No mundo de Martha, um bom serviço de limpeza significava precisão militar. As regras de Martha. Ela agora viveria segundo as regras de Martha. Como era apropriado que fosse. Aquela afinal era a casa da Martha, do marido da Martha, dos filhos da Martha.

A família Freud vivia no Nono Distrito, numa rua íngreme e sem charme. Numa das extremidades ela bordejava uma área residencial respeitável, enquanto a parte mais baixa ia dar na bagunça de um mercado de pulgas amontoado perto de um dos canais do Danúbio.

O cocheiro tratou de refrear os cavalos e também sua língua. Mais uma descrição de um *Hof*-palácio, um *Hof*-teatro ou *Hof*-qualquer outra coisa e Minna seria capaz de apertar o *Hof*-pescoço do sujeito até esganá-lo. Quando o coche finalmente parou em frente ao número 19 da rua Berggasse, ela lhe pagou a corrida (incluindo uma gorjeta bastante decente – afinal estava *mesmo* muito frio lá no alto) com o que restava das suas economias. Ao chegar à casa da irmã, estava totalmente sem dinheiro e sem planos.

A fachada do edifício onde Martha vivia sempre lhe parecera muito digna – as janelas altas e ornamentadas, os detalhes barrocos e clássicos da arquitetura, tudo emanava um ar grandioso, desde que não se prestasse atenção às lojas do andar térreo. À esquerda da entrada ficava o açougue kosher dos Kornmehl; à direita, a mercearia cooperativa dos Wiener. As crianças Freud, embrulhadas em casacos e amontoadas na escada de acesso, esperavam para lhe dar as boas-vindas.

– Quanto tempo *vochê* vai ficar com a gente, tia Minna? – quis saber Sophie, um pequeno querubim de bochechas rosadas e cabelos cacheados de 4 anos de idade, que sofria de língua presa e não conseguiu exatamente sorrir. As outras crianças cercaram Minna enquanto ela descia do coche, algumas fungando alto e esfregando os olhos.

Antes que pudesse dar qualquer resposta, ela ouviu Oliver, de 7 anos, indagar à mãe:

– Onde é que ela vai dormir, mamãe? O papai falou que não tinha lugar.

Martha apareceu à porta, enxotando as crianças como se fossem pombos.

– Minha querida, até que enfim – ela disse, erguendo-se na ponta dos pés para beijar as bochechas da irmã.

– Martha, não sei como lhe...

– Pare com isso. Não diga mais nem uma palavra, meu bem. Para nós, é um privilégio.

Minna a abraçou e depois afastou o corpo para fitar Martha. As duas não se viam desde o nascimento de Anna, e a aparência da irmã agora lhe pareceu um tanto desalentadora. O cabelo sem brilho estava repartido ao meio e puxado para trás num coque desenxabido, a expressão do rosto era tensa e irritadiça. Martha parecia ter acabado de sair de algum esconderijo – os olhos inchados e vermelhos estavam debruados por olheiras, os trajes em geral impecáveis pareciam amassados e ligeiramente desconjuntados. Ela sempre havia sido a “irmã bonita”, agraciada com um rosto suavemente ovalado, a pele bem clara e lábios em formato de coração que lhe davam um ar sedutor na medida exata. Mas agora, seis gestações depois, estava parecendo de algum modo apagada, e a única impressão geral que se tinha ao contemplá-la era de uma pessoa exaurida.

– Eu estava tão preocupada com você – ela falou, agarrando Minna pela mão e conduzindo-a para dentro do apartamento. Sophie, Oliver e as outras crianças foram atrás, demorando-se no vestíbulo enquanto, aos empurrões, disputavam quem lideraria a manada.

As irmãs avançaram devagar pelas entranhas do monótono apartamento burguês, passando por aparadores de jacarandá, mesas Biedermeier, tapetes persas gastos e cortinas drapeadas cascadeando até o chão. Um cheiro suave de óleo de lustrar móveis e cera para assoalho pairava no ar. As crianças seguiam atrás, a sua compostura pouco a pouco se esfarelando pelo caminho. Oliver e Martin irromperam na sala de estar como dois pequenos furacões e derrubaram uma cadeira, enquanto as meninas puxavam Minna pela manga, competindo pela sua atenção.

O quarto onde ela ficaria era apertado e com um formato estranho, improvisado na antiga área de vestir da suíte principal. Havia uma janela comprida e estreita acima da cabeceira da cama. Uma jarra com água fora deixada ao lado da bacia de lavar as mãos, um lampião a gás estava em cima da penteadeira e a cama havia sido arrumada com lençóis limpos. Havia uma pequena lareira emoldurada com azulejos decorativos, e um guarda-roupa de madeira trabalhada fora espremido num canto.

Martha conduziu a irmã para dentro do quarto e puxou as cortinas de musselina branca para deixar a luz suave do sol da tarde banhar as tábuas brilhantes do assoalho. Ela serviu água num copo e o entregou a Minna.

– Você está parecendo mais magra, minha irmã. Tem se alimentado bem? – ela quis saber, observando atentamente enquanto a outra se sentava na beirada da cama.

As duas irmãs ainda eram parecidas – com os olhos do mesmo castanho-escuro, os narizes retos e os cabelos grossos e ondulados, embora Minna tivesse herdado a compleição esbelta do pai e Martha estivesse cada vez mais parecida com a figura rechonchuda e matronal da mãe. E, se na juventude a diferença na estatura das duas nunca se mostrara digna de nota, agora esse traço estava se tornando cada vez mais pronunciado.

Alguma coisa bateu contra a porta aberta quando Martin, que com 8 anos de idade era o mais velho dos meninos Freud, entrou trazendo as malas da tia bufando melodramaticamente por causa do esforço. Ele talvez um dia se tornasse um rapaz bonito, Minna pensou, mas por enquanto era desajeitado e um pouco cheinho, e

tinha um hematoma gritante logo abaixo do olho direito. Martha muitas vezes reclamava que a criança vivia arrumando problemas, e que estava sempre chegando em casa com joelhos ralados, olhos roxos e bilhetes terríveis das mães de outros meninos.

– O que aconteceu com o seu olho?

– Nada – ele disse. – Você vai ficar quanto tempo?

– Só até depois do almoço – Minna respondeu.

– Mesmo? – Martin soltou, com um tom esperançoso na voz que deu à Minna a impressão muito nítida de que a questão da “tia solteira” ainda não era propriamente um consenso entre os pais do menino.

3

– Que lindo! – comentou Martha, admirando a seda elegante de um vestido de noite que Minna tirava da mala.

– Foi presente de uma antiga patroa. Ou, bem, não exatamente um presente. A baronesa achou que estava fora de moda e mandou que eu me livrasse dele – contou com um sorriso. E foi tomada nesse momento por uma recordação de infância. Ela e Martha fazendo planos para a primeira ocasião social da temporada. Ecos de uma outra época e um outro lugar, de algo que agora parecia fútil demais.

Martha estava com 18 anos e, aos olhos de seus muitos pretendentes, era a imagem da perfeição feminina: 1,57 metro; um rosto pequeno e gracioso; mãos e pés delicados. E, naquele dia lindo de outono em especial, ela trazia o rosado da caminhada matinal nas faces e estava impecável no seu conjunto cinza-claro de saia e blusa combinando com as botas. Martha e Minna atravessaram a pista larga da Ringstrasse e passaram pela catedral de São Estêvão e pela Ópera para chegarem ao coração da cidade antiga, onde a costureira da família mantinha uma pequena oficina. Ainda faltavam muitos meses para a data da primeira festa “elegante” da temporada, mas Martha já havia decidido qual seria o tecido do seu vestido: sete metros de um brocado amarelo de largura dupla (sem crinolina, que seria vulgar e antiquada demais), a serem medidos, cortados e costurados numa forma espartilhada e opressiva que realçasse a cintura fina de Martha e o seu traseiro modesto.

A loja ficava numa rua tortuosa e escura com calçamento medieval, espremida entre uma perfumaria e uma oficina de marceneiro com cheiro de laca. Logo que entraram, as duas garotas foram imediatamente soterradas por seda. Grossos rolos de tecido macio viviam apoiados nas paredes, fechando o espaço de corredores e vitrines junto com caixas transbordantes de aviamentos, barbatanas, plumas e franjas. Minna passou os dedos pelas ricas texturas francesas, pela complexidade das estampas italianas, pelos tons de jade e granada e dourado cintilante do

veludo acetinado. Mas onde estariam os preços, ela se perguntou. Não havia qualquer etiqueta à vista.

– Martha, quanto será que...

– Olhe só, Minna! Veja o tom de azul-da-prússia desse veludo! – interrompeu Martha, fascinada.

– Ele vai deixar as suas amigas com uma inveja verde-da-prússia – Minna comentou com um sorriso.

Aos 14 anos, ela era mais alta que a irmã mais velha, de uma altura que quase chegava a ser deselegante com suas pernas e o pescoço atipicamente compridos e as clavículas saltadas por baixo da blusa. Ainda não frequentava os eventos sociais por onde a irmã circulava, e não tinha um só vestido de noite que não fosse infantil. Minna lançou um olhar para a própria imagem e depois para a da irmã refletida no espelho do provador. Ela costumava fazer isso com frequência, na esperança de que por algum passe de mágica fosse ver seu reflexo se encolher à proporção da silhueta de Martha. Mas, que pena, não era assim que as coisas estavam destinadas a ser, e isso era algo que acabaria por deixá-la bastante satisfeita com o passar dos anos.

A jovem Minna, entretanto, tinha alguns pontos que já podiam lhe servir de consolo. Tanto ela quanto Martha haviam herdado o mesmo perfil elegante dos Bernays, e a pele das duas era igualmente branca e sem manchas. Por outro lado, seus pés eram imensos se comparados aos da irmã, e desde que Minna completara 8 anos as duas não podiam mais dividir as mesmas botas ou sapatilhas. E havia, claro, o seu cabelo, sempre escapando da trança e formando um redemoinho desgrenhado em volta do rosto. Sem falar na questão da sua caligrafia. Seus cadernos eram sempre mais borrados que os de Martha, um fato que o tutor das duas não se cansava de comentar – embora fosse obrigado a admitir, num resmungo mal-humorado, que Minna era “a estudiosa” da família.

Depois da prova do vestido, as duas saíram de braços dados para atravessar a infinidade arquitetônica do Ring e passar pelas fachadas ornamentadas dos prédios de apartamentos e em seguida descer a rua Kärntner e passar pela frente da catedral. Naquele tempo era raro alguém andar por qualquer parte da cidade sem cruzar com

oficiais militares totalmente paramentados, e um grupo deles se desfez em sorrisos e levou as mãos aos capacetes para saudar a passagem das irmãs. Depois, foi só descer mais algumas ruas na direção do canal para chegar ao mercado atacadista onde as duas compraram bolos de creme quentes e pegajosos embrulhados em cones de papel e ficaram acenando para as pessoas que passavam a bordo dos barcos. Naquele momento, seu mundo era pura segurança e descomplicação, e elas se sentiam gratas por isso numa medida que poucas garotas da sua idade conseguiriam compreender. Porque vinham de um passado que havia sido um pesadelo.

Dez anos antes, quando a família vivia em Hamburgo, o pai delas, Berman Bernays, fora preso por falência fraudulenta. A acusação era indevida, disso Minna tinha toda a certeza. Ainda assim, gerou uma aura de constrangimento que contaminaria as reuniões de família e outros eventos sociais durante anos a fio. Por todo o tempo em que ele ficou preso, a mãe de Minna decidiu enfrentar a vergonha assumindo um ar permanente de desprezo esnobe, enquanto seu irmão mais velho, Eli, abandonava a escola e o contato com os amigos para ir trabalhar com um tio de Kiev que percorria lugarejos do interior como vendedor de tecidos. Eli desaparecia por semanas a fio, andando por sabe-se Deus onde, para depois chegar desanimado e exausto, vestindo roupas amarrotadas e cheirando a salsichão e repolho. Ele reclamava da imundície e das doenças que consumiam os povoados, das pensões abarrotadas e sem instalações sanitárias e, acima de tudo, daquela vida de mascate que detestava. (Mas, ora, Minna pensou consigo, ele certamente deixara para trás isso tudo ao se mudar com a própria família para os Estados Unidos, e agora era mais rico que qualquer um deles.)

Ela jamais se esqueceria do dia em que o pai finalmente voltara para casa. Ele parou na soleira da porta feito um morto-vivo, o cabelo grisalho e ralo, a barba desbotada cobrindo o queixo. Aquela visão a atingiu com o impacto de uma pedra, e fez a família inteira mergulhar em um silêncio aturdido. Martha se encolheu toda diante da sua tentativa de aproximação, e então ele se virou para Minna.

“Minha pequena *shana madel*”, falou, usando o apelido carinhoso que lhe dera desde o seu nascimento, “menina linda”. O pai a envolveu num abraço apertado, e Minna pôde sentir os seus ossos saltados através do tecido do suéter.

Mais tarde na mesma noite, quando chegou a hora de acender as velas do Shabat, a família estava quieta e cautelosa, mas o tom de raiva misturada à ansiedade que se insinuou na voz da mãe de Minna nunca mais iria embora, nem mesmo anos depois. O ressentimento dela só fez crescer ainda mais depois que o pai de Minna conseguiu um cargo de secretário de um economista conhecido e levou a família para morar numa casa modesta nas ruas mais distantes do bairro judeu de Viena. Havia uma classe média judaica bastante sólida na cidade, ele argumentou, e muitos de seus amigos haviam conseguido acumular riqueza e prestígio sob a monarquia dos Habsburgo. Centenas de famílias judaicas como a deles chegaram à cidade nessa mesma época, escapando do antissemitismo crescente que ganhava força nas áreas rurais em torno de Hamburgo e atraídas por abundância de oportunidades e uma vida cultural sem igual em toda a Europa. Mas nenhum argumento seria convincente o bastante. Emmeline sentia saudades da sua Alemanha natal e culpava Berman pela desonra e pelas dificuldades econômicas que eles enfrentavam. A sua própria família, afinal, sempre tivera uma posição respeitável, para não dizer próspera, e vira seu bom nome ser atirado na lama depois da prisão de Berman.

“Viena me oprime”, ela costumava dizer numa voz rancorosa. “O barulho das ruas é insuportável. E para que todos esses campanários tão feios?”

“Eu gosto daqui”, Minna respondia, calma e desafiadora, defendendo indiretamente o pai. “O interior é muito maçante. Não tem nada para fazer em Hamburgo.”

Enquanto a mãe seguia sem parar, desfiando suas reclamações sobre a cidade e sua “vanguarda enfastiada, o clima úmido demais, a sinagoga decadente...”, o pai se recolhia na sua poltrona com um sorriso cansado. Mais tarde, Minna ia sentar ao seu lado e os dois

jogavam cartas ou liam. Esses momentos agora voltavam à sua lembrança muitas vezes, só ela e o pai, juntos.

Na véspera da morte dele, os dois saíram para seu habitual passeio noturno. Sempre havia um sopro de vitalidade nas ruas de Viena, e Minna adorava olhar os cavaleiros elegantes com suas cartolas de seda e as mulheres com chapéus de plumas, vestidos da moda e capas de pele reunidas na entrada imponente do Hotel Imperial e do concorrido Café Central. Ela ficava com os olhos pregados às brilhantes carruagens negras que chegavam à porta dos restaurantes cheios de gente fumando e rindo e bebericando suas xícaras de *Kaffee mit Schlag*. A névoa, as luzes e a música tomavam conta do ar. *E quanto mais minha mãe detestar esta cidade, mais eu vou amá-la*, pensava Minna.

Ela ainda se lembrava do instante exato em que recebera a notícia. Estava outra vez na loja da costureira, discutindo sobre qual dos diversos pretendentes de Martha deveria ser escolhido para dançar com ela na festa, quando o rosto muito pálido de Eli irrompeu porta adentro. Berman estava atravessando a Ringstrasse num cruzamento muito movimentado quando caíra fulminado no meio da rua. Segundo o relato de um passante, ele havia parado por um instante com a mão agarrada ao braço, e depois caíra inerte no calçamento, obrigando um coche a fazer uma manobra brusca para se desviar do corpo. Berman estava com apenas 53 anos. Morto por um ataque cardíaco.

Ao longo dos dias seguintes, tudo girou em torno das providências para o enterro, que segundo a tradição judaica deveria acontecer dois dias após o falecimento. Emmeline estava inconsolável e com a língua mais ferina do que nunca. Ela se sentara na sala de estar, sozinha na ponta do sofá, com a cesta de trabalhos manuais intacta no colo. As cortinas tinham sido fechadas, os espelhos, cobertos com panos negros, e os relógios, parados no horário da morte.

“Nós fomos deixadas sem nada, meninas. Sem nada.”

A raiva de Emmeline era do tamanho da onda inimaginável de desalento que tomou conta de Minna. Ela ficou aturdida diante da perda, aturdida ao ver o silêncio frio e escuro que tomou conta do

espaço que antes havia pertencido ao pai. O universo lhe pareceu injusto demais, vazio e raso demais.

Em obediência à lei judaica, a família observou os sete dias da Shivá. Sem banhos de qualquer espécie. Todos usaram fitas negras rasgadas nas lapelas e atentaram às preces do rabino, que os visitava várias vezes ao dia para conduzir o Kadish. Minna não conseguia suportar as palavras de conforto e os olhos úmidos das visitas. Não conseguia suportar tanta comida e vinho e contato social. Na sua cabeça de 14 anos de idade, era como se tudo tivesse se transformado em pó.

A sua mãe, Emmeline, usou a tragédia para reforçar a campanha para que a família deixasse Viena e voltasse à sua vida anterior e mais modesta nos arredores de Hamburgo. Nenhuma das irmãs queria se mudar, mas a mãe se mostrava insistente. Durante esse período, elas sobreviveram graças à generosidade de tias, tios e Eli, o seu irmão mais velho, que a essa altura já se estabelecia como um próspero homem de negócios.

Nesse tempo as meninas eram confidentes, duas aliadas na batalha conjunta contra a mãe. Mas com o tempo Minna se transformou na parte mais forte, mais articulada, mais capaz de assumir as batalhas necessárias a fim de garantir os pequenos prazeres que lhes restavam na vida. Quando elas queriam sair, era sempre Minna que enfrentava o gênio temperamental da mãe para pedir permissão. Em consequência disso, Martha conquistou seu lugar como favorita – um fato que Emmeline não se esforçava para disfarçar e Minna não se dava ao trabalho de fingir que não havia reparado. Martha era bem-comportada, afável e aquiescente, enquanto Minna se mostrava independente e destemida. Esses foram os papéis designados para cada uma. E pouca coisa mudara desde então, mesmo depois de Martha ter se casado e Minna estar vivendo por conta própria por muitos anos.

— Isso é bebida alcoólica, *Tante* Minna? — Martin quis saber.

— Não — mentiu ela, guardando a garrafa junto com os cigarros na última gaveta da penteadeira.

Ele continuou rondando à sua volta feito um abutre enquanto ela abria a menor de todas as malas para tirar uma pastinha onde guardava sua correspondência e a fotografia da mãe usando um capelo.

– Eu posso ficar para ajudar, se você quiser – disse, com os olhos brilhantes e atentos a cada objeto que era retirado da valise.

Minna pensou que gostaria de ter alguma coisa para dar a ele. Nas outras vezes sempre levava lembrancinhas para as crianças – sacos de bolinhas de gude ou cartões-postais mostrando o imperador Franz Josef ou soldados prussianos envergando capacetes e espadas enfeitadas. (Havia também outro tipo de postal que ela sabia que iria interessar ao sobrinho, que mostrava a amante do imperador, uma conhecida atriz vienense, metida em trajes diáfanos – a Sobremesa do Habsburgo, como todos a chamavam. Mas esses ela *não* daria a Martin, mesmo se tivesse dinheiro para comprá-los.) De qualquer maneira, o incidente com Flora havia lhe custado caro, e ela então foi obrigada a mandar o garoto embora de mãos vazias.

Depois de ficar olhando enquanto ele se afastava lentamente pelo corredor, Minna sentou-se na cama, ainda mais desapontada do que o sobrinho. Ao longe soavam o burburinho da multidão no Tandlemarkt, os gritos dos barqueiros no canal do Danúbio, os sinos de uma igreja, o bater das panelas e o gorgolejar da água correndo na cozinha. Do outro lado do corredor vinha o ruído estridente de uma briga das crianças e um choro agudo de bebê.

Martha deu um sorriso caloroso para a irmã.

– Você sabe, Minna. É muito importante, mas muito, muito importante *mesmo*, estar no seio da sua família.

– Concordo – respondeu Minna, rindo de leve. – Desde que essa família não seja a mamãe.

Martha soltou uma risada cúmplice.

As duas sabiam que a mãe delas se empenhava numa campanha ferrenha para ver Minna casada. Afinal, ela queria apenas o que toda mãe com senso prático deseja na vida: ver a filha já não tão jovem e casadoura garantida pela segurança de um casamento. Quantas vezes depois da morte do noivo Minna já não tinha ouvido a mãe afirmando que ela deveria ser menos arrogante com as palavras,

que seria melhor refrear sua imaginação fértil? Minna tinha um preço a pagar pela sua natureza, Emmeline concluía, e era por isso que ficaria solteira. Além do mais, era muito apegada aos livros, muito cheia de posições a respeito de tudo, muito intolerante com quem discordasse das suas opiniões. Da última vez em que fora fazer uma visita à mãe em Hamburgo, ela ouvira que deveria “falar menos das óperas de Gonoud e mais de outros assuntos, ou, melhor ainda, falar menos de modo geral mesmo. A maior parte dos homens não sabe apreciar uma mente ágil que não seja a sua própria”.

Para Emmeline, mulheres como Minna estavam destinadas a viver marginalizadas, a serem filhas solteironas com perspectivas nada animadoras, que passariam pelo mundo sem nunca se encaixarem à sociedade, como se vivessem levemente adoentadas ou tivessem uma deficiência física qualquer. E essa era uma discussão que Minna jamais teria como vencer. Por sorte ela não era católica, ou talvez acabasse enviada pela mãe para algum convento isolado.

– Bem, não vá se irritar com isso... – começou Martha, hesitante.
– Mas você sabe que ela só age assim porque quer o seu bem.

– Ela só pensa em uma coisa – retrucou Minna, puxando os últimos livros que ainda estavam na mala e arrumando-os numa fileira em cima da penteadeira, apoiados de um lado pelo Dickens e do outro por um Kipling.

– Ora, nós temos que ser realistas. Uma mulher sozinha... – Martha disse enquanto corria os dedos pelos cabelos, um tique que Minna se lembrava de ver desde a infância, usado sempre que a irmã achava que suas palavras talvez fossem ofender a outra pessoa.

– O que você está querendo dizer, então? Que eu deveria ter me casado com aquele amigo do Eli, o tal comerciante de Hamburgo? – indagou Minna, remexendo no que ainda havia nas valises.

– Não, não com ele. Não era esse que você vivia chamando de o Mercador de Veneza? O que você tanto procura aí dentro?

– Um marido – provocou Minna.

As duas irmãs riram juntas, os rostos se inclinando um na direção do outro como se trocassem fofocas num salão de chá.

– Bem, se for para isso eu posso apresentar você a um colega do Sigmund, o Dr. Silverstein. Tem boa posição social. Nunca se casou. Se bem que, sendo um sujeito na idade em que ele está, algum problema deve haver...

– Martha, por favor. Deixe eu pelo menos terminar de me instalar antes de começar com essa história.

– Que história? – indagou Martha, inocentemente.

– É só que...

– Tem *sempre* um “só que isto”, “só que aquilo”. E, admita, já apareceram outras pessoas... depois que Ignaz morreu. Candidatos bem respeitáveis, até. Mas você estava ocupada demais. Ou estava... não sei.

Martha se mantinha firme na crença de que Minna poderia se casar na hora em que bem quisesse. Ela só precisava ser mais dócil, ou pelo menos fingir que era. Mulheres pouco convencionais não agradavam os homens – aquelas que se afastavam do modelo vigente tinham o potencial de gerarem o caos na vida deles.

Minna, por sua vez, sempre acreditara que se casar só para ter segurança seria o caminho mais curto para uma vida inteira de tédio. Mas, olhando para o rosto preocupado da irmã, ela decidiu acalmá-la.

– Está certo, minha querida – falou, indulgente. – Da próxima vez que você cruzar com o príncipe encantado, então, pode mandar ele vir falar comigo.

4

— Minna, querida, você pode se sentar ao lado do Sigmund – instruiu Martha, fazendo um gesto na direção das duas cadeiras vazias na extremidade da mesa. – Mas onde estão essas crianças? Será que é tão difícil assim todos conseguirem chegar aqui na hora certa?

Minna correu os olhos pela atmosfera sombria da sala de jantar. Não gostava do papel de parede com relevos cor de carmim nem das cortinas de veludo opressivas que deixavam o lugar atulhado e com ar fúnebre. Se pudesse mandar embora aquelas cortinas, ela certamente o faria, e também mandaria passar um verniz novo na mesa de mogno avermelhada. Mas tudo aquilo, incluindo o aparador de jacarandá trabalhado encostado num dos cantos, era a mobília esperada para qualquer sala de jantar de respeito. O único toque de originalidade que havia era o sofá jogado sem motivo aparente na extremidade da sala e coberto de tapetes persas. Que uso a família poderia ter para o móvel, isso era um mistério.

— Você acende as velas, meu bem? – pediu Martha, ajeitando o arranjo de flores. E desapareceu na cozinha enquanto as crianças entravam sem pressa e iam tomar seus lugares de sempre: Oliver ao lado de Sophie, tendo Martin e Mathilde, que estava com 10 anos, sentados logo em frente. Mathilde era a mais velha de todas as crianças e despontava por aclamação unânime como a beleza da família. Em menos de dois minutos, ela já estava dando ordens aos outros.

— Limpe esse nariz, Oliver. Isso são modos? Que horror! Sophie, trate de sentar logo!

A bebê, Anna, estava com *Frau* Josephine no andar de cima e Ernst, de 6 anos – pelo que Martin havia contado a Minna – ainda não chegara da consulta com o fonoaudiólogo. O ceceio na fala do menino era ainda mais pronunciado que o da irmã, Sophie, e depois de anos despejando frases que ninguém conseguia compreender ele agora fora encaminhado a um especialista.

Os sobrinhos estavam todos com aquele ar de criança-que-lavou-atrás-das-orelhas: as meninas de cabelos bem presos e jardineiras

com debrum de renda, os meninos vestindo camisas de marinheiro de linho e calções bufantes. Minna tentou dar atenção a um por um, mas eles estavam tão empolgados e irrequietos que era difícil acompanhar o fluxo de cada conversa, principalmente quando falavam todos ao mesmo tempo. Enquanto o barulho aumentava cada vez mais, Martha ia e voltava da cozinha para olhar os pãezinhos e o assado, buscando um copo d'água para um, um guardanapo para outro, tirando um cotovelo ou uma perna enganchada no braço da cadeira e, num dado momento, se abaixando para juntar um chumaço de algodão caído no assoalho.

– Mas o que é... – murmurou ela sem se dirigir a ninguém em especial, para depois suspirar e ir se sentar no seu lugar com as costas bem retas.

Minna alisou a blusa de seda de gola alta que vestia, pensando que a sala cheirava a domingo. Ela havia se livrado do casaco do seu conjunto e afrouxado o coque do cabelo enquanto estava no quarto no andar de cima, mas diante da formalidade do ambiente lhe ocorreu de repente a sensação de não estar adequadamente vestida para a ocasião. Toalhas de mesa rendadas, castiçais de prata, pratos de porcelana, vasos de flores. Martha ajeitou o lugar de mesa à sua frente e colou os olhos à porta.

– A palestra do Sigmund deve ter atrasado outra vez... Eu não compreendo... Ele fica lá falando para os alunos sem parar quando sabe que estamos aqui esperando... Ou talvez tenha escolhido o caminho mais comprido, pela Ringstrasse... Assim ele acaba morto.

A criada, que não usava uniforme, irrompeu marchando da cozinha com a terrina de sopa no instante em que Sigmund surgiu pela entrada de duas portas. Obviamente não era a primeira vez que Minna olhava para o cunhado, mas foi como se fosse. Ao entrar na sala de jantar, ele lançou um sorriso curioso na sua direção. Estava mais bonito do que ela se lembrava, com a silhueta mais cheia e as roupas mais refinadas. Os trajes dele, aliás, eram impecáveis: o terno de três peças de lã risca de giz estava arrematado por uma gravata de seda negra, e uma corrente de ouro simples – que pertencera ao pai de Minna – prendia o relógio de bolso, passando através de uma das casas de botão e pendendo num arco sobre o

peitoral do colete. Em uma das mãos trazia uma peça de antiquário, uma pequena escultura em bronze maciço, e a outra segurava um charuto. O cabelo era espesso e escuro, com um grisalho discreto nas têmporas. E havia os olhos dele. Intensos. Escuros. Inquisitivos.

Minna se lembrou de quando o vira pela primeira vez, o novo pretendente que Martha havia arrumado. Ele estava parado na sala da casa deles em Viena, um judeu pobre vindo do lado errado da cidade, de uma família sem prestígio nem posses. Ele só tinha olhos para Martha, e Minna só tinha olhos para ele. Era fim de tarde, naquela hora em que dia e noite se misturam por um instante para então as cores do dia desaguarem todas no preto noturno. A irmã havia sido apresentada a ele um mês antes, mas foi ao final dessa visita em especial que as coisas entre os dois avançaram de vez. Martha mal continha a euforia ao falar de Sigmund. O mesmo não podia ser dito da mãe delas, que do alto da posição de prestígio da sua família alemã judaica não achava o jovem médico digno da filha mais velha. Ainda assim, dois meses mais tarde o casal ficou noivo em segredo. Minna se lembrava de na época ter achado que a louca paixão de Sigmund por Martha e a maneira como ele correu atrás dela pareciam meio inverossímeis. Como se os dois estivessem de alguma maneira brincando de estar enamorados, e o namoro acontecesse apenas na cabeça de Sigmund e de Martha. A maneira como a coisa toda avançou foi um tanto espantosa, pelo menos para Minna.

Nessas primeiras visitas, a irmã mal chegava a dizer qualquer coisa. Martha era uma criatura suave e delicada, cheia de esperanças. E a Minna da época também era uma versão diferente de si mesma. Uma figura muito alta e magra naqueles dias, toda feita de cantos angulosos e cabelo emaranhado. Transbordando entusiasmo, transbordando opiniões, e com toda a certeza inteligente além da conta. Na ocasião, Sigmund conseguiu exatamente o que queria: uma companheira à moda antiga, não uma mulher com ideias próprias capaz de se entregar a discussões mais sérias. O papel de Minna havia ficado claro desde o primeiro momento, desse fato ela sempre teve noção. Minna era a intelectual,

e Martha, o alvo pretendido. E agora ali estavam eles, Martha e Sigmund, casados, com seis filhos, casados, casados, casados.

Ele parou por um instante, os olhos presos em Minna. Ela interceptou seu olhar e viu a mesma coisa que costumava ver nos olhos do cunhado antigamente, algo que lhe pareceu ir além do simples reconhecimento. Ele então atravessou a sala e foi se sentar ao lado da cadeira vazia que havia sido destinada a ela, pousando a estatueta de bronze na mesa à sua frente e apagando o charuto num pequeno cinzeiro de latão.

– Minha querida Minna – disse –, a que devemos este imenso prazer?

– À minha demissão – respondeu ela, com um sorriso modesto. – Outra vez.

Isso o fez rir, mas o preço da piada foi ter que revelar a verdade sobre sua situação – algo que, diante das circunstâncias, Minna teria preferido evitar. As faces dela coraram de leve quando inclinou o corpo sobre a mesa para acender as velas.

– Botaram *Tante* Minna na rua? – indagou Martin, a boca retorcida num esgar de descrença.

– Martin, que linguajar é esse? Quem é que fala nesses termos? – ralhou Martha.

– Outra vez? Ela tinha ficado na rua antes? – quis saber, do alto dos seus 7 anos, Oliver, que ganhara esse nome de Sigmund numa homenagem a um de seus ídolos, o eminente puritano Oliver Cromwell.

– O que você gostaria de beber, Minna? – interveio Martha. – Água de quinino? Cerveja? Vinho? Sigmund, o que devemos servir para Minna?

– Mas quem pôs *Tante* Minna na rua? – Oliver insistiu.

– O que foi que você fez? – Martin quis saber.

– Já chega de perguntas – Martha disse, encerrando o assunto dos dois. – Tomem a sua sopa. Você disse que queria vinho, querida? Não é maravilhoso termos *Tante* Minna aqui conosco?

– É, sim – confirmou Sigmund, levantando-se educadamente enquanto Minna finalmente ia ocupar a cadeira ao seu lado.

– É mesmo uma alegria que *ela* tenha vindo parar logo aqui. Diga – indagou Sigmund, olhando diretamente nos seus olhos –, como foi que nós pudemos ter tanta sorte?

– Bem, o caso é que *ela* estava trabalhando para uma criatura bestial que tinha a decência de um... Não quero ter que compará-la a um roedor chupador de sangue, mas essa é a imagem que me ocorre. E, sim, vinho está ótimo.

O olhar de Sigmund encontrou o de Minna por um instante com uma fagulha de apreciação. Depois ele desviou os olhos e se recostou na cadeira de braços cruzados, no gesto exato que ela se lembrava de vê-lo fazer quando ia com Martha encontrá-lo no meio dos outros jovens no café, tantos anos antes. Nessa época ele já havia concluído seus estudos de neurologia e vivia num alojamentozinho apertado no Hospital Geral de Viena. O noivo de Minna, Ignaz Schöenberg, um dos melhores amigos de Sigmund, fazia parte da mesma turma de amigos. Ele era um estudioso de sânscrito e aluno do curso de filosofia na universidade, e as avalanches de cultura de almanaque sobre o idioma que despejava a todo momento eram vistas por Sigmund como uma grandessíssima bobagem.

“Vejam, o título da peça é *Turanga litia*. Que são duas ideias, na verdade: *turanga*, que quer dizer ‘tempo’, e *litia*, que quer dizer ‘peça’. *Peça do Tempo*. Com um viés muito mais profundo que isso, é claro... Seria possível dizer até que...”, discursava Ignaz, veemente.

“Sim, seria bem possível dizer isso mesmo”, interrompia Sigmund em tom de galhofa. “Agora pode me passar o jornal?”

Os dois costumavam se encontrar quase todas as tardes, e muitas vezes Martha e Minna iam se juntar a eles. Todos só tinham dinheiro para pagar um café por encontro, e passavam horas bebericando dessa única xícara. Martha em geral ficava só ouvindo, mas Minna não se mantinha em silêncio durante as discussões sobre poesia, o sentido da vida, as citações de Goethe e de Shakespeare, a conjuntura política e a crescente onda de antissemitismo vista em Viena.

Numa ocasião a conversa se tornou uma discussão das teorias de Darwin, como costumava acontecer entre os estudantes que

queriam impressionar uns aos outros. Freud havia emprestado à Minna o seu exemplar de *A origem das espécies*, que Ignaz já havia lido e no qual Martha não tinha o menor interesse.

“O homem surgido dos macacos. Mas que ideia ridícula”, Ignaz dissera. Pobre Ignaz.

“Ora, isso é muita estreiteza de pensamento. Por acaso você também acredita que a Terra é plana?”, Minna havia provocado.

“E você aí sem saber que estava prestes a se casar com uma Kate”, atalhara Freud, recostando-se na cadeira exatamente do mesmo jeito e cruzando os braços com um sorriso irônico nos lábios.

“Kate?”, Martha indagou a Minna.

“Kate. O seu amado Sigmund acaba de me chamar de megera.”

“Eu não quis ofender, minha querida”, fora a resposta de Sigmund. “Você sabe bem o afeto que eu nutro por essa megera em especial, apesar do seu gênio irascível.”

“Não vou me ofender, então”, concedeu Minna, exultando internamente por ter sido comparada à heroína.

“Eu acho a personagem irritadiça e ferina demais”, comentou Ignaz.

“Ah, mas aí é que está o maior charme dela”, retrucara Freud, para em seguida citar algumas passagens de *A megera domada*. Minna ainda conseguia vê-lo como o jovem que era no tempo do café, desafiando a todos em volta, com a cabeça erguida e o queixo projetado para a frente como se alguém estivesse ousando questionar sua genialidade. Mesmo nessa época ele já era um homem irrequieto, sempre com a cabeça cheia de ideias aleatórias e excêntricas, e já tinha um ar de sujeito mais inteligente do recinto. No começo, Minna se limitava a observar e a deixar que Sigmund dominasse a conversa. Mas logo ele começava a querer buscar uma reação dela, e os dois se viam envolvidos num diálogo à parte do grupo.

O mesmo diálogo que havia se mantido, de fato, ao longo de anos de uma correspondência empolgada. Uma troca de cartas que, por estranho que pudesse parecer, havia começado pouco depois do casamento de Sigmund com Martha. Primeiro, eles falavam só sobre livros. Criado no meio de seis irmãs por uma mãe dominadora,

Sigmund lia desde pequeno para escapar da pobreza e do caos que era a sua vida doméstica. E Minna ficava encantada por ter encontrado alguém que a encarava como um ser pensante, e não como uma ave rara.

Ela ainda se lembrava das primeiras cartas, das discussões sobre os Poetas do Lago do período do Romantismo, Wordsworth e Coleridge. Depois fora a vez dos pensadores clássicos. Ele escrevia sobre Homero e Dante, destilando seu domínio do grego e do latim. Ela retrucava com as opiniões que havia formado a partir da leitura das traduções alemãs, questionando as interpretações dele. Os dois amavam Dickens e os russos Tolstói e Dostoiévski. E também Shakespeare, que ele se gabava de ter começado a ler aos 8 anos de idade.

Sigmund tinha uma fixação apaixonada pelos poetas Schiller e Goethe, de cujos textos costumava citar longas passagens. E nutria um fascínio pelos mundos antigos e civilizações extintas, com seus deuses, religiões e mitos, incluindo uma história que costumava citar sempre, *Édipo Rei*, uma peça de Sófocles que ele havia traduzido do grego para a sua prova final da matéria na escola. Salpicadas no meio de tudo isso, vinham reclamações sobre a rotina no consultório, os colegas, as doenças frequentes das crianças e a sua incapacidade de parar de fumar. Mesmo que, quando o assunto pendia para esse lado, as cartas fossem exageradas, e chegassem carregadas de drama e autocomiseração.

“Deixei de fumar outra vez... O sofrimento terrível da abstinência... Totalmente incapaz de trabalhar... A vida está insuportável...”

“O seu calcanhar de Aquiles”, respondia ela, para em seguida perguntar sobre suas últimas pesquisas. E ele lhe escrevia páginas e páginas detalhando sua técnica psicanalítica “revolucionária”, incluindo as teorias que desenvolvera a respeito da histeria e de um tratamento chamado de “a cura pela fala”. E lhe fazia elogios, dizendo como ela era uma leitora atenta e perspicaz do seu trabalho. Desde o início, Minna aprendera a ser cuidadosa nas suas respostas, sabendo o quanto Sigmund podia se mostrar belicoso e como ele costumava se ofender facilmente.

Ao longo dos últimos anos, ela fizera tentativas de incluir Martha nas discussões literárias entre os dois, sem sucesso. Às vezes chegava a pensar, de maneira bem pouco generosa mas ainda assim verdadeira, que a irmã não possuía nada que pudesse ser classificado como capacidade de reflexão, nem uma vida interior muito ativa. Nos últimos tempos, Martha só muito raramente lia algum romance ou mesmo o jornal, e continuava achando as traduções alemãs de Shakespeare impossíveis de decifrar. Exceto pelos sonetos, é certo, pois esses lhe agradavam. Talvez porque a fizessem se lembrar do princípio do seu relacionamento com Freud, quando ele lhe mandava os versos do escritor inglês regularmente. Naquela época, ela pelo menos conseguia ter uma lista com alguns autores favoritos, em especial Dickens, mas essa parte da sua existência parecia ter se desvanecido depois que os filhos nasceram.

Martha veio da sala de visitas trazendo um jarro com vinho tinto e parou ao reparar que os meninos haviam saído da mesa para, metidos atrás do sofá, brigarem por causa do que parecia ser um soldadinho de brinquedo.

– Oliver, Martin, voltem para a mesa! Sigmund, onde é que está o clarete que tinha ficado na prateleira de cima, você lembra? Aquele que o paciente que não podia pagar as consultas lhe deu como pagamento. Eu só encontrei este *vin ordinaire*.

A resposta dele foi um encolher de ombros, absorto como aparentemente estava na sua pequena estatueta. A diminuta figura feminina estava com o braço esquerdo erguido para segurar uma lança (que já não existia), e no peitoral da sua armadura havia uma imagem da cabeça da Medusa gravada. Sigmund tinha esse hábito curioso de levar suas estatuetas favoritas para a mesa de jantar, e as deixava pousadas em silêncio à sua frente como se fossem amigos imaginários. Por sorte não chegava a entabular conversas com elas, Minna pensou.

– Do primeiro século? – indagou a ele.

– Segundo século, Roma. Atena, a deusa da sabedoria e da guerra – foi a resposta.

– Deusa romana, não grega?

– Muito bem colocado. Ela foi baseada na original grega, do século V antes de Cristo – completou ele, inclinando o corpo para um lado enquanto Martha se interpunha entre os dois para servir vinho na taça de Minna.

– *Tante* Minna? – Oliver chamou. – Quer saber o que é que eu aprendi hoje?

Sem esperar pela resposta, o menino mergulhou numa descrição detalhada da geografia do rio Danúbio, citando inclusive todos os países atravessados por ele.

– Foi sobre o Danúbio Azul, que nem é azul de verdade. Está mais pra amarelo de lama. Ele é o rio mais comprido da Europa depois do Volga, e tem 2.850 quilômetros. E ele começa na Floresta Negra e vai para o leste e passa pela Alemanha, pelo Império Habsburgo, Eslováquia, Romênia e Bulgária.

– Muito bem, Oliver – Minna disse, dando ao menino precoce o salvo-conduto para prosseguir com o que se tornou uma torrente contínua de nomes e números.

Minna seguiu ouvindo atentamente quando Oliver passou a listar as cidades, e se perguntou aonde ele poderia querer chegar com aquilo tudo. Num dado momento do seu discurso, um ar de desinteresse tomou conta dos outros presentes, ao passo que Minna se sentia mais e mais estranhamente fascinada pela cena que via se desenrolar ali na sala de jantar. Algo lhe dizia que Oliver seria capaz de continuar naquilo indefinidamente.

– Tem gente que fica com vontade de matar ele – interveio Martin num tom animado. – Esse garoto sabe mesmo ser irritante.

Oliver, ignorando o comentário do irmão, prosseguiu na sua dissertação empolgada e detalhada, despreocupadamente alheio, borrando os limites entre ser exaustivo e excessivo. Enquanto isso, geleiras mergulhavam no vasto oceano e novos anéis se formavam nos troncos das árvores das florestas. Por fim, foi Martha que o interrompeu.

– Hoje uma das criadas me deu um trabalho enorme – ela disse. – Está lembrado da irmã de *Frau* Josefina? Aquela mais morena? Hoje ela veio substituir outra que tirou folga, e logo que chegou já deixou cair uma das nossas taças de cristal, justo do jogo melhor.

Isso sem falar que deixou toda a poeira nos móveis. Tão desleixada que precisei mandar a arrumadeira refazer o serviço todo depois. Uma tragédia. Meu Deus, nem é preciso ser um gênio para saber que uma casa suja atrai doenças: cólera, febre tifoide, difteria. Não é verdade, Minna?

Minna assentiu polidamente com um esgar quase imperceptível dos lábios, já temendo o que poderia vir em seguida.

– Ah, certamente é – prosseguiu Martha. – Na poeira doméstica encontramos restos da lama das ruas, esterco de cavalo, tripas de peixe, percevejos, animais em decomposição, conteúdo de cinzeiros e – tape os ouvidos agora, Sophie – restos de bichos pestilentos.

Martha não precisaria ter se preocupado em alertar a filha. Ninguém estava escutando o que ela dizia, fora Minna. Ninguém *nunca* escutava aqueles seus discursos intermináveis sobre sujeira. Minna se sentia na obrigação de demonstrar algum interesse, mas aquilo era realmente exasperante – para não dizer constrangedor. Oliver continuava brigando com Martin, e as meninas, com as cabeças todas juntas, confabulavam sobre algum assunto secreto por baixo da mesa. Freud olhou para Minna com um cintilar nos olhos maldisfarçado de aborrecimento enquanto a criada servia o ensopado à moda de Viena, com bolinhos de batata e repolho.

– Mas então, Sigmund, é verdade que seu consultório está indo bem? – arriscou Minna, numa tentativa de mudar de assunto.

– Muito bem, realmente. Mas conseguir mais alguns pacientes seria uma coisa boa...

– E a universidade? Martha comentou que as turmas andam lotadas. Será que *Herr* Professor Freud permite que eu assista a uma aula como ouvinte, qualquer hora dessas?

– Não, não, não. Ele não é professor – Martha interveio.

– Obrigado, Martha. Obrigado por lembrar isso a todos – disse Freud, fuzilando a esposa com o olhar.

Ah, não, pensou Minna. Por que havia escolhido justo esse assunto? Sabia que era um tema delicado. Já havia dez anos que Freud falava aos alunos da Universidade de Viena sob o título de *Privatdozent*, um conferencista de temas ligados à neurologia, sem remuneração fixa da universidade, e não como professor titular. Ele

fora indicado para o cargo diversas vezes, mas tivera a nomeação negada pelo Ministério da Educação em todas elas, e, ao contrário de alguns colegas, havia se recusado a usar sua rede de contatos políticos, a chamada *Protektion*, para facilitar o processo. Assim, entrava ano e saía ano, ele via todos em volta sendo promovidos enquanto continuava relegado a uma posição menor.

– Seu nome estava na lista – Martha acrescentou. – E, com a experiência que tem, ele certamente *deveria* ser o próximo nomeado.

– Muito bem, vamos voltar a ruminar a história toda então. Eu fui preterido dois anos atrás, preterido no ano passado e, ah, sim, preterido ainda uma outra vez. Mais alguma coisa que você queira acrescentar, Martha?

– Ora, eu tenho uma coisa, sim – seguiu ela, aparentemente alheia ao fato de que Sigmund se mostrava cada vez mais irritado. – Talvez se você se esforçasse um pouco mais para ser mais cordial... – insistiu, recusando-se a deixar morrer o assunto.

– Está dizendo que a culpa foi da minha falta de trato social?

– Não sou exatamente *eu* que estou dizendo.

– Mas quem, então? Quem diria uma coisa dessas?

– As pessoas.

– As *pessoas*, é? – desdenhou ele, batendo o garfo na mesa com força e afastando a cadeira para trás. – Que pessoas? As *pessoas* do hospital? Da universidade? Ou as suas amigas do grupo de costuras?

– E você não pode fazer nada a respeito? – indagou Minna, numa tentativa inútil de abrandar a discussão.

– Mas é claro que ele pode fazer alguma coisa. Ele pode moderar a sua conduta.

Minna voltou os olhos para Martha. Santo Deus, será que ela não percebia a hora de calar a boca? Até mesmo Oliver sabia o momento de fazer silêncio. O resto das crianças aguardava sem dar um pio.

– Francamente, Martha, que coisa extraordinária de se dizer. Não é uma questão de personalidade. É das minhas teorias que eles não gostam. Na verdade, minha pesquisa vem sendo totalmente desperdiçada com eles. Cedo ou tarde terão que reconhecer os

méritos científicos do meu trabalho, mas, por enquanto... Quem vai saber... Afinal, são todos partidários do antissemitismo mesmo.

– Pronto: nós não devemos assumir a culpa por coisa nenhuma, afinal *todo mundo* é antissemita. Esse é o argumento que ele usa para tudo – disse Martha, voltando-se para encarar o marido. – Mas há coisas que você poderia fazer para suavizar o seu caminho...

– Como por exemplo?

– Fazer algumas visitas, ou enviar umas flores.

– A sua proposta é essa? Pois que seja, minha querida. Eu vou mandar flores para *todos* eles. Uma solução brilhante! – ele falou, antes de irromper numa risada raivosa. – Está vendo? – acrescentou, virando-se para Minna como se estivessem os dois sozinhos na sala. – É *por isso* que eu não converso com ela sobre o meu trabalho.

Um momento se passou. Martha deixou escapar um longo, e melodramático, suspiro, que, como Minna sabia desde a infância, indicava que a irmã havia se resignado, mas não se dera por vencida. Depois ela pegou o paninho de limpeza e uma jarra de água fervente, que sempre mantinha perto do prato, e pôs-se a esfregar vigorosamente uma mancha de caldo de carne que havia pingado do garfo de Sophie para a toalha. Sob o olhar silencioso de Minna, Martha esfregava o tecido branco. Havia chegado o momento de mudar o rumo da conversa, agora que estava claro que aquela guerra não teria fim.

– Martha – começou Minna, com um tom de leveza forjado na voz –, você não tinha me contado que Martin escreveu um poema?

– Ah, é verdade – respondeu a irmã, largando o pano de lado e erguendo a mão para esfregar o ombro como se estivesse sentindo dor. – Martin, não quer ler seu poema para nós agora?

Martin puxou um pedaço de papel do bolso, levantou-se cerimoniosamente do seu lugar e encarou Minna no que pareceu uma “cerimônia de boas-vindas” obviamente ensaiada.

– O título é “A sedução de um ganso por uma raposa” – recitou ele.

– Deixe ver – Oliver disse com um sorriso sardônico, arrancando o papel da mão de Martin. – Nossa, como você soletra mal! Como é

que foi escrever *animais* errado?

O menino menor deu um pulo para fora da cadeira e Martin saiu no seu encalço, tentando freneticamente recuperar a folha de papel. Os dois correram um atrás do outro em volta da mesa até que Oliver, excitado e satisfeito, amassou o poema numa bola que atirou para o outro lado da sala. Minna viu como as bochechas de Martin coraram de humilhação. Os dois viviam brigando. Com Ernst por perto, Oliver costumava ficar mais contido. Oliver, o gênio incompreendido, interessado em matemática e questões abstratas. Mas, agora, sem o seu ponto de apoio, ele voltava toda a sua atenção para Martin, e sabia instintivamente o que fazer para enlouquecer o irmão.

– Chega, meninos! Parem já com isso! – falou Martha, que se levantou abruptamente com a mão segurando o braço esquerdo, que havia começado a tremer e agora pendia. Ela deixou a colher cair no chão e segurou rapidamente o ombro.

– O que foi? O que você tem? – perguntou Minna, alarmada.

– É esse braço que não me obedece.

– Do que você está falando? Quando foi que isso começou?

– Logo depois da Anna nascer. O meu braço às vezes para de funcionar. Estou tomando salicílico. Sigmund acha que deve ser uma paralisia de escritor, *Schreiblahmung*.

– O que é isso? – Minna quis saber.

– Um tipo de disfunção motora, não é isso? – disse Martha, virando-se para Freud.

– Possivelmente... – ele respondeu, indiferente. – Sentem-se, meninos!

– E os meus dentes doem também.

– Que coisa – Minna falou, sem encontrar as palavras adequadas.

Os garotos voltaram apressados aos seus lugares e puxaram as cadeiras para junto da mesa, Oliver com um sorriso convencido no rosto. Freud abriu seu relógio de bolso e pigarreou.

– Lamento, mas preciso ir agora. Tenho um paciente para atender – anunciou.

– Mas e o strudel? – Martha perguntou, ainda com a mão no braço.

– Fica para mais tarde.

Ele empurrou a cadeira e tocou de leve no ombro de Minna.

– Vá ver minhas palestras na universidade quando quiser.

– Será um prazer – ela respondeu, lisonjeada com o convite. E, nesse momento, sentiu uma pontada sem explicação na boca do estômago.

5

Cada uma das crianças Freud tinha sua peculiaridade, e ao longo da semana seguinte Minna foi se inteirando de todas. Oliver era um dínamo, cheio de energia o tempo todo; Martin, um encenqueiro de bochechas rosadas; Ernst vivia às voltas com seu problema de dicção; e a pequena Sophie tinha o apetite de um passarinho e não conseguia dormir à noite, nem mesmo com as doses regulares da mistura de óleo de rícino e láudano que Martha lhe dava (Martha aparentemente usava o opiáceo para curar todo tipo de problema). Entre os irmãos havia rivalidade ferrenha, birras e lampejos ocasionais de gratidão.

Por vezes, Minna se flagrava repassando uma lista mental para conferir quais crianças estavam ali e quais não estavam, e onde diabos poderiam ter se metido aquelas que não estavam nos lugares onde deveriam, isso se realmente eles deveriam estar nos tais lugares em primeiro lugar. Mas, em meio a tudo, era comum ver Martha numa calma surpreendente, mesmo em situações que envolviam um talho aberto na cabeça de um, o dedo de outro imprensado por uma porta ou um nariz sangrando aos borbotões.

Uma noite, bem tarde, Sophie descalça e trêmula de frio atravessou nas pontas dos pés os corredores escuros até o quarto minúsculo que Minna ocupava. Minna tratou de enfiar apressadamente seu copo de gim e o maço de cigarros embaixo da cama ao ver a sobrinha se aproximar.

– Tem um *monshtrão* verde no meu quarto, *Tante* Minna. Qual que é a *doencha* que ele tem?

Depois de aconchegar Sophie ao seu lado na cama, Minna esfregou suas costas e leu para ela o trecho da lagarta com seu narguilé mágico de *Alice's Abenteuer im Wunderland* [Alice no País das Maravilhas]. A menina acabou conseguindo pegar no sono, e a partir da manhã seguinte Minna ficou encarregada da hora de dormir de Sophie, introduzindo a leitura de histórias no lugar das doses de láudano.

Em contraste com as crianças, que eram inescapáveis e estavam sempre por toda parte, Freud era uma presença-fantasma na casa.

O contato que mantinha com os filhos era mínimo, e ele raramente dizia um bom-dia ou um boa-noite para quem quer que fosse – incluindo Minna. Ela o via à mesa do jantar e, ocasionalmente, no chá das 16h. Tirando esses momentos, ele vivia solitário e absorto nos próprios pensamentos, refugiado na universidade, atendendo seus pacientes ou trancado no consultório.

Minna lera certa vez que os filhos ou ocupam uma posição central na vida de uma pessoa, ou não ocupam. No caso de Freud, durante a maior parte do ano valia a segunda opção. Na época das aulas as crianças pouco o viam durante o dia, e na maioria das noites ele ficava no seu consultório e só saía de lá depois que todas já estavam dormindo. Minna conseguia compreender que fosse assim, em vista da importância e do grau de intensidade do trabalho que o cunhado desenvolvia. Quando vinham as férias de verão, por outro lado, ele se transformava num pai dedicado, levando todos para fazerem caminhadas, colher cogumelos ou passear de barco. Brincava com os filhos, contava histórias da sua infância e lia trechos dos seus livros favoritos para eles. Já o seu comportamento com relação à Martha era um tanto inquietante, e isso não variava ao longo do ano inteiro. Na maior parte das vezes, os olhares que Freud lançava na direção da esposa não disfarçavam sua irritação, e ela, por sua vez, reagia entrando num estilo próprio de discurso sempre carregado de matizes. O que vigorava na casa era uma espécie de versão mais sutil da lei da sobrevivência dos mais aptos, com bicos e garras sempre em ação como dois pássaros cutucando um ao outro. E, embora Minna detestasse ter que admitir isso, era Martha que em geral começava o embate.

Certa tarde, Freud estava na sala de estar mergulhado num jornal. Ele havia tirado os sapatos e trouxera da cozinha uma lata com biscoitos que devorara com gosto, espalhando chuvas de migalhas sobre o tapete. Terminados os biscoitos, acendeu um charuto e se acomodou na poltrona favorita, usando a tampa emborcada da lata como cinzeiro.

– Mas que cinzas todas são essas, Sigmund? E tantas migalhas! – falou Martha, ao entrar. – O que aconteceu com seu paciente da tarde?

– Cancelou – respondeu ele, sem erguer os olhos.

– E sua caminhada?

Freud virou a página do jornal, ignorando a esposa. Os ombros de Martha se retesaram quando ela olhou na direção da janela.

– Aquela criada nova deixou a janela aberta. *De novo.*

– Não feche. Aqui dentro está abafado – ele disse.

– Claro. Vou deixar aberta – retrucou ela, enquanto caminhava até o peitoril para deixar a vidraça entrefechada. Em seguida, ela pegou a cesta de trabalhos manuais do banquinho perto da lareira, puxou uma cadeira para junto do marido e começou a bordar uma pequena almofada.

– O que você está lendo? – indagou.

– O jornal.

– Ah – fez Martha, parando por um instante para dar tempo a ele de elaborar mais a resposta.

Tudo nos modos dele deixava muito óbvio que estava num dos seus momentos introspectivos, dando a impressão clara de que a presença da mulher era dispensável. Mas só para ter o que falar, qualquer coisa que fosse, Martha insistiu:

– Você soube que os Meyer vão alugar uma casa em Florença para passar o mês de agosto inteiro?

Ele baixou o jornal por um instante, exasperado, e voltou a acender o charuto.

– E depois ainda vão viajar para... qual é mesmo o nome daquele lugar nas Balcãs? Um bem exótico. Marrakesh? Não, não é esse. Ajude aqui, meu bem. Qual é o lugar que eu estou pensando?

Ele se levantou e começou a despejar as cinzas do charuto no cinzeiro.

– Constantinopla? – ele arriscou.

– Não, também não era esse – respondeu ela, agora usando seu lenço para espanar as migalhas caídas aos pés dele com uma meticulosidade estapafúrdia. – Mas pouco importa o nome. Eles estão sempre de viagem para algum lugar. Ano passado, foi para Calais. Ou teria sido Biarritz? Você vai ao encontro do B'nai B'rth mais tarde?

– Não.

– Gertrude comentou que você causou uma comoção e tanto no último. Que o marido dela comentou. Foi algo com a sua pesquisa? É por causa *disso* que vai faltar ao de hoje?

– Eu estou só enfurnado aqui em casa, caso você ainda não tenha reparado.

– É claro que reparei. Eu vivo aqui, caso *you* não tenha reparado. Só pensei que eles poderiam ter se sentido ofendidos por conta da pesquisa. Embora não imagine por que você *quereria* conversar sobre ela lá no grupo. Minha Nossa, mas que mancha é aquela na parede, ali atrás do sofá?

Ele baixou o jornal, lançando um olhar incrédulo na direção da esposa.

– A mancha, atrás do sofá – Martha repetiu.

– O que é que tem?

– E não vai adiantar tentar esfregar para tirar. Só pode ter sido algum inseto que entrou voando lá de fora e...

Ele inspirou fundo e deixou o ar sair bem devagar, enquanto ela baixava os olhos para o bordado, amuada.

– E esta sala está cheirando a estrume.

Ele se levantou, terminando de fechar a janela com a força de um carrasco baixando a guilhotina.

– Está melhor assim? – indagou, numa voz cheia de censura.

– Ah, está sim, meu bem. Obrigada – retrucou Martha com um sorriso espartano.

Minna nunca conseguia prever quando uma cena dessas iria começar... mas ela sabia que havia vários finais possíveis para a história. Sigmund poderia atirar Martha de uma ponte, poderia esfaqueá-la, poderia cortar-lhe a língua fora ou então poderia fazer o que sempre fazia: sair pela porta mais próxima para ir se refugiar no seu consultório.

Certo sábado, Minna acordou para ver uma manhã primaveril esplendorosa que, depois de semanas de chuva gélida, lhe pareceu absolutamente irresistível. O bairro inteiro fervilhava de vida. As janelas do prédio do outro lado da rua estavam abertas, e Minna podia escutar o barulho das carruagens passando, a fofoca sussurada das criadas nas calçadas e o apito do

trem na ferrovia ao longe. Dos corredores da casa, vinha o tagarelar incessante das empregadas que punham carvão nos fogões, escovavam as grades das lareiras, limpavam os lavatórios, abriam as venezianas e tiravam a fuligem. Cada fresta e cada canto da casa deveria ser arrumado antes do café da manhã.

Minna, como de hábito, foi primeiro dar uma olhada na bebê. Anna, adormecida no seu moisés, vestia uma camisola branco-leite debruada com fitas e rendas. Mas pouco antes de o dia irromper, os choramingos intermitentes que normalmente pontuavam suas noites haviam se transformado num grito de fúria que continuou, entre altos e baixos, durante o que pareceu uma eternidade. Quando Minna já estava se preparando para levantar da cama e acudi-la, ouviu os passos da babá cruzando o corredor e depois o som de uma porta se abrindo e fechando. Era impressionante como uma voz de bebê podia soar cortante e acalentadora ao mesmo tempo.

O quarto da caçula tinha as necessárias paredes caiadas e nuas (um ambiente estéril manteria as infecções do lado de fora) e a mobília esparsa era completada por um tapete chinês gasto no meio do assoalho que parecia ter morrido de tanto apanhar. Segundo o *Mrs. Beeton's Book of Household Management*, a bíblia de Martha, o ideal era que o tapete do quarto do bebê fosse batido pelo menos uma vez por semana, e aquele alquebrado exemplar chinês era levado para fora por uma criada e duramente espancado, sob supervisão, todos os dias.

Minna em seguida foi dar uma olhada em Martin, a única das crianças Freud que tinha um quarto só para si. O menino, que se recuperava de uma infecção na garganta, estava sentado na escrivaninha embrulhado em dois casacos e um cachecol de lã, e quando viu Minna chegando enfiou depressa na gaveta um punhado de soldadinhos de brinquedo. Havia roupas sujas e do avesso espalhadas pelo chão, livros com as lombadas em frangalhos empilhados num canto, embalagens de biscoitos e vários pratos sujos na mesa de cabeceira. *Mas que chiqueiro*, ela pensou.

– Como você está se sentindo? – indagou a ele, contornando cuidadosamente um par de patins de gelo com as lâminas sujas de lama.

– Eu estava tentando estudar – retrucou o menino, enfático, esperando que ela se retirasse do quarto.

– Isso eu estou vendo – Minna disse, estendendo a mão para pegar os soldadinhos da gaveta. – A infantaria francesa, não é? Muito bem. História é mesmo uma matéria *muito* importante.

– É verdade – concordou Martin. Os olhos dele estavam um pouco vermelhos, mas eram grandes e simpáticos.

– Mas não é mais importante do que aritmética, que pelo que eu soube você precisa estudar mais.

– Quem foi que lhe contou?

– Isso não importa.

– Quem foi? Fale – insistiu o menino. – Minha nota *não* está tão baixa assim.

– Ora, que ótimo. Isso é muito bom. Então é melhor continuar desse jeito – Minna disse, recolhendo o caderno de matemática do chão para lhe entregar. Relutante, ele o pegou da sua mão, tossiu feito um cachorro e voltou para a cama.

– Eu vou trazer um pouco de sopa fresca e os biscoitos que estou vendo que você gosta tanto.

Enquanto ele subia na cama, Minna reparou nos cotovelos esfolados, nas pernas cheias de cicatrizes e num hematoma já meio apagado no pescoço. *Esse aí está sempre aprontando alguma*, pensou. Uma briga por semana. Preferiu ignorar o buraco afundado na parede de gesso, que estranhamente tinha o formato exato de um punho.

A mais velha das crianças, Mathilde, uma versão em miniatura de Martha com 10 anos, estava refestelada num dos melhores sofás da sala de estar da mãe e tinha os saltos sujos das botas pousados numa das almofadas de veludo. Quando Minna entrou, ela estava sendo submetida a uma arguição por *Frau* Schilling, a preceptora mais velha e alérgica que tinha um chiado persistente no peito e o hábito de recorrer à doses de purgante e xarope de papoulas com uma regularidade chocante. A mulher tivera que chegar mais cedo hoje como punição pela falta de dedicação de Mathilde aos estudos na semana anterior. Todos os filhos de Freud eram educados em

casa, principalmente por conta do medo que Martha tinha das contagiosas doenças da infância.

– Quando aconteceu o reinado de Leopoldo Primeiro? – perguntou a governanta, enxugando os olhos lacrimejantes com um lenço.

– Não sei – foi a resposta de Mathilde, que parecia prestes a morrer de tédio enquanto remexia nas franjas de uma almofada.

– Entre 1657 e 1705 – recitou *Frau* Schilling, ajeitando os seus papéis com um ar impaciente. – E em que ano ele salvou Viena da ameaça turca?

– Eu não diria exatamente que ele *salvou* Viena – interveio Minna, puxando uma cadeira para perto das duas e empurrando casualmente as botas de Mathilde para fora das almofadas do sofá.

– Sei que todos contam que Leopoldo foi um grande guerreiro, mas o fato é que ele estava fora da cidade quando a maldita guerra irrompeu, e só retornou a Viena depois que sentiu que a situação já estava tranquila outra vez.

Mathilde olhou para Minna sem dar qualquer sinal de estar intimidada e voltou a fincar as botas nas almofadas.

– E onde ele estava, então?

– Em Linz.

– Fazendo o quê?

– Isso, eu não sei. Pode ser que tenha ido visitar seu primo, o conde, ou então alguma de suas muitas amigas. Por favor, tire as botas de cima do sofá.

Mathilde desatou os cadarços das botas e as jogou no chão para voltar a plantar os pés, agora de meias, em cima das almofadas.

– E qual foi a data da Guerra dos Quinze Anos? – prosseguiu *Frau* Schilling com o cenho franzido, querendo manter o foco no confronto histórico para ignorar aquele que se desenrolava à sua frente.

– Ah, a Guerra dos Quinze Anos, quando os otomanos tomaram a Hungria... – começou Minna.

– Desculpe, *Fräulein* Bernays, mas isso não está na lição. Hoje estamos estudando somente as datas.

– Isso mesmo, *Tante* Minna. Somente as datas hoje – arremedou Mathilde, imitando o tom nasalado e fanho da preceptora.

Minna levantou-se muito calmamente e, pegando os pés da menina como se fossem dois pesos de chumbo, largou-os no chão. Mathilde ficou vermelha de raiva, erguendo a mão para puxar o tecido áspero do colarinho alto da blusa que estava fincado na pele do seu pescoço feito uma garra.

Minna então enveredou por um relato detalhado sobre a invasão dos turcos no século XV e sobre as guerras selvagens e violentas que devastaram a Áustria medieval e levaram, em última instância, ao reinado duradouro da dinastia dos Habsburgo e à fundação do Império Austríaco em 1804.

Mathilde ouviu tudo emburrada e em silêncio, com os cantos da boca virados para baixo numa desaprovação insolente. Depois que Minna terminou de reencenar a Batalha de Königgrätz, falando da libertação dos ducados de Schleswig e Holstein, Mathilde se levantou, jogou uma das almofadas de veludo no chão e saiu da sala com uma batida da porta atrás de si.

– Acho que por hoje vamos parar por aqui, *Frau* Schilling – disse Minna.

– Essa criança rebelde e malcriada nunca vai aprender coisa nenhuma.

– Talvez seja só uma fase – Minna respondeu, enchendo-se de repente de um afã maternal de defender a sobrinha apesar do seu comportamento. – Ela está naquela idade...

Minna tomou nota mentalmente da necessidade de ter uma conversa com Martha sobre Mathilde, muito embora considerasse a mediocridade das lições ministradas por *Frau* Schilling quase tão ofensiva quanto os modos indiferentes e o atrevimento da sobrinha. E todo mundo sabia que meninas dessa idade precisam de afeto e atenção, por mais que seu comportamento seja rebelde.

O dia foi adiante com sua carga habitual de afazeres domésticos e incumbências no cuidado com as crianças. Sophie passou a tarde na sessão de fonoaudiologia enquanto os meninos supostamente ficavam estudando, embora fossem capazes de se distrair a qualquer instante dependendo do humor e inclinações do momento. Hoje,

Oliver parecia o mais desorganizado dos três. Os seus pensamentos estavam transbordando histórias chocantes de violência enquanto o tema da lição deveria ser os deveres cívicos, e volta e meia irrompia em descrições infundáveis de massacres sangrentos que faziam Minna ter vontade de rir alto. Martin também não estava fácil. Depois da cena matinal no seu quarto, e de ter lhe levado os biscoitos prometidos, ela reparou que o terceiro dedo da mão esquerda do menino estava dobrado num ângulo um tanto inquietante. E, quando foi tentar examinar mais de perto, a reação dele foi esconder a mão atrás de si e correr para longe.

Martha, por sua vez, anunciou lá pelo meio da manhã que sairia para uma consulta médica – as suas cólicas intestinais haviam piorado, e vinha se sentindo muito irritada e mal-humorada ultimamente. O momento, porém, não poderia ter sido mais apropriado, já que Minna andara ouvindo um farfalhar suspeito por trás dos painéis que revestiam as paredes da cozinha e preferiria morrer a ter que dizer à irmã que talvez houvesse um rato na casa. Martha certamente mandaria lacrar a cozinha sabe-se lá por quanto tempo e forçaria todos a escutarem histórias terríveis sobre a Peste Negra pelas próximas duas semanas. Ao passo que para Minna seria o caso de simplesmente espalhar algumas ratoeiras e ponto final. Mas, de todo modo, aquela não era *a sua casa*.

Assim que desembarcou do coche de aluguel em frente ao número 19 da rua Berggasse, ela realmente acreditava que sua estadia ali seria estritamente provisória. E de tempos em tempos Minna ainda fazia pausas nos seus afazeres de rotina, geralmente lá pelo final da tarde, para avaliar suas perspectivas futuras, e se pegava com a mente circulando em volta das alternativas falidas que tinha em mãos como um abutre em volta da carniça.

Poderia engolir o orgulho que lhe restava, tomar um trem para Hamburgo e ir morar com a mãe. O horror completo. Minna e a mãe tinham hoje, se tanto, uma ligação distante, e tudo o que ela menos queria era ver-se dependente de Emmeline a essa altura.

Outra possibilidade seria ir atrás de mais um emprego como governanta ou dama de companhia de alguma senhora da sociedade. Um emprego que sem dúvida a lançaria numa existência

maçante e servil com trabalho sete dias por semana e apenas as tardes de domingo de folga. Mas que pelo menos lhe daria meios para garantir o próprio sustento.

Era nesse ponto que geralmente começava o latejar nas têmporas, e Minna, temendo a chegada de uma crise de enxaqueca, tratava de desaparecer silenciosamente para dentro da cozinha e preparar um chá, deixando-se fitar o redemoinho formado pelas folhas no fundo da xícara.

A quem mais poderia recorrer? Havia o irmão, Eli, que tinha migrado para Nova York. Certamente poderia pedir-lhe emprestado o dinheiro da passagem para os Estados Unidos, mas recomeçar a vida num novo país sem marido e sem amigos lhe parecia um desafio intimidante demais.

Se dependesse de Martha, o que Minna deveria fazer era uma coisa só: aceitar algum solteiro de idade mais avançada ou um viúvo designado pela família. Não havia o tal sujeito, *Herr* isto ou aquilo, que ela conhecera no inverno passado? Aquele da sobrecasaca elegante e dos cigarros com piteira de ouro? Ou o outro – o comerciante enfadonho com a pele mais branca do que a cera e veias saltadas nas mãos? Este devia ser pelo menos vinte anos mais velho do que Minna, lerdo e teimoso, mas era um homem rico. Fosse como fosse, na opinião dela um casamento por conveniência não era casamento coisa nenhuma. Não faltavam histórias de mulheres que haviam aceitado a escolha de suas famílias – um “bom partido”, um marido cuidadosamente selecionado. E ninguém poderia argumentar que estava errado aceitar viver numa casa confortável e bem mobiliada, com uma carruagem à disposição, dois cavalos, uma verba para comprar vestidos e um homem para pagar por isso tudo. A ideia, porém, fazia Minna se lembrar de uma amiga de infância, Elsie, que crescera para se tornar uma moça frágil, arredia e passiva, e que havia comprado uma pistola logo depois da cerimônia que celebrou seu casamento arranjado. Metodicamente, Elsie tratara de carregar a arma, de escondê-la debaixo da capa e chamar um coche para levá-la até a estação do trem. Lá, passou o dia inteiro sentada refletindo sobre a própria morte. Depois de muito ponderar, ela resolveu enfim voltar para casa, guardou a arma carregada na

mesinha de cabeceira e contou a Minna que havia avisado ao marido para *já* tentar se aproximar do seu corpo novamente. E ele nunca mais tentou.

Talvez se Minna tivesse sido mais parcimoniosa ao longo dos anos, ou menos impulsiva, não estivesse naquela situação. Mas, por ora, o que havia a fazer era tentar não esmorecer e, até segunda ordem, ficar por ali mesmo fazendo o possível para aliviar o fardo da rotina opressiva da irmã.

6

Às 15h, Minna teve que sentar num degrau da escada. Estava se sentindo esmagada pelo peso do dia, com um latejar de exaustão nas pernas. E também sufocada pelo desespero de sair um pouco de casa. Cada som que ouvia parecia um chamado – a batida quatro por quatro em *staccato* dos cascos dos cavalos puxando os coches, o chacoalhar dos bondes, as conversas indistintas dos passantes nas calçadas. Por fim, Minna procurou *Frau* Josefine para propor que levasse as crianças que não estavam doentes ao zoológico. A entrada era gratuita, e o Jardim Zoológico Imperial havia acabado de passar por uma ampliação para acomodar o novo viveiro dos bisões. E enquanto isso a criada do dia poderia tomar conta de Martin e de Anna em casa.

Com essa parte acertada, Minna decidiu então ir dar seu passeio. Ela cobriu o rosto e o pescoço com camadas de pó facial e *rouge*, salpicou algumas gotas de água de rosas nos pulsos, abotoou o comprido casaco cinzento e prendeu o chapéu de pluma inclinado com alguns grampos. O seu plano era ir até o Prater e depois dar uma passada na biblioteca pública, ansiosa que estava por conseguir mais livros decentes para ler. Mas, quando estava atravessando o vestíbulo, ela ouviu a voz inconfundível de Freud.

– Minna, é você?

– Eu mesma, Sigmund. Estou de saída. Você precisa de alguma coisa da rua?

– Na verdade, não. Mas pode ser uma boa ideia tomar um pouco de ar fresco. Eu vou com você.

– Claro – falou ela. Numa voz que soou ligeiramente hesitante, embora Minna não soubesse dizer por quê.

Ele apanhou o casaco e o chapéu e a seguiu porta afora, inspirando o ar fresco da rua como se fosse o mais fino dos perfumes. Minna teve que admitir que ficou um pouco constrangida ao sentir o braço do cunhado se enlaçar casualmente ao seu, como se os dois fossem um casal passeando tranquilamente pela calçada. Ela se afastou, com a desculpa de ajeitar o chapéu, e ficou

estranhando aquela sensação repentina de desconforto provocada pela presença de Sigmund.

Ainda assim, o dia estava maravilhosamente radiante, e era uma alegria poder caminhar ao ar livre. Ela não chegou a dizer para onde pretendia ir, e ele não perguntou. Foi conduzindo-a vigorosamente pelo braço através do labirinto de ruelas laterais apinhadas que iam dar no Ring, passando por blocos de edifícios de apartamentos amarelos e pesadões, lojas com as portas semiabertas e cafés onde os donos estavam ocupados limpando mesas e empilhando cadeiras. Carroças e coches lotavam a avenida, e dali já se via o contorno da torre gótica da catedral de São Estêvão, no coração da capital.

Ele acelerou o passo quando estavam chegando mais perto do centro, e num dado momento puxou um charuto do bolso do colete, cortando a ponta antes de acendê-lo. Depois, guiou-a através de uma passagem estreita. *Por que não ir um pouco mais devagar*, ela pensou. Ele estava correndo pelos becos como se fosse um fugitivo. As bochechas de Minna tinham ganhado um tom de rosa profundo por causa do esforço para acompanhá-lo. E ela viu que escolhera roupas pesadas demais para o dia que estava fazendo. Em geral, costumava sair com nove ou até dez camadas internas sobrepostas – calções, espartilho e meias de lã por cima de um par de meias de algodão, corpete de algodão, anágua, combinação, blusa, saia, casaco. E as botas de cano alto, que eram estreitas demais com aquela sua forma que parecia feita para mulheres sem dedos nos pés.

Como o sujeito conseguia caminhar tão depressa fumando tanto? Eles foram parar bem diante das colunas em estilo grego do prédio do Parlamento. Ela inclinou-se para a frente, abriu os primeiros botões dos canos das botas e endireitou o corpo depressa, ignorando a ligeira vertigem – era o calor, devia ser.

– Está vendo isso? – perguntou ele, sem reparar no rosto afogueado de Minna. – É a versão vienense da Acrópole, o modelo de arquitetura que inspirou o novo hospital dos loucos. O que você acha?

– Bem, é...

– Um disparate completo – ele emendou, completando a frase dela.

Sigmund estava se referindo ao Am Steinhof, o novo sanatório para doentes mentais e pacientes nervosos que estava sendo construído nos arredores da cidade e ainda levaria uma década até ficar pronto. Ele lhe explicou que os seis pavilhões separariam os pacientes por tipo de doença: os curáveis, os incuráveis, os semimudos, os nervosos, os violentos, os loucos sífilíticos e os criminosos. Além disso, acrescentou, o projeto previa uma rede de transporte interno por bondes elétricos, jardins criados por paisagistas, um chiqueiro, estábulos, capelas e, obviamente, um cemitério próprio.

– A única coisa de moderno que ele tem é a arquitetura. O tratamento em si é totalmente obsoleto, se resume a tipos diferentes de confinamento.

– Há colegas seus envolvidos?

– Não... Um americano chamado Briggs está tocando a coisa toda – disse ele, com desdém. – Recursos inesgotáveis para comprar cimento e orçamento próximo do zero para a pesquisa neurológica. O homem só se importa com a fachada.

E ele prosseguiu explicando que, nessa nova instituição, da mesma forma que já acontecia em outras, a partir do momento em que um paciente fosse classificado como “demente crônico” qualquer coisa poderia acontecer com ele. Os médicos poderiam simplesmente decidir remover, em procedimentos considerados “de rotina”, quaisquer partes do seu corpo que acreditassem ser a origem da doença – a glândula tireoide, dentes, as amígdalas, partes do cérebro. Eles enfiavam pacientes embaixo do chuveiro na tentativa de tratar depressão, induziam malária para recuperar funções mentais debilitadas, ou mergulhavam os coitados em banhos de imersão que podiam durar de um dia a uma semana inteira. E, para completar, ainda os entupiam de láudano, barbitúricos, brometos e purgantes.

No entender de Minna, o cenário que o cunhado descreveu parecia triste, mas já representava um avanço em relação aos hospitais de meados do século onde pacientes eram acorrentados às

paredes e trancafiados em celas que mais pareciam cavernas, com apenas pequenas aberturas por onde a comida lhes era passada. Chegara a escutar até algumas histórias sobre “exibições dominicais”, nas quais o público pagava uma taxa aos guardas para ver os “dementes” no seu hábitat natural.

Ela conversou com Sigmund sobre os conhecimentos que tinha a respeito dos tratamentos mais modernos.

– A minha última patroa, a baronesa Wolff, certa vez se submeteu à Eletroterapia de Erb para tratar uma depressão. Pude acompanhar as sessões nas quais correntes elétricas eram aplicadas em diversas partes do corpo. Um tratamento bastante desagradável.

– Ah, sim, a Sala das Baterias.

– Exatamente – Minna concordou. Ela se lembrou do cheiro nauseante de Chlorodyne misturado com álcool que sentiu quando foi espiar pela porta aberta e viu uma sala onde discos brilhantes de latão das imensas baterias elétricas cintilavam sob uma cúpula de vidro. E onde, presas às paredes, havia uma infinidade de engenhocas estranhas usadas para dar choques em pacientes que sofriam de uma mistura complexa de afecções físicas não explicadas. Minna se lembrava de ter ficado chocada com a visão, mas o que fez em seguida foi tratar de se acomodar numa das cadeiras da sala de espera, ao lado de uma mulher cujo filho acabara de ser internado novamente depois de ter ateado fogo ao sofá de casa aos gritos de que o pai estava escondido lá dentro.

– Eu já reclamei muitas vezes dessa prática – Sigmund comentou. – Tenho certeza de que a terapia de Erb não tem como ajudar pacientes com distúrbios nervosos, e que tudo o que se pode esperar dela é no máximo uma recuperação parcial. Como foi a experiência da sua patroa?

– Não muito boa, acho. Ela se matou com um tiro.

– Mesmo?

– Não. Esse era o desfecho que eu desejava ter visto – Minna respondeu com um sorriso de lado, como se aquilo fosse um tipo de piada interna entre os dois.

Freud lançou um olhar avaliativo na direção dela, com ruguinhas de uma apreciação indisfarçável surgindo no canto dos olhos. Depois

voltou ao seu tom sério:

– O fato é que tanto a eletroterapia quanto outros métodos igualmente bárbaros simplesmente não funcionam. Quando estudei com o Dr. Charcot em Paris, o tratamento mais recomendado era a hipnose, mas com o tempo meus estudos revelaram que ela também é ineficaz.

Minna lembrou que Sigmund havia viajado para Paris cerca de dez anos antes para estudar com o famoso neurologista francês.

– Sempre achei essa ideia da hipnose um tanto extravagante demais – arriscou ela. – Mas pelo menos você teve a chance de passar uma temporada em Paris.

– Bem, lá *isso* é verdade – ele concordou, sorrindo. – E, no começo, o tratamento com a hipnose parecia mesmo dar resultado. Nós deixávamos os pacientes em transe e conseguimos alguns resultados animadores. Mas à medida que o tempo foi passando a técnica mostrou que deixava muito a desejar. Nem todos os pacientes podiam ser hipnotizados; alguns simplesmente não se deixavam suggestionar. Eu, aliás, imagino que você não se deixaria, por exemplo.

– Por que acha isso?

– É só um palpite. Mas nós podemos tentar, a qualquer hora – ele disse num tom casual, apoiando de leve a mão na base das costas dela para fazê-la se desviar de uma poça. – E, seja como for, mesmo nas vezes em que o tratamento *era* eficaz, geralmente os sintomas acabavam reaparecendo depois. O processo todo era um tanto frustrante, se você quer saber. Os pacientes progrediam pouquíssimo. Continuavam sofrendo com pesadelos, surdez, problemas de fala, paralisia... A lista de sintomas não tinha fim. Mas depois que voltei a Viena descobri que a ferramenta terapêutica mais eficaz estava na minha frente o tempo todo. Eu só precisava fazer com que os pacientes falassem deles mesmos.

– Francamente, Sigmund, esse seu método parece simples demais para conseguir gerar resultados tão impressionantes.

– E ele é. Na teoria, é maravilhosamente simples. Já a realidade é um pouco mais complicada. Mas a questão é que meus colegas estavam tratando a histeria do ponto de vista da neurologia sem

chegar a resultado nenhum. Vi pacientes às voltas com quadros de depressão, delírios, oscilações de humor, fobias e compulsões, e nada parecia capaz de ajudá-los. E então, quando comecei a pedir que se deitassem num divã e falassem sobre o seu passado... sobre pais violentos, mães distantes, traumas de infância, tudo o que lhes viesse à cabeça, sem censura, todas as suas lembranças perturbadoras, ou mesmo apavorantes, passaram a vir à tona. E, a partir daí, retirando as camadas, observando, interpretando e tecendo hipóteses, foi sendo possível descobrir a causa dos sintomas que os afligiam. E, ao fazer isso, erradicá-los.

– Minha nossa, Sigmund! O processo deve ser mesmo catártico, não? Imagino que estimular os pacientes a falarem do seu passado seja libertador para eles.

– Exatamente. E o divã é meu laboratório.

– Mas, você me permite fazer o papel de advogada do diabo por um instante? – indagou Minna, com o dedo indicador erguido enquanto ele lhe dirigia um sorriso indulgente. Afinal, esse era o traço da personalidade dela que mais agradava a Sigmund, e Minna sabia bem disso. – Por que alguém se deitaria diante de um desconhecido completo e lhe confidenciaria seus pensamentos mais íntimos, seus segredos ocultos, e até mesmo suas perversões?

– Ora, eu lhe digo por quê. Pessoas que já estão há anos enfrentando os sofrimentos mais terríveis são capazes de fazer qualquer coisa que acreditem que possa lhes ajudar a melhorar. E, depois que começam a falar, eles não param mais. As lembranças tomam as rédeas do processo, e os pacientes começam a se dar conta de todas as coisas que foram reprimindo com o passar dos anos. Existe um sentido oculto no material que ocupa os cantos sombrios da existência humana, e nesse sentido reside a esperança de cura.

Ela queria que ele continuasse a falar. Queria lhe perguntar sobre os seus pacientes. Pedir exemplos mais específicos. Resultados específicos. Mas, acima de tudo, queria lhe dizer que as descobertas dele eram profundas e ao mesmo tempo refletiam uma visão muito humanitária. E que, se estivesse mesmo certo, todos os tratamentos

conhecidos até o momento logo se tornariam obsoletos. Queria lhe dizer que talvez ele fosse mudar a História.

– É muito bom ter alguém com quem conversar... – ele disse, lançando-lhe um olhar cheio de significado. – Alguém que me entende. Os meus colegas acham que eu estou empenhado numa missão quixotesca. E Martha pensa a mesma coisa.

Um turbilhão de mulheres envergando amplas crinolinas passou pelos dois, empurrando-os para o lado na calçada, e depois o sacolejar de um ônibus seguido por uma carroça de carga puxada por dois cavalos abafou as vozes dos pedestres à sua volta. Minna ergueu os olhos enquanto ele puxava do bolso mais um charuto. Sigmund o acendeu e começou a dar baforadas pensativas enquanto observava um grupo de estudantes que perambulava pelo parque do outro lado da rua.

Os pensamentos se atropelavam acelerados na mente de Minna, mas ela não sabia se devia levar a conversa adiante. Meio constrangida, tratou de inclinar o corpo para ajeitar a bota mais uma vez. O couro estava machucando a pele do seu tornozelo. Foi se sentar num banco próximo para tentar afrouxar um pouco as fivelas apertadas. Sigmund ficou observando enquanto ela era envolvida pelo brilho suave do sol da tarde batendo nos seus cabelos.

– O que você está olhando? – Minna quis saber, encarando-o.

Ele sustentou o olhar dela, e um sorriso ligeiro passou-lhe pelos lábios.

– Estou olhando para você.

7

Alguns dias mais tarde, quando as crianças estavam ocupadas com a governanta, Minna decidiu ir assistir à palestra de Sigmund na universidade. Afinal, ele havia feito o convite no seu primeiro dia naquela casa e, embora não tivesse dito mais nem uma palavra a respeito desde então, ela estava certa de que a oferta havia sido sincera.

O prédio da Universidade de Viena ficava a apenas quinze minutos a pé do apartamento, Minna conseguiria chegar no horário se não demorasse muito a sair. Atravessou as três pistas da Ringstrasse, dobrando a esquina depois do Parlamento e seguindo pelo elegante quarteirão que abrigava o Rathaus e os outros prédios públicos enormes com suas fachadas em estilo neogótico. A temperatura continuava inexplicavelmente quente, e quando Minna chegou à universidade estava com o vestido úmido de suor e o chapéu meio torto.

Perambulou pelo campus durante alguns minutos à procura da escola de medicina. *Todas aquelas construções imponentes eram monumentais na sua escala e propositalmente intimidadoras*, Minna pensou consigo. E isso valia especialmente para as esculturas gigantescas e pretensiosas de figuras mitológicas gregas espalhadas por toda parte, celebrando aquele nobre centro da aprendizagem liberal. Teve que abordar diversos estudantes para pedir informações até finalmente conseguir encontrar o lugar certo. Depois de encontrar forças para empurrar a porta pesada do prédio da escola de medicina, reuniu toda sua coragem e subiu as escadas que conduziam à sala de palestras do segundo andar. Quando entrou, Freud já havia começado a falar.

O auditório estava lotado, com rapazes de pé junto à parede do fundo e espalhados pelos corredores entre os assentos, muitos trajando ternos escuros e solidéus. Era do conhecimento de todos que a maioria dos estudantes de medicina da universidade era de origem judaica, bem como a maior parte dos médicos no exercício da profissão em Viena. O clínico particular do Imperador, aliás, fazia

parte do mesmo B'nai B'rith que Freud, assim como o responsável geral pela saúde pública na Áustria.

Freud estava no palanque e sua voz ecoava pelo recinto. Ele parecia estar tranquilo, e até mesmo se divertindo um pouco naquela posição. Não era dono de uma voz poderosa nem tinha uma presença especialmente imponente. Ainda assim, ao falar, ele exercia um tipo estranho e forte de magnetismo sobre Minna. Ela reparou no seu jeito mais vivaz e confiante e no modo como suas palavras emanavam um carisma irresistível, como se fossem as de um pastor no seu sermão dominical. Mesmo com a palestra ainda no início, os alunos já haviam deixado de lado as canetas e o fitavam com os rostos hipnotizados enquanto eram brindados com piadas e relatos de casos curiosos que certamente seriam repetidos muitas vezes nas mesas dos cafés mais tarde. Aos olhos de Minna, ele pareceu magnífico.

– Isso me faz lembrar de um casal... talvez eu já tenha mencionado o caso dos dois aqui antes. Era um casamento perturbado por toda sorte de sentimentos conflituosos, sinais mal interpretados... Depois de algumas semanas de tratamento, achei que havíamos conquistado um progresso importante no tratamento. – Fez uma pausa melodramática. – Mas foi *então* que a esposa virou-se para o marido e disse: “Quando um de nós dois morrer, eu vou para Paris.”

Os alunos irromperam em risadas deliciadas enquanto Minna varria o auditório com os olhos em busca de um lugar para se sentar.

– Mas eu estou divagando. Como vínhamos discutindo semana passada, a neurose é uma consequência frequente de uma vida sexual anômala, e, aliás, tenho concluído que a repressão sexual é a chave para entender a doença neurótica e o comportamento humano de maneira geral.

Alguns risos reprimidos chegaram da plateia. Ele começou então a discorrer sobre seu artigo intitulado “Estudos sobre a histeria”, e sobre os tópicos que tratavam da repressão sexual e seus efeitos nas pessoas.

– Senhores, eu vou provocá-los até as raias do assombro. Esse é meu objetivo aqui.

Ele parecia tão seguro de si, Minna pensou, e, no entanto, o seu rosto se mantinha altamente mutável, com uma expressão que podia se modificar abruptamente dependendo do estado de espírito do momento. Num instante, seu olhar fuzilava os alunos. No seguinte, Freud era um palestrante cativante e empolgado, que envolvia a plateia no seu discurso como se eles estivessem partilhando algum segredo íntimo.

– Todos nós somos irremediavelmente dominados pelas lembranças traumáticas do nosso passado, e essas lembranças sempre são de natureza sexual. Até mesmo nossas conquistas mais impressionantes ao longo da vida trarão a marca indelével da nossa natureza animal. Essa é a sina que nos aguarda. E se algum de vocês está concluindo que essa revelação a que cheguei unicamente por meio do meu próprio estudo é um tanto amarga, saiba que está certo na sua conclusão. O fato, senhores, é que lhes apresento os fundamentos desta teoria como quem introduz a própria peste.

Os alunos se remexeram em suas cadeiras, e alguns sorriram. A essa altura, já estavam habituados ao estilo hiperbólico de Freud.

– Nós, seres humanos – prosseguiu ele –, vivemos infectados pelo nosso passado. E o desafio que se apresenta diante de vocês, meus bons rapazes, é compreender esta teoria revolucionária e usá-la no futuro para curar os muitos pacientes que continuam sendo diagnosticados erroneamente.

Minna sorriu consigo mesma diante dessa certeza pomposa; o tom era o mesmo que lera nas cartas dele ao longo dos anos.

O sol do fim de tarde se derramava através das janelas altas e estreitas de cima abaixo, e ela se livrou do casaco pesado e das luvas de couro cinza que estava usando. Não tinha imaginado que encontraria a sala abarrotada daquela maneira. Não havia nem um lugar vazio. Tentando ser uma presença o mais discreta possível – o que era uma missão difícil, considerando que as escolas de medicina aceitavam unicamente alunos do sexo masculino –, equilibrou o casaco dobrado num dos braços e a alça da bolsa no outro. E ficou ali parada, girando o pescoço de tempos em tempos para ver se

avistava algum assento vago. Um jovem à sua esquerda a viu e, depois de um instante inicial de surpresa, levantou-se polidamente para lhe ceder a cadeira. Ela agradeceu e se sentou, tirando o grande chapéu de plumas da cabeça (talvez a escolha dos acessórios do dia não tivesse sido lá muito feliz, afinal). Minna não queria ter que cruzar o corredor e provocar, com isso, uma comoção no auditório. Mesmo assim, ainda ouviu alguns sussurros dos alunos sobre “a mulher dentro da sala”.

Freud passou então a falar sobre as origens da sua teoria.

– Tudo começou – ele disse – com uma paciente chamada Anna O., de 21 anos. Filha de uma rica família vienense, ela foi encaminhada inicialmente ao meu colega Dr. Josef Breuer por causa de uma misteriosa paralisia no braço direito. Em poucas semanas, os seus sintomas se multiplicaram. Tosse persistente, dormência nas extremidades do corpo, delírios e até mesmo uma incapacidade de se comunicar em alemão, a sua língua nativa. O Dr. Breuer a diagnosticou como “histérica” e adotou a hipnose como base do tratamento, mas não estava obtendo resultado.

Minna reparou que Sigmund falava da mesma maneira como escrevia suas cartas: de forma clara, persuasiva e muito detalhada – e, para sua surpresa, em nenhum momento ele tinha que olhar para baixo para ler nada que estivesse escrito em algum pedaço de papel.

– Anna tinha fantasias profundamente trágicas, embora bonitas, e costumava se perder em devaneios mórbidos – relatou Freud. – Em um deles, uma cobra tentava atacar seu pai, que na vida real era um homem doente de quem Anna cuidava. Ela tentava matar a tal cobra, mas seu braço direito não funcionava. Os dedos se transformavam em pequenas cobras, e logo o braço inteiro ficava paralisado. E é agora que vem a grande revelação – proclamou ele, descendo do palanque.

Era óbvio que estava se deliciando com o efeito das suas palavras sobre a plateia. Com o auditório mergulhado no mais absoluto silêncio, o tom grave de barítono da sua voz reverberava nas paredes revestidas de madeira.

– Anna começou a relatar seus sonhos e os medos que os acompanhavam. Em inglês, é verdade, mas não se pode ter tudo –

falou ele, abanando a mão no ar enquanto os estudantes davam risadas. – Mas o fato foi que os sintomas tiveram uma melhora a partir desse ponto, chegando quase a desaparecer. E a que pode ser atribuída essa cura, vocês hão de perguntar. Pois eu vou lhes dizer – falou assumindo um tom cada vez mais sério. – Pacientes histéricos sofrem das suas próprias recordações. Recordações de eventos traumáticos que podem ter ocorrido até mesmo no princípio da infância e, eu repito, são sempre de natureza sexual. Mas o simples ato de falar a respeito deles, ou, como Anna definiu de maneira encantadora, “desentupir as chaminés”, ajuda a espantar os demônios.

Minna podia imaginar como a teoria dele devia soar absurda para os ouvintes num primeiro momento – toda neurose origina-se de causas sexuais. Mas ali, depois de acompanhar sua argumentação, ela se sentiu fascinada. Ele prosseguiu com a palestra, analisando outros casos e expondo outras teorias.

Ficou claro para Minna que Freud havia lapidado suas habilidades de comunicação valendo-se de seus conhecimentos da literatura, filosofia, ciência, sexualidade e da aura de mistério que sabia haver em torno da questão dos relacionamentos humanos. Ele estava longe de ser um homem que se encaixasse num estereótipo de beleza masculina padrão, mas, quando falava, suas palavras e seus gestos exalavam um fascínio próprio, induzindo uma onda de excitação na plateia e fazendo o pulso dos jovens estudantes se acelerar. Minna via isso nos olhos daqueles rapazes. O ambiente do auditório estava repleto de criatividade por conta das possibilidades renovadas que ele lhes oferecia, das novas maneiras de pensar. Ele os fazia rir, e rir novamente. Eles se sentiam atraídos pela excentricidade dele, pelas suas contradições e... Por que não dizer de uma vez? Pela sua genialidade.

O ar de repente começou a lhe parecer escasso naquele reduto exclusivamente masculino. Minna tirou o cachecol. Lançou um olhar para o palanque a tempo de ver Freud sorrindo e cumprimentando-a com um aceno de cabeça. Os olhares dos dois se encontraram e ela acenou com a cabeça de volta. E quis poder congelar a pontada inesperada de prazer secreto que invadiu sua mente nesse

momento. O contato visual se desfez num átimo, mas pareceu ter levado Freud a silenciar momentaneamente. Ela não saberia explicar como isso era possível naquele auditório enorme e abarrotado de estudantes, mas de repente o recinto se tornou tão íntimo quanto a mesa de um jantar a dois.

A palestra se estendeu por mais de duas horas. Ele discorreu a respeito de pacientes perturbados que haviam procurado tratamento levando histórias de fantasias sexuais, sonhos, e muita culpa relacionada a comportamentos ilícitos. Falou de um jovem que tivera relações sexuais com uma prostituta e depois passara a apresentar sintomas paranoicos bizarros. De uma moça que fora molestada pelo pai e sofria de histeria e colapsos nervosos. E de outros pacientes acometidos por casos de paralisia, tosse de origem nervosa, dores de cabeça, incapacidade de falar, alucinações terríveis. Um número impressionante de sintomas e condições psicológicas, todos decorrentes de traumas sexuais. Casos de pessoas tão perturbadas que vinham sendo medicadas com hidrato de cloral, morfina ou clorofórmio para conseguir dormir, ou que haviam sido presas por algemas de metal e submetidas a sessões de eletroterapia.

Encerrada a explanação, Minna ficou observando enquanto os estudantes, muitos tão jovens que pareciam saídos do Coro dos Meninos de Viena, acorriam até a frente do auditório e se aglomeravam em volta dele, bombardeando-o com perguntas. Jorros ocasionais de risadas masculinas reverberavam no ar enquanto ela se esforçava para avançar lentamente contra a corrente, rumando na direção da porta localizada no fundo da sala. E estava quase chegando lá, com as costas voltadas para o palanque, quando sentiu de alguma maneira o olhar dele pousado sobre si.

– *Fräulein* Bernays – chamou Freud, com o som da sua voz silenciando repentinamente o burburinho que tomava conta do recinto. – Será que pode esperar um instante?

Ela girou o corpo para encará-lo e acenou um sim com a cabeça. Já havia vestido o casaco, o chapéu e as luvas e começou a alternar o peso do corpo, desconfortavelmente aquecido, de uma perna para outra enquanto aguardava perto da porta. Ele desceu do palanque e

acendeu um charuto, fazendo com que o odor pungente da fumaça pairasse no ar até o lugar onde Minna estava. Alguns minutos mais tarde, pediu licença aos alunos que ainda o rodeavam e subiu as escadas para ir encontrá-la.

– Espero que não tenha sido uma tarde entediante para você... – falou, sabendo muito bem que não fora nada disso.

Ela refletiu por um instante, ponderando se devia ou não acrescentar sua observação pessoal a respeito da palestra, até que por fim, como de hábito, decidiu ir adiante.

– Eu tenho que admitir que você cativa completamente a atenção, e a adoração, diga-se, dos seus alunos, mas no momento em que declarou que *todos* os casos de histeria são provocados por distúrbios sexuais eles... Bem, eles pareceram um tanto incrédulos – disse Minna.

O olhar dele se tornou apreciativo.

– Não, minha querida. Não foi isso que eu disse, de forma alguma. Eu falei que a *raiz* original de toda a histeria teria que ser sexual.

– Então eu posso ter perdido essa parte.

– Acho muito difícil... – retrucou ele, com um meio sorriso brincando nos lábios.

– Seja como for, não seria razoável admitir que certos casos de histeria possam ser provocados, digamos, por medo, pela morte ou pelo abandono?

– O meu raciocínio foi perfeitamente claro...

– Bem, mas a conclusão pode ser confusa... – interveio ela, as palavras saindo com menos força do que havia planejado. – No caso, por exemplo, do seu paciente de 12 anos que se recusava a comer, o abuso sexual estava muito óbvio. Uma relação simples de causa e efeito, certamente. Mas há casos mais difíceis...

– Difíceis, mas não diferentes.

– Não existem exceções, então?

– Nenhuma digna de nota – disse ele, inclinando o corpo mais para junto do dela. – Há quem possa acusar minha postura de ser doutrinária, no entanto.

– É verdade.

- E essas pessoas estariam sendo... ? – indagou ele, brincalhão.
- Desnecessariamente rudes, meu querido... – Minna respondeu, sentindo as faces corarem.
- Resposta correta.
- Foi o que eu pensei. – E com isso ela foi virando o corpo para sair.
- Só mais uma coisa – chamou ele, encarando-a com os olhos cheios de curiosidade.

Minna esperava que Sigmund fosse apresentar mais um ponto para reforçar a sua argumentação, mas em vez disso ele lhe perguntou se ela estaria livre naquela mesma noite mais tarde. Ela ergueu as sobrancelhas por um instante, surpresa, e em seguida se lembrou de que naquela noite, como em todas as noites de sábado depois das suas palestras na universidade, Freud costumava se encontrar com três colegas do hospital para uma partida semanal de *tarock*. Só que nesta semana houvera um imprevisto, ele lhe explicou, visto que um dos integrantes da mesa caíra doente de última hora e mandara um recado lamentando por não poder comparecer. E, é claro, não se tratava de uma simples tosse, mas sim de uma bronquite mais grave.

– Para ser sincero, minha querida, a ideia partiu de Martha. Ela lembrou que você sempre foi hábil com as cartas, e ponderou se não seria mais prático para todos chamá-la para preencher o lugar vazio à mesa.

Minna se recordou das rodadas de carteados no café quando todos eles eram estudantes.

- Mas já faz tanto tempo...
- Eu bem lembro que uma vez você arrasou com o resto da mesa.

– Só uma vez?

– Tudo bem. Houve outras vezes.

E assim ficou decidido. Freud voltou para o grupo de alunos que estavam à sua espera e Minna foi para casa.

Poucas semanas antes, a sua vida estava uma confusão, e ela levava uma existência solitária na qual os poucos prazeres que conseguia ter eram roubados. Depois de ter vivido em meio à

criadagem de tantas casas, desenvolvera os hábitos furtivos de esconder sua comida e seu gim, de ler livros sarrupados e suportar colegas serviçais que não a deixavam em paz um só minuto. E agora estava livre, vivendo com a própria família. Ao atravessar as pistas da Ringstrasse, Minna foi tomada por uma onda de otimismo. Se não era uma solução permanente, aquela mudança representava pelo menos um intervalo bem-vindo e muito necessário.

8

O jogo de cartas acontecia sempre da mesma forma – quase como se fosse um ritual. Exatamente às 19h, o Dr. Eduard Silverstein tocava a campainha e era recebido na sala de estar, onde passava o braço em torno dos ombros de Freud para lhe dar um tapinha fraternal antes de se encaminhar para a mesa de guloseimas. Ele não parecia ter problemas para se sentir à vontade naquela sala aconchegante e impregnada de domesticidade, ou pelo menos foi isso que sinalizou ao se servir de uma fatia generosa da sachertorte que estava numa bandeja de prata, deixando choverem as migalhas no tapete.

– E como você está, Sigmund? – perguntou enquanto afundava o corpo numa poltrona, esticava as pernas e pescava no bolso do colete um Maria Mancini marrom-claro e meio amassado. O olhar de Eduard para o charuto foi de admiração pura, como se ele fosse mesmo uma mulher.

– O corpo delicado e esbelto é o que eu mais amo – falou com um sorriso elegante, sem esperar que o anfitrião respondesse. E em seguida acendeu o charuto e inalou a fumaça com um prazer exagerado. – Ah... Tão impetuoso e, no entanto, domável... – concluiu, folheando um dos jornais de Freud.

Freud deu um aceno de cabeça bem-humorado para o seu único colega solteiro, mas professou sua lealdade ao corpulento e despretensioso Tabuco.

– É menos caprichoso – declarou ele. – E menos temperamental... e a tragada é regular e consistente. Você pode ficar com as Marias deste mundo... Elas dão trabalho demais.

O Dr. Ivan Skekel chegou em seguida, tirando o casaco de tweed surrado e desfiando as desculpas de hábito pelo seu atraso – o ônibus lotado, a “patroa”, os seus tornozelos inchados. Ele alisou a barba de corte quadrado e ajeitou o colete de lã por cima do calombo considerável da barriga antes de também se dirigir para a mesa de guloseimas e abrir uma garrafa de vinho. Estava prestes a acender o terceiro charuto da sala, dando sua contribuição para a

nuvem de fumaça cada vez mais espessa que tomava conta do ambiente, quando a porta interna se abriu para deixar Minna passar.

Ela estava usando uma blusa branca debruada de renda ligeiramente aberta na gola, e tinha o cabelo preso para cima por uma série de travessas, formando ondas suaves. No seu encaixe, entrou um rastro do perfume do sabonete de lavanda. Por um instante, ela hesitou, consciente do olhar de Freud percorrendo seu rosto. *Será que ele estava percebendo*, ela se perguntou. A linha tensa dos ombros, as faces afogueadas, o cuidado com que a maquiagem havia sido aplicada?

A figura dele passou por uma transformação perceptível no instante em que ela pisou na sala. O olhar arguto e brilhante se suavizou e a dureza da postura amainou um pouco. Depois de tomá-la pela mão e sussurrar um cumprimento, ele a olhou demoradamente mais uma vez. Minna ficou pensando se o ar de intimidade que havia notado seria só fruto da sua imaginação, mas o fato foi que ele lhe provocou uma sensação bastante peculiar.

Antes, enquanto ela estava se arrumando, a irmã havia se derramado toda ao seu redor numa doçura de ambrosia, como uma mãe que enfeita a filha para ir a um baile. Por que então Minna agora se sentia como se estivesse fazendo algo pelas costas de Martha? Se não havia coisa alguma a esconder, por que aquela sensação de culpa?

– Quero lhes apresentar minha cunhada, *Fräulein* Minna Bernays – disse Freud, levantando-se da cadeira onde estava sentado e tomando-a pela mão para conduzi-la pela sala. – Ela vai completar a nossa mesa hoje. Eduard Silverstein e Ivan Skekel.

Minna notou na hora que a ideia de chamá-la para substituir o jogador ausente não havia sido discutida previamente com o grupo. O ar de surpresa no rosto dos outros dois foi perceptível. Ela passeou calmamente seus olhos castanhos pelo rosto dos companheiros de mesa e caminhou até o sofá.

– Boa noite, senhores.

– Encantado – disse o Dr. Silverstein, quebrando o silêncio. Ele se levantou, tomou a mão dela e a beijou de leve. Depois serviu uma

taça de vinho de uma das garrafas de cristal fino de Martha que estava pousada num aparador e lhe entregou.

– É muita gentileza sua – murmurou ela.

Minna sabia muito bem quem era Eduard Silverstein. Martha havia mencionado o nome dele diversas vezes. Ele fazia parte da lista de possíveis pretendentes que a irmã havia montado. Filho de um médico bem-sucedido e amante entusiasmado das artes, ele havia assumido o consultório depois da aposentadoria do pai. Embora o cabelo estivesse um pouco comprido demais para o gosto de Minna, ela achou atraentes os seus belos olhos castanhos aquosos e o ar cosmopolita que Eduard exalava. Mas, mesmo dando todos os sinais de que gostara de vê-la chegar, certamente ele devia estar se perguntando – da mesma forma que o Dr. Skekel – por que Freud não havia chamado outro dos colegas que costumavam participar do grupo como substitutos sempre que faltava alguém à mesa do carteado.

Minna bebericou o vinho e acomodou o corpo no sofá. Não estava propriamente à vontade. Seus pés ainda estavam esfolados e doloridos por conta da caminhada de mais cedo e do roçar da bota esquerda contra o osso do seu tornozelo. E, além do mais, ela havia deixado para trás as crianças ainda acordadas, e pôde ouvir quando uma delas – teria sido Ernst? Ou não, talvez Oliver – gritara algo enquanto descia as escadas.

– Você está mesmo disposta a fazer isso, minha querida? – indagou Freud num tom solícito, sentando-se ao seu lado e tocando de leve no seu ombro. – Quer desistir?

– De jeito nenhum – ela disse. E sorriu, pousando a mão em uma das muitas toalhinhas decorativas de Martha que cobriam o braço do sofá e outras superfícies da casa.

Os dois ficaram sentados juntos enquanto Skekel e Silverstein se afastavam na direção da lareira, terminando uma conversa. O assunto entre os dois era o mesmo que todos na cidade andavam comentando ultimamente: a nomeação recente de Karl Lueger, conhecido pelo seu antissemitismo virulento, como novo prefeito de Viena.

– Você sabe o que isso quer dizer, não sabe? – Skekel falou. – Os liberais estão perdendo terreno. A cidade ficou nas mãos do Partido Socialista Cristão agora, e eles estão só esperando uma chance para jogarem por terra os nossos direitos. É uma verdadeira volta à Idade Média.

– Eu teria cautela antes de me mostrar tão eloquente assim em público, meu velho – retrucou Silverstein, esvaziando sua taça. – Você pode acabar perdendo pacientes com essa sua postura, sem falar nos seus contatos com a família real. A senhorita não concorda comigo, *Fräulein* Bernays? – ele quis saber, virando-se abruptamente para encará-la.

– Bem, é certo que o Imperador ficou sem alternativa nesse caso – foi a resposta de Minna, que passou então a discorrer sobre as consequências desastrosas do apoio imperial a Lueger, especialmente para os judeus na Áustria.

– É exatamente o que eu penso – concordou Silverstein, sorrindo para ela. – Ora, ora, Sigmund. Ter uma mulher tão linda e inteligente assim vivendo na sua casa é mesmo muita sorte...

– Vamos ao jogo – cortou Freud, com uma irritação repentina.

Ele tirou as cartas do estojo e embaralhou com destreza. E lançou um olhar para Minna que parecia contrariado, o que a deixou um pouco perturbada. Em seguida, cortou o baralho e distribuiu as cartas no sentido anti-horário, dezesseis para cada jogador, antes de arrumar cuidadosamente os seis trunfos no centro da mesa com as faces voltadas para baixo.

Quando a rodada se iniciou, Minna se viu na situação um tanto desconfortável de tentar se encaixar na conversa dos homens – que saltava rapidamente de um assunto para o seguinte – ao mesmo tempo em que procurava causar uma impressão favorável com suas habilidades no carteador.

– Acabei de cancelar minha assinatura do *La Libre* – Skekel declarou, referindo-se ao jornal *La Libre Parole*, usado como instrumento político por Lueger. – Não estava mais suportando o tom fanático e delirante deles.

– É verdade. Eu leio apenas o *Neue* – concordou Minna, tentando ao mesmo tempo manter a concentração no jogo. *O naipe da mesa*

manda na jogada.

– Um sobrinho meu – Skekel continuou, baixando o tom de voz – decidi trocar o nome judaico por um cristão... E depois acabou entrando para o meio das “artes”... A mãe ficou arrasada.

Se não tiver o naipe da mesa, jogue um trunfo ou tarock.

– Nem que ele faça a oração das horas canônicas vinte vezes ao dia, vai continuar sendo chamado de judeu – Freud comentou.

Se não houver um trunfo, você pode jogar qualquer carta.

A discussão prosseguiu enquanto Minna se concentrava para não jogar nenhum de seus trunfos antes que outro aparecesse na mesa, ou, pior ainda, descartar um número errado de cartas, ou, o desastre completo, deixar de cobrir a carta mais alta. Num dado momento, pensou em apelar para o coringa e pronto. Mas ele nunca vence a jogada. Por fim, Silverstein se levantou para encher sua taça e os homens decidiram fazer um intervalo.

– Mais vinho, querida? – ofereceu.

– Ah, eu aceito sim, obrigada.

Ele se aproximou com a garrafa de cristal nas mãos e começou a servi-la.

– Quando você vai ter um dia de folga, Minna? Eles permitem que saia de casa de vez em quando?

– Ela não é uma das criadas – Freud interveio, lançando um olhar fuzilante para Silverstein. – É minha cunhada.

– Não precisa se irritar tanto assim, Sigmund – foi a resposta do outro, com um sorriso que não foi retribuído.

Um silêncio desconfortável tomou conta do ambiente, até que Silverstein decidiu sabiamente mudar de assunto.

– Você deve ter lido sobre Oscar Wilde, não? – indagou.

– Como não leria? Está em todos os jornais – Freud disparou de volta.

– Ele ia fugir para a França, mas a mãe o aconselhou a ficar e “lutar feito homem” – disse Silverstein.

– E veja o que acontece quando se dá ouvidos às mães – retrucou Freud.

– Mas ele teve sua parcela de culpa no que aconteceu, tendo agido de maneira tão imprudente e indiscreta – considerou Skekel.

– E pensar que sua peça, *A importância de ser prudente*, fez tanto sucesso nos Estados Unidos – Minna comentou.

– Bem, mas Wilde agora chegou ao fim da linha... Dois anos de trabalhos forçados e pena máxima por atentado ao pudor e sodomia – Freud concluiu.

– Senhores, não creio que esse seja um tema apropriado... – interrompeu Skekel, apontando na direção de Minna com um gesto de cabeça.

– Eu sou perfeitamente capaz de discutir o caso Wilde – Minna informou, refutando as preocupações condescendentes, embora talvez bem-intencionadas, do sujeito. – E acredito que se ele não tivesse ido adiante com o processo por calúnia contra a Marquesa de Queensberry, não teria se metido nessa situação. Uma ação judicial, no ápice da sua carreira. Foi uma tragédia, coitado. Com direito a ter os detalhes mais obscenos da sua vida estampados em todos os jornais.

– Bravo – fez Silverstein, abrindo um sorriso possessivo.

– Minha querida, acho que talvez você não tenha compreendido bem a natureza da situação... – explicou Skekel, num tom paciente.

– O Sr. Wilde gostava da companhia de jovens... rapazes... Estamos falando aqui de atos *ho-mos-sexuais* – falou ele, destacando as sílabas da palavra como se Minna fosse uma completa idiota.

– Eu sei o que *homossexual* quer dizer, Dr. Skekel – retrucou ela, claramente irritada. – Aliás, há quem diga que a homossexualidade é apenas uma fase. Pelo que eu soube, os rapazes na universidade fazem experiências dessa natureza o tempo todo.

– Bem, eu fui à universidade e posso lhe dizer que fazíamos muitas experiências lá, mas não desse tipo. Talvez na escola de medicina... – atalhou Silverstein, rindo e meneando a cabeça na direção de Freud.

– Há muita ignorância a respeito desse tema – Freud retrucou, ignorando a tentativa de piada do outro. – As minhas pesquisas mostram que as tendências homoeróticas nascem de uma fase oral primitiva, que é seguida por outra anal e depois por uma fálica.

A palavra *fálica* ficou suspensa no ar, em meio ao silêncio de todos.

– É uma tese interessante, mas não creio que ela teria sido muito útil para o Sr. Wilde no tribunal – disparou Minna, sem hesitar.

– Ah, mas e se eu pudesse provar que *todo mundo* tem essas mesmas tendências? – Freud disse, olhando para Silverstein.

– Sigmund! – soltou Skekel. – É *muito* inadequado discutir esse tipo de assunto em grupos mistos.

– Bobagem. Minna não se sente constrangida com o tema... Estou enganado? – indagou Freud.

– De maneira nenhuma.

– Estão vendo? De maneira nenhuma – ele repetiu, satisfeito.

– Mais vinho, querida? – Silverstein ofereceu.

– Eu aceito, sim, obrigada.

O carteado e a conversa seguiram noite adentro, com Skekel abrindo garrafas e mais garrafas de vinho. A certa altura, Minna havia perdido a conta de quantas taças já tomara, e ficou observando, divertida, enquanto Skekel enveredava por um monólogo ébrio sobre a situação do mundo.

– Isto aqui está virando um inferno... Todos os dias tem uma manifestação nova na cidade, o povo gritando lemas antissemitas na rua... E a monarquia não adianta para garantir coisa nenhuma. Deus sabe que exércitos não dão conta dessa gente. E a coisa está se espalhando. Outro dia mesmo eu li que nós somos um “campo de testes para a destruição”...

– Não acredite em tudo o que lê por aí, meu caro – Silverstein disse, olhando para Minna com um sorriso de flerte declarado. – A situação não parece tão catastrófica assim.

– Mas está. Até as taxas de suicídio têm aumentado...

– Só por causa do bando de aristocratas entediados que anda se atirando do alto das pontes em busca de um pouco de diversão – retrucou Silverstein, irreverente. Minna soltou um riso sem saber por que estava rindo, enquanto ele se levantava, apertava o ombro dela ao passar e cambaleava na direção do piano para martelar uma versão terrível mas muito entusiasmada de “The Fair Miller Maid”, de Müller.

– Senhores, está ficando tarde – começou Freud, reagindo com uma careta a cada nota dissonante. Skekel tomou o último gole do

seu vinho e começou a baixar lentamente a tampa do teclado por cima dos dedos de Silverstein.

– Vamos, Eduard. Eu chamo um coche para nós.

O corpo de Silverstein oscilou de leve quando ele se levantou.

– Posso lhe fazer uma visita, qualquer dia desses? – perguntou, ao tomar a mão de Minna para dar-lhe um beijo que demorou um pouco mais do que seria adequado. – É um prazer encontrar uma mulher com tanto conhecimento do mundo... Uma maravilha – ele concluiu.

– É muita gentileza sua – respondeu ela, evasiva, enquanto Freud conduzia os dois colegas da sala para o vestíbulo. Ela ouviu as vozes do trio discutindo algo indistinto escada abaixo, e depois a voz arrastada de Eduard:

– Então ela é um fruto proibido, hein?

– Você está bêbado, Eduard. Vá para casa.

Freud bateu a porta do edifício com uma força ligeiramente maior que a necessária, depois voltou a subir as escadas.

– Não acho aconselhável que você encoraje as investidas do Eduard – disse, afastando uma almofada para se sentar no sofá. E ficou lá, mal-humorado, enquanto Minna tratava de recolher os copos sujos e as garrafas. Depois, foi até a cozinha atrás dela.

– Eu não estava encorajando ninguém.

– Mas poderia ser interpretada como se estivesse.

– Você está perguntando ou afirmando isso?

– As duas coisas. E, seja como for, eu o conheço muito bem. Pode ser uma companhia divertida quando está comigo, mas também é bastante mulherengo.

– Eu acho que minha mãe iria gostar dele – disse Minna, para provocar. – Um médico judeu tão gentil.

– Bem, de mim ela nunca gostou. E, no que diz respeito às habilidades médicas dele, Eduard não seria capaz de curar nem um presunto.

– Sigmund. – Minna estava rindo. – Eu não o achei especialmente interessante.

– E quem você *acha* interessante, afinal? – indagou ele, seguindo-a de volta até a sala de estar.

– Ah, eis a questão. Há anos que Martha me faz a mesma pergunta.

Minna se calou e começou a recolher os últimos copos, tomada de repente por uma onda de fadiga.

– Deixe isso aí. Venha se sentar um instante, minha querida – ele disse, dando tapinhas no espaço ao seu lado no sofá. E ela se acomodou ali, sentindo o calor da lenha ainda em brasa na lareira e saboreando uma última taça de vinho junto com ele. Sigmund recostou o corpo no assento, esticou as pernas e deixou escapar um suspiro.

– Cansado? – ela perguntou.

– Exausto. Um dos pacientes deixou de reagir ao tratamento, e outra me falou que não vai mais continuar com as sessões... que falar comigo estava sendo “perturbador demais”.

– E por que isso acontece?

– Algumas perversões deles são muito radicais. E as motivações por trás delas mais ainda. Você ficaria chocada.

– Você me conhece bem demais para realmente achar isso.

Ele ficou observando enquanto ela levava a taça aos lábios e fazia o Borgonha passear pela sua língua, e depois recomeçou a falar.

– Eu tenho um paciente russo, um aristocrata chamado Sergei... Bem, pouco importa o nome. Ele é um sujeito gravemente depressivo, suicida, hipocondríaco. É cheio de obsessões, incapaz de levar uma vida funcional. E que além de tudo sofre com um pesadelo recorrente de uma matilha de lobos ferozes que fica rondando a janela do seu quarto, pronta para atacar.

– Que coisa estranha! Alguma vez ele teve contato *de verdade* com lobos?

– Eu duvido muito. Mas o fato é que ele tem um pendor artístico, e nos desenhos que faz sempre aparecem lobos com o pelo emaranhado e sangue escorrendo das presas. A origem das compulsões que o afligem é complexa, mas nós estávamos conseguindo fazer um progresso notável no campo das suas neuroses da infância. Até que, semana passada, quase no fim da sessão, ele começou a se recordar das suas lembranças sexuais mais

antigas, e lá estava... O choque sexual pré-sexual. Ele admitiu que, quando era pequeno, flagrou os pais fazendo sexo *a tergo*.

– *A tergo?* – estranhou Minna.

– É, você sabe. Por trás.

Ela se recusou a demonstrar qualquer sinal de que estivesse escandalizada. A sensação que tinha era de estar ouvindo uma narrativa sobrenatural temperada com pitadas de incesto, masturbação, sodomia e tudo mais. Ele prosseguiu, incluindo detalhes tão explícitos em seu relato que, num dado momento, Minna chegou a pensar que pudesse estar fazendo uma brincadeira de mau gosto às suas custas. Ela fez de tudo para manter uma expressão impassível no rosto, alimentando a autoilusão de que o seu interesse na conversa era puramente científico.

– Os genitais dos dois estavam completamente à mostra – ele disse numa voz tranquila. – E estou convencido de que essa exposição ao momento íntimo dos pais influenciou os seus apetites sexuais e acabou criando uma voracidade erótica, em diversos aspectos.

– Como por exemplo?

– Como por exemplo o desejo compulsivo que ele mostra ter por mulheres com traseiros avantajados... de preferência prostitutas ou criadas. Segundo seu relato, sempre que a faxineira da casa está de joelhos, esfregando o chão, isso lhe causa uma excitação imediata. A imagem dos quadris dela empinados no ar tem um efeito tão avassalador que ele só consegue pensar em possuí-la ali mesmo.

– E ele faz mesmo isso?

– Não que eu saiba... Mas situações envolvendo degradação e humilhação parecem alimentar ainda mais o seu desejo. O mundo está cheio dos impulsos sexuais humanos mais variados... fetiches, flagelação, sadismo, e até mesmo o desejo de ser amarrado.

– Por que alguém se submeteria a uma coisa dessas?

Ele aproximou o corpo, chegando o rosto bem perto do dela.

– Não há limites para os gostos eróticos, minha querida. Imagine, por exemplo, que eu resolvesse passar fitas de cetim em volta dos seus pulsos e tornozelos e amarrá-los à cabeceira e aos pés da cama, e que então começasse a fazer amor com você

lentamente até que, incapaz de se mexer, o seu corpo se visse obrigado a se render aos desejos carnis mais ocultos. Até alguém como você, Minna, poderia achar erótica uma situação assim.

Ele manteve os olhos fixos nos dela, parecendo claramente satisfeito consigo mesmo.

Ele está brincando comigo, isso é certo, Minna pensou, sentindo as faces corarem. *E que brincadeira mais irritante*. Mas acima desse pensamento pairava um desejo estranho e irresistível de ouvir mais. Esse lado selvagem do intelecto dele sempre a deixara fascinada.

– Você pode acender para mim? – perguntou ela, sacando um cigarro do bolso.

Ele riscou um fósforo e o ergueu, observando enquanto ela dava uma tragada profunda. Depois de soprar uma linha fina de fumaça no ar, ela tentou fisgá-lo de volta para a discussão científica, falando num tom de colega para colega.

– E a outra paciente?

– É uma jovem, Dora – prosseguiu Freud, atirando o fósforo quase dentro da lareira. – Ela chegou se queixando de uma série de sintomas que iam de desmaios inexplicáveis a uma depressão com impulsos suicidas. Vivia atormentada por uma tosse persistente, e às vezes não conseguia nem falar. Depois de algumas sessões, descobri que, quando estava com 14 anos, Dora costumava tomar conta dos filhos de um casal amigo da família. Vou chamá-los aqui de “o casal K”. Eles são bem conhecidos de todos nós. Mas o que ela nunca revelou aos seus pais foi que *Herr K* passou anos a assediando sexualmente. E, no dia em que ela finalmente conseguiu lhes contar, eles a acusaram de estar inventando tudo.

– Coitada.

– Pois é. E eu consegui que ela me relatasse todo o acontecido. *Herr K* mandava que ela se sentasse no seu colo, e então metia a mão por baixo da sua saia e introduzia os dedos na sua vagina para estimulá-la até que chegasse ao orgasmo. Ela me contou que nessas ocasiões podia sentir a ereção dele contra a sua coxa, e que por diversas vezes ele pediu que ela acariciasse o seu pênis durante o ato. E o problema todo era que, embora ela se recusasse veementemente a admitir isso, acredito que Dora na verdade

gostava da excitação sexual dessas interações. Quando toquei nesse ponto, ela se retirou do consultório furiosa.

Freud encarou Minna, esperando pela reação dela.

– Bem – iniciou ela, recostando-se no assento, tentando tratar os termos explícitos da descrição dele como se fossem algo estritamente profissional –, eu posso entender a sua frustração. Posso mesmo. Mas falando muito francamente, Sigmund, se eu tivesse passado por uma coisa assim aos 14 anos de idade e tempos depois um outro homem tentasse afirmar que no fundo eu gostava da situação toda, acho que também teria saído furiosa de perto dele.

– Você tem que dizer a verdade aos pacientes, caso contrário eles nunca ficarão curados. Estamos falando de homens e mulheres incapazes de se alimentar, de dormir, de levar vidas produtivas. Alguns estão apaixonados pelo marido da própria irmã, outros querem a morte de um irmão bebê. Eles desejam coisas proibidas. Todo mundo deseja. Nós todos somos doentes. E precisamos falar a respeito.

– Mas isso não seria só uma outra modalidade de confissão?

– Chame como quiser. Mas a ideia não tem nada a ver com religião ou moralismo, mas sim com tolerância.

– Tolerância?

– Sim, tolerância com aquilo que nós mesmos somos.

– Mas, no final, não é verdade que a mente segue adiante, mesmo com todos os antagonismos? Se não me engano foi Emerson que escreveu isso.

– Às vezes até mesmo os americanos chegam a conclusões coerentes.

As cortinas estavam entreabertas e, por cima do ombro de Freud, Minna pôde ver que as luzes já estavam apagadas nos apartamentos do outro lado da rua. E se perguntou que horas deveriam ser. Certamente passava da meia-noite. Ela iria se arrepender de tudo aquilo quando amanhecesse. Reclinando a cabeça no encosto do sofá, ficou observando enquanto ele ia até a lareira e se agachava para remexer as brasas. Depois, voltando a aprumar a postura, girou o corpo para encará-la.

– Ela vai acabar voltando – falou, com um sorriso confiante no rosto. – Eu sei que a minha conclusão estava certa.

Ao estender a mão para pegar a taça ele roçou sem querer o joelho dela. Sem querer mesmo? Fosse como fosse, o calafrio que percorreu o corpo de Minna nesse instante foi definitivamente indecoroso. E o vinho não estava ajudando a melhorar sua situação.

– Está ficando tarde – ela disse. E, ao se levantar, tinha as faces afogueadas por causa do álcool.

Os olhos dos dois se encontraram por um instante, e ela se perguntou rapidamente quando as coisas haviam mudado tanto entre os dois. Ao chegar naquela casa sua expectativa era de que o relacionamento com o cunhado seguisse da mesma maneira como sempre fora: descomplicado e fortemente intelectual. Mas agora era como se o Freud que ela havia conhecido aqueles anos todos tivesse se transformado em outra pessoa. Sua sensação era de estar vivendo o começo de algo novo. Mas *isso* estava longe de ser o novo que ela queria. O pensamento que cutucava sem parar sua cabeça era: será que ela teria se comportado da mesma maneira esta noite se a irmã estivesse presente? E ele?

9

— **M**inna, você está acordada? – Martha chamou. – Venha até aqui, querida, sim? Minna?

Minna despertou com um ruído constante por trás das orelhas e os lábios ressecados e espessos. O espaço acima dos olhos doía, e a luz do ambiente só estava piorando as coisas. Rolou o corpo e sentou-se abruptamente na cama, aumentando a sensação de desconforto geral.

– Já levantei. Já... estou me vestindo.

Jogando as cobertas de lado, pisou descalça no assoalho frio. Faixas estreitas de sol vazavam pelas frestas das venezianas fechadas, que deixavam passar também os ruídos da rua movimentada lá fora. Abriu a janela e uma lufada de ar fresco atingiu seu rosto em cheio quando inspirou bem fundo. *Meu Deus*, pensou. *Há anos que eu não durmo até tão tarde assim. Vinho demais.* Minna já estava sabendo disso antes de ir se deitar na noite anterior. Esse havia sido o problema... vinho demais para todos eles. E não deixaria que *aquilo* se repetisse.

Normalmente teria escolhido um traje diurno comum, um conjunto de blusa branca com uma saia bem ajustada na cintura e que tivesse um caimento gracioso nos quadris. Mas hoje a ideia de ter que fechar todos os botões da blusa lhe pareceu insuportável. Tateou dentro do guarda-roupa até tirar de lá um vestido simples de sarja azul com um número bem menor de botões. *Esse vai servir*, pensou.

O quarto principal ficava logo ao lado do seu, e na noite anterior Minna tinha ouvido os roncos de Martha através das paredes enquanto se despia a fim de ir para a cama. Logo antes de pegar no sono, ela se lembrava meio vagamente de ter ouvido passadas pesadas passando pelo corredor.

Minna foi encontrar a irmã sentada na cama, cercada pelas suas agulhas e linhas e por exemplares de duas revistas conhecidas, a *La Vie Parisienne* e a *Illustrated News*. O lado de Freud estava com os lençóis esticados e frios, como se ninguém tivesse passado por ali ao longo da noite toda. As venezianas fechadas garantiam uma

ausência quase completa de luz solar no recinto. Assim que entrou no quarto Minna ouviu a porta do edifício bater lá embaixo. Ele estava de saída. Nesse mesmo momento, um choro insistente de bebê chegou pelos corredores. Martha puxou a corda da sineta de latão ao lado da cama e o tilintar desceu até a cozinha. Pouco depois, Edna, a criada encarregada do andar de cima, se fez ouvir do outro lado da porta.

– Senhora? – disse ela, enquanto tratava de esticar os lençóis de Martha e afofar os travesseiros do lado da cama que pertencia a Freud.

Edna era uma criatura de ossatura larga, bem mais alta que a maioria das mulheres, e que aos olhos de Minna lembrava a Sra. Squeers, personagem secundário mas inesquecível de *Nicholas Nickleby*. Ao contrário da Squeers de Dickens, entretanto, Edna nada tinha de cruel. Estava sem fôlego por causa das escadas, e precisou de um instante para se recompor. Só naquele dia, já havia acendido as lareiras, limpado as grelhas, levado água para todos os quartos, despertado as crianças e esvaziado as latrinas dos banheiros.

– A babá sabe que a menina está chorando? – Martha indagou.

– Sabe, sim, com toda certeza – respondeu Edna, empurrando uma mecha do cabelo de volta para dentro da sua touca branca engomada.

– E quanto às outras crianças?

– Martin continua com a garganta inflamada.

– E Sophie e Oliver?

– Estão começando a sentir dor de garganta também.

– Bem, pois trate de manter todos bem longe do meu marido.

Enquanto Minna escutava, Martha seguiu fazendo uma revisão metódica de todas as atividades do dia e dos sintomas de cada criança, e depois passou a organizar e coordenar as saídas para compras e tarefas das criadas, da babá, da governanta e da cozinheira. Minna sentiu sua cabeça girar. Ainda não estava habituada à confusão constante e ao ritmo frenético que imperavam na casa. Embora tivesse conhecido rotinas extenuantes quando trabalhara em outras residências, nunca tivera que lidar com seis crianças vivendo em uma delas.

Não era de admirar que Freud preferisse se refugiar no seu consultório, no andar de baixo. Era lá que ele passava a maior parte do tempo, e o ambiente tinha acesso terminantemente vetado a qualquer membro da família. A geografia ajudava a manter a proibição. A sala ficava um andar abaixo do apartamento onde vivia a família, mas poderia muito bem ficar do outro lado da cidade. Quando ele estava no consultório, ninguém podia perturbá-lo.

Martha continuava passando instruções a Edna, que de repente começou a dar socos nas próprias coxas com ambos os punhos fechados e jogou a cabeça para trás com uma careta.

– O que foi agora? – inquiriu Martha.

– É o meu reumatismo outra vez.

– Mas não era lombalgia?

– São as duas coisas.

– As duas. Sei. E mais o joelho ruim?

– E mais ele – confirmou ela, em tom de desafio.

– É doença demais, Edna.

– A senhora precisa de mais alguma coisa? – indagou.

– Era só isso. Mas não vá se esquecer das plantas. Elas têm que ser regadas exatamente às 11h.

Edna soltou um suspiro exagerado, depois saiu mancando enfaticamente do quarto e fechou a porta atrás de si. Uma expressão aflita passou por um breve momento pelo rosto de Martha, depois ela pegou sua cesta de trabalhos manuais e pôs-se a manipular com energia a agulha de crochê, movendo o gancho para dentro e para fora das carreiras de pontos. Como se houvesse espaço naquela casa para mais alguma toalhinha decorativa.

– Exatamente às 11h? – Minna quis saber.

– Ela sempre se esquece.

– Então deixa que eu faça isso.

– Você não precisa ter tanto trabalho. Essa mulher ainda vai me deixar louca, escute o que eu digo. Toda semana aparece com alguma novidade. Se ela reclamar de mais alguma doença eu a ponho no olho da rua de vez.

– É claro que você não vai fazer isso. Edna trabalha aqui há séculos – disse Minna, desdenhando da irritação da irmã com um

abandar da mão.

– Eu estou farta das queixas dela, só isso. Farta das dívidas. Do marido que tem outra. Da mãe doente. Da irmã que ficou sem emprego. Perco meu tempo consolando a mulher, até a hora em que vou me irritar de vez e mandá-la para a rua. Só para depois me sentir culpada, tenho certeza. Ninguém aguenta uma coisa dessas. Você me alcança um pano úmido, por favor?

Embutida nas palavras de Martha estava a constatação tácita que para as mulheres de sua época as únicas alternativas na vida eram ter que lidar com criadas ou ser uma delas. A experiência de Minna em todos os empregos que já tivera lhe mostrava que o mundo realmente se dividia entre servos e senhores, entre “nós” e “eles”. Mas que, sem ter um encaixe fixo nesse rígido sistema de castas, havia também postos como o de governanta e o de dama de companhia. Postos ocupados por mulheres, como ela própria, tipicamente solteiras e que existiam numa espécie de limbo social. Mulheres que muitas vezes eram oriundas das camadas mais prósperas da classe média, mas que devido a circunstâncias infelizes ligadas às finanças familiares ou ao seu estado marital se viam obrigadas a encontrar meios de garantir o próprio sustento.

Minna havia aprendido da maneira mais dura que levar uma existência assim era habitar a terra de ninguém do ambiente doméstico. Da parte dos criados, muitas vezes o que recebia era inveja, desdém e as acusações de que ela teria o nariz empinado demais para sua posição. A realidade era que ela trabalhava em troca de um salário como qualquer outro empregado doméstico e que mesmo assim era considerada pertencente a uma classe superior. Os seus empregadores, embora nunca a tratassem exatamente como uma criada qualquer, costumavam vê-la como uma refugiada de circunstâncias falidas, e que, portanto, também nunca seria digna de ser tratada de igual para igual.

Mas ali sua situação era diferente. Ali, afinal, ela era parte da família.

Minna pegou uma toalhinha que havia perto do lavatório, mergulhou-a na água morna e depois a entregou à Martha.

– Podemos mudar de assunto? Preciso lhe falar sobre Mathilde – pediu.

– Por quê? Ela está ficando doente também?

– Doente de tédio com os estudos, talvez. A menina anda completamente desinteressada. Embora eu tenha que dizer que aquela preceptora não ajuda a deixar a matéria nem um pouco atraente.

– Você poderia mandar trazer todas as preceptoras que encontrasse disponíveis desde Viena até Berlim, que nem assim Mathilde se animaria a estudar. E, de qualquer maneira, para que ela precisa de tantas lições de latim e de história?

– Você não está tentando me dizer com isso que a menina não deveria receber educação nenhuma, está? E, falando nisso, por acaso deu permissão para que ela fique apoiando os pés em cima da mobília? Porque, outro dia...

– É claro que não – interrompeu Martha. – Minha querida, estou com uma dor de cabeça infernal. Não consegui pregar o olho ontem à noite. Você pode pegar meu remédio, por favor? Está na segunda gaveta de cima, à direita.

Minna levou para a irmã o frasco azul-cobalto do xarope calmante Mother Bailey's, um dos analgésicos à base de láudano mais populares que havia no mercado e que, segundo ela, adquirira num dos seus antigos locais de trabalho, que era tão fácil de conseguir quanto um punhado de sal. Qualquer pessoa dotada de um cérebro minimamente funcional saberia que aquilo era puro ópio em forma líquida, e que, portanto, seria capaz de curar qualquer incômodo em questão de minutos: soluço, sífilis, bronquite, uma existência miserável. Uma das governantas que Minna conhecera costumava entornar doses e mais doses do tal xarope todas as noites depois do jantar como se fosse gim, e depois desatava a tagarelar sobre seus problemas pessoais por horas a fio. Pessoalmente, ela preferiria que Martha ficasse longe daquele frasco, e a perturbava saber que a irmã dava o xarope também às crianças. Bastava uma olhada no rótulo para perceber o caráter insidioso do produto. Nele, uma ilustração *a la* Médici mostrava uma mãe metida num vestido esvoaçante e segurando o seu bebê com

rosto de anjo. A expressão no rosto da mulher era pontuada por um sorriso enigmático e ela segurava uma seringa na mão erguida com o ar de quem estivesse prestes a dar para o filho uma inocente mamadeira de leite morno, e não uma dose de veneno.

– Você deveria tomar mais cuidado com isso – Minna disse. – Por que não toma um pouco de uísque? O efeito é o mesmo.

– Bobagem. Você sabe bem que isso não é verdade. E, além do mais, *todo mundo* toma o xarope calmante – disparou Martha, voltando a pousar a toalha úmida sobre a testa.

E nisso ela estava certa. Todo mundo *mesmo* tomava o xarope. Uma lista interminável de artistas e personalidades literárias desde a virada do século: Lord Byron, Keats, Edgar Allan Poe, Oscar Wilde, Sir Arthur Conan Doyle e Elizabeth Barrett Browning. Todos escreveram a respeito. Alguns morreram por conta dele. Até mesmo Florence Nightingale, a altruísta, havia experimentado as propriedades tranquilizantes do xarope. Se Minna não iria conseguir convencer Martha a jogar o frasco fora, poderia pelo menos tentar fazê-la limitar o seu uso.

– Mas você não deveria tomar isso de dia.

– Eu já lhe disse, não consegui pregar o olho à noite. Dê isso aqui.

– Está bem. Mas saiba que eu parei de dar a Sophie.

– Ora, francamente. Há meses que a criança não dorme uma noite inteira.

– Agora ela não precisa mais dele.

– Bem, mas eu preciso.

– O que Sigmund acha disso?

– Como eu vou saber? Ele só vive para o trabalho... E, além do mais, anda irritado demais ultimamente.

Minna ficou observando o rosto de Martha enquanto ela tomava mais uma dose do xarope. A pele tinha o tom acinzentado dos inválidos, com o cabelo sem viço grudado em mechas dos lados da cabeça. *Mas que diabo, ela está mesmo horrorosa*, pensou. *E por que não se incomoda com isso?* A irmã parecia muito mais cheia de vida antes de as crianças nascerem. Agora, era como se cada coisa que tivesse para fazer lhe parecesse tremendamente extenuante;

tudo demandava esforço demais. Às vezes ela era pura agitação e eficiência, e em outras se comportava quase como uma morta-viva. Voltando a recostar a cabeça no travesseiro, Martha soltou um riso seco.

– Eu gostaria de poder ajudar a acalmá-lo, mas ele não divide mais as coisas comigo. Simplesmente fica andando por aí, de mau humor. Você já viu.

– Não é bem isso que eu vejo, Martha. Você já tentou conversar com ele?

– Nas vezes em que tento fazer isso, ele fica logo exasperado. E, além do mais... há o tal estudo que está fazendo. Para ser sincera, não aguento nem ouvir falar disso. – Martha tirou a toalhinha da testa, inclinou o corpo para a frente e baixou a voz. – Aquilo para mim soa como pornografia...

– Em que sentido?

– Em todos os sentidos – respondeu ela, comprimindo os lábios.
– Tudo tem teor sexual. Ninguém nos círculos civilizados da sociedade discute esse tipo de tema. Às vezes eu me pego desejando que ele fosse um simples clínico de família à moda antiga. Seria muito mais digno.

Minna recordou do seu tempo de criança, quando a mãe, como a maioria das mulheres, evitava enfaticamente qualquer conversa sobre sexo ou mesmo sobre reprodução de maneira geral, e pensou na forma como Martha havia ficado traumatizada ao ter a sua primeira regra. A irmã tinha pensado que estava morrendo e descera as escadas de casa em disparada gritando pela mãe, enquanto essa lhe respondera calmamente que aquilo era só a “visita” que as mulheres recebiam todos os meses e tratara de lhe entregar uma toalhinha íntima. “Depois de usar você deve queimá-la”, instruiu. E foi apenas isso. Quando chegou a vez de Minna, ela não dividiu o acontecimento com a mãe.

Ficou olhando para a cabeça de Martha apoiada na cabeceira da cama, o braço caído flácido por cima do peito.

– Isso sem falar no fato de que alguns dos pacientes dele são perturbados demais. Eu não gosto nem de ter que cruzar com

aquela gente na entrada do consultório. Você soube do sujeito que literalmente tentou se matar dentro da nossa casa?

– O quê?

– Ele se atirou do alto da escada do edifício. Não conseguiu o que queria. Mas acabou provocando uma confusão e tanto, de qualquer maneira.

– Que situação mais incômoda para vocês.

– Eu que o diga – respondeu Martha, séria. Minna havia pensado que a irmã captaria o sarcasmo da sua observação, mas pelo visto isso não acontecera.

– Seja como for, não podemos negar a importância do trabalho dele – ela tentou contrapor.

– Isso é você que está dizendo. Por acaso já viu essa nova teoria que ele está dizendo que é essencial para todo o resto do seu trabalho? O tal complexo de Édipo? Não consigo nem repetir a descrição que ele faz da coisa. É indecência atrás de indecência.

Minna se lembrou de uma carta antiga na qual Freud havia feito menção ao conceito, mas sem se aprofundar muito. A teoria era baseada na peça *Édipo rei*, de Sófocles, e no mito a partir do qual o texto do dramaturgo havia se originado. Ela ainda se recordava dos pontos principais da trama. Um oráculo alertou o rei de Tebas, Laio, que se ele e a mulher Jocasta tivessem um filho a criança um dia mataria o pai e se casaria com a própria mãe. O casal, que acabou tendo um filho, tomou a decisão de levar o menino para abandoná-lo do alto de uma montanha, mas ele foi resgatado e criado como príncipe numa corte distante.

Ao crescer, o menino recebeu um alerta para que não voltasse ao seu local de nascimento. Mas um dia, acidentalmente, ele enveredou por um caminho errado, cruzou com o rei Laio e acabou matando-o, sem saber que se tratava do próprio pai. Ele seguiu então para Tebas a fim de resgatar a cidade do jugo da Esfinge. Lá chegando, casou-se ainda sem saber de nada com a mãe, Jocasta, e teve com ela quatro filhos. E havia sido a partir dessa narrativa vinda da antiguidade que Freud elaborara sua teoria de que todos os meninos nutrem desejo pelas suas mães e se ressentem dos pais, e que por

causa desses sentimentos eles vivem fustigados pela culpa, pelo ciúme e por impulsos de autodepreciação.

– Eu acho tudo perturbador demais – Martha disse, erguendo a mão para massagear a testa num gesto distraído. – De onde ele tira essas ideias tão bizarras? Quando eu penso nos meus próprios filhos, chego a sentir calafrios.

– Não sei... – falou Minna, com um meio sorriso nos lábios. – Essa tese certamente explicaria algumas coisas. Por exemplo: por que será que os homens acabam se casando com mulheres que se parecem com as suas mães?

– Você está insinuando que eu me pareço com Amalia? Isto não tem graça! – Martha ralhou.

O meio sorriso de Minna se transformara numa risadinha.

– Ah, Martha, onde está o seu senso de humor?

– Muito longe daqui, neste exato momento. Minha cabeça parece que vai explodir. Você quer me passar o frasco outra vez?

Minna sentou-se na beirada da cama e pegou o exemplar da revista de moda *La Vie Parisienne*. Enquanto folheava distraidamente as páginas, ela não conseguia parar de pensar no desdém com que Martha via a pesquisa do marido. Durante o período do namoro dos dois, ela costumava demonstrar pelo menos um interesse passageiro pelo trabalho de Freud. Em que ponto da história, Minna se perguntou, aquele sentimento havia se convertido primeiro numa ausência total de interesse, e depois naquela onda de hostilidade mal disfarçada?

Ela se deixou voltar em pensamento, como tantas vezes fazia, até a época em que Martha havia ficado noiva de Freud. E passeou pelas lembranças do período de quatro anos de noivado que viera em seguida, durante os quais o casal mal conseguia se encontrar. Martha e Minna haviam se mudado de volta junto com a mãe viúva para um lugarejo nos arredores de Hamburgo, enquanto Freud ficara em Viena terminando os estudos. Sendo aluno do curso de medicina, e tendo que viver à custa de empréstimos, era raro que ele conseguisse meios de ir visitá-las. E certamente não poderia se casar com Martha naquela situação precária. Isso estava fora de questão! Que vida eles teriam daquele jeito? Iriam viver num sótão

da casa de alguém, bebendo vinho tinto barato e jantando kugel todas as noites? Freud vivia desesperado com a própria situação e descrevia a si mesmo como “um sujeito jovem e pobre... um *schorrrer* tendo que viver à custa dos outros enquanto era atormentado por desejos ardentes”.

Enquanto enfrentavam tantos anos de privações e de separação, não era de admirar que tanto Martha quanto Freud tivessem criado ilusões sobre como as coisas seriam quando eles finalmente pudessem estar juntos. Ele a cortejava nas suas cartas com uma paixão arrebatadora e tenaz. Martha era o seu “anjo amado”, o seu “tesouro mais precioso”, a sua “bela dama, doce amada”, cheia de beleza e bondade, enquanto ele era o príncipe dela, o seu “amado maravilhoso Sigmund”.

Martha mostrava as cartas à Minna e também a todas as amigas, que se encantavam com as palavras ardentes de Freud. Nas raras ocasiões em que ele conseguia ir visitá-la, as duas irmãs se sentavam na sala de estar para ouvir seus relatos sobre a universidade, aquela “grandiosa instituição de ensino superior que recebe estudantes do mundo inteiro”, sobre os professores, verdadeiros “luminares nas suas áreas de atuação, cientistas do porte de Ernst von Brücke e Josef Breuer”, e sobre sua posição como “um dos melhores da turma”.

Martha se mostrava doce e encantadora, sentando-se em frente à Freud com as mãos cruzadas comportadamente no colo, mas as conquistas acadêmicas dele não despertavam seu interesse. Não que ela não se sentisse feliz pelo amado, claro. Já da parte de Minna, o que ele via, em quase todas as vezes, era uma inquietude temperada por entusiasmo calculado que a fazia se remexer o tempo todo nas almofadas e retorcer mechas do próprio cabelo. Não demorava para que ela se pusesse de pé e deixasse a sala para voltar em seguida trazendo uma bandeja com café e strudel, ou um prato de biscoitos com chá quente, e que começasse a tentar se intrometer o tempo todo na conversa dos dois, ávida que estava por fazer com que a irmã escutasse *de verdade* o que aquele jovem médico presunçoso tinha a dizer.

O som alto de uma porta batendo seguido pelo ruflar de passos apressados pelo corredor despertou Martha do seu torpor com um susto e fez Minna largar pela metade, um pouco relutante, um artigo fascinante que anunciava a morte definitiva das mangas gigot.

– Mãe! Não vou aguentar passar mais nem uma noite junto da Sophie! – declarou Mathilde, irrompendo quarto adentro. – Ela é nojenta, com aquela cama fedida, e acho que alguma coisa escapou por lá outra vez.

Martha ergueu a cabeça do travesseiro, fitou a filha por um instante e depois esfregou os olhos.

– Minha querida, não há outro lugar onde você possa ficar – sentenciou ela.

– Não há nenhum outro lugar *agora*, você quer dizer – Mathilde disse, lançando um olhar enfático na direção de Minna.

– Tenha calma, meu bem – fez Martha, afundando de volta na cama.

– Por que você não chama Edna para limpar a sujeira? E tente ter um pouco mais de paciência com a sua irmã – Minna acrescentou.

– Tente ter mais paciência com a sua irmã – atalhou Mathilde, numa cantilena zombeteira. – Falar é fácil. Por que *você* não vai dividir o quarto com ela? – soltou a menina, disparando porta afora como um furacão.

– Minna, vá até lá tentar pôr um pouco de juízo na cabeça dessa menina – murmurou Martha.

– Isso é só excesso de energia da idade – Minna disse. – E eu *realmente* fiquei com o quarto que era dela. Posso entender que Mathilde se sinta irritada. Quem sabe não a levo comigo na próxima vez em que for ao café? Para saborear um *apfelstrudel* ou qualquer coisa assim. O que você acha?

Martha estava deitada imóvel no escuro, embrulhada no seu casulo de acolchoados de plumas, com uma das mãos sobre o peito e a outra agarrada à agulha de crochê que agora deixara de lado o seu vaivém frenético entre os pontos da toalhinha decorativa. Minna passou mais alguns minutos sentada na beirada da cama, observando enquanto o rosto da irmã ia se desmanchando até

formar um meio sorriso doce e inebriado. Ela então alisou os lençóis, caminhou na direção da janela e abriu uma fresta na cortina pesada para deixar entrar alguns poucos filetes de sol. E ficou por ali, fitando a linha do horizonte lá fora. Hoje não haveria nenhuma ajuda da parte de Martha, pensou. Viu quando a irmã ganhou vida sobre a cama uma última vez antes de engolir a nova dose do xarope que cheirava a canela, lambendo ávida a colher como um gato se refestelando num pires de leite.

10

O contorno da lua crescente ainda estava à mostra por cima do amontoado de telhados da cidade quando Minna deixou a cabeceira da irmã. Foi tomada por uma urgência súbita de se desincumbir das suas tarefas todas antes da refeição do meio-dia, e se perguntou, muito rapidamente, se Sigmund estaria com sua agenda cheia naquela manhã. Sabia que ele costumava começar a atender os pacientes no consultório por volta das 8h, logo depois da visita diária do barbeiro, e que raramente voltava para casa antes do almoço ser servido. Mesmo assim, às vezes havia um ou outro horário livre na sua agenda. Minna voltou ao seu quarto para terminar a toalete matinal, passar um *rouge* no rosto e prender o cabelo. Arrumou a cama e já estava a caminho do andar de baixo quando encontrou Edna carregando uma trouxa com os lençóis ensopados de Sophie.

– A lavadeira só vem amanhã... Esses lençóis terão que ficar de molho – resmungou a criada.

– Sinto muito, Edna. Só tente se lembrar de, por favor, pendurar tudo lá fora, ou eles vão ficar pingando no chão da cozinha por dias – Minna disse.

– Já estava na hora de ter uma conversa com a menina... É muita trabalhadeira, isso!

– Não, não, não fale nada. Deixe que eu mesma converso com ela.

Pobre Sophie, Minna pensou consigo mesma. A criança não havia cometido nem um pecado nem nada. Talvez seja uma boa ideia ir buscá-la para levá-la ao banheiro algumas vezes ao longo da noite.

Minna seguiu pelo corredor e foi dar uma espiada no quarto vazio de Mathilde e Sophie. O colchão da cama da pequena estava exposto, e o ar recendia ao mesmo vestígio longínquo de urina que encontramos pelos becos mais escuros da cidade. Entrou um instante para abrir as janelas, depois começou a descer as escadas. Não haveria tempo de tomar um café, já passava das 8h. Martha costumava ir ao mercado cedo e gostava de escolher o arranjo de flores para a semana antes que as bancas estivessem cheias demais,

e portanto restava pouco tempo para Minna tentar adiantar algumas tarefas da casa. Tratou de molhar as plantas murchas e de aparência infeliz (pena, não eram 11h, mas elas não pareceram se incomodar com isso), cumprimentou a governanta, que não tinha um ar muito mais animado que o das plantas, e foi arejar a sala de estar, que continuava impregnada do cheiro dos charutos e salsichas servidas na noite passada. *Todos os odores estão muito fortes hoje*, Minna pensou. Ou talvez isso fosse o efeito das doses excessivas de vinho consumidas na noite anterior, acabou concluindo mais uma vez.

Uma manhã adorável e fresca de novembro aguardava por ela do lado de fora. Quando chegou ao patamar das escadas, a porta da sala de espera do consultório de Freud estava aberta, deixando-a avistar o vulto dele caminhando na sua direção pelo meio da fumaça de tabaco que toldava o ar. Obviamente, ele havia percebido antes que Minna estava descendo as escadas e se aproximou com um grande sorriso no rosto. Ela continuava se sentindo meio confusa com tudo o que tinha acontecido, mas decidiu agir como se a noite houvesse transcorrido de maneira absolutamente normal. Ele se escorou na parede, passou a mão magra pelos cabelos e por um momento pareceu um sujeito que não tinha nada melhor para fazer do que puxar conversa com a primeira pessoa que encontrasse pela frente.

– Meu Deus, como você consegue fumar assim tão cedo? – ela disse, abanando a mão diante do rosto. – Só de pensar na ideia, eu já... Você não passa mal?

– Não. Nunca. Infelizmente. Aonde você está indo?

– Vou sair para fazer umas compras. Martha não está se sentindo bem.

– Entre aqui. Só um instante. Quero lhe mostrar uma coisa.

Ela deu uma espiada para dentro da sala de espera vazia e estacou por um momento.

– Fique tranquila. Meu próximo paciente só chega daqui a meia hora. E você vai gostar disso. Sente-se.

Ela se acomodou na beirada de uma cadeira e ficou observando enquanto ele sumia dentro do consultório e voltava trazendo uma estatueta antiga na mão.

– É o meu amuleto mágico – disse, cheio de orgulho na voz. – Os antigos acreditavam que o dono dele seria agraciado com poderes sobrenaturais. – Ele prosseguiu explicando que aquela “beleza” era originária do Egito antigo. E a ergueu contra a luz para que Minna pudesse ver o sol refletindo no bronze. – Uma maravilha, não acha? O meu fornecedor teve que mover céus e terras para consegui-la. Só não comente nada com a Martha. Custou uma fortuna – concluiu, estendendo-a na direção de Minna com a mão trêmula como se estivesse segurando um ovo de Fabergé incrustado de pedras preciosas.

– É linda mesmo. Mas o que significam essas inscrições? – indagou ela, correndo a ponta do dedo pelos entalhes na base da peça.

– Ela é uma representação da deusa Sekmet, que com sua cabeça de leão tinha o poder de aniquilar os inimigos do deus Sol. Na verdade, tenho cerca de uma dúzia de peças assim, todas diferentes, originárias do Egito, de Roma, da Etrúria. Você quer ver as outras? Não? Não faz mal, nós temos pouco tempo mesmo. A minha favorita é um olho de Hórus, o filho de Osíris, que tem o poder de curar além de ser um amuleto de proteção. São todas figuras mitológicas, por isso me fascinam tanto. Descobri que a visão mitológica do mundo nada mais é do que a psicologia projetada na realidade externa.

– Como no mito de Édipo? – quis saber ela, levantando-se para devolver a estatueta. – Martha me falou sobre a sua teoria... – Minna parou por um instante, depois decidiu não mencionar que a irmã considerara a teoria obscena. – E lembrei que você já havia me falado do assunto há muitos anos nas cartas que nós trocávamos. Não fazia ideia de que continuava trabalhando no mesmo conceito.

– Pois continuo. Ele se transformou numa parte importante da minha pesquisa. Mas Martha não o entende, nem um pouco. Eu me arrependo de ter comentado com ela a respeito.

– Você não pode culpá-la, Sigmund. O assunto vai muito além do que qualquer pessoa discutiria numa roda de conversa civilizada.

– Mas a você ele não parece perturbar, obviamente.

– Não. Na verdade, achei a ideia fascinante – disse Minna. E, pela expressão no rosto do cunhado, ela viu que o comentário lhe havia agradado.

– Todos veem a história de Édipo como uma tragédia armada pelo destino – ele prosseguiu, encorajado pela atenção com que ela o ouvia. – Mas é muito mais do que isso. Ela representa o sonho primal da raça humana. Desde o dia em que nascemos, nosso primeiro impulso sexual é dirigido à figura materna. E nossos primeiros desejos assassinos são contra nosso pai. A lenda do rei Édipo simplesmente representa a realização dessas vontades de infância.

– Você acredita sinceramente que foi isso que Sófocles quis dizer com a peça?

– De certa forma, sim. A história fala das tentativas inúteis que o ser humano faz de escapar do próprio destino. Mas ela também pode ser interpretada como um questionamento moral e intelectual. Os personagens representam impulsos que são reprimidos, mas continuam presentes no nosso psiquismo. E o medo e a culpa gerados por eles podem ser a causa de *todas* as neuroses dos adultos... como uma nova lei universal.

– Que coisa extraordinária – soltou Minna, compreendendo pela primeira vez a importância daquela teoria. A reação da irmã havia sido emocional e superficial.

– Ser completamente sincero consigo mesmo nunca é uma coisa fácil, mas é fato que todos os meninos pequenos se apaixonam pelas suas mães e com o tempo acabam ficando com medo dos pais por temer uma punição por parte deles ou, pior do que isso, a castração. A cena em que Édipo fica cego simboliza o choque e a repulsa que os homens sentem ao perceberem que desejam suas mães...

Com Sigmund, nada era o que parecia. Muitas vezes, ele acabava por subverter tudo o que ela havia aprendido sobre algum assunto. Minna ainda tinha as compras para fazer na rua, mas seria capaz de ficar ali escutando as palavras dele durante horas.

Ele ficou parado, com os olhos fixos nos dela, inspecionando o seu rosto de uma maneira um tanto íntima. De repente ela se sentiu

desconfortável e receosa de que ele pudesse tocá-la ou pegar sua mão, e foi com alívio que ouviu os passos que sinalizavam que um paciente estava chegando.

– Eu preciso ir agora, Sigmund. Isto foi muito...

– Esclarecedor, eu espero.

– Isso. Esclarecedor – confirmou ela, caminhando a passos acelerados porta afora.

Os varredores haviam terminado seu trabalho, deixando temporariamente as ruas livres do esterco dos cavalos, das folhas secas e do lixo que certos desgraçados pouco civilizados atiravam das janelas dos seus coches. Minna vinha deslizando pelo calçamento de pedras com a agilidade de uma garota. Mal tinha chegado a ouvir o som pesado dos cascos dos cavalos até eles estarem tamborilando logo atrás dela. Então, tratou de sair do caminho depressa e quase foi atingida pela chuva de alpiste atirada por uma criança que estava a bordo da carruagem aberta. Toda a exaustão que consumia seus dias nos tempos de trabalho na casa da baronesa havia desaparecido. E seus pensamentos agora estavam ocupados com a lembrança dos sorrisos suaves de Sigmund, das conversas entre os dois. Os últimos anos haviam sido como uma morte em vida. Afogueada por uma onda de calor, Minna tirou a jaqueta do conjunto que usava e a pendurou no braço dobrado.

A brisa soprou os cachos da sua nuca. Depois que havia escolhido as flores de Martha, ela tomou num impulso a decisão de cortar caminho por dentro do Prater, cruzando com uma multidão de pedestres que circulavam levando nas mãos copos de chocolate quente, doces e embrulhos amarrados com barbante. O parque fervilhava de atividades – vendedores de rua anunciavam de pães quentinhos a coelhos vivos em gaiolas, e nas alamedas lotadas ainda havia mímicos, estudantes distribuindo panfletos, músicos, engolidores de fogo e manipuladores de marionetes. Damas elegantes singravam pelo meio da multidão em seus trajes de gola alta e chapéus extravagantes enfeitados com plumas, beija-flores, besouros e borboletas. Mas Minna não estava com espírito para admirar nenhuma dessas coisas. Não parava de pensar nele.

— **O**ra, Minna, mas que flores mais lindas – Martha disse. E depois sentou-se à mesa do almoço, ignorando uma briga ligeira entre Oliver e Martin a respeito de qual dos dois havia deixado as bolinhas de gude na escada da entrada e onde elas poderiam estar no momento.

– Quanto pagaram? – indagou Freud, olhando de sobrelance erguida na direção em que o vaso estava.

– É, quanto? – Martin ecoou.

Martha ralhou com o menino e não deu resposta nenhuma.

– Nós não precisamos ter flores frescas todos os dias – disse Freud numa voz amarga. – E você poderia *quem sabe* tentar ser mais comedida nos gastos.

As faces de Martha foram ganhando um tom rubro enquanto o marido seguia reclamando do preço da carne, das velas, dos doces de confeitaria e das despesas médicas com as crianças.

– E *você* poderia *quem sabe* comer frango em vez de carne de boi – interrompeu Martha com a voz uma oitava mais alta do que de hábito. – E, além disso, *quem sabe* poderia deixar de frequentar os seus fornecedores de antiguidades e as charutarias.

– Eu só estou tentando dizer que poderia ser bom tentarmos reduzir nossas despesas.

– Eu *já* faço isso, e mesmo assim você continua comprando suas peças antigas. Sempre aparece um dinheiro extra, não é mesmo, quando você procura bem.

Minna ficou sentada em silêncio, esmagada de culpa por conta das malditas flores. A sua vontade agora era de pisoteá-las. Na verdade, estava se sentindo um pouco chocada com aquela conversa como um todo. A sua mãe sempre havia considerado vulgar discutir a respeito de dinheiro. Ela jamais tocava no assunto, ainda que a vida da família fosse regida o tempo todo por ele. E, quando o tema por acaso surgia, era sempre numa referência a outras almas infelizes que por um motivo ou outro se encontravam em “circunstâncias desafortunadas”. No entanto, Minna começava a descobrir que ali naquela casa dinheiro era um assunto discutido abertamente. Sigmund não parecia o mesmo homem que ela vira mais cedo, ou mesmo na noite anterior. Ele agora se mostrava

austero e impaciente. Sem mais nenhum traço do seu lado carismático e romântico... Não, não "romântico", por que ela havia sequer pensado nessa palavra? Erudito era o que estava querendo dizer.

– *Tante* Minna, quando é seu aniversário? – Oliver quis saber, disparando a pergunta do nada. Louvado seja Deus pelo Oliver, o nosso pequeno Oliver tão imprevisível e tão excêntrico. Ela começou a adorar mais do que tudo aquelas intervenções aleatórias que o menino fazia.

– Dezoito de junho.

– Então você é de Gêmeos?

– Creio que sim. Desde quando você entende de signos? – Minna perguntou.

– Ah, sei tudo sobre eles. Planetas astrológicos, planetas anões, asteroides, nódulos lunares... Foi *Frau* Steinholt que me ensinou.

Freud soltou um suspiro pesado ao ouvir o nome da antiga governanta, que havia sido dispensada alguns meses antes.

– Mas você não acredita nessas coisas, não é mesmo, Oliver? – perguntou ele.

– Sabe, Sigmund – Martha interveio –, a astrologia está muito em voga ultimamente. Tenho uma amiga que se consultou com uma astróloga conhecida em Munique. E o trabalho da tal mulher tem impressionado a aristocracia da Baviera.

– Ora, então ela deve ser mesmo uma autoridade – respondeu ele, irônico.

– Pois é mesmo. Ela é incrível – empolgou-se Martha, sem perceber o tom diferente na voz do marido. – Parece que nessa consulta previu uma morte decorrente de intoxicação por frutos do mar, e depois disso minha amiga passou a tomar muito cuidado com a alimentação.

– E você acha que faz algum sentido, Martha – começou Freud bem devagar, numa voz arrogante e desdenhosa –, que um evento tão específico quanto uma intoxicação por ingestão de frutos do mar possa ser inferido a partir da data de nascimento de alguém?

– Dizem que as previsões dela são sempre certas – foi a resposta de Martha, sem se deixar abalar.

– Que credibilidade tem isso, prever o futuro de uma pessoa com base na data de nascimento? Essa gente não faz mais do que as ciganas que leem a sorte por aí.

Martha, silenciada pelo marido, começou a esmagar o repolho que havia no seu prato até transformá-lo numa papa. Não havia nem tocado na sopa de rabada, recusara a carne e agora, que Deus a ajudasse, o seu braço começava a não responder.

– Você sabia, Sigmund – arriscou Minna com delicadeza, tentando intervir na situação –, que no século XVI tanto Galileu quanto Nostradamus eram astrólogos? A astrologia, aliás, é um dos caminhos filosóficos mais antigos de que se tem notícia... ela foi usada como ferramenta até mesmo por Platão. É claro que depois que Galileu começou a usar o seu telescópio as coisas mudaram um pouco de direção, mas ainda assim... – Ela se deteve, com os olhos fixos em Martha. – Naquela época era impossível fazer uma distinção clara entre astrologia e astronomia.

– Naquela época, talvez sim. Mas isso foi há centenas de anos – ele retrucou.

– De qualquer maneira, ninguém tem certezas nesse campo – Minna argumentou. – Não se pode ter. A astrologia teve muitos seguidores famosos. Augusto, Constantino, vários papas e heróis militares... e até mesmo médicos.

– Eu não estou entre eles.

– Bem, mas Martha tocou num ponto interessante...

– Ah, não se incomode... Era só uma conversa à toa... – Martha disse, empurrando o prato para o lado com a mão trêmula.

– À toa mesmo – atalhou Freud.

– Espere aí – insistiu Minna. – Martha não está sozinha nisso. Eu mesma costumo acompanhar os ensinamentos daquele poeta francês do Modernismo, Jean Louis, de Kragenhof, que era um obcecado por astrologia. E que tinha a astrologia, aliás, como a base da sua carreira literária. No seu famoso *Discours de la Sortie*, ele reafirmou se tratar da mais pura das ciências, da única ferramenta possível para compreender os segredos do tempo e da alma.

– Os segredos do tempo e da alma? – ecoou Freud, inclinando o corpo para trás na cadeira para fitá-la. Ele cruzou as pernas e, pela

primeira vez, deu a impressão de que talvez tivesse realmente a intenção de ficar sentado à mesa com a família. A aparência tão impecável que ele ostentava – com o seu terno passado, a camisa engomada e a barba aparada – em contraste com a sua irmã, tão desarrumada, incomodava Minna. Martha havia trocado o robe que estava usando mais cedo por um conjunto de saia e blusa, mas pelo visto não se dera ao trabalho de escovar os cabelos nem de passar nada no rosto.

– Sim, através do uso dos mapas natais e dos trânsitos – explicou Minna.

– O nome de Jean Louis me é vagamente familiar – ele disse, com um sorriso ligeiro. – Não foi esse poeta que acabou cometendo suicídio num hotelzinho charmoso em Marselha?

– É, acredito que foi isso mesmo.

– E qual era mesmo a linha do seu trabalho?

Minna silenciou por um instante, vasculhando a sua memória.

– Bem, geralmente ele é apontado como um discípulo de Racine e de Descartes – falou, assertiva.

– De Descartes e Racine – Martha ecoou, mais confiante agora ao ver que a irmã havia encampado a sua causa.

– Ah, é mesmo – disse Freud, os olhos cravados em Minna como se ela de algum modo achasse que ele havia nascido ontem.

Ele pediu licença, levantou-se da mesa e, ao passar pela cunhada, inclinou-se casualmente chegando tão perto que ela pôde sentir o aroma almiscarado do vinho e do charuto no seu hálito.

– Quem sabe da próxima vez – sussurrou –, você consiga pensar em um nome mais criativo que o do cabeleireiro francês aqui do bairro para o seu poeta imaginário.

Minna não esboçou qualquer reação até que ele tivesse deixado a sala e, depois que isso aconteceu, abriu um sorriso acanhado que não dirigiu a ninguém em especial.

11

Nessa mesma noite, depois do jantar, Minna estava no lavatório anexo ao seu quarto soltando os cabelos quando ouviu as batidas ligeiras de Martha na porta.

– Posso entrar? – a irmã perguntou, sem esperar uma resposta para abrir. Ela estava usando uma camisola e trazia um copo cheio até a boca de solução de bicarbonato de sódio, que mal conseguia segurar firme na mão. Bastaria um esbarrão para ele se derramar inteiro.

– Aconteceu alguma coisa? – Minna perguntou, ao reparar na ruga que se formara entre os olhos da irmã.

– Não estou me sentindo bem, estou tonta. Será que você pode levar a bandeja noturna do Sigmund? Ela já está pronta, no balcão da cozinha perto do armário.

– Ah, Martha, será que a criada da noite não pode fazer isso? Não quero ter que descer lá a esta hora – disse ela, exausta e desesperada por uma folga.

– Ela teve que sair mais cedo por causa de uma emergência na família. Ou pelo menos foi o que me disse. Para ser sincera, acho que só estava farta das crianças. Até porque aquela mulher sempre detestou trabalhar nos finais de semana. E, de qualquer forma, você ainda está vestida e eu não. É só ir até lá e deixar a bandeja na mesa dele. Não vai levar nem cinco minutos.

Minna soltou um suspiro depois que Martha saiu. Ela voltou a entrar no banheiro para dar uma olhada nos olhos vermelhos, tentando domar da melhor maneira a massa selvagem de cachos dos cabelos. Martha *tinha* que ter lhe pedido para ir lá embaixo justo na noite em que ela estava exausta e horrorosa?

A primeira coisa que ela notou ao enveredar pela escadaria que levava ao consultório foi o cheiro impregnando o ar. O corredor recendia a charutos velhos, azedos, e a fumaça de sempre pairava por cima de tudo como uma nuvem tóxica. Minna deu umas batidas hesitantes na porta, equilibrando a bandeja na outra mão.

– Entre – falou ele, na sua voz grave de fumante.

Ela abriu a porta e espiou para dentro. Freud estava sentado à sua escrivaninha com os olhos pousados num caderno aberto. Um charuto aceso ardia apoiado num cinzeiro, e havia uma garrafa de vinho aberta perto dele. Ele estava em mangas de camisa, com o paletó pendurado nas costas da cadeira, e tinha os cabelos revoltos como se tivesse acabado de despertar depois de uma noite agitada. Ela viu os braços descobertos até os cotovelos sob as mangas arregaçadas da camisa, e as dobras do pescoço à mostra pela abertura do colarinho desabotoado. Essa visão a deixou ligeiramente nervosa enquanto tentava encaixar a bandeja entre duas pilhas de livros na mesa que havia ao lado da escrivaninha.

– Ah, é você – falou ele, erguendo os olhos para fitá-la. – Cadê a criada?

– Ela foi para casa. Martha me pediu para trazer seu jantar. Eu não queria incomodá-lo.

Ele continuou olhando para ela por um instante, depois recostou o corpo na cadeira.

– Você está com o cabelo solto... – falou com os olhos fixos, quase dissecando-a com o olhar. Ela puxou algumas mechas para trás e deu um sorriso tímido, um pouco envergonhada por ele ter reparado.

– Eu já ia me deitar quando Martha pediu que viesse. Não tive tempo para... me arrumar...

E ficou lá parada, sentindo-se ligeiramente deslocada. Minna sabia que ninguém entrava na sala de Freud sem ser convidado... Ela preferia que a irmã tivesse descido com a bandeja ela mesma.

– Sente-se – ele disse, tomando a bandeja da sua mão. Ele a pousou na escrivaninha mesmo, afastando apressadamente uma pilha de papéis, que acabou derrubando sem querer algumas das muitas estatuetas antigas alinhadas ali feito um exército em miniatura.

Minna procurou uma cadeira vaga. Ela se sentaria por alguns minutos, depois voltaria a subir.

As estatuetas estavam por toda parte, nas prateleiras, pelas mesas, no chão, num conjunto de estojos de vidro, e também amontoadas de qualquer maneira por todas as outras superfícies

disponíveis. Além disso, espalhados pela sala, havia diversos cinzeiros transbordantes de restos apagados de charutos. Minna sabia que Sigmund era um colecionador, mas não tinha noção de que sua paixão fosse tão intensa. E havia também as estantes de livros. Paredes inteiras de prateleiras repletas.

– *Video meliora, proboque, deteriora sequor* – disse ele. – “Eu vejo o melhor caminho e o aprovo; mas sigo pelo pior.” Publilius Ovidius Naso.

Um sorriso de reconhecimento brotou no rosto dela enquanto se sentava e tratava de ajeitar o cabelo.

– Ovídio, você quer dizer.

– Que declarou isso numa referência óbvia aos charutos, é claro – ele brincou, soprando no ar um filete de fumaça que a deixou com os olhos lacrimejando. – Coitado. Execrado por ser poeta, um crime pior que o de assassinato. Mas o sujeito conseguiu a proeza de ter se casado três vezes antes dos 30 anos de idade. Não se pode dizer que isso não seja um feito admirável.

Minna não conseguiu se conter e soltou um riso.

– Amor, poesia e adultério. Precisamos dar um crédito a ele. Nem que seja pelos seus desejos olímpicos.

Ele voltou a acender o charuto, dando tragadas curtas e sincopadas, depois começou a tossir alto já quase chegando a um estado de broncoespasmo.

– Minha nossa, Sigmund, por que você não para com isso?

– Eu já tentei montes de vezes... mas não consigo me concentrar sem eles. O tempo máximo que consegui ficar sem fumar foram sete meses. E fiquei impossibilitado de trabalhar nessa época. Totalmente incapaz. Refém da arritmia e da depressão.

– Um desastre...

– Exatamente – respondeu ele, chegando mais perto dela. – Mas quando faço uso da coca a compulsão pelo tabaco fica mais leve. É uma droga mágica. Cinco centésimos de um centígrama de *cocainum muriaticum* em solução de um por cento, a dose perfeita. Poucos minutos depois de tomar, já estou me sentindo confiante e quase eufórico.

– Eu me lembro do seu artigo sobre esse tema.

- Você leu?
- É claro que li. Você enviou para mim.
- Ah, é verdade. Eu me lembro.
- Não se lembra, não. Mas eu me lembro dos seus argumentos bastante convincentes sobre a utilidade da substância para tratar todo tipo de incômodo, de problemas digestivos, a fome, ou fadiga...
- Além do vício em álcool e em morfina.
- Mas, espere aí: nesse caso não teríamos apenas a substituição de uma droga pela outra?
- De maneira nenhuma. A coca não provoca nenhum efeito colateral físico. E, se usada com moderação, é bastante eficaz.
- Martha me contou que a deixa nervosa e desconfortável.
- Mas o que é que não a deixa assim? E, além do mais, por que você deveria dar ouvidos a Martha? Ela só experimentou *uma vez*. Na verdade – disse ele –, o que acontece é justamente o oposto disso. A pessoa sente uma calma e um contentamento quase delirantes, enquanto ao mesmo tempo se vê tomada por uma energia fantástica. Eu sou capaz de passar a noite inteira trabalhando. Por que você usa o cabelo sempre preso se ele fica tão bonito quando está solto desse jeito? O que acha de experimentar uma dose? – emendou, virando o rosto para encará-la, com os olhos argutos suavizando-se ligeiramente.

A mente de Minna estava acelerada. Seu instinto lhe dizia que ele havia começado a olhar para ela de uma maneira diferente, e o primeiro pensamento foi que deveria sair logo dali. Imediatamente. Ela só descera para levar a bandeja. Mas, se os primeiros pensamentos que nos ocorrem em geral são bastante razoáveis, nem sempre eles conseguem ser os mais persuasivos. E, para ser sincera, estava mesmo curiosa com relação à tal coca. Um pouco mais de contentamento viria a calhar na sua vida. E quem não gostaria de ganhar uma dose extra de energia? Sendo assim, ela assentiu com a cabeça, e ficou observando enquanto ele assumia um ar reverente para tirar um pequeno vidro azul da gaveta e o abria, pingando um pouco da solução nas pontas dos dedos e passando-a na parte interna das narinas.

– Basta passar no nariz, assim – explicou, enquanto lhe passava a solução viscosa e opalescente que exalava um cheiro forte de remédio.

Ela levou o frasco até perto da janela e voltou os olhos para um espelho de formato estranho que havia pendurado ali. Enquanto aplicava cuidadosamente a solução nas narinas, viu de relance no reflexo a imagem dele de pé junto à escrivaninha, observando-a.

– Nossa, mas isso arde.

– Só por um instante.

– E estou com um gosto amargo na garganta – ela disse, sentindo a traqueia coçar como se fosse tossir.

– Você precisa passar um pouco mais, talvez na outra narina – sugeriu ele com um ar solícito. E ela cumpriu aplicadamente as instruções, quase caindo em cima de uma imagem alada do deus Eos que ocupava uma cadeira perto da escrivaninha ao se sentar.

– Não estou sentindo nada – disse, entregando-lhe o frasco de volta. – Só uma ardência terrível na garganta. E uma dor nas têmporas. Não entendo por que você pode achar...

– Sim?

Minna passou a ponta da língua pelo esmalte liso dos seus dois dentes da frente. Foi tomada por um impulso urgente de se levantar e mexer o corpo, e por isso saiu da cadeira onde estava e atravessou a extensão da sala. E cambaleou ao fazer isso, tendo aquela sensação de descontrole que se tem ao pisar em falso num degrau de escada. A normalidade das coisas começou a se alterar. Aquilo *não era* não sentir nada.

– Estou com as gengivas dormentes. E a língua também.

Ele sorriu e deu uma baforada no seu charuto. E foi então que ela sentiu. A explosão, como uma onda que tomou conta do seu ser, cada vez mais forte, ganhando mais e mais poder, consumindo-a num momento único e magnífico de perfeição. Ela se sentiu invencível e completa. Maravilhosamente calma. Na verdade, a sensação era inexplicavelmente melhor do que qualquer outra que já sentira na vida, acompanhada ao mesmo tempo por uma concentração e um vigor extremos. Houve uma pontada aguda e repentina nos seios da face, e ela levou os dedos às têmporas. Ele

explicou que aquilo era a cocaína ativando o sistema límbico e fluindo pelo estriado ventral, pelo mesencéfalo, pela amígdala, pelo córtex frontal e pelo córtex pré-frontal. E tudo o que ela conseguiu compreender daquela torrente de termos médicos foi que a coca estava tomando conta do seu cérebro e deixando um rastro de puro prazer.

Até que, um instante depois, a mágica tinha terminado.

– Acabou – ela disse. – ...Eu acho.

– Às vezes – retrucou ele –, eu faço aplicações seguidas nas narinas. Pode ser um pouco excessivo, mas eu tenho muito trabalho que preciso fazer ainda hoje, e também acho que não lhe fará mal.

Ele apagou o charuto, aplicou mais uma dose e depois caminhou até onde Minna estava para lhe entregar outra vez o frasco. Dessa vez o ardor foi terrível, como se alguém tivesse derramado álcool puro em cima de uma ferida aberta. Ela teve um instante de pânico e levou os dedos em pinça até o alto do nariz.

– Estou com medo...

– Não tenha medo – ele disse, passando um dos braços em volta do seu corpo.

Quando a dor foi abrandando, voltou a sensação de dormência na boca, alastrando-se para os seus dentes, gengivas e lábio superior, depois descendo pela garganta e a deixando com dificuldade para deglutir. E dessa vez a sensação em onda chegou ainda mais depressa. Houve um calor descendo pelas coxas e enviando línguas de fogo para suas faces, lábios, ombros e fronte. Num instante ela estava sólida, plantada no chão. No outro, tudo flutuava. Minna jogou a cabeça para trás, apoiando-a no ombro dele, quase numa prece.

– Meu Deus, quanto tempo dura isso?

– Foi uma dose moderada... Vai passar – disse ele numa voz que era puro vinho do porto e veludo, com os próprios olhos semicerrados.

Ela se afastou e ficou olhando enquanto ele passava uma nova dose nas narinas e pegava uma pequena estatueta egípcia da escrivaninha para começar a acariciá-la de leve.

– Ísis, a esposa-irmã de Osíris. Curioso... – ele disse, mexendo na figura pousada na palma da mão, para em seguida fechar os dedos à volta dela. Depois pôs-se a arrumar um conjunto de estatuetas na prateleira que havia atrás de si. E reparou que ela o observava, cheia de curiosidade. – Começou como um hobby apenas, você sabe. Mas logo eu estava tomado pelo vício. Agora, poderíamos dizer que colecionar essas estatuetas tornou-se uma forma de amor, algo que canaliza a minha libido excedente para uma coisa inanimada.

Libido excedente?, pensou Minna consigo mesma enquanto, com os olhos colados às peças da prateleira, imaginava uma górgona de forma fálica envolta por serpentes que havia no meio delas ganhando vida e descendo para o meio da sala pronta para incendiar paixões sexuais.

– Seja como for – prosseguiu ele, sem fazer ideia dos delírios que a coca estava produzindo em Minna, –, elas estão ligadas ao meu trabalho. Gosto de me ver como um arqueólogo da mente.

Caminhando até uma das estantes, ele puxou um volume grosso encadernado em couro.

– Você já leu este aqui? – perguntou, entregando a ela o livro cuja lombada dizia *História da cultura grega*, de Jacob Burckhardt. – Eu sou louco por ele. Mitos e religiões primitivas. Fico mergulhado nas histórias até as três da madrugada.

Ela ficou observando em silêncio enquanto ele escolhia um charuto novo na caixa de cedro, cortava a ponta, acendia a outra extremidade e o girava lentamente entre os dedos. E em seguida ele começou a falar sem parar, e a fumar sem parar, passando de um assunto a outro para em seguida voltar ao primeiro, até que parou abruptamente.

– Como você está se sentindo?

– Eu estou ótima... me sentindo leve... quente...

– E satisfeita?

– Sim, muito...

– É fenomenal, não é mesmo? E tem tantas utilidades... Eu prescrevo para meus pacientes para tratar depressão, melancolia e também... – continuou ele, acrescentando, quase como se fosse um

adendo menor: – E ela é também um afrodisíaco poderoso. Às vezes... nem sempre, é claro, mas algumas vezes, a coca provoca um estímulo nos genitais.

Minna remexeu nervosamente numa das mechas do seu cabelo. Ela estava se sentindo inebriada, mergulhada em uma sensação de autoabsorção e, agora que parava para pensar no assunto, de desejo também.

– Eu tenho uma curiosidade – comentou ele, fitando o perfil gracioso de Minna. – Você nunca experimentou isto com Ignaz?

– É claro que não. Ele nunca chegou sequer a sugerir.

– Pois deveria ter sugerido. Seria um meio de ter parecido mais interessante.

– Ignaz *era* interessante.

– Ah, sim. *Muito* interessante. Quando não estava discorrendo sobre os pormenores do idioma sânscrito, ficava sentado inerte como um morto-vivo.

– Não seja injusto. Admita, você nunca gostou dele.

– Isso não é verdade. O que a faz achar uma coisa dessas?

– Você não se lembra da carta que escreveu?

– Que carta? – ele perguntou com ar inocente.

– A suposta carta de condolências que você me enviou na ocasião da morte de Ignaz, me dizendo que eu ficaria melhor sem ele e que deveria cortar relações com a sua família e queimar toda a correspondência que ele me enviara – falou ela, tomando um gole da bebida do cunhado.

Ele ficou em silêncio por um momento.

– Ah. Essa carta.

Com um ar pensativo, tirou mais um charuto do estojo e começou novamente o ritual de cortar, enrolar e acender. Minna ficou observando, à espera de uma resposta mais completa. Até que ele finalmente começou a fumar.

– Seja como for – falou, soprando a fumaça com exuberância –, você e Ignaz a essa altura já estavam, para todos os efeitos, afastados.

– Foi ele que lhe disse isso?

– Ele não precisaria me dizer. Era claro para todo mundo que a relação de vocês havia esfriado. Que você havia esfriado.

– Eu era *loucamente* apaixonada por ele.

– Loucamente?

– *Louca, completa e devotadamente* – ela disse, tomada agora por uma ânsia estranha de tocar o homem que estava de pé à sua frente. Horrorizada, ela atravessou a sala para ir se postar o mais distante possível dele. Podia sentir a pele ardendo por baixo da blusa.

Ele a observou, e ficou pensativo um instante.

– Aceita um vinho, minha querida? – indagou, com os olhos brilhantes fitando-a diretamente.

Minna fez um sim com a cabeça e puxou um lenço do bolso da saia para enxugar o nariz que escorria. Uma camada fina de suor surgiu no seu rosto, e ela percebeu o coração bater mais acelerado que o habitual. Minna não fazia ideia de que a coca poderia provocar esse tipo de efeito. Ela precisava se controlar.

Arriscando uma caminhada até a estante dos livros, ela passou a mão pelas lombadas largas, e de repente se encheu de alegria pensando em toda a riqueza que estava guardada ali. A sensação era de que poderia pegar o livro que quisesse e ler sem parar noite adentro, até a manhã seguinte e a próxima e a outra também. Seus olhos voavam de prateleira para prateleira enquanto tentava registrar todos os títulos que via. Seria de esperar que houvesse apenas compêndios de medicina, mas a biblioteca dele estava cheia de livros de arqueologia, história, arte, religião e filosofia.

Daquelas prateleiras, transbordavam histórias bizarras e fabulosas, fantasias, mitos, peças, lendas e romances. Shakespeare, Goethe, Twain, Milton, Homero. Só de heróis trágicos, havia multidões. *Hamlet, Macbeth, Dr. Fausto, Édipo rei*. E também histórias de detetives, aventuras, histórias que exploravam os continentes desconhecidos da alma humana. Os livros eram escritos em alemão, inglês, francês, italiano e espanhol, todas as línguas que ela conhecia e falava fluentemente.

– Se eu fosse dona da sua biblioteca, passaria dias arrumando e rearrumando os livros. Primeiro, organizaria em ordem alfabética de

acordo com os assuntos...

– Eu já fiz isso.

– Hum, então depois eu arrumaria por autor... Ou por ambas as coisas. E faria uma seção separada só para esses volumes que não se encaixam, os que são altos demais para as prateleiras.

Ela girou o corpo e viu que ele tinha os olhos fixos, encarando-a.

– Por falar nisso, você ainda tem aquele Thomas Carlyle que eu lhe emprestei? Foi há muitos anos, quando você e Martha estavam noivos. Está lembrado? – perguntou ela.

– Vagamente...

– Não tem importância. Só perguntei porque, com o passar dos anos, fui tendo que me desfazer da maioria dos livros que tinha...

– Eu lhe dou um dos meus... – ofereceu ele, caminhando na direção dela.

– Seria muita gentileza sua, mas eu não poderia aceitar. Você já pensou, Sigmund, que vivendo cercada por todos esses livros uma pessoa não precisa ter nenhum amigo?

– Não precisa? – perguntou ele, com um ar divertido.

– Não mesmo. Aliás, se eu fosse dona desses livros todos, não sentiria nem a necessidade de ler um por um de verdade. Ficaria só olhando para eles e me deliciando por constatar a pessoa inteligente que eu seria.

– Mas você é uma pessoa muito inteligente, minha querida – falou ele, afastando suavemente os fios de cabelo que caíam no rosto dela para depois pousar os dedos na curva do seu pescoço. O toque dele a deixou perturbada por um instante. Ela poderia arrumar explicações e justificativas lógicas para os efeitos provocados por todos os outros aspectos da proximidade entre os dois: a voz dele, os olhos, a maneira como ele a olhava quando achava que não estava percebendo. Mas o toque quente da sua pele na dela era diferente. Uma sensação física pura, da qual não havia como escapar. Uma onda de desejo tomou conta do seu corpo e ela espanou a mão dele para longe, tentando dissipar o efeito que ainda se fazia sentir depois da saída dela. Meu Deus. Minna torceu para que aquilo fosse efeito da coca.

Aproximando-se de outra estante, ela puxou um volume surrado de couro marrom. Freud lhe serviu uma taça de vinho e deu uma espiada para ver que livro era.

– A transcrição de Platão das ideias de Sócrates. Ele forçava as pessoas a se confrontarem com elas próprias, como eu faço. O termo em latim para isso é *elenchus*, um inquérito ou interrogatório minucioso. Mas eu constatei que meus pacientes só fazem as perguntas para as quais eles já têm as respostas. E é nesse ponto que o meu caminho se afasta do de Sócrates.

– Você então diverge do grande Sócrates?

– Os grandiosos também podem ser questionados. Qualquer um pode ser questionado. Só assim nós conseguimos obter respostas. E todas as pessoas querem respostas. Todas com exceção da minha esposa, é claro – disse ele, mexendo furiosamente um peso de papel que havia na escrivaninha. Uma ruga de irritação surgiu na sua testa. O humor dele mudava só de pensar nela. – Martha é o exemplo típico da pessoa que não busca por respostas porque não tem questionamentos. E como alguém pode ser assim, eu lhe pergunto? Como pode uma pessoa não ter questionamento nenhum? À exceção de tudo o que diga respeito aos nossos filhos, é claro. Mas, bem, nem nesse aspecto ela chega a se questionar. Se estão doentes, o que faz é chamar o médico. E eles estão sempre doentes. Não me lembro de nenhuma época em que pelo menos um deles não estivesse doente. São dores de garganta, ataques de escarlatina, rubéola, caxumba, coqueluche. Já tiveram tudo o que você possa imaginar, menos varíola e a peste. Mark Twain escreveu certa vez que o seu lar tinha “um coração e uma alma, e também olhos para olhar por nós com... paz, graça e bem-aventurança”. Como será que deve ser ter uma casa assim?

A fala dele saía em jorros rápidos, frenéticos, com a intensidade de um adolescente cheio de energia, à medida que a conversa ia se tornando cada vez mais elíptica.

Minna observou em silêncio enquanto ele girava o charuto aceso na boca. A comida ficara na bandeja, intacta. Uma salada fria de arenque, quadrados pequenos de pão preto com manteiga, queijo e um salsichão.

– O *elenchus* das coisas. Questionar. Isso torna as pessoas mais felizes, quem sabe até mais virtuosas. Foi por isso que Sócrates preferiu a morte a ter que silenciar suas perguntas. Não que eu esteja sugerindo o mesmo para Martha. – Ele abriu um sorriso irônico enquanto aplicava um pouco mais de coca nas narinas. – Veja só, eu recorro à coca, e Martha, ao ópio. Ela tem os motivos dela, eu tenho os meus. Eu uso para trabalhar, ela usa para tudo. Eu não interfiro na lógica dela, ela não interfere na minha.

Ele parou abruptamente e a olhou, parecendo indeciso, sem saber se devia ou não continuar.

– Você percebe a situação que temos aqui? – ele disse baixinho, com a voz embargada por um instante. – Vivo sozinho numa casa cheia de gente.

Alguma coisa na sinceridade da revelação dele a fez ter vontade de desviar os olhos. A confissão repentina deixou Minna se sentindo desconfortável. O pensamento que lhe ocorreu foi que todas as normas de etiqueta haviam sido suspensas, e que ela estava ouvindo coisas que preferiria não ouvir. Mas a fumaça exalava um aroma doce, quase nostálgico. E o vinho estava espetacular. Ela ia dizer alguma coisa importante, talvez lançar-se em defesa da irmã, mas então perdeu completamente o fio da meada e viu sua mente boiar solta no espaço.

– O Oráculo de Delfos. “Conhece-te a ti mesmo”. Era nisso que Sócrates acreditava – ele prosseguiu. – Você sabia que ele foi o primeiro a afirmar que os nossos sonhos não eram soprados pelos deuses? Trazer a filosofia para o plano terreno: esse foi o seu grande feito.

É assim que ele fica quando está falando aos alunos, Minna pensou. A cabeça projetada para a frente, os olhos tão escuros e brilhantes que pareciam quase teatrais. Ela voltou-se para examinar uma estatueta etrusca que representava a figura de uma esfinge, metade mulher, metade leão. E então falou com uma ousadia que chegou a surpreender a si própria.

– Sabe – disse –, Sócrates era um artista e um talhador de pedras. Era isso que ele fazia. E há quem acredite inclusive que nem *existiu* Sócrates nenhum. Que talvez Platão tenha inventado a figura

dele apenas para encaixar aspectos da sua própria filosofia. Afinal, não existe qualquer registro verdadeiro de palestras ou aulas que Sócrates tenha de fato ministrado, ou mesmo de seus textos escritos. Assim, como se fosse uma marionete de Platão, ele simplesmente levantava questões. Certamente eram questões profundas sobre ética e sobre virtude. Mas quem garante que ele sequer tenha existido?

Ele lhe lançou um olhar inquisitivo por um instante, e então ela sentiu. Houve uma mudança imperceptível no ar da sala. Como se tivesse acontecido um entendimento mútuo. Como se os dois estivessem partilhando um momento significativo, uma percepção de que o que estava acontecendo ali era importante. Como se alguma coisa tivesse se encaixado. Ou talvez fosse só o efeito da coca.

– E quem garante que não tenha? – devolveu ele. – Mais vinho?

– Talvez Platão tenha tomado certas liberdades – argumentou ela, estendendo a taça. – Obrigada. Minha boca está tão seca! Ele era um dramaturgo, você sabe.

– Bem, para mim não faz diferença se Sócrates realmente existiu ou não. Isso não é o mais importante, é? Ele pode ser uma figura idealizada, como Deus. Eu também não falo com Ele. Não peço a Ele favores à toa. É Martha quem faz isso. Ela é a religiosa da família. Embora eu comemore, sim, o Natal. E a Páscoa também.

Ele abriu um sorriso maldoso, e Minna ficou pensando na rígida criação ortodoxa que ela e Martha haviam recebido e no seu avô, o velho rabino de Mainz, que se ouvisse aquelas coisas ficaria no mínimo furioso – isso se não tivesse um ataque apoplético e morresse na mesma hora.

– Como pode comemorar essas datas? – perguntou ela, tomando um gole do vinho. – Você é judeu.

– E você acha que serei punido por isso? Que serei fulminado na flor da idade?

– Você é um herege então, Sigmund? – ela provocou.

– “Eu sou capaz de entender o impulso assassino, mas não entendo a devoção religiosa”, Arthur Schintzler – citou ele, soltando um riso irreverente.

– O escritor dos escândalos.

– Claro, isso faz parte do encanto dele. E você deve saber que a maior parte do trabalho era autobiográfico, certamente.

Freud tragou o charuto com um prazer ampliado. – Ah, como é bom fumar outra vez! Não sei por que fui tentar largar... Sete meses sem ter nada quente entre os lábios.

– Autobiográfico? – reagiu Minna. – Mas os personagens masculinos são todos frios demais. Trocam de amante a cada semana.

– E ele tem justamente essa reputação... E é famoso inclusive por contabilizar os orgasmos que alcança – acrescentou ele, avaliando cuidadosamente a reação dela. – Mantém um diário só para registrá-los.

– É mesmo? – soltou ela, a curiosidade afogando qualquer pudor que pudesse surgir.

– É, sim. E eu soube que já registrou mais de quinhentos só este ano. O sexo ocupa na vida dele o mesmo espaço que os charutos ocupam na minha.

– Quinhentos. Será possível uma coisa dessas?

– Ah, certamente é possível.

– Você tem conhecimento de algo assim?

– Não diretamente, é claro, apenas como caso clínico.

– É claro – Minna repetiu, sentindo-se ligeiramente tonta e desconfortável.

– É que... Bem, Martha e eu estamos vivendo em abstinência – disse ele –, e sendo assim imagino que você vá entender por que eu voltei aos charutos.

Minna tentou manter uma expressão impassível enquanto o observava sorver elegantemente uma última tragada do charuto e depois exalar a fumaça lentamente. Ela sentiu uma corrente gelada de ar repentina, e nem a coca foi capaz de disfarçar sua surpresa diante dessa revelação. A sala ficou carregada por uma sensação inexplicável de perigo, e uma onda de medo tomou seu corpo de assalto. Minna colou os olhos na parede ao fundo da sala e encerrou polidamente a conversa com a desculpa esfarrapada de que estava exausta. Com a cabeça em chamas, saiu aos tropeços do consultório dele.

Depois de tantos anos de convivência, ali estava o que ela acabara de descobrir naquela única noite. Ele era um homem infeliz. E homens infelizes são perigosos.

12

Minna estava tendo aquele mesmo sonho outra vez. Alguém dormia ao seu lado, com o peito colado às suas costas, o braço passado suavemente em volta do seu quadril. Ouviu a respiração lenta e pausada enquanto ele entrelaçou as pernas nas suas e descansou a cabeça na curva do seu pescoço. E ele se aproximou mais, com o calor do seu corpo passando através do tecido da roupa e engolfando Minna numa onda morna de desejo.

Mas a sensação durou pouco. Um desconforto se abateu sobre ela, um instante de uma ansiedade inexplicável, até que enfim viu o seu rosto. Era Ignaz. O efeito foi vívido e imediato. Houve um aperto súbito no seu peito, uma pontada de dor enquanto ela levava a mão até a altura do coração. Lentamente, Minna ainda tentou tocar nele, e a mão só encontrou o vazio e a escuridão.

Despertou num susto. Gradualmente, seus olhos foram se habituando à falta de luz no quarto. Uma dor latejava nas têmporas e seu nariz estava congestionado. Da noite passada, ela se lembrava de que havia subido as escadas e mal dera conta de desabotoar as botas e tirar a roupa antes de desabar na cama como morta. Continuava exausta, mas com medo de voltar a dormir. Seus pensamentos vagavam da lucidez da consciência para o espaço cinzento dos sonhos, para aquela confusão de acontecimentos passados e presentes misturados de maneira ininteligível. Nesses anos todos, já tivera o mesmo pesadelo outras vezes, e ele sempre a deixava nervosa e se sentindo vulnerável. Às vezes acordava sentindo um impulso de trancar todas as portas e janelas, como se houvesse alguém à espreita na escuridão. Em outras noites, ficava simplesmente deitada, quieta, ansiando pela chegada do dia. Mas não havia contado nada disso a Sigmund, obviamente. O que ela havia *de fato* contado a ele? A noite anterior se transformara num borrão na sua mente.

Minna se levantou, tirou a camisola de flanela encharcada e abriu a janela estreita do seu quarto. O cabelo estava coberto de suor, e os músculos na base das suas costas pareciam retesados. Vestiu o robe, envolveu os ombros num xale e olhou para fora, na direção do

canal. O dia, uma mancha rosada acima do céu de Viena, mal havia começado. Para o norte, uma série de cruzamentos brilhava como se cada um fosse capaz de segurar a chegada da manhã, e dos postes de iluminação emanavam halos de um alaranjado suave. Estava fazendo um frio cortante, a quentura incomum do ar havia desaparecido. Placas de gelo haviam começado a se formar na superfície do Danúbio. Dali a mais um mês, o rio estaria completamente congelado para esperar a primavera.

Minna ficou de pé como uma sentinela, perguntando-se por que continuava sonhando com Ignaz nove anos depois da morte dele. Talvez tivesse sido por conta da discussão com Sigmund na véspera. Ou talvez fosse só culpa mesmo. Ela não havia visitado o noivo, nem mesmo nos seus últimos dias, quando ele já estava morrendo por causa da chamada peste branca. Assim que descobriu que estava tuberculoso e precisou deixar a universidade, Ignaz havia assumido um ar de melancolia digna, e passou a lhe escrever cartas cheias de trechos de filosofia ou poemas roubados de Immanuel Kant ou Joseph Butler. Mas depois ele foi se tornando cada vez mais irritado e ressentido, e as cartas lacônicas que enviava do sanatório lhe diziam para não tentar ir até lá visitá-lo. E, sendo assim, Minna ficara em casa. Ela deveria ter ido. Sigmund dissera que os dois pareciam já afastados, mas isso não era verdade. Ignaz só agira daquele jeito porque estava desequilibrado por causa da doença. Afinal, quem é que deseja morrer sozinho?

Minna esfregou uma mão na outra e ficou olhando a respiração se condensar em nuvens opacas de vapor. Seus pés e suas mãos estavam começando a ficar dormentes de frio, e ela sentia um travo amargo na garganta. Depois de acender o carvão do aquecedor, bateu embaixo da cama atrás da garrafa de gim e fez um gargarejo com a bebida antes de cuspi-la no lavatório. Estava desesperada por um bom banho. E, embora Martha desaprovasse os banhos àquela hora – porque o aquecedor a gás era barulhento demais, e também porque costumava provocar pequenas explosões de tempos em tempos – Minna encheu a banheira e mergulhou o corpo na água quente.

Enquanto sentia a água molhar a pele, tratou de espantar as vozes que, matraqueando sem parar na sua cabeça, esmiuçavam as implicações e consequências do seu comportamento na véspera. Minna sempre vira a si mesma como uma pessoa de altos padrões morais e um senso de decoro que lhe era natural. E agora não estava conseguindo evitar a sensação de que o que havia acontecido na noite anterior fora no mínimo inadequado, para não dizer indecoroso. Será que havia se comportado como musa ou como um Judas? Teria sido mesmo capaz de uma atitude assim? A culpa – essa emoção sempre indesejada – tomou conta do seu ser como uma ressaca pesada.

De repente surgiu-lhe uma urgência de repassar mentalmente todos os detalhes, desde o instante em que havia pisado no consultório até a sua saída atabalhoada porta afora, horas mais tarde. Para começar: ela havia pousado a bandeja na escrivaninha ou fora ele que a tomara da sua mão? E, em seguida, ela tomara a iniciativa de se sentar sozinha ou ele havia feito um convite para que ficasse? Em que momento ele oferecera a coca? E por que ela não havia simplesmente recusado a oferta?

E, continuando: depois de ela ter experimentado a coca pela primeira vez, ele lhe oferecera uma segunda dose ou ela de alguma maneira dera a entender que queria mais? E quem havia tocado no assunto de Martha pela primeira vez? Fora ele. Disso Minna tinha certeza. Mas não havia demorado para começar a falar mal da esposa. E por que ela não tratara de defender a sua irmã? Porque tinha ficado com vergonha. Isso só podia ter sido um efeito da coca. A situação toda havia sido completamente atípica. Ela não era o tipo de pessoa que se deixaria ficar daquela maneira no recinto privado de um cavalheiro, engajando-se em conversas íntimas com ele e partilhando doses de coca como se nada fosse. Nem mesmo que fosse apenas pelo seu efeito medicinal.

De todo modo, não eram as coisas que ela havia *feito* que mais a incomodavam agora, mas sim o que estava *pensando*. E o que Minna estava pensando era que Sigmund havia sido muito envolvente no seu modo de se portar. E que ela havia deixado evidente demais o seu agrado.

Nesse momento, começou a ouvir o som familiar de passos fortes pelo corredor, que pareceram se deter ao chegarem à porta do seu quarto. Com a respiração suspensa, Minna esperou. Será que ele teria a *ousadia* de entrar? O barulho do aquecedor obviamente devia ter acordado Sigmund. A porta do quarto estava fechada, mas ela deixara a do banheiro aberta. Mergulhando a cabeça na água, tratou de esperar até que os passos voltassem a seguir seu caminho corredor afora.

Nessa manhã, Minna não mostrou o mesmo esmero de sempre com sua aparência. Geralmente costumava escolher vestidos de cores claras para o dia, mas hoje vestiu um conjunto de lã escura de corte reto e austero, o mesmo que costumava usar para acompanhar a antiga patroa em suas idas à paróquia local. E nada de lábios ou faces pintadas. Ao passar na frente do espelho reparou nas manchas escuras em volta dos olhos e decidiu que não olharia mais para a própria imagem até o fim do dia.

Antes que Minna conseguisse sair do quarto, Martha surgiu à sua porta. A julgar pelo ar cansado da irmã, parecia que o dia estava no fim, e não começando. O seu cabelo estava preso para trás, e pequenas gotas de suor emergiam na testa. A blusa estava bufante, a barra quase saindo do cós da saia já toda amarrotada.

– Você já se arrumou? – indagou ela.

Minna havia esquecido que era o seu dia de levar as crianças ao parque.

– Quase – respondeu, enquanto enfiava as travessas para prender os cabelos. – Eu estava só...

– Bem, pois trate de se apressar. Acho que vou com vocês. Sigmund só vai aparecer em casa na hora do jantar. Ele está *tomado* de trabalho na universidade. E, por falar nisso, obrigada por ter levado a bandeja para ele ontem. Eu não suportaria ter que me arrastar escada abaixo mais uma vez.

Nesse momento, ocorreu a Minna que ela devia contar à irmã sobre o que acontecera na véspera. Não atribuir a devida importância ao que se passara no consultório seria enganar Martha. E isso estava totalmente fora de questão. Mas e se Minna estivesse *mesmo* exagerada na sua reação? Durante a palestra na

universidade, Freud adotara uma postura muito semelhante à que tivera no consultório. Ele se mostrava encantador e divertido, para logo depois assumir um ar intenso e dramático – as referências literárias, o humor, estava tudo lá, compondo a sua figura confiante e cheia de energia como professor.

Um sujeito capaz de explicar tão a fundo a alma humana... Talvez nada do que havia se passado na noite anterior tivesse sido dirigido a ela especificamente. Talvez aquele fosse apenas Freud sendo o mesmo Freud de sempre.

Decidiu então apenas mencionar casualmente que havia ficado um tempo no consultório de Sigmund depois de lhe entregar a bandeja.

– Eu não fazia ideia de que ele tinha uma biblioteca tão completa lá embaixo, nem que havia toda aquela pilha de estatuetas... bem, não exatamente uma pilha, longe disso, mas todas aquelas peças de antiguidade espalhadas por toda parte... – Minna fez uma pausa, como se tivesse esquecido de repente o que pretendia dizer, e logo foi obrigada a notar a secura de giz que tomou conta da sua boca. – Mas, seja como for, eu acho que acabei perturbando o trabalho dele. E queria lhe dizer que pretendo ser mais atenta a isso nas próximas vezes, caso ele porventura comente com você sobre a minha intromissão de ontem.

Minna sabia que não estava dizendo a verdade. Foi ficando mais e mais consciente desse fato à medida que avançava com a sua explicação. E sabia também que não era provável que Sigmund fosse reclamar com Martha sobre sua presença. Uma nova onda de culpa se abateu sobre ela.

– Não seja boba. Sigi está habituado a trabalhar até tarde, e não costuma ter problemas para deixar claro quando precisa de privacidade. E, de todo modo, ele também gosta de ter uma plateia para quem possa se exhibir – disse Martha, omitindo o fato de que ela própria havia anos não passava mais do que breves instantes dentro do consultório.

Minna ouviu as vozes das crianças se aproximando no corredor e ficou contente por ter a chance de encerrar a conversa.

– Mãe, eu *tenho* mesmo que ir? – indagou Mathilde, com seu jeito rebelde de sempre.

– Você sabe qual é a resposta. Um pouco de ar fresco e exercício vão lhe fazer bem. E onde estão os meninos? – quis saber Martha, no instante em que Ernst irrompia num furacão alegre quarto adentro.

– Mamãe! Mamãe! Vem ver! Martin e Oliver estão brigando feio!

Quando Martha e Minna chegaram ao local da luta, os dois meninos estavam engalfinhados como cachorros, numa cena com direito a mordidas nas orelhas, tufos de cabelo voando pelo ar, marcas de unhas na barriga e no pescoço um do outro. Martin havia se colocado por cima de Oliver, pronto para encerrar o embate com um golpe de misericórdia, enquanto Ernst pairava em volta gritando palavras de incentivo aos dois.

– Meninos, parem já com isso! Martin, levanta daí!

– Odeio o Martin! – choramingou Oliver, com o lábio inchado e sangue escorrendo do nariz.

– A culpa é toda *dele*. Foi ele que começou – Martin disse.

– Martin, já para o quarto. Você quase arrancou o olho do seu irmão.

– Mas, mamãe...

– Não quero ouvir mais nem um pio.

– Isto não é justo! Ele está mentindo! – reclamou o menino, esgueirando-se para o seu quarto.

– E você, para o quarto também – Martha falou para Ernst, que tinha as bochechas coradas de excitação.

Minna não deixava de se admirar com a capacidade que a irmã tinha de ficar nervosa e se irritar com uma série de coisas sem importância, e, no entanto, permanecer fria como gelo quando estava lidando com os próprios filhos. Eles podiam arrancar o coração uns dos outros à unha na sua frente que a sua reação era sempre de uma calma quase patológica. E dessa vez não foi diferente. Encerrada a briga, ela anunciou tranquilamente que o passeio do dia estava cancelado, e encaminhou-se para a cozinha para distribuir instruções sobre o almoço. Minna, enquanto isso,

tratou de levar um Oliver ainda choroso e ensanguentado para se recompor no banheiro.

– Meu Deus do Céu – sussurrou ela. O tempo que já havia passado na casa lhe mostrara que, se havia uma constante na vida de Martha, eram as brigas entre os filhos... todos brigavam o tempo todo, por qualquer coisa. Depois de umedecer uma toalha no lavatório, ela começou a limpar delicadamente as feridas do menino. O corte no lábio havia sido maior do que parecia.

– Está doendo muito, querido?

– Está – respondeu ele, explodindo em lágrimas. Enquanto tratava de consolá-lo com um abraço e um carinho, ela se pegou pensando em como o mesmo grupo de crianças podia se mostrar tão encantador num momento e tão selvagem no seguinte.

E por que será que Sigmund nunca estava por perto naqueles momentos de comportamento pouco civilizado dos filhos? Os seus *Estudos sobre a histeria* poderiam muito bem ser um diário da vida doméstica naquela casa.

Mais tarde, naquele mesmo dia, encerrado o massacre entre os irmãos, Minna pensou ter ouvido a voz de Freud chamando seu nome da cozinha e tratou de caminhar depressa na direção da sala de estar. Lá, encolhida num canto, ela ficou torcendo para ele ir embora depressa. Um pouco depois, quando voltou a ouvir a voz grave dele no corredor, ela acabou decidindo fazer o caminho mais comprido para chegar ao próprio quarto, saindo pela porta dos fundos da casa, dando a volta pelo jardim, voltando a entrar pela frente do prédio e subindo as escadas outra vez. Sabia que isso era tolice. Estava se comportando como uma garotinha. Mas, depois do que acontecera na véspera, até mesmo uma interação mínima bastaria para deixá-la se sentindo desconfortável e sem saber como agir. E, pensando bem, o que ele estava fazendo em casa tão cedo? Não era seu costume aparecer àquela hora. Bem, mas isso não fazia diferença. Ela preferia não ter que cruzar com o cunhado naquele momento, principalmente com a casa tranquila como estava. Martha dera um jeito de fugir para Karnter Strasse a pretexto de fazer umas compras, e os meninos, que em geral estavam sempre ao redor de Minna, continuavam de castigo nos

seus quartos. Quanto a Mathilde e Sophie, Minna concluiu que elas deviam estar às voltas com a preceptora e suas lições do dia.

Depois de fechar a porta do quarto tentou ler um pouco, mas não estava conseguindo se concentrar. Irrequieta e distraída como estava, acabou concluindo que o melhor seria sair para dar uma volta na rua. Quando ainda não havia terminado de descer as escadas, ouviu a vozinha de Sophie, chamando lá do alto.

– *Tante* Minna! Aonde *vochê* vai? Eu quero ir também...

– Você ainda precisa terminar as suas lições, querida. E eu não vou demorar.

– Não! Não vai! – choramingou a menina, correndo escada abaixo para se sentar aos pés de Minna. – Não é justo. A *zhente* ia no parque hoje, e aí o Martin e o Oliver estragaram tudo e a Mathilde só briga comigo. Deixa eu ir com *vochê*! Por favor!

– Minha nossa, Sophie, mas como você é dramática! – Minna sentou-se ao lado da menina no degrau e puxou-a para o seu colo.

Sophie balançou a cabeça e limpou o nariz com a mão. Depois, se enrodilhou no colo da tia e deixou escapar um suspiro.

– Eu tenho uma ideia. Por que a gente não vai até a sala comer um doce, e depois você volta para terminar a sua lição? – Minna sugeriu.

O rosto da menina se iluminou na hora, e elas se levantaram e terminaram de descer as escadas. No caminho, a menina irrompeu numa tagarelice praticamente incompreensível para Minna. O ceceio na sua voz ia ficando pior à medida que ela se empolgava. E as sessões de fonoaudiologia não pareciam estar dando muito resultado. As duas deram uma passada pela cozinha, onde Minna arrumou uma sobra preciosa da sobremesa do almoço num prato antes de seguirem juntas até a sala.

– *Tante* Minna? Quem é mais velha? *Vochê* ou a mamãe? – Sophie quis saber, sentando-se ao lado de Minna no sofá para devorar sua fatia de bolo. Crianças de famílias numerosas, assim como os cachorrinhos que vivem em bandos, aprendem a devorar guloseimas inesperadas o mais depressa possível para não terem que arcar com as consequências de uma demora. Sempre pode

chegar outra pessoa e levar a delícia embora antes que elas tenham tempo de dizer: "É meu!"

– A sua mãe é mais velha. Por quê?

– Eu só tava *penchando*. Falei com a Mathilde que *voché* que era mais nova, porque era muito mais bonita, mas ela falou que a *chua* cara está sempre fechada e que *voché* não *pareche* muito nova, não. Quer o último *pedacho*?

– Não, querida, pode ficar pra você.

– *Voché* tem um marido? – continuou a menina, enquanto limpava a boca com as costas da mão e começava a lamber o resto de doce dos dedos.

– Tome, é melhor usar o meu lenço. Se não eles vão ficar muito grudentos. Não, eu não tenho marido. Você tem?

– Eu *chou* pequena demais – ela respondeu, rindo.

– Eu só estava brincando.

– Mas quando *voché* se casar, vai continuar morando aqui com a *zhente*?

– Ora, espero que sim – interveio Freud, entrando na sala.

– Papai, tem bolo! – disse Sophie, levantando-se num salto.

– Que ótimo, princesa, mas parece que não sobrou nem um pedacinho para mim – disse ele, pegando a menina no colo para abraçá-la.

Minna se recostou no assento e ficou observando os dois juntos. Ela havia passado a maior parte do dia evitando deliberadamente cruzar com o cunhado, o que no final havia sido mesmo uma tolice. Obviamente, mais cedo ou mais tarde eles se encontrariam. Porque moravam na mesma casa, afinal. Mas, então, por que continuava se sentindo tão desconfortável?

Ter concordado em dividir doses de coca com aquele homem certamente havia sido uma falta de juízo da sua parte, mas o mais perturbador era o medo de que estivesse começando a se encantar por ele. Se aquilo fosse mesmo verdade, seria sinal de uma situação completamente inaceitável. Fosse como fosse, e apesar dos seus receios, Minna registrou cada detalhe da sua aparência assim que ele surgiu na sala: o toque de cor que se insinuava nas faces, o

olhar afetuoso lançado na sua direção, o abraço carinhoso que ele dera na filha.

Sophie se desvencilhou do pai e começou a perambular pela sala aos pulinhos. Do andar de cima, ouvia-se a voz estridente da preceptora a chamá-la repetidamente, frustrada.

– Agora vá – disse Freud, severo. Ainda meio relutante, Sophie saiu da sala e subiu as escadas batendo os pés.

– Eu também tenho que ir – falou Minna, levantando-se do sofá.
– Estava saindo para dar uma volta...

– Se não se importa, acho que vou acompanhá-la.

– Não tem nenhum paciente para atender agora?

– O que eu tinha cancelou.

Que coisa estranha, Minna pensou consigo. Ele não parece nem um pouco preocupado com a nossa conduta de ontem. Aliás, depois que saíram de casa, o comportamento de Freud foi como se nada tivesse acontecido. E talvez não tivesse acontecido nada mesmo, Minna concluiu.

Mas ela sabia que isso era mentira.

13

A noite caía, o ar estava simplesmente perfeito e lâmpadas a gás iluminavam as esquinas onde policiais, com seus pesados coturnos, iniciavam seus novos turnos de trabalho. Os dois enveredaram por uma rua transversal e passaram por uma fileira de negociadores de obras de arte até chegarem à charutaria, onde ele entrou, encaminhando-se diretamente para falar com o dono nos fundos do estabelecimento. Ela ficou esperando no saguão, cercada pelos armários de nogueira envernizada e inalando os aromas extravagantes e pronunciados, cheios de nuances complexas. O lugar em si era uma evocação a aventuras exóticas, com nomes como Monte Cristo, Quintero e La Gloria Cubana datilografados cuidadosamente nas etiquetas brancas colocadas em plaquinhas à porta de cada armário. Sigmund ponderou sobre várias marcas diferentes, até que escolheu uma e rolou delicadamente o charuto entre os dedos como se fosse uma peça de seda fina.

– H. Upmann, produzido em Cuba por um banqueiro alemão. Uma delícia – disse ele, erguendo delicadamente o charuto até junto do nariz dela. O aroma era seco e doce, e ele estava embrulhado num papel cor de mogno escuro.

– Celestial – fez Minna, com uma reverência de mentira. O ambiente era solene, quase como o de uma igreja. *Homens e seus charutos*, ela pensou. *E o seu vinho. E as suas mulheres...*

Os dois já estavam quase chegando de volta em casa quando ele sugeriu que parassem para tomar algo. Minna avistou o Café Central mais adiante, com alguns garçons à espera do lado de fora. Ela deveria estar em casa há horas.

– Está ficando tarde – falou, com um sorriso hesitante.

– Não está tão tarde assim, e estou morto de sede.

– Não sei... Já fiquei tanto tempo fora... As crianças...

Ele a encarou, com o convite pairando no ar.

– Estou falando sério, Sigmund. Não posso mesmo ficar.

– Bem, mas se você *fosse* ficar, o que gostaria de beber?

Ela sorriu, desistindo de lutar.

– Uma taça de vinho. E meia hora, no máximo.

No salão, à meia-luz, as mesas vazias eram rodeadas por cadeiras de madeira de lei. Uns poucos desconhecidos estavam sentados com seus copos na mão mergulhados em conversas de início de noite, mas exceto por eles o lugar estava vazio. Se fosse 16h, eles certamente não encontrariam um lugar vago. O chiado suave das lâmpadas a gás se fez ouvir quando caminharam para ocupar uma mesa no fundo do salão. Assim que se acomodou na cadeira, Minna desabotoou o casaco do conjunto e ajeitou a blusa que usava por baixo. Ele foi se sentar à frente dela e chamou o garçom para pedir uma garrafa de Barolo. Ela ficou ouvindo enquanto ele contava que adorava aquele Café, que era o seu refúgio preferido para fugir da rotina extenuante de trabalho. Que seus dias terminavam na mais completa exaustão. E que mesmo antes de terminarem ele já estava cansado. E então ele mudou repentinamente o rumo da conversa.

– Pode me dizer com toda franqueza, querida. Você está feliz morando conosco? – indagou.

– Ora, é claro que sim. Por que eu não estaria? Tudo tem sido maravilhoso.

– Tudo? Isso é mesmo uma opinião digna de nota, Minna.

– Bem, nem tudo, é claro.

Ele fitou o rosto dela sem dizer nada. O homem sabia usar o silêncio em proveito próprio. Ela descalçou as luvas e ficou remexendo no guardanapo, sentindo os olhos dele ainda cravados em si. Ele reparou que o pescoço de Minna era mais longo que o da irmã, que os lábios estavam brilhantes e não haviam sido delineados com um lápis. Ela ergueu os olhos para encará-lo, as faces ainda coradas por conta da caminhada.

– Às vezes eu fico com medo de estar sendo um fardo para vocês – disse, enxugando a testa com batidinhas do lenço.

– De maneira nenhuma. Espero que nós estejamos deixando isso muito claro.

– E há também o meu futuro. Não posso impor minha presença indefinidamente na sua casa.

– Você não está impondo coisa nenhuma. Não entendo essa sua...

– Não é tão difícil assim de entender – interrompeu ela. – Eu estou desempregada, sem qualquer reserva financeira, pobre, destituída, na mais completa miséria – concluiu, num tom irônico.

– Falida? – ele acrescentou em tom solícito, com uma sombra de sorriso nos lábios.

– Exatamente. – Ela riu.

– Brincadeiras à parte, Minna, você sabe que sempre terá lugar na nossa casa.

– É muita bondade sua, mas não posso ficar instalada lá indefinidamente.

– E por que não? – indagou ele, medindo com os olhos um grupo de estudantes que estava prestes a ocupar a mesa ao lado e depois acabou desistindo.

– Isso nem é preciso perguntar. O assunto tem me tirado o sono.

– Que assunto?

– O meu futuro.

– O seu futuro tem lhe tirado o sono?

– Bem, não só o meu futuro – disse ela, fazendo uma pausa. – Se você quer mesmo saber, eu tenho tido uns sonhos estranhos. *Natchmahre*. Muito perturbadores.

– Perturbadores, como?

– Você está me analisando?

– É claro que não. Mas você se lembra desses sonhos?

– Ah, são só bobagens – despistou ela, tomando um gole do vinho.

– Você sonha que está perdendo um trem? – ele quis saber.

– Não.

– Costuma sonhar que está voando, ou caindo de algum penhasco?

– Não.

– Sonha que está nua na frente de desconhecidos, sem mostrar nenhum constrangimento?

– Eu, não. Você sonha?

– É um tipo de sonho bem comum, Minna.

– Há quanto tempo você costuma sonhar com isso? – indagou ela, sorrindo.

Ele riu, depois ficou com uma expressão séria.

– Conte o que é.

– Bem – iniciou ela baixinho, inclinando o corpo ligeiramente para a frente –, eu me vejo como uma velha solteirona, vivendo numa pensão caquética com um monte de gatos sarnentos. Você tem alergia a gatos, se bem me lembro, não tem? Mas, bem, o lugar cheira a peixe, e ninguém nunca aparece para me visitar.

Ele lhe lançou um olhar seco.

– Não deboche de mim – falou.

– Eu não seria capaz de fazer isso – respondeu ela, sorvendo metade da sua taça de vinho. – Tudo bem, se você quer *mesmo* saber, às vezes vejo Ignaz ao meu lado na cama. Morto. E com uma aparência terrível, repulsiva. Fico muito assustada.

– O seu amado Ignaz? – perguntou ele, impassível.

– Nem sei por que estou lhe contando isso. É ridículo.

– Não é ridículo. De maneira nenhuma. Aliás, tenho trabalhado num sistema para interpretar sonhos.

– Interpretar? Achei que eles se originassem nos problemas com os órgãos da pessoa, como indigestão e essas coisas.

– A maior parte dos médicos afirma isso, mas eles são uns idiotas. É impressionante que, apesar dos milhares de anos de tentativas, a nossa compreensão científica a respeito dos sonhos tenha evoluído tão pouco. Nós não nos saímos melhores que nossos ancestrais primitivos.

E ele prosseguiu contando que, antigamente, os filósofos acreditavam que os sonhos tinham ligação com o mundo das criaturas sobre-humanas – que seriam revelações dos deuses ou dos demônios. E afirmavam que eles podiam prever o futuro, acontecimentos afortunados ou trágicos que aguardassem as pessoas mais adiante na vida.

– E até mesmo hoje – ele disse – a maior parte dos médicos e cientistas afirma que um sonho não passa de reação a algum incômodo externo no ambiente de quem dorme, como a chama acesa de uma vela, a chuva lá fora, uma trovoada ou um colchão desconfortável. Os homens mais instruídos da nossa época continuam acreditando que os sonhos são provocados por estímulos

sensoriais, quando esse é apenas um fator menor no processo. É muita falta de sofisticação. No entender deles, a mente humana estaria de certa forma desligada durante os sonhos. Quando, na verdade, a mente é *tudo o que há*.

– Mas então, se os sonhos não são resultado do barulho da chuva ou dos trovões, e nem de uma indigestão, de *onde* eles surgem, afinal?

– Ah – disse ele, com um sorriso que não escondia sua satisfação com a pergunta. E lhe deu um tapinha de leve na lateral da cabeça.

– Eles surgem de você mesma. Nascem das suas experiências, do aparelho sensorio *interno*, não externo. E *eu* sou o primeiro a afirmar isso.

– E os sonhos têm significados.

Ele observou o rosto de Minna em busca de uma reação, para ver o que ela achava da sua descoberta impressionante. A imagem do rosto dele nesse momento, pleno de autoconfiança, cheio de brilho nos olhos escuros, ficaria marcada na lembrança dela durante muito tempo. Minna tomou um gole do vinho excelente que ele havia pedido, e então disse:

– Então explique o que significa esse meu sonho com Ignaz.

– Não é tão simples assim. O sentido vem disfarçado, e pode ter ligação com alguma coisa da sua infância.

– Não sei se estou entendendo, Sigmund.

– O material do sonho vem de muitos lugares diferentes, misturando fragmentos de outros dias, de outros tempos... imagens estranhas de alguma tia, de um primo... ou de um noivo.

– Não costumo me lembrar dos meus sonhos, mas quando lembro eles parecem não fazer sentido nenhum.

– Sim, parecem. Um amante do passado que sorri ao seu lado num sofá, perguntando como anda sua saúde para logo depois sacar uma arma... Ou talvez um encontro sexual com alguém totalmente inadequado. Mais vinho?

– Eu aceito, por favor. Prossiga.

– Nos sonhos dos meus pacientes aparece de tudo o que você possa imaginar, misturando passado e presente. Às vezes são

histórias que soam totalmente absurdas, mas quando você compreende as vidas deles, elas passam a fazer muito sentido.

– Por exemplo?

– Por exemplo – repetiu ele –, houve uma mulher que me procurou porque sonhava com a própria irmã num caixão, com uma tia cuja mandíbula caía bem na frente dela e também com pessoas que lhe atiravam animais mortos.

– Diante disso o meu sonho parece até bem corriqueiro...

– Noivos repulsivos não têm nada de corriqueiro – comentou ele, para depois seguir contando sobre a tal paciente, uma viúva de 40 anos que ficara muito traumatizada depois de ver o marido, um senhor mais velho e muito rico, morrer fulminado bem na sua frente enquanto lia o jornal. A família do sujeito a culpava pela morte dele e, perturbada pelos sentimentos de vergonha e de culpa, ela começou a ser atormentada pelos tais sonhos. E havia também a história da preceptora inglesa que fora contratada para dar lições aos filhos de um viúvo rico. A mulher se apaixonara secretamente pelo patrão, mas seus sentimentos não eram correspondidos. O caso acabou numa demissão, mas, quando se viu afastada das crianças, ela começou a sonhar com pudins queimados. Outra jovem tinha pesadelos recorrentes com homens que a atacavam com expressão de raiva no rosto, e despertava desses sonhos com falta de ar e a sensação de estar sendo estrangulada. Após algumas sessões com essa paciente, contou ele, descobriu-se que os tais pesadelos haviam começado depois que ela descobrira que a sua irmã estava tendo relações sexuais com um tio delas.

Sigmund parou de falar por um instante para desembrulhar com todo cuidado o seu H. Upmann novo em folha. Cortou a ponta, umedeceu o charuto com a língua e depois o acendeu.

– As motivações para esses sonhos são sempre ocultas – disse –, mas depois que conhecemos o paciente tudo se esclarece. Sonhos são simplesmente sintomas, recados para nós mesmos que procuram sinalizar o que está errado. São alegorias para os nossos pensamentos, desejos e crenças mais íntimas. Houve uma outra paciente, por exemplo, que sonhava que estava tentando encaixar

uma vela no castiçal mas a vela estava quebrada e nunca conseguia ficar ereta. E, no final, isso queria dizer...

– Deixe-me adivinhar... – interrompeu Minna, tentando não sorrir.

– É claro – fez ele –, o simbolismo nesse caso está muito transparente.

– Você já discutiu essa teoria com seus colegas?

– Muitas vezes. Mas ninguém a leva a sério. Eles desprezam meu trabalho como sendo tolo e fantasioso. Mas é como Virgílio disse: *Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*. “Se não posso dobrar os poderes superiores, moverei as regiões infernais.”

Houve um momento de silêncio.

– Sigmund, você por acaso tem um cigarro?

Ele baixou o charuto e fez sinal para um garçom que estava por perto. O homem lhe deu um cigarro do maço que tirou do bolso do colete. Sigmund o acendeu e depois passou para Minna.

– Então você vai decifrar o mistério dos meus sonhos? – ela indagou, tragando profundamente a fumaça e depois se recostando na cadeira.

Ele respondeu com um sorriso. E logo o sorriso se transformou em algo diferente.

– Eu vou decifrar os mistérios dos seus sonhos, sim. E os seus mistérios também, minha querida.

Quando o encarou, ela se sentiu tomada por uma onda de algo próximo à felicidade. Algo que havia anos ela não sentia.

– É melhor nós irmos embora – disse, numa voz relutante.

– Só mais uma taça.

– Não posso. Nem mais um instante. E já fui dormir muito tarde na noite passada.

– Você quer conversar sobre isso?

– Não – ela disse, pondo-se de pé.

– Achei mesmo que não fosse querer – ele falou, jogando algumas coroas sobre a mesa e ajudando-a a vestir o casaco.

Há um momento que precede o toque, um gesto ligeiro da mão ou talvez o ângulo da cabeça, ou ainda a maneira como os dois corpos se movem em sincronia, que cria a aura de intimidade em torno de um casal. Se alguém passasse por Minna e por Freud no

momento em que os dois estavam saindo do café, teria notado exatamente isso: Minna, com o rosto úmido e corado e os cabelos da cor do cobre-escuro ameaçando fugir do confinamento do coque, e Sigmund com a mão pousada de leve na base das suas costas, guiando-a na direção da porta.

14

Quando Freud e Minna chegaram ao apartamento, foram recebidos pela criada da noite que, com seus cabelos grisalhos, abriu a porta ao quarto toque da campainha. As lâmpadas a gás do vestíbulo já estavam acesas, e pelos barulhos de louça batendo na cozinha e crianças correndo no andar de cima ficou claro que eles haviam perdido a hora do jantar.

– Sigi? – chamou Martha do alto da escada, avistando o casal junto à entrada. Freud assentiu com um sorriso forçado enquanto ajudava Minna a tirar o casaco.

– Você não tinha ouvido a campainha? Nós ficamos esperando um bom tempo lá fora – ele disse numa voz irritada. – Essa criada por acaso é surda?

– De jeito nenhum – Martha disse, descendo a escadaria de mármore. – Nós estávamos com as crianças. Você vai querer o seu jantar agora?

– Obrigado, mas não estou com fome. – Ele fez um aceno ligeiro quando virou a cabeça na direção de Minna, e depois passou por Martha para se dirigir ao consultório. Ela lhe plantou um beijo protocolar no rosto que ele mal pareceu notar antes de se recolher ao seu aposento particular.

– E você, onde estava? – Martha indagou, segurando o braço doente com a outra mão. – Passou três horas longe de casa. Tive que dar comida às crianças sozinha.

O ar cheirava a carne cozida, vinagre e tensão.

– Sinto muito, acho que perdi a noção da hora – respondeu Minna, pega de surpresa pela raiva da irmã. – Acabei encontrando com Sigmund e o acompanhei numas compras que ele precisava fazer.

– Bem, a hora do jantar já passou, mas posso pedir que a cozinheira lhe faça um prato.

– Obrigada – respondeu Minna, irritada. Ela não era mais nenhuma criança, afinal.

– Mas pode ser que o assado esteja um pouco duro. O nosso açougueiro estava doente e o assistente insistiu em me dar um corte

enviesado, mesmo depois de eu explicar como queria a carne. Agora ela está se desmanchando numa série de tiras fibrosas, longe de poderem ser consideradas macias. Isso sem falar que passou *tanto* tempo cozinhando... Você não prefere alguma outra coisa?

Houve um longo momento de silêncio. A pergunta ficou suspensa no ar enquanto Martha sustentava sua posição e Minna tentava decidir como deveria responder.

– Tenho certeza de que o assado deve estar ótimo – ela disse por fim.

– Está certo, querida – Martha concordou –, mas de qualquer forma os bolinhos já esfriaram. Quer que eu peça para a cozinheira aquecer? Isso se ela já não tiver ido embora, é claro.

– Tudo bem, Martha, não precisa se preocupar. Estou muito cansada, de qualquer forma.

– Então está certo – Martha aquiesceu, enquanto mexia na chave da lamparina a gás, baixava o pavio e levantava a cúpula para soprar a chama.

– Se você sopra a chama o cheiro não fica tão forte – explicou. – E, aliás, nas próximas vezes tente se lembrar de que a hora do jantar não é a mais apropriada para desaparecer. A menos que Sigmund esteja precisando de você para alguma coisa, é claro.

A voz da irmã soou educada, com sua inflexão rígida. *Como ela sabia ser desagradável*, Minna pensou consigo mesma. Ficar irritada daquele jeito com um pequeno atraso depois de tanto que ela havia trabalhado desde que chegara àquela casa! As duas irmãs estavam frente à frente, com os seus semblantes muito parecidos. As luzes noturnas brincavam na superfície recém-polida dos móveis quando Minna foi tomada de repente por uma onda de culpa. O problema não era apenas ela ter estado num café tomando um drinque com o marido da Martha enquanto esta ficava em casa cuidando das crianças. A questão mais grave era que os sentimentos de Minna com relação a Sigmund não podiam ser chamados de inocentes. Para isso não havia desculpa, e ela sabia muito bem disso. Ela rumou de volta para seu quarto mergulhada num silêncio desconfortável. Como se elas tivessem tido uma discussão e ambas

houvessem tomado a decisão de não mencionar o verdadeiro motivo da briga.

Quando abriu a porta do quarto, Sophie estava sentada de pernas cruzadas em cima da sua cama, com um livro de histórias no colo.

– Mamãe falou que *você* ia ler uma história antes de eu dormir.

– Ah, querida, mas já está tão tarde!

O que Minna queria mesmo era tomar um pouco de gim e um bom banho, e se meter debaixo das cobertas. Mas bastou um olhar para o rostinho desapontado da menina para ela puxar Sophie para seu colo e começar a ler.

A história era sobre Franz, um pequeno camundongo do campo que vivia na sua casinha com cortinas xadrez, duas cadeirinhas de camundongo e uma lareira bem quente. Ele usava uma boina vermelha e óculos, e estava muito contente porque havia conseguido roubar um prato com morangos e tortinhas de frutas da casa da fazenda para dar às suas bondosas irmãs e aos seus pais camundongos gorduchos e peludos, justamente o tipo de personagem muito comum na literatura infantil e nada presente na vida real das crianças. A trama era bonitinha e meio sem sentido, e quando Sophie se aconchegou no seu colo tanto ela quanto Minna logo pegaram no sono.

Na manhã seguinte, Minna acordou bem cedo e tratou de levar Sophie para o quarto dela, tomando cuidado para não acordar Mathilde. Como tivesse ido se deitar sem comer nada, ela estava desesperada por um café e um pouco de pão, mas a possibilidade de cruzar com Sigmund fez com que decidisse esperar no quarto até a hora em que o desjejum seria formalmente servido. Nessa manhã, como costumava fazer desde que chegara à casa da irmã, ela acordou as crianças, deu o café a elas e ajudou a organizar as tarefas programadas para o dia de cada uma. Martha mostrou-se totalmente agradável, sem qualquer lembrança da irritação da véspera.

– Dormiu bem, minha querida? – ela indagou.

– Muito bem, obrigada. E você?

– Dormi como um bebê. Estava tão exausta que peguei no sono assim que me deitei na cama. Já Sigmund passou a maior parte da noite acordado, trabalhando no consultório. Não sei mais o que posso fazer com aquele homem.

Martha vestiu o casaco e o chapéu e saiu para o açougue. Ela disse a Minna que pretendia reclamar sobre a carne que comprara no dia anterior, e que depois daria uma passada na costureira. Minna teve vontade de lhe dizer para tentar escolher um modelo mais bonito do que os vestidos desengonçados e fora de moda que ela vestia sempre, mas decidiu que seria melhor não fazer isso. Quando estava arrumando a sala de estar, ouviu vozes exaltadas vindas da entrada do prédio.

Espiando pela porta entreaberta, Minna viu o Dr. Josef Breuer, o colega mais próximo e mentor de Freud, no saguão do andar de baixo. Catorze anos mais velho que Sigmund, ele tinha a aparência e o jeito de um tiozinho simpático. A cadência da sua fala era marcadamente lenta e pausada como a de um acadêmico típico, e contrastava com as réplicas impetuosas de Freud, cheias de irritação e desapontamento.

– Por mais que eu me esforce, não posso concordar com as suas conclusões. Os meus estudos de caso simplesmente não dão respaldo a elas – Breuer estava dizendo.

– Então eles estão errados – retrucou Freud, irritado com o antigo mentor.

– Você está levando isso para o lado pessoal, Sigmund.

– E não deveria levar?

– Não estou dizendo que discordo de tudo. Mas as suas conclusões insinuam uma hipervalorização grave da sexualidade. E elas podem ter ido longe demais.

– É isso que o senhor acha? Pois eu ainda nem cheguei tão longe quanto deveria chegar! – espumou Freud, com sua raiva deixando um rastro de tensão no ar.

Minna intuiu que a discussão devia ser a respeito do *Estudos sobre a histeria*. A palestra a que ela havia assistido tivera um tom defensivo no final, e Sigmund havia comentado que suas conclusões

a respeito da histeria vinham sendo contestadas por outros cientistas.

– Você é o meu aluno mais genial. Suas teorias são sempre muito inspiradas, mas é preciso que se renda às vezes... que faça certas concessões...

– Não há como fazer qualquer concessão diante da verdade – Freud declarou, com a voz ganhando um tom mais alto enquanto ele brandia seus papéis no ar.

– Só estou querendo dizer que seria melhor reunir mais evidências antes de apresentar isso ao conselho. Aqueles sujeitos são todos tão obstinados quanto você – Breuer falou com um sorriso, tentando aplacar a ira do outro. – Se continuar tão irredutível assim, eles vão acabar querendo bani-lo.

– Pois que façam isso.

– Sigmund, você sabe que tem o meu apoio. Eu recomendo pacientes para o seu consultório. Quando enfrentou dificuldades financeiras, eu tentei ajudar. Mas escute o que digo: se fizer mesmo isso você ficará isolado.

– Tenha um bom-dia, Josef – retrucou Freud com o rosto vermelho de indignação, conduzindo o outro até a porta.

– Podemos voltar a conversar a respeito uma outra hora?

– Não vejo razão para isso – ele disse.

Minna ficou olhando enquanto Breuer ajeitava cuidadosamente o chapéu na cabeça e esticava sua gravata antes de partir, e viu quando Freud voltou como um furacão para dentro do consultório, batendo a porta. Ela decidiu se arriscar, descendo as escadas e dando algumas batidas na porta fechada.

– O que é? – ele latiu lá de dentro.

– Sou eu – falou Minna, abrindo a porta meio hesitante.

– Pode entrar. Você ouviu aquilo? O homem ficou despejando elogios enquanto ao mesmo tempo tentava acabar comigo.

Ele estava sentado à escrivaninha com os ombros curvados, tragando seu charuto com um ar de poucos amigos.

– Ele acha que só porque lhe devo dinheiro pode me dizer como eu devo agir – disse ele, batendo as cinzas no chão e chutando-as para um canto.

– Não sei se é justo dizer isso. Ele não me pareceu...

– Se é justo? Eu vou lhe dizer o que é justo! Trabalho dia e noite, estou a ponto de fazer uma descoberta revolucionária, e ele fica me perturbando com as suas minúcias – disse Freud, amargo. – E que tanta ajuda ele me deu, afinal? Nem um cargo de professor eu tenho. Ano após ano, Breuer fica lá vendo os outros serem promovidos no meu lugar. Eu continuo como *Privatdozent*, depois de todos esses anos.

– Achei que ficou muito claro o apreço que ele tem por você.

– Não tente defendê-lo. Você não sabe como são as coisas. Espero que o consultório dele fique às moscas. Vamos ver o que *ele* acha de ter seu trabalho totalmente destruído.

Minna se lembrou de repente do modo como Martin havia ficado no dia em que Oliver fizera troça do seu poema.

“Eu odeio você”, o menino dissera ao irmão, com o rosto vermelho e as veias do pescoço saltadas. “Vou odiar você pelo resto da sua vida. Quero que tudo o que você faça se transforme em lixo.”

– Você está parecendo cansado, meu caro – Minna disse, olhando para os olhos inchados de Freud. – Martha me disse que não dormiu nada esta noite.

– Eu estava revisando uma parte da minha teoria – ele disse, ajeitando o calhamaço de papéis numa pasta antes de entregar a ela. – Mas para quê, eu lhe pergunto?

– O que é isso? – indagou ela, pegando a pasta.

– Uma papelada inútil, se você for dar ouvidos a Breuer. Mas leia por si mesma antes de decidir. Eu vou passar a próxima semana fora, e quando voltar nós poderemos conversar a respeito.

– Perfeito, está combinado – ela disse, guardando empolgada os papéis debaixo do braço.

Minna passou metade da noite em claro às voltas com as anotações. Sabia que Freud havia lhe entregado os papéis quase num impulso, irritado que estava depois de ter expulsado Breuer do consultório. Mesmo assim, sentia-se lisonjeada. No início, havia pensado que talvez fosse apenas um resumo do que ouvira na palestra. Mas, pelo que já conseguira concluir da sua primeira

leitura, ele havia acrescentado outros estudos de caso e mais dados para embasar sua descoberta.

Ao longo da semana seguinte, os dias de Minna foram repletos de atividades com a família, saídas para fazer compras e passeios. Mas depois que as crianças iam dormir e a casa enfim se aquietava, ela se sentava na cama e pegava a pasta que ele lhe confiara, examinando seu conteúdo como se fosse algum tesouro secreto.

Eu decidi partir da suposição de que meus pacientes já sabiam tudo o que poderia ser relevante para o seu tratamento, e que era apenas uma questão de abrir o canal de comunicação com eles... penetrando as camadas mais profundas da memória, usando todas as armas do arsenal terapêutico para forçar a passagem, debelando resistências o tempo todo, numa intervenção cirúrgica semelhante ao ato de abrir uma cavidade cheia de pus...

Ficava acordada fazendo suas próprias anotações, preenchendo compulsivamente um caderno vazio com suas reflexões a respeito. Por volta da terceira noite, o seu pescoço começou a doer, e ela foi pegar uma escrivadinha emprestada do andar de baixo. Minna sentia falta de ter lâmpadas elétricas no seu quarto. Seria mais fácil do que continuar lendo à luz de velas. Avançava pelo texto num ritmo penoso e lento, mas aquela exploração solitária lhe deu uma janela para entender como funcionava a mente de Freud. Podia ouvir a voz dele ecoando nas linhas do texto, e estava ávida para poder discutir com ele a respeito da teoria. Mas o cunhado continuava fora, num congresso em Berlim.

Em algum momento do processo, começou a formular suas próprias opiniões a respeito do trabalho. E podia entender por que Breuer tivera suas objeções... e por que ele havia discordado da proposição de que todo sintoma neurótico teria uma origem sexual. Então o medo, as lesões e doenças, a perda de um ente querido ou a falência não teriam também um papel essencial? Esse tipo de infortúnio também não seria capaz de provocar neurose e histeria? Ela, por exemplo, havia ficado arrasada com a morte de Ignaz. Até hoje continuava tendo pesadelos com o acontecido. No entanto, a origem do seu desconforto não era sexual. Ignaz morreria de tuberculose. Minna se sentia culpada por não ter ido visitá-lo, mas

em que ponto – alguém poderia indagar – haveria uma implicação sexual nisso tudo?

Além disso, ela reparou que quase todos os estudos de caso apresentados por Sigmund eram de pacientes do sexo feminino – mulheres de classe média alta, e todas profundamente infelizes. Minna se lembrou da sua mãe, que comia migalhas de strudel na hora do chá e costumava ficar recolhida em seu quarto nos dias em que “não estava no seu melhor”. Todos sabiam quando Emmeline não estava nos seus melhores dias, e isso acontecia quase o tempo todo depois da morte do seu pai. Agora, de acordo com seu estudo, Sigmund afirmaria que o comportamento dela seria resultado da sua culpa por causa de algum desvio sexual secreto e que ela precisava ser estimulada e pressionada a falar dos próprios sentimentos. Ele diria que esse processo levaria Emmeline a se sentir melhor com o tempo e, supostamente, a deixar de atormentar o resto da família com sua amargura e suas frustrações. Para Minna, isso tudo soava altamente improvável. Sua própria experiência mostrava que, quanto mais a mãe se concentrava nos próprios problemas, mais ela tendia a perturbar as pessoas à sua volta. Aliás, acreditava que, quanto menos a mãe falasse, de modo geral, melhor seria. E que talvez para ela própria o mais indicado fosse evitar pensar na mãe.

Quando Minna enfim chegou ao final do texto, um sorriso brotou nos seus lábios. A última frase era o retrato perfeito do senso de automercimento desenfreado de Freud.

Nós devemos, em última instância, ser capazes de vencer qualquer resistência, enfatizando a natureza inabalável das nossas convicções...

Era igual a um dos grandes heróis dele, Julio César, Minna pensou. Se Sigmund não estava disposto a tolerar críticas de Breuer, que considerava seu mentor, certamente não aceitaria nada do que ela fosse dizer nesse sentido. Mas certamente poderia lhe falar da reação que tivera ao texto e talvez tocar muito de leve nas reservas que o material lhe despertara, mas para isso precisaria ser extremamente cuidadosa.

Olhando pela janela, ela viu a luz rompendo as espessas camadas de nuvens que haviam se formado durante a noite. O silêncio ainda reinava na casa, exceto pelo chacoalhar do vento nas

venezianas e pelo chiado do radiador de metal, que lembrava o ronco de um velho semiadormecido. O sistema de aquecimento era antigo e instável, como a maior parte das coisas que havia no apartamento. Minna tinha os olhos doendo, e sentia como se tivesse sido dopada.

Às 8h, a chuva caía em camadas grossas e incessantes. A preceptora não aparecera, e as lições só seriam retomadas no dia seguinte. As crianças, naturalmente, estavam um tanto desorientadas com a quebra da sua rotina e o cancelamento das saídas do dia.

Minna tentou organizar algumas atividades, a começar por uma hora da leitura. Todas as crianças foram convidadas a escolher um livro das suas prateleiras. E, depois que se acomodaram nos respectivos quartos, ela fez o máximo para tentar se recompor um pouco – embora fosse obrigada a admitir que estava começando a ganhar uma aparência tão desmazelada quanto a de Martha. O cabelo, sem viço e embaraçado, havia sido recolhido num coque apressado junto da nuca, e o conjunto de saia e blusa que ela vestira era um dos menos atraentes do seu guarda-roupa.

Quando estava na cozinha, preparando a mamadeira de Anna, ouviu um grito agudo vindo do quarto das meninas. Correndo escada acima, foi encontrar Martin, ainda de pijamas, lendo para Sophie uma edição de *Der Struwwelpeter*. O livro era um sucesso da literatura infantil que, escrito por um médico de Frankfurt, tinha a estrutura aparente de uma coletânea de contos de fadas. Mas as histórias na verdade eram narrativas horripilantes, contos de fundo moral sobre o que acontecia com crianças que desobedeciam a seus pais. Minna já lera aquele livro para algumas crianças mais velhas das casas onde trabalhara. Na opinião dela, não se tratava de uma obra adequada para o público infantil, mas o mesmo poderia se dizer da coletânea de contos *Kinder und Hausmärchen*, dos Irmãos Grimm.

Uma das histórias falava do pequeno Daumenlutscher, que não deu ouvidos quando a mãe lhe mandou parar de chupar o dedo e acabou tendo as mãos cortadas por uma tesoura gigante. E havia também o conto de Kaspar, que não queria tomar sua sopa e

definhava até morrer. Ou o da pequena Pauline, que teimou em brincar com fósforos e morreu queimada.

Martin lia devagar, com um sorriso torto nos lábios, deliciando-se com as reações da irmã de 4 anos.

– Eu num quero *eche* livro! – gritou ela, arrancando o exemplar das mãos de Martin e o atirando no chão.

– Martin, o que você está fazendo? – Minna perguntou. – Por que não escolhe outro livro?

– Mas ela gosta deste – ele disse, com o olhar arregalado e inexpressivo de toda criança que tenta fingir inocência.

– Duvido muito que goste.

– Fale pra ela, Sophie – insistiu Martin. – Você *me pediu* para ler este.

– Pedi nada... – fungou a menina.

– Martin, não é melhor ir trocar de roupa? – pediu Minna.

– Não.

– Mas você *não vai* passar o dia inteiro de pijama.

– Por que não? A mamãe faz isso.

– Só quando ela não está se sentindo bem.

– Bem, pois *eu* não estou me sentindo bem hoje – disse ele, sorrindo para ela com sua fileira de dentinhos brancos pontudos, os cachos dos cabelos desgrenhados formando dois chifres por trás das orelhas. Justo nesse momento, a cabeça de Martha surgiu pela porta entreaberta.

– O que está havendo? – indagou ela.

– *Tante* Minna está mandando eu trocar de roupa, mas estou passando mal. *Muito* mal.

– O menino está mesmo meio corado demais – Martha concordou. – Acho que pode estar ficando doente. Você está ficando doente, meu bem?

Martin fingiu uma tosse seca.

– Minha garganta está doendo muito.

– Eu logo vi! Vá se deitar – Martha disse.

Martin saiu dramaticamente, abrindo um ligeiro sorriso de triunfo ao passar por Minna. *Meu Deus*, ela pensou, *se esse menino não*

fosse capaz de enlouquecer a gente ele mereceria o meu aplauso.

Mas por que a sua irmã precisava intervir num assunto tão banal?

– Assim você acaba com a autoridade que tenho com eles, Martha.

– Mas o menino *está* doente.

Minna se conteve, mas, em momentos como esse, a rabugice de Martha lhe dava vontade de fazer as malas e partir.

15

O dia seguinte amanheceu claro, um lindo sábado de sol. Quando Ernst estava na sessão de fonoaudiologia e as meninas tinham ido com a mãe ao Tandel Markt, Minna decidiu levar Oliver e Martin para patinar no lago congelado. Martin aparentemente tivera uma “melhora espetacular” durante a noite e, já a caminho do lago, saiu correndo na frente com o irmão, pulando sobre as poças e se balançando alegremente nos galhos das árvores que encontrava.

Mais tarde, quando Minna fora repassar os acontecimentos que se desenrolaram em seguida, teve que admitir que já havia ouvido ao longe o coro de vozes roucas e agudas mesmo antes de Oliver e Martin terminarem de amarrar os patins. E que talvez nesse momento ela devesse ter pressentido o perigo, entendido o alerta e levado os dois para longe dali. Mas nenhum alarme instintivo soou na sua cabeça enquanto ela se instalava à beira do lago e depois ficava lá, imóvel, olhando uma turma de quatro ou cinco garotos mais velhos emergir de trás das moitas e partir para cima dos seus sobrinhos desferindo insultos e brandindo paus e pedras nas mãos. Até mesmo um cervo sabe dizer quando há um caçador seguindo seu rastro.

– Judeu imundo – latiu um adolescente grandalhão de nariz achatado, derrubando Oliver e cobrindo seu rosto e peito de socos. Outro garoto empurrou Martin, e os dois seguiram desferindo seus golpes com uma selvageria alarmante, com punhos e botas voando, e o sangue esguichando no ar. Os gritos de Minna ecoaram pela extensão do lago quando ela correu para tentar espantar os agressores. E então tudo acabou, rápido como havia começado. Os valentões fugiram para o meio da vegetação enquanto uma pequena multidão se juntava para acudir o trio, e alguém tratou de chamar a polícia.

Minna se ajoelhou para abraçar os ombros magros e trêmulos de Oliver, limpou o olho inchado do menino e pressionou o lenço contra o corte na sua testa, já com uma mancha do sangue dele na parte da frente da sua blusa.

– Onde está doendo? – indagou.

– Em todo lugar – gemeu ele.

– E olha só o que eles fizeram – disse Martin, mancando para junto da tia. – O meu patim está quebrado.

– Mas você espantou eles para longe, foi um menino muito corajoso – Minna disse, com um sorriso triste no rosto.

No caminho penoso de volta para o apartamento, os sobrinhos quase não disseram nada. Num determinado momento, ela tentou consolá-los, mas suas palavras soaram vazias. Minna sabia muito bem que incidentes daquele tipo vinham acontecendo pela cidade toda. O que poderia dizer diante disso?

Quando eles abriram a porta, Freud estava de pé no vestíbulo, ainda com suas roupas de viagem, recém-chegado de Berlim e da conferência com o Dr. Wilhelm Fliess, um jovem médico especializado em afecções dos ouvidos, nariz e garganta. Martin e Oliver quase choraram ao relatar para o pai o que havia acontecido.

– Papai, eles nos machucaram – choramingou Oliver, com um dos olhos fechado pelo inchaço. – Bateram na gente sem motivo nenhum.

– Eram uns dez, no mínimo – mentiu Martin, evitando encarar os olhos do pai. – Mas eu botei todos para correr.

– Não foi nada disso – Oliver disse, antes de começar a soluçar.

Freud terminou de inventariar os hematomas nos rostos, patins quebrados e roupas rasgadas, consolou os dois com tapinhas paternais nos ombros e os mandou lavar os ferimentos no andar de cima.

– Nós vamos arranjar patins novos – disse na direção da escada, tentando fazer uma voz alegre.

Mas não havia qualquer alegria nela. Nenhuma mesmo. Assim que os meninos se afastaram o suficiente para não ouvirem mais sua voz, ele se virou para Minna.

– Estão acontecendo episódios assim na região do lago o tempo todo. Não sei que ideia foi essa de levá-los até lá em primeiro lugar.

– Sigmund, isso não é verdade. Nós sempre passeamos por lá.

– Não foi a primeira vez que eu soube desse tipo de incidente ali – disse ele, encerrando o assunto. – Você precisa ser mais

cuidadosa.

– Tudo aconteceu rápido demais – justificou-se Minna, pega de surpresa pela reprimenda. – Eu sinto muito.

Sigmund ficou ouvindo em silêncio enquanto Minna seguia com o seu relato do acontecido, contando como os meninos haviam sido pegos de surpresa e o que os atacantes disseram, mas de certo momento em diante ela teve certeza de que ele não estava mais escutando. Revezando o peso do corpo de um pé para o outro, ele tinha voltado os olhos para a rua num esforço para controlar a raiva cada vez maior. Ela viu as gotas de suor brotando na sua testa antes que ele pegasse um lenço do bolso para enxugá-las.

– Eu os deixei sob a sua responsabilidade – ele disse, como se sua paciência tivesse acabado de ser testada ao extremo.

– É claro – respondeu ela. – E estou tão abalada com o que houve quanto você.

– Fico feliz por ouvir isso – ele disse, olhando nos olhos dela pela primeira vez desde que havia chegado de viagem.

Minna ficou intrigada com o jeito seco dele. Parecia que sua irritação tinha a ver com algo mais do que a experiência terrível pela qual os meninos haviam passado. Ele a tratara como se ela fosse uma governanta irresponsável. E nada mais que isso. Mas talvez estivesse só muito cansado da viagem e ela tivesse interpretado mal sua atitude. Minna fez um esforço para não perder o autocontrole, e por fim arriscou-se a procurar o braço dele com sua mão. O gesto logo se provou um equívoco – ele baixou a cabeça e esquivou o corpo para longe. As linhas severas marcando o espaço entre o nariz e a boca pareceram se aprofundar, e os olhos escuros ganharam um ar pouco familiar. O que havia acontecido durante aquela sua viagem? E, o que quer que fosse, será que poderia ter alguma coisa a ver com ela?

▪
▪
▪

Sigmund passou o resto do dia refugiado na sua sala, não saindo nem mesmo para jantar com a família. Minna fizera planos de falar

Sobre os textos que ele lhe passara assim que terminasse a viagem, mas o episódio da briga no lago obviamente o afetara, deixando-a sem outra opção além de esperar por um momento mais adequado. E, depois de pensar um pouco no assunto, ela tomou a decisão de relevar a frieza demonstrada por ele mais cedo, atribuindo-a à exaustão da viagem e nada mais.

Quando finalmente tomou coragem para descer até o consultório no dia seguinte, Minna encontrou a porta aberta. Ele estava de pé, com as costas voltadas para ela, olhando para o pátio escurecido enquanto dava baforadas com seu charuto. Ela hesitou por um instante, depois bateu de leve na pesada moldura da porta. Através da penumbra da sala, notou que a escrivaninha estava tomada por uma montanha de papéis que não vira ali no dia anterior.

– Como foi a sua viagem? – indagou, com uma indiferença estudada.

Um longo instante se passou até ele responder. Havia alguma coisa estranha no ar, e Minna sentiu uma pontada de desconforto. Nada na postura dele sinalizava que houvesse qualquer problema, mas ainda assim ela estava sentindo algo diferente. Ela esperou, incomodada, até que ele se virasse, e quando isso aconteceu seu rosto estava totalmente inexpressivo.

– Bastante produtiva – Freud disse, com um aceno educado de cabeça, embora ela tenha notado que não houve um convite para que se sentasse. Ele pegou uma pasta volumosa de cima da mesa mais próxima, sentou-se na sua cadeira com uma postura rígida e começou a folhear os documentos.

– Se não se importa, preciso dar uma olhada nestes papéis. Tenho uma apresentação para fazer amanhã.

– Bem, então não vou mais incomodá-lo – Minna disse, ainda de pé no vão da porta. Ela girou o corpo para ir embora, mas antes de fazer isso, contrariando o próprio bom senso, falou: – Eu li o seu texto e fiz algumas anotações sobre ele. Quando você quiser conversar a respeito, é só me dizer.

– Na verdade, já repassei tudo com meu colega em Berlim, o Dr. Fliess. Nós examinamos detalhadamente tudo o que eu havia

escrito, e tenho que lhe dizer que a ajuda dele foi muito útil – ele disse, sem erguer os olhos dos papéis à sua frente.

– Ah – fez Minna, desapontada, devolvendo-lhe o texto.

– Obrigado – ele disse, lançando um olhar de relance para a pasta. Ela ficou olhando enquanto ele a jogava descuidadamente sobre uma pilha de outros documentos arrumada no chão à sua frente.

– Anexei minhas anotações ao texto. – Ela fez uma pausa para esperar que ele juntasse uma das estatuetas que caíra da escrivaninha.

– Está bem... – disse ele, examinando a peça na mão com ar preocupado. – Acho que ela ficou lascada com a queda. Está vendo aqui, do lado esquerdo? Essa marca não estava aí antes.

E dizendo isso lhe entregou a sua estatueta de Ísis, a esposa-irmã de Osíris, que era uma das suas favoritas e frequentemente lhe fazia companhia à mesa do jantar, para desgosto de Martha.

– No artefato da cabeça, perto do chifre. Isso *com certeza* foi feito na queda...

– Pode ser que sim – concordou ela, soltando um suspiro imperceptível. – Quando você acha que poderemos conversar sobre o texto? Para ser sincera, gastei uma boa parte do meu tempo livre para examiná-lo.

Ele parou e lançou um olhar estranho na direção dela. Minna notou a altivez na sua postura quando pigarreou e disparou despreocupadamente:

– Foi muita gentileza sua, querida, mas não precisava ter se preocupado. E como estão os meninos?

Minna corou e piscou os olhos, atingida em cheio pelo choque de realidade. Ele *não* estava interessado na sua opinião, e *não* iria ler suas anotações. Aliás, ele jamais tivera a intenção de lê-las. Ou talvez tenha tido rapidamente no instante em que lhe entregou a pasta, irritado que estava com os comentários de Breuer, mas logo havia esquecido completamente dessa ideia.

– Eles estão bem. Então você *não quer* ler minhas anotações? – Ela não conseguiu se conter.

– Sem querer ofendê-la, creio que meu colega Dr. Fliess já me deu toda a ajuda necessária.

– É mesmo? – indagou ela, abaixando-se para pegar de volta suas anotações da pilha de papéis. – Então certamente ele deve ter mencionado a possibilidade de que talvez *nem toda* histeria tenha origem sexual, certo?

– Essa crítica ele não fez.

– E se a pessoa estiver abalada por conta da morte de uma criança próxima?

– Bem, isso pode influir...

– Ou por ter enfrentado uma perda financeira?

– Também é possível...

– Ou então por causa das mentiras e traições do marido?

– Minna, certamente você pode...

– Ou ainda por viver trancada em casa, sob o jugo de... – Ela se deteve antes de concluir a frase. E ele se pôs de pé, de modo que os dois ficaram quase cara a cara.

– Seja qual for a situação, posso enumerar muitos motivos para uma pessoa ficar histérica – disse Minna, virando-se abruptamente e saindo da sala.

Ele ficou observando enquanto ela se afastava. Depois voltou a se sentar na sua cadeira, ainda com os olhos pregados à porta aberta. Nunca seria capaz, nem se empenhasse a própria vida nisso, de entender o que queria aquela mulher.

16

Que tola ela era! Por que se dera ao trabalho de refletir sobre as ideias dele, de mergulhar no seu mundo de pacientes desequilibrados e sonhos horripilantes, de forçar-se a compreender o significado da neurose sexual, da histeria e dos símbolos fálicos que ele via espalhados por toda parte, se ele obviamente não tivera qualquer intenção de ouvir o que ela pensava a respeito? Vai ver que ele *já* havia levado Minna a sério. Nem mesmo naquela noite no seu consultório, com toda a sua conversa sobre Aristóteles e Sófocles. Ela não passava de uma distração na sua rotina. Tome mais uma dose da minha cocaína, querida. Isso mesmo, aplique mais um pouco para depois eu lhe despejar os meus problemas pessoais que não interessam a mais ninguém sem demonstrar um pingão de arrependimento por causa disso, porque você também não vai se arrepender, é claro, a menos que esta noite tenha a chance de desgraçar a sua vida inteira. Para o inferno com ele! Minna percebeu que estava prestes a ter um ataque, e tratou de tentar se acalmar.

Eram 3h, já, e ela teve que se obrigar a pensar em outra coisa para ver se conseguia dormir. Talvez fosse o momento de ir até o quarto de Sophie pela milésima vez para levá-la até o banheiro. Ou ela poderia descer até a cozinha para preparar um chá. Não. Minna não queria se arriscar a cruzar com Freud caso ele continuasse trabalhando até tarde – o que costumava acontecer com frequência. Porque, mesmo depois dos últimos acontecimentos, a mente insone de Minna continuava acreditando que ele podia estar interessado nela. Ou talvez não estivesse, afinal de contas. Talvez ele tivesse se mostrado indiferente na noite anterior porque *sempre fora* indiferente mesmo. Mas ele não havia dividido com ela alguns pensamentos muito particulares? Chegara até mesmo a contar que estava “vivendo em abstinência” com Martha. Seria de imaginar que uma informação assim devesse ser considerada de foro íntimo, mas em se tratando de Sigmund *nada* parecia ser de foro íntimo. Nem mesmo seu casamento problemático com a irmã de Minna. Irmã essa, aliás, que já declarara que preferiria estar casada com algum

doutor da alta sociedade especializado no tratamento do reumatismo ou em casos de gota.

Casamento, na opinião de Minna, era algo que quando visto de perto jamais parecia funcionar a contento. O lado apaixonado do casamento, aquela imagem perfeita do êxtase conjugal, estava fadado a desaparecer com o tempo; toda a intensidade se dissolvia inexoravelmente à medida que uma falta de interesse e um comportamento quase mecânico iam se instalando no seu lugar. Manter o marido concentrado nas questões do trabalho e a esposa empenhada na organização do lar era um arranjo feito quase sob encomenda para esfriar até mesmo o mais romântico dos espíritos. Aos olhos dela, a maior parte das mulheres – sua irmã inclusive – devia imaginar inicialmente um relacionamento que fosse capaz de durar por toda a eternidade, mas que acabava se dobrando à tirania da rotina e do tédio, ao monstro implacável da monotonia.

Foi só na hora da refeição principal do dia seguinte que Minna foi vê-lo outra vez. Ela estava determinada a não repetir o rompante de petulância que tivera no consultório. Pensando bem, havia sido uma situação humilhante. Onde ela estava com a cabeça para armar uma cena daquelas, afinal? Não era exatamente como se ele fosse algum pretendente que resolvera esnobá-la. Sigmund era o marido da sua irmã. De alguma maneira, enquanto estava mergulhada na leitura minuciosa e crítica do seu trabalho, ela havia se esquecido desse detalhe óbvio. Um lapso um tanto perigoso, diga-se, e Minna agora se lastimava por ter incorrido nele de maneira tão egoísta. Ela se convencera de que a leitura do texto lhe daria a oportunidade de compreender mais a fundo o pensamento dele e que, assim, poderia ser o ponto de partida para um debate de ideias. E Deus sabia o quanto ela amava esse tipo de debate – vivia para ele, aliás. Mas sua atração pelo mundo das ideias dele a levava a trilhar um território estrangeiro que definitivamente não era o seu lugar.

Ao passar por ela na sala de estar, Sigmund ofereceu um gesto de conciliação ao tocar de leve seu braço.

– Minna, querida, eu queria mesmo falar com você. Andei pensando no assunto, e acho que vou gostar de dar uma olhada nas

suas anotações.

– Ah, não precisa se dar ao trabalho – ela disse, sorrindo como se o incidente do dia anterior jamais tivesse acontecido. – Não mesmo. E, de qualquer maneira, nem sei o que fiz com elas. Talvez já tenha até jogado no lixo.

– Você continua irritada.

– Por que eu estaria irritada? Você deve estar muito cansado mesmo. Imagino que a viagem tenha sido exaustiva – ela disse, entrando na sala de jantar. – Quer uma taça de vinho? Será que você pode servir um vinho para o Dr. Freud? – Minna pediu à criada.

– Oliver, meu bem – chamou ela. – Venha contar ao seu pai sobre o nosso passeio pelos cemitérios enquanto ele estava fora.

Oliver, que nesse momento vinha entrando na sala junto com o resto da família, ficou felicíssimo em iniciar um relato metuculoso e detalhado, como era de seu costume, sobre cada pormenor do túmulo de Mozart em comparação aos jazigos de outros compositores que tinham seu descanso eterno na cidade.

– Mozart faleceu no número 8 da Rauhensteingasse, no ano de 1791. Ele foi enterrado como indigente nos arredores da cidade de Viena, e depois exumado em 1855 para ser transferido para o Cemitério de São Marx. Beethoven faleceu em 1827. O seu jazigo é bem mais suntuoso que o de Mozart. Foi o meu preferido depois do de Schubert, que morreu em 1828. E esses dois ficam no Zentralfriedhof.

Minna continuava acompanhando com atenção a explicação do menino, mas num dado momento reparou que Sigmund havia sacado um charuto e remexia nos bolsos atrás de alguma coisa.

– Pobre Mozart – ela comentou enquanto se levantava, caminhava até uma mesinha lateral e pegava a caixa de fósforos. – Ele era um verdadeiro gênio da música, mas passou seus últimos anos na miséria, tendo que pegar dinheiro emprestado com os amigos até terminar sendo enterrado como indigente. Uma história de dar dó, mesmo.

Riscando um dos fósforos, ela o ergueu diante do rosto de Freud.

– Fogo?

– Ah, sim, obrigado – fez ele, recuando um pouco para se afastar da chama que fora levada até perto demais do seu nariz.

– Isso sem falar no barão Ernst von Feuchtersleben, que era filósofo, mas tornou-se conhecido por...

– Já está ótimo, Oliver, obrigado – cortou Freud, impaciente.

– Muito bem, querido! Foi muito esclarecedor! – Minna disparou, por sua vez.

– Mas Minna, eu gostaria de ler... – Freud insistiu.

– Não é necessário – ela repetiu. – É muito maçante, não é mesmo? Ficar revendo e remoendo as mesmas ideias. Sobre o que devemos conversar em vez disso? Sobre a peça que estreou no Hofoper? Martha, que assunto você sugere?

Martha encarou a irmã em silêncio, perguntando-se que bicho havia mordido Minna.

– Martha?

– Bem, *Frau* Simmon resolveu se juntar ao nosso grupo de trabalhos manuais. Você deveria participar também. Tenho certeza de que iria adorar a peça de crochê linda que estamos fazendo.

Freud passou o resto da refeição em silêncio enquanto as duas irmãs seguiam tagarelando sobre coisa nenhuma. Antes de o queijo ser servido, ele pediu licença e desapareceu escada abaixo.

No final da manhã seguinte, Minna decidiu aceitar o pedido do Dr. Silverstein e convidá-lo para lhe fazer uma visita. O momento pareceu adequado; depois que Martha havia feito sua campanha em favor do médico solteiro, ela se sentia pronta para aceitar a atenção dele.

Minna se sentou na sala de visitas sentindo-se meio passada demais para o papel de mocinha ingênua, metida num vestido rosado cujo tom casava perfeitamente com o da sua pele. Eduard foi instalado numa poltrona junto da janela. A primeira impressão que ele lhe provocara no dia do jogo de cartas provou estar correta. Era mesmo um homem bonito, com suas sobrancelhas espessas e olhos escuros. Ele tinha também os malares bem destacados e um nariz romano – o rosto perfeito de um aristocrata, e era mais alto que Sigmund, com os ombros largos e a mandíbula quadrada. Estava vestido impecavelmente, com um terno que parecia talhado por um

alfaiate londrino sem, no entanto, lhe dar um ar demasiadamente britânico, e ao chegar presenteou Minna com uma caixa de bombons. Um gesto simpático, ela pensou. E os chocolates poderiam ser distribuídos entre as crianças.

Os dois tinham a casa só para si no momento. As crianças haviam saído para um passeio no parque, Martha fora ao *Gartenmarkt* e Sigmund estava na universidade. Depois de oferecer a Eduard uma taça da garrafa de vinho já aberta que estava no carrinho de chá, Minna serviu uma dose para si mesma.

– E então você está instalada definitivamente por aqui?

– Bem, definitivamente, não. De maneira nenhuma – ela esclareceu. – Por enquanto, eu tenho ajudado Martha com as crianças. Você sabe, ela acabou de ter o sexto bebê. E as coisas podem ficar um tanto caóticas numa família numerosa assim...

– Então é uma sorte para eles – ele respondeu, polidamente. – Certamente sua irmã vai querer mantê-la aqui por um bom tempo.

– É muita gentileza sua dizer isso, mas ando pensando em viajar para o exterior no ano que vem. – De jeito nenhum ela se deixaria ver como a irmã solteirona que não tinha para onde ir.

Eles conversaram sobre política, arte e sobre as últimas peças em cartaz. Pelo teor das suas opiniões, ele deixou claro que era bem informado sobre os assuntos do momento e que lia os melhores jornais. O que poderia estar faltando, então? Claramente, sua grande paixão não era a medicina. Ele apenas herdara o consultório da família, e não tinha pudor em afirmar que era o que “pagava as contas”.

Eduard era membro do conselho do museu *Kunsthistorisches* de Viena e também proprietário de algumas obras menores de Klimt. Ele costumava viajar regularmente para visitar as galerias de arte de Paris e do sul da França, e tinha comentários pertinentes a fazer a respeito da nova onda de vanguarda alemã que vinha escandalizando o meio tradicional da arte com seus retratos realistas de prostitutas e jovens nuas. Mas suas discussões sobre o tema sempre pareciam descambar de algum modo para os relatos sobre vernissages e festas “exclusivas” do meio artístico – quem era quem nesses eventos, o lado social da coisa mais do que a arte em si.

De arte a conversa passou para o mundo das corridas quando ele confessou que os cavalos também eram outro interesse seu. Eduard era capaz de dizer que ganhão estava cobrindo qual égua naquele momento em todos os haras do país. Enquanto cruzava as pernas sem pressa e inclinava o corpo na direção dela, ele se deixou impressionar pela sua conduta impecável, sua beleza incomum e pelos seus tornozelos bem delineados, nos quais não havia reparado da outra vez. Ela era mais culta do que a maior parte das mulheres da sua idade. Mas, falando nisso, qual *seria* a sua idade mesmo? Ele não ousou perguntar.

– Mas então, minha cara Minna, você já esteve em Mayerling?

– Mayerling – ela repetiu. – Não é perto de onde fica o pavilhão de caça imperial?

– Exatamente. Eu tenho um pequeno chalé lá, à beira do lago que fica próximo ao povoado.

– Você estava lá quando o príncipe se matou?

– Felizmente, não. Estava viajando.

– Quando foi isso... Há seis anos, já? – Minna indagou.

– Seis anos exatos, agora em janeiro. A primeira nota oficial foi que havia sido um ataque cardíaco, mas o chefe da polícia local, que encontrou o corpo, contou ao meu empregado que o príncipe primeiro havia matado a amante com um tiro, depois passara horas bebendo até acabar com a própria vida com outro disparo.

– Que história mais trágica.

– É verdade. Eu costumava ver o casal no Prater, passeando de mãos dadas e trocando beijos. Ela era muito jovem, e os dois pareciam não ter qualquer preocupação neste mundo. O comentário na cidade foi que o imperador havia exigido o fim do relacionamento, muito embora a esposa do príncipe fosse detestada por todos na corte.

– Pobre Rodolfo... Seria melhor que ele tivesse dado um tiro *nela*, então.

Eduard riu.

– Teria sido o melhor para o império, sem sombra de dúvida. – Ele correu os olhos pela sala. – É difícil imaginar alguém tomando

uma atitude dessas quando tem tudo o que pode querer. E hoje o pavilhão de caça foi transformado num convento, você acredita?

– Das armas para as freiras... Muito pitoresco – ela comentou, bebericando seu vinho.

– As carmelitas ficaram satisfeitas com a mudança.

– Há quanto tempo você tem o chalé?

– Ele pertence à minha família há muitos anos. Fica bem na beira do lago.

Quanto mais ele ia falando sobre o seu refúgio no campo, mais ela ia se sentindo estranhamente desinteressada. Qualquer mulher no seu lugar, especialmente uma mulher na posição em que Minna se encontrava, estaria encantada. Embora estivesse sendo abertamente cortejada, ela não conseguia parar de pensar na porta da despensa que talvez tivesse esquecido aberta, ou se haveria pão suficiente para o jantar ou se ela deveria ter passado na padaria mais cedo.

Quando estava prestes a oferecer chá com bolinhos a Eduard, Minna ouviu a porta da casa se fechar e reconheceu o ritmo das passadas na escada. E então Sigmund surgiu pela porta, embrulhado no seu sobretudo de lã, cumprimentando-a com um ar de surpresa fingida. Por que ele estava de volta? Aquilo não podia ser uma coincidência. O cunhado *certamente* sabia que ela teria visitas hoje. Martha só falava naquilo.

– Olá, Eduard – ele cumprimentou numa voz inquestionavelmente controlada. E ficou lá parado, com o peito estufado e as costas retas, como se houvesse um fio esticado prendendo o alto da sua cabeça ao teto.

– Sigmund – respondeu Eduard, com um aceno educado de cabeça na sua direção. Os dois homens mediram um ao outro em silêncio por um instante. Desde que chegara de viagem, Sigmund vinha lhe dispensando um tratamento tão distante e brusco a ponto de ser quase atordoante. E agora estava ali, protegendo seu território como um cachorro, com o pelo da nuca todo eriçado.

– Espero não estar incomodando vocês.

– De maneira nenhuma – Eduard disse, remexendo-se desconfortavelmente na cadeira. Ele tirou um estojo de prata

trabalhada do bolso do paletó, puxou lá de dentro um cigarro e o acendeu. A fumaça perfumada, de tabaco caro e refinado, tomou conta do ar.

– Que bom. Eu tenho um compromisso... mas acho que posso lhes fazer companhia por alguns minutos... – disse Freud, sentando-se ao lado de Minna no sofá.

Ele vasculhou o bolso, puxou lá de dentro o relógio, conferiu as horas e depois se acomodou melhor no assento, martelando ritmicamente o assoalho com a sola do seu sapato preto pesado. Estava claro que pretendia se demorar ali por um tempo.

A tensão deixou o ambiente abafado. Minna se levantou para afastar as espessas cortinas adamascadas e abrir a janela. A tarde estava no fim e as ruas começavam a ficar mais movimentadas; ela ouviu os ônibus, o barulho dos pedestres e dos cascos dos cavalos e rodas dos coches batendo no calçamento. As crianças não demorariam a chegar. Por que ele estava fazendo isso? Mas que audácia! Enquanto via Sigmund erguer um charuto até os lábios e tragar a fumaça, ela tomou uma decisão levada pelo calor do momento.

– Eduard, eu estava pensando em dar um passeio até o Café. Adoraria tomar uma xícara bem quente, ou... Ou uma cerveja, quem sabe. – Minna caminhou até a porta e pegou seu casaco no cabide.

Eduard lançou-lhe um olhar de interrogação, depois assentiu satisfeito.

– É claro, eu adoraria.

Freud se pôs de pé, um ar de surpresa passando pelo seu rosto.

– Foi um prazer, Sigmund – disse Eduard, com a mão pousada de leve nas costas de Minna. E, dito isso, os dois saíram e deixaram Sigmund sozinho na sala, plantado no meio do tapete como um capitão abandonado pela tripulação em meio a um motim. Pela janela, ele ainda pôde vê-los tomarem um coche de aluguel antes de cortar a ponta de um novo charuto e jogá-la na lareira.

Talvez fosse o efeito do vinho, mas, durante o trajeto de volta do Café com Eduard, Minna não conseguia parar de pensar em Sigmund. Por que ela olhava para aquele sujeito interessante sentado ao seu lado e não era capaz de sentir nada? À

medida que ele falava, ela imaginava as suas palavras se dissolvendo em nuvens de fumaça – fios de vapor cinzento flutuando na direção do teto do coche. Nada do que ele dizia era digno de ser repetido, ou mesmo sequer lembrado. Obviamente, não faltariam mulheres dispostas a gravar cada palavra saída da sua boca. Ele era bem-nascido e culto, mas seu excesso de cortesia deixava Minna sufocada.

E havia ainda outro motivo, que ela relutava em admitir. Às vezes o coração não se atrai apenas pelo que é luminoso. Às vezes ele se deixa cativar pelas ambiguidades obscuras de caráter, pelos silêncios ressentidos. E pela compreensão aguda de alguma ideia ou segredo que exista em comum com a outra pessoa. Nessas circunstâncias, o fato de o relacionamento ser ou não ser apropriado deixa de ser uma questão.

Minna sentiu as faces corarem quando a verdade sobre sua situação veio à tona.

– Você está passando mal? – Eduard quis saber, olhando preocupado na sua direção. – Cocheiro, vá mais devagar.

– Eu estou muito bem.

– Que bom – fez ele, tomando-lhe a mão enluvada na sua.

Infelizmente, o interesse demonstrado por ele não a comovia nem um pouco. Minna ainda se recordava do quanto havia se sentido grata ao receber o convite da irmã. Mas, agora, tudo o que antes lhe parecera uma dádiva – Viena, a casa, as crianças – de repente se mostrava como o oposto disso.

Era preciso que ela fosse embora dali. Não havia nada lhe recomendando que ficasse exceto a perversidade do seu próprio desejo, e ele não dava sinais de que iria arrefecer com o tempo. No início, Minna tentara defender a possibilidade de que o tal desejo não existia, ou, que se por acaso viesse a existir, o seu senso de decoro a ajudaria a conseguir resistir a ele. Mas o fogo da inconsequência ardia na sua mente.

Seu comportamento fora contra tudo o que ela havia sido ensinada, contra tudo o que aprendera na vida. E as convenções do seu tempo não a protegeriam. Aos olhos de um observador externo ela podia parecer a irmã prestativa e tia carinhosa, mas uma

verdade inegável jazia por trás das aparências. O desejo. Como era possível que ele sequer se insinuasse em meio a um cenário como esse?

E o que Minna poderia concluir das circunstâncias concretas do seu relacionamento com Sigmund? Ele estava sendo claro nas suas intenções, disse ela tinha certeza. Isso significava, portanto, que a decisão estava nas suas mãos. E qualquer coisa diferente de uma retirada teria um efeito desastroso. O que estava se configurando ali jamais poderia ser apenas um flerte inconsequente.

Minna subiu as escadas que levavam ao seu quarto. Felizmente, não havia ninguém no caminho. Como ela pudera fingir que estava tudo normal, quando na verdade vinha cobigando o marido da irmã?

Ela tentou dormir, mas sua consciência não lhe dava descanso. A agonia, os suores e o sofrimento eram merecidos. Ela merecia a enxaqueca martelando cada vez mais forte por trás da sua testa. E o torcicolo. Merecia as pontadas de dor que lhe desciam pelo braço e atravessavam seu peito.

Através das paredes, Minna podia ouvir o ressonar de Martha dormindo tranquilamente. O sono dos justos. Ela se levantou da cama, enrolou um xale nos ombros e sentou-se à escrivaninha que levava para o seu quarto.

Viena, fevereiro de 1896

Minha irmã querida,

São três horas da manhã agora, e é com a mão trêmula que eu lhe escrevo esta carta. Acredito que você já esteja a par do que tenho a lhe dizer, mas, se por acaso não estiver, eu só posso implorar que me perdoe.

Tomei a decisão de partir desta casa, e rezo para que com o tempo eu possa voltar a ser acolhida no seu coração.

Não existe alternativa. Nós duas estamos apaixonadas pelo mesmo homem. Não sei como eu fui me permitir incorrer nesse lapso moral irreparável, e só o que posso lhe dizer é que jamais foi minha intenção fazê-la sofrer.

Será que um dia, minha irmã, eu poderei ter o seu perdão?

Minna não conseguiu assinar. Ela deixou a carta na sua mesa de cabeceira decidida a entregá-la para Martha na manhã seguinte, mas o que fez ao acordar foi amassar o papel e transformá-lo numa bola que atirou ao fogo. Talvez, ponderou, nem

mesmo no momento em que estava escrevendo a carta ela tivesse qualquer intenção de entregá-la de fato.

17

– Quero ir passar uns dias com a mamãe.

Martha estava sentada diante da penteadeira arrumando as suas fivelas e travessas de cabelo em caixas de charuto que havia revestido com veludo e brocado. Mas nem mesmo a habilidade dela para o artesanato conseguia disfarçar o cheiro de tabaco que saía da madeira das caixas.

Ela lançou um olhar desconfiado na direção de Minna. A irmã jamais tomaria a iniciativa espontânea de fazer uma visita à mãe. O relacionamento entre as duas era carregado de “pequenas tragédias”, como a própria Minna gostava de descrever sua convivência com Emmeline. Quando era adolescente, ela chegou a dizer muitas vezes à Martha que no dia em que conseguisse ir embora de Hamburgo ela *nunca mais* voltaria – num exagero típico da juventude, claro, mas que sempre parecera muito sincero aos olhos da irmã.

– O que está acontecendo? – ela perguntou.

– Nada. Eu só fiquei com vontade de ir para casa. Não vejo mamãe desde o verão passado.

Martha fitou Minna cheia de ceticismo, e depois se lançou na sua litania de culpa.

Aquilo tudo só podia ser por causa do comportamento do seu marido, da insistência dele em agir como se a família estivesse à beira da miséria e ficar reclamando da sua situação financeira na frente da Minna e das crianças.

– Não é por causa disso – Minna afirmou. – Só acho que será bom passar uns dias fora.

– São as crianças, então? Eu sei que Mathilde está numa fase difícil... e Sophie também não lhe dá uma folga, dia e noite. Por acaso Martin aprontou mais uma das suas travessuras?

– Não tem nada a ver com as crianças, Martha. Eu adoro todas elas. Se você quer mesmo saber, eu não ando me sentindo muito bem. Acho que talvez esteja ficando resfriada... ou com uma gripe. Ou quem sabe até coisa pior. Preciso de uns dias de descanso.

– Ah, querida, achei mesmo que você estava com uma aparência febril ontem. Mas espero que não tenha deixado transparecer nada disso na frente de Eduard. Não ficou reclamando para ele da sua saúde, ficou? Os homens não gostam nem um pouco desse tipo de coisa.

– Pelo amor de Deus, Martha! Eu *não* reclamei da saúde com ele. E, se tivesse feito isso, provavelmente ele teria sido bastante solidário.

– Bem, talvez seja melhor mesmo você viajar por uns dias. Nós não precisamos de mais um foco de doença em casa.

– Eu gostaria de partir hoje à noite mesmo – disse Minna, sabendo que Sigmund estaria com seus pacientes até as 21h.

– Muito bem – Martha concordou. – Há um trem noturno para Hamburgo. Vou verificar se ele deve sair no horário previsto.

Que coisa interessante, Minna pensou. Na sua cabeça, a ideia de fuga nunca havia sido ir *para* Hamburgo, e sim *para longe* de lá. Hamburgo nem lhe passara pela cabeça como uma opção possível durante a última crise que ela havia enfrentado, e também não teria passado agora caso Minna tivesse outro lugar qualquer para onde ir. Mas uma pessoa precisa estar em *algum* lugar, e sua lista de opções parecia cada vez mais reduzida a uma sucessão de alternativas impossíveis.

Mais tarde, ela ouviu o matraquear das rodas de uma carruagem se aproximando assim que o relógio na cornija de mármore da lareira bateu seis vezes. As últimas horas haviam se passado numa agitação infundável de arrumação de bagagens e preparativos. Martha dera a Minna uma quantidade de coroas mais do que suficiente para cobrir suas despesas da viagem, e agora já estava tudo acertado. As crianças emergiram obedientes dos respectivos quartos no momento da despedida. Ernst e Oliver lhe deram abraços de urso que quase a derrubaram no chão. Martin chegou com um ar de quem estava pouco se importando, mas tratou de enfiar o papelzinho dobrado de um bilhete na sua mão.

– Para você ler mais tarde – disse, corando na frente dos irmãos.

– Obrigada, meu querido – Minna respondeu, dando-lhe um beijo na testa e guardando o bilhete na sua sacola.

E, nesse momento, reparou na presença de Sophie, esperando sozinha perto da escada.

– Quando *vochê* volta, *Tante* Minna? – ela perguntou baixinho.

– Não sei ainda, meu docinho.

– Mas quem é que vai me *fajher* dormir? – a menina ceceou tímida, evitando encarar a tia, com os olhos pregados nas tábuas do assoalho. Minna se abaixou, sentindo o calor dos braços da sobrinha envolvendo o seu pescoço.

– Você agora já pode dormir sozinha, porque é uma menina grande. E se por acaso acordar no meio da noite, acenda a sua vela para me escrever uma carta – ela disse, sentindo o peso de uma decisão que agora começava a considerar muito sofrida.

Assim que saiu da casa, Minna foi tomada por uma melancolia terrível. Hamburgo. Ela não conseguiria ficar lá por muito tempo. Mas qual seria o destino, depois? Mais uma casa onde pudesse trabalhar. Mais uma patroa para servir. Ela entrou na carruagem e se recostou no assento, tentando não sucumbir ao desespero. Enquanto o cocheiro baixou a chibata no lombo do cavalo, que relutava em seguir adiante, ela abriu o bilhete de Martin: “Querida *Tante* Minna, espero que você melhore depressa. Com amor, Martin.” Outra onda de tristeza surgiu quando ela se deu conta da perda que teria ao ficar longe das crianças – e de Sigmund. Coisas acontecem com as pessoas quando elas não estão nos lugares onde deveriam estar. E ela não deveria estar naquela casa. Aquelas crianças não eram *suas* crianças. E, por Deus, aquele não era o seu marido também. Essa era justamente a questão.

Minna chegou à estação Westbahnhof às 19h, e sentou-se por um tempinho num dos bancos de madeira da área de espera. Estava usando seu traje de viagem, um vestido azul-marinho com debrum creme. Olhando para o quadro de horários, viu que seu trem estava atrasado. E ficou observando o fluxo de pessoas a caminho da plataforma: mães apressadas com suas crianças irrequietas, vendedoras de lojas, funcionários, comerciantes, um mascate encarquilhado levando um saco pendurado no ombro. Reunido em um dos lados, perto de um guarda, havia um cortejo nupcial com moças bem-nascidas todas vestidas de branco, envergando capas de

veludo e saias com pala de arminho. Elas estavam ali para se despedir da noiva sorridente que, junto com seu noivo, abria caminho lentamente pelo meio do grupo na direção do seu trem já à espera.

Ela ouviu quando o apito do chefe de estação mal encontrou uma brecha no meio do vozerio da multidão, e depois foi perguntar a um carregador quando o seu trem iria chegar. O homem encolheu os ombros. Ela deveria ter imaginado. Aquela estação era conhecida pelos atrasos frequentes dos seus trens. Os problemas com as conexões entre os trilhos eram uma realidade inescapável do sistema ferroviário. E então Minna tratou de se acomodar de volta no seu banco, puxando um livro da sacola e sentindo-se deslocada – um pouco indecente, até –, como se estivesse fugindo de casa e não devesse estar ali. Mas em que outro lugar ela desejava poder estar? Talvez na excursão guiada pela Europa sobre a qual ela tanto havia tagarelado com Eduard. Com direito a uma escapada até Veneza e seus canais escuros. E passeios a *trattorias*, igrejas, residências, e também idas à praia. Ela estava com sede de mudança, havia dito a ele. Mas não era uma mudança de cenário, ou de rotina – ela queria uma mudança no coração.

A espera estava começando a se tornar intoleravelmente longa e maçante, e a multidão que lotava a plataforma começou a desaparecer pouco a pouco à medida que os seus trens iam chegando e partindo. Sob a iluminação noturna suave, o prédio da estação parecia uma catedral com seus pisos de mármore, as imensas janelas em arco e os bancos de madeira. E, de fato, ele funcionava como uma terra de ninguém espiritual para os perdidos e os desgarrados.

Embalada pelo som das sinetas e apitos dos trens ao fundo, Minna se recordou dos detalhes da sua partida mais cedo: as mãozinhas quentes de Sophie, as despedidas das crianças, a tagarelise de Martha. Ela não queria ter de pensar na gravidade da situação da qual havia escapado.

Às 22h, ainda sem qualquer sinal do trem, um carregador lhe disse que a viagem havia sido cancelada e que a composição seguinte para Hamburgo só sairia pela manhã. E a orientou a

procurar uma pensão logo ali em frente onde, segundo ele, os passageiros costumavam ficar quando seus trens não apareciam.

Quando Minna atravessou a rua na direção da pequena pensão, nuvens negras vindas do norte haviam tomado conta do céu da cidade e a tempestade começava a cair. O clarão dos raios iluminou a fachada acanhada da casa de cômodos, e ela viu uma luz bruxuleante por trás das cortinas na entrada que dava para a estação.

Um mendigo abordou Minna, surgido do meio da escuridão.

– Por favor, *Fräulein*, ajuda para um velho necessitado.

A chuva, que começara bem leve, agora caía numa massa ininterrupta de água. Ela pousou sua valise no chão para tirar uma coroa do bolso e entregar ao sujeito antes de subir as escadas que davam acesso ao saguão modesto da pensão.

Minna preencheu o livro surrado de registros e ocupou o último quarto disponível. Ele tinha um teto inclinado com vigas aparentes, lambris verdes nas paredes e uma pequena lareira no canto oposto ao da janela alta que dava para a rua.

Logo ao entrar, ela pendurou o casaco e o chapéu na cadeira de carvalho próxima à cama simples de latão que ocupava a maior parte do espaço. Reparou que os lençóis eram imaculadamente brancos e que havia uma pilha de cobertores em cima deles. Era incomum ver tanta limpeza nesse tipo de estabelecimento, pensou, mas mesmo assim puxou as cobertas para ver se não havia carrapatos por baixo. Depois, acendeu a vela que encontrou no consolo da lareira, tirou a camisola e o robe de dentro da valise e se despiu. Pegando a garrafinha de prata que carregava na bolsa de mão, Minna levou-a aos lábios para sorver um gole do líquido frio.

Deixou o corpo cair na cama, mas o sono não veio. Só conseguia pensar que estava prestes a voltar para Wandsbek, a cidadezinha perto de Hamburgo onde vivia Emmeline. Minna se viu no seu quarto de menina, apartada de Viena, sujeita às ordens da mãe. O quadro da realidade que a aguardava, em todo o seu horror, foi penetrando no seu cérebro como se fosse um tiro em câmera lenta. Estava tentando ler alguma coisa, fazer algo que pudesse distraí-la, quando ouviu as batidas na porta. Depois de vestir seu robe,

levantou-se para abrir uma fresta. E viu Sigmund parado do lado de fora, no seu sobretudo de lã escura, completamente encharcado.

18

Quando ele fez o primeiro movimento na sua direção, Minna recuou para junto da parede do quarto como se estivesse sendo atacada por um desconhecido.

– Sigmund... – disse. Sua mente corria acelerada enquanto puxava as abas do robe para apertá-lo mais em volta do corpo. – Como foi que você me encontrou?

– Não foi difícil. Esta é a única opção de hospedagem perto da estação.

– Não creio que...

– Não é do meu interesse entrar em nenhum tipo de jogo – cortou ele. – O que você quer, Minna?

– O que eu quero está perfeitamente claro. Quero ir para casa.

– Duvido muito. Diga o que está se passando na sua cabeça.

– Não sou uma das suas pacientes.

– E eu não sou o seu médico – disse ele, chegando mais perto. – Você quer que eu vá embora?

– Não – ela respondeu num sussurro.

– Ótimo – disse ele, tirando o casaco molhado e depois o colete enquanto ela o observava. As tábuas do assoalho rangeram quando ele se afastou para postar-se junto da janela e tirar os sapatos e meias encharcadas. Minna continuava de robe, com os braços nus dos cotovelos para baixo, e começou a esfregar nervosamente uma mão na outra antes de trancar e passar a corrente na porta. Uma camada fina de suor cobria o seu peito.

– Venha até aqui perto da janela. Quero olhar para você – ele disse.

Minna não respondeu, não fez nenhum movimento, e então ele foi até ela, afastou uma mecha de cabelo para trás da sua orelha e correu a mão pelo seu rosto e pescoço. Depois, despiu-lhe o robe com todo o cuidado e passou as mãos em volta da cintura dela.

A sensação era de que eles estavam decididos a fazer aquilo desde o instante em que haviam se conhecido, embora nenhum dos dois fosse tomar as providências para que a coisa de fato acontecesse. Ela não conseguiria justificar racionalmente para si

mesma dizendo que aquilo tudo era obra do destino. Essa seria uma saída fácil demais.

O primeiro beijo foi uma extravagância de sensações – a luxúria repentina do momento parecendo ao mesmo tempo assustadora e inesperada. A rapidez com que ela estava cedendo chegava a ser surpreendente. Minna parou tudo por um instante e teve que fazer um esforço para se lembrar de quem era... mas o mundo exterior lhe parecia cada vez mais distante.

– Deite – sussurrou ele, empurrando-a na direção da cama.

Quando tomou seu rosto nas mãos, Minna não conseguiu mais pensar. A sensação era de estar mergulhada num surto leve de insanidade.

– Sigmund – ela disse. A voz soou débil aos seus ouvidos, irreconhecível.

O gosto foi de tabaco quando ele pareceu sorvê-la por inteiro num beijo, afrouxando a própria gravata e afastando a camisa para o lado. Ele colou a boca na sua nuca e depois roçou-lhe o ombro com os lábios, iniciando tudo com uma suavidade que a pegou de surpresa. E juntou o seu corpo ao dela num ritmo lento e deliberado. O desejo começou em fogo brando e se alastrou pelo corpo de Minna com uma rapidez vertiginosa.

E eles atravessaram o frenesi da carne, entregues. Ela não queria que ele parasse nunca. Foi como se estivesse suspensa fora do tempo, sem história, sem peso moral algum.

Depois, foi estranho. Ele ficou deitado com as mãos cruzadas atrás da cabeça, observando-a. Os dois quase não falaram nada. Talvez porque nada do que dissessem poderia consertar as coisas. Ela não chorou como costumam fazer muitas mulheres na sua primeira vez. E não houve declarações feitas de parte a parte. Ainda assim, Minna estava apaixonada por ele. Quanto a isso não havia a menor dúvida. E agora, olhe só qual havia sido o resultado.

– Qual é o problema? – ele perguntou.

Ela virou a cabeça para o outro lado, pronta para se levantar.

– Vamos, não faça assim. Não me empurre para longe depois de tudo o que aconteceu.

– Não tenho escolha.

– O que você quer dizer?
– Quero dizer que não se pode reescrever o passado.
– Não é necessário fazer isso – argumentou ele.
– Você precisa ir embora agora – disse Minna, levantando-se abruptamente e pegando de volta o seu robe. Algo dentro dela pareceu se romper.
– Você vai para casa, então?
– Não, vou embora. Amanhã.
– Você vai voltar para mim – afirmou ele, confiante.
– Impossível – retrucou ela. Mas ele a beijou e abriu um sorriso quando sentiu a reação de Minna ao seu toque.

Pela manhã, ela tentou manter uma atitude casual enquanto fechava a conta da pensão. Queria parecer uma mulher comum, saindo para pegar seu trem na estação. Mas seu esforço foi em vão. A sensação era de estar metida num vestido de noite enquanto todos em volta circulavam em trajes diurnos. Desde o momento em que passou pela porta do quarto ela se recusou a ceder ao peso das próprias emoções, fazendo de tudo para ocultar sua sensação de transgressão. Até porque, fosse como fosse, ela logo estaria a bordo do trem.

Minna atravessou a passagem principal da estação até a plataforma onde o trem estava à sua espera, uma silhueta negra e abrutalhada que soprava baforadas de fumaça no ar gelado. *Chega*, pensou. *Nunca mais*. Aquilo tudo era absolutamente imperdoável. Mas, ao mesmo tempo, Minna sabia que morreria se nunca mais o visse outra vez.

No túnel, lá longe, ela avistou os funcionários da ferrovia metidos em seus casacos pesados de lã e botinas de couro, caminhando pelos trilhos cruzados. E tentou manter o equilíbrio quando a plataforma tremeu inteira à passagem de outra locomotiva, com os engates das suas rodas girando e esticando ritmadamente feito a lançadeira de um tear gigantesco. Um carregador passou por ela com as costas curvadas, empurrando um carrinho lotado de baús, malas e caixas amarradas com cordas enquanto o fluxo de passageiros se despejava na plataforma.

Minna sentiu uma exaustão imensa quando se acomodou no seu lugar e pôs-se a fitar a jovem anêmica sentada à sua frente. O trem assoviou, balançou e começou a se movimentar.

Ela ficou com os olhos colados às vidraças sujas das janelas vendo a cidade sumir atrás de si. Depois os fechou e recostou a cabeça no encosto do assento de madeira. O que será que ele estaria fazendo naquele exato momento? Será que estava pensando nela, imaginando a forma como ela pensava nele?

Os detalhes passavam e repassavam sem parar na sua lembrança. As coisas que ele havia feito, o que tinha falado. As coisas que ela fizera com ele. Ao longe, soavam os apitos dos outros trens cruzando os campos de neve cinzenta.

O chacoalhar monótono do trem e a falta de sono da noite anterior estavam pouco a pouco ninando-a. Depois do som demorado e contínuo de um apito, reparou que a moça sentada à frente ressonava de leve.

Como num caso de morte na família, tudo na sua vida agora se dividia entre o antes e o depois. Ela nunca chegara a tomar a decisão consciente de que este ou aquele dia seria o momento em que as coisas atingiriam o ápice da complicação, mas o fato era que esse dia havia chegado de qualquer maneira, e agora havia uma mancha indelével na sua fibra moral. E todo o antes lhe parecia efêmero e desimportante, e o depois, uma catástrofe iminente que a deixava consumida pelo pavor.

Não se tratava apenas de ter um caso com um homem casado. Tratava-se de uma traição terrível, inadmissível. A ovelha negra da família chegara a um negror mais preto do que o preto. Era a imagem exata da destruição e decadência. Como podia ser possível que os seus sentimentos por ele gravitassem tão rapidamente da paixão desenfreada para o pântano escuro do pecado e do remorso? Pensou nas mulheres insanas que costumava ver pelas esquinas da cidade, envoltas em trapos e vociferando impropérios demoníacos – uma imagem um tanto mórbida, talvez, mas seria esse o seu destino de direito? Por mais que se esforçasse, não conseguia encontrar uma desculpa para o comportamento aberrante que vira em si mesma. Não havia expressão possível para definir a angústia

emocional que Minna estava enfrentando a caminho de encontrar sua mãe.

Mas não demoraram a surgir também as justificativas racionais que povoam a mente de todo pecador. Ela havia feito sua tentativa de fuga, mas ele aparecera à noite no meio de uma tempestade. E não houvera como resistir. Havia uma mudança em curso, e uma mudança profunda, na percepção que Minna tinha de si mesma. Era nojenta e ultrajante sua ruína moral, mas ainda assim seu desejo por ele continuava existindo.

No momento em que havia aberto a porta para que Sigmund entrasse, ela se vira arrebatadoramente perdida, despindo-se de toda a inocência e inibição num ímpeto de ardor erótico. A pacata cunhada sedutoramente apetitosa na sua condição de fruto proibido. O sexo havia sido intenso, imperioso, desconcertante e infinitamente permissivo. O que ela devia fazer mesmo era encerrar aquilo com um tiro, atirar-se de uma ponte, ser marcada a ferro, açoitada ou apedrejada.

Externamente, para todos os efeitos, Minna pensou consigo, se nunca mais me acontecer nada eu aceitarei a vida que tenho, que daqui em diante passará tranquila e sem sobressaltos. Como uma noviça que adentra o convento pela primeira vez, estava disposta a abrir mão voluntariamente de tudo porque já havia experimentado tudo. Mas internamente teria que viver para sempre com a lembrança que a mortificava a cada segundo, o ataque incestuoso que desferira contra a própria família e que jamais poderia ser revelado.

19

À medida que o trem se aproximava de Hamburgo, Minna avistou o rio Elba – coberto de gelo àquela altura – e o recorte familiar das silhuetas das torres de São Nicolau, São Miguel e São Pedro contra o céu da cidade. Mas não estava inclinada a admirar a vista. Afinal, apesar dos milhares de pontes e dos canais cortando a cidade, Hamburgo não era exatamente uma Veneza. E a época do ano não era das mais propícias. A temperatura estava congelante, com ventos vindos do mar do Norte e do Báltico que penetravam até os ossos de quem ousasse andar pelas ruas, por mais casacos que tivesse para vestir.

Recolheu seus pertences e se agasalhou para descer do trem. A plataforma estava coberta por uma camada fina de gelo, e o cheiro da fumaça das fábricas aglomeradas junto ao rio já se fazia sentir no ar. Alguns anos antes, a cidade fora devastada pela pior epidemia de cólera que já se abatera sobre a Europa. Por sorte, sua mãe estava fora na ocasião, mas o rastro de morte deixado pela doença havia sido impressionante.

Na estação, Minna conseguiu um coche que concordou em levá-la até a zona rural, com suas estradas cada vez mais traiçoeiras e difíceis de trafegar. Num determinado momento do trajeto, o cocheiro se viu preso numa poça de gelo enegrecido e precisou livrar as rodas do veículo da vala funda onde haviam caído.

– Isso vai ter um custo extra – informou ele, no seu dialeto baixo-alemão.

– Pode seguir adiante – ela disse, seu hálito condensando-se num rastro visível no ar. Em circunstâncias normais Minna teria discutido com o homem, mas agora não lhe pareceu que valeria o esforço.

Ao anoitecer, eles chegaram à casa da sua mãe, no número 38 da Hamburger Strasse. Era uma casa modesta de dois andares com fachada de tijolos aparentes e um telhado triangular, cercada por um amplo quintal. Minna galgou os degraus da entrada e bateu de leve na porta, mas, como não teve resposta, resolveu contornar a casa e passar pela cerca viva densa perto da entrada de serviço para entrar

por lá. A mãe jamais deixava a porta dos fundos trancada, essa era uma de suas peculiaridades conhecidas desde sempre. Numa ocasião, Minna se lembrava de ter perguntado por que ela insistia em deixá-la aberta.

“Porque, se por acaso eu ficar presa fora de casa, posso entrar por lá”, Emmeline respondera de maneira muito pragmática.

Minna entrou na casa pelo corredor estreito que levava à cozinha. A lareira estava fria e havia um único prato sobre a mesa de madeira sem pintura, com um pedaço de bolo comido pela metade e um bule de chá que havia esfriado. A mãe devia ter saído para fazer compras. Não tinha tido tempo hábil de avisá-la sobre sua decisão de ir para casa.

Tudo ali dentro parecia muito austero aos olhos de Minna, tudo muito insípido e frugal exceto pelo aroma de pinho no ar, que na sua mente estaria sempre associado à ideia de lar. Subiu as escadas em silêncio, desanimada, e entrou no seu antigo quarto. Lá estava o tapete que sempre detestara, uma massa desordenada de fios trançados de cor indistinta ainda com as manchas do tempo da sua infância. Mas aparentemente a sua mãe havia tomado posse do quarto. Xales e suéteres muito gastos estavam pendurados nos ganchos junto à porta, e na mesinha perto da cama estava aberto um conjunto de material de costura com retalhos de tecido enfileirados. Todos os objetos que tinham acompanhado a infância de Minna haviam desaparecido, inclusive seus livros – provavelmente devia estar tudo guardado em caixotes no sótão. Sentindo-se tomada por uma onda de cansaço repentina e uma ligeira pontada de pânico, Minna sentou na cama de ferro meticulosamente arrumada e correu os olhos em volta, confusa, como se tivesse acabado de despertar de algum sonho.

Deitou-se, fechou os olhos e tentou não pensar na sensação de ter o corpo dele abraçado ao seu. Queria aqueles braços em volta de si, as pernas dele trançadas nas suas. A sensação que transbordava do seu peito era ao mesmo tempo de vazio e de vergonha.

Foi tudo muito estranho. Na hora isso não lhe ocorreu, mas ele não pareceu estar nem um pouco preocupado com as consequências nem com nada que não fosse o desejo dos dois. Quando o que

estava acontecendo ali na verdade era imprudente e errado... e não deveria se repetir jamais.

Minna se recordou da época em que acabara de completar 14 anos e começava a ser alvo dos olhares masculinos. No entender da sua mãe, existiam apenas dois tipos de mulher: as prostitutas, que se entregavam aos prazeres obscenos da carne; e as castas, esposas passivas e filhas livres de qualquer sentimento de natureza sexual. Era uma percepção bastante comum, aliás, essa que categorizava tacitamente mulheres mais sensuais automaticamente como amantes ou meretrizes. E que tinha no extremo oposto as esposas fiéis, as mulheres que encaravam o sexo como um dever a ser cumprido com o objetivo de gerar filhos ou garantir a satisfação dos maridos. Esposas como Martha.

Já estava ficando escuro, e Minna temia ouvir os passos da mãe a qualquer momento. Emmeline já deveria ter chegado àquela hora. Puxando as cobertas em volta do corpo, começou a cochilar. E não viu a mãe parada nas sombras junto à porta.

– Martha? É você? – chamou uma voz.

– Não, mãe. É a Minna – ela respondeu, erguendo o rosto com um sorriso cansado. A sensação era de ser uma intrusa, não uma criança que crescera naquele lugar.

Ela tirou o grosso casaco de lã e o chapéu e ficou parada ainda na porta, fitando a filha. Estava toda vestida de preto, como de hábito. Com a morte do pai de Minna, a mãe preferira manter o luto, mesmo depois de passados os anos de praxe. A cor não combinava com ela. Sua severidade deixava a pele pálida demais e os traços angulosos do rosto ainda mais acentuados. Emmeline também havia abraçado a tradição dos judeus ortodoxos de as mulheres rasparem a cabeça ao se casarem, e desde então usava apenas perucas... mesmo depois de ter ficado viúva. Para Minna, a mãe envelhecera vinte anos no instante em que o pai morreu, e havia ficado congelada nesse ponto desde então. Agora, com os grossos cabelos grisalhos da peruca presos num coque e a pele flácida pendendo do seu perfil outrora agradável, ela poderia se passar facilmente por uma senhora de mais de 70 anos – quando na verdade estava com

cerca de 55. Emmeline havia se transformado naquilo que antes procurara imitar: uma velha.

– Minna! Minha nossa, mas isso é *mesmo* uma surpresa! Há quanto tempo você chegou?

– Algumas horas... Vim só lhe fazer uma visita.

– Duvido muito. Você nunca me visita.

– É claro que visito.

– Quando foi a última vez?

– Mãe, acabei de chegar. Não vamos entrar numa discussão.

– E você também nunca me escreve – acrescentou ela, num tom irritado.

– Está quente aqui dentro? Estou sentindo calor... – Minna disse. A falta de sono e a tensão da noite anterior estavam começando a mostrar seus efeitos.

– Qual o problema? Aconteceu alguma coisa com você? – a mãe quis saber, pousando a palma gelada da mão na testa de Minna. – Está tão pálida!

– Não é nada. Eu andava exausta, só isso, e Martha sugeriu que viesse lhe fazer uma visita.

– Isso é estranho. Você nunca se cansa. Mas, naquela casa, não duvido que possa ter acontecido. É muita coisa que recai sobre Martha. Vocês poderiam ter me avisado, de qualquer maneira. Convidei o tio Elias e a tia Mary para jantar e acho que agora a comida não dará para nós todos.

– Não estou com fome – Minna mentiu. Na verdade seu estômago estava roncando desde a chegada a Hamburgo, fazendo com que ela se arrependesse amargamente de ter recusado o café da manhã no trem.

– Ora, você não precisa comer, é claro, mas eu não quero que a comida pareça insuficiente.

Santo Deus, pensou Minna, olhando para a escuridão lúgubre do lado de fora. Ela quer *mesmo* que eu vá até o mercado.

– E você conhece o apetite insaciável do seu tio. Ele certamente comerá pelos dois!

– A senhora quer que eu vá comprar alguma coisa? – Minna ofereceu, numa voz débil.

– Ora, é claro que não. Eu não lhe pediria uma coisa dessas, pode esquecer essa ideia. Mas é verdade que a mesa talvez não fique tão farta...

Minna tratou de se recompor, erguendo o corpo para sentar na cama e ajeitando os cabelos. Um sentimento viscoso de impotência se fez sentir no seu peito. Ela sabia que um dos maiores medos da mãe, mesmo diante do seu próprio irmão, era passar a impressão de que não poderia pagar por uma refeição simples.

– O que a senhora quer que eu traga, mãe? – indagou ela, puxando as botas de baixo da cama para voltar a calçá-las.

– Só mais um chalá... – Emmeline respondeu na mesma hora. – E, já que está por aqui, você pode passar na queijaria e trazer um pedaço de Gouda. Mas vá à loja de Hasselbrook.

– Ela fica tão mais longe...

– Mas o queijeiro de lá é solteiro. Você precisa de dinheiro para levar?

– Não, tenho o suficiente comigo – Minna disse. Ela preferiria morrer a ter que pedir uma coroa que fosse à mãe. Inclinando o corpo, fechou as compridas fileiras de botões de cada uma das botas, o pé esquerdo, o pé direito. E depois vestiu seu casaco e o chapéu. A mãe não estava sendo nada razoável, e Minna sabia bem disso. Mas ela iria de qualquer maneira. Ninguém poderia acusá-la de não ser cortês. Depois de ter descido as escadas atrás de Emmeline, pegou uma maçã da travessa que havia na cozinha ao passar.

– Vá depressa, querida. As lojas já vão fechar. Pode deixar que vou preparar um jantar bem gostoso para você – a mãe disse numa voz carinhosa.

Esse era o modo que ela usava para sinalizar que a filha agora deveria se sentir grata. Minna nunca suportara esse jogo. Martha, em seu lugar, reagiria como era esperado. “Obrigada, mamãe”, ela certamente teria dito. Mas nem morta, pensou Minna, recordando-se da sua adolescência tempestuosa.

A constatação de que teria que ficar um tempo ali era desalentadora. Ela passara os últimos dez anos da sua vida revezando-se entre empregos como governanta e dama de

companhia, e o que havia ganhado com isso no final? A sensação de que talvez sua vida não estivesse mais sob seu controle provocou-lhe uma pontada de pânico. Mas Minna não devia se mostrar ressentida com a mãe. Com todas as turbulências que houvera no relacionamento entre as duas no passado, a sua queda em desgraça de agora certamente não tinha nada a ver com Emmeline.

20

A mesa estava posta e as velas do sabá prontas para serem acesas quando Minna voltou para casa. Estava sem fôlego depois da correria para chegar à padaria antes que fechasse e depois ir até a loja do queijeiro, e a sensação de urgência da empreitada a deixara com dor de cabeça. Estava pensando em sentar para tirar as botas enlameadas quando se deu conta de que os tios já haviam chegado e estavam na sala de estar.

– Deixe os embrulhos na cozinha e venha ficar conosco – chamou Emmeline, numa voz tilintante.

E Minna obedeceu, limpando as solas das botas num tapetinho que havia perto da porta e metendo na boca o último pedaço de um doce folhado. Ela não havia comido nada desde a noite anterior, não conseguira resistir. Depois de lamber os restos de creme dos dedos, entrou na sala.

– Veja só que maravilha, Elias: a minha Minna veio fazer uma visita – disse Emmeline, estendendo os braços para puxar uma cadeira para a filha junto da sua.

Pelo visto, enquanto Minna saía para ir às compras, a Emmeline doce e carinhosa havia surgido de repente. Essa era a faceta pública da sua mãe. Só os membros mais próximos da família – e isso incluía Sigmund, que nunca fizera questão de esconder sua antipatia pela sogra – eram obrigados a lidar com a outra Emmeline, exigente e agressiva.

– Minna, minha querida – tio Elias disse. – Mas que surpresa! Você está linda. Se eu soubesse que estaria aqui, teria trazido Elsa para vê-la. Você sabia que ela está esperando um bebê? Quem diria, não é mesmo? E o seu cachorrinho terrier anda tão enciumado que só sabe latir e pular no meu colo o tempo todo. Os cães têm mesmo um sexto sentido para essas coisas, você não acha?

– Você sabia que Minna está ajudando a tomar conta dos filhos de Martha, não é? – intrometeu-se Emmeline.

– Ah, é claro. E como vão Martha e todos os *Kinder*? Você viu só quantos netos a nossa Emmy foi arrumar? Que coisa, não é? – disse

ele, abrindo um sorriso largo para Minna e recostando-se na sua cadeira.

– Hora de comer – anunciou Emmeline, tomando Minna pela mão e fazendo um gesto para os outros irem também. O cheiro de frango assado com recheio de fígado havia tomado conta da sala de jantar. Havia também grossas fatias de beterrabas muito vermelhas e vagens agridoces mergulhadas na manteiga perto das travessas de batatas ao creme. Minna havia coberto o chalá com um pano branco. Quando todos se reuniram ao redor da mesa, tio Elias pôs seu quipá enquanto Emmeline ajustava um véu negro rendado na cabeça para acender as velas do sabá.

– *Barukh atah Adonai Elohaynu melekh ha-olam, asher kidishanu b'mitzvotav v'tzivanu l'hadlik ner shel Shabbat.*

Minna ouviu as palavras conhecidas e começou a recitar a prece junto com a mãe, como ela e Martha costumavam fazer todas as noites de sexta-feira quando eram meninas. Sigmund, é claro, pusera um ponto final nisso tudo. Para ele, todas as religiões eram “claramente infantis e alienadas da realidade”, e ela o ouvira se referir muitas vezes às crenças ortodoxas de Emmeline como sendo a sua “loucura piedosa”. Principalmente por conta do fato de o foco dela recair majoritariamente sobre as orações de súplica, os pedidos deste ou daquele favor a Deus, em vez de se concentrar nas preces de gratidão. Emmeline por sua vez se ressentia do genro por causa da maneira como ele proibia a filha de respeitar o sabá ou mesmo de recitar orações à mesa das refeições.

Mas a hostilidade entre os dois tinha raízes bem mais profundas. Sigmund culpava Emmeline por ter “raptado” Martha e a levado para Hamburgo no início do relacionamento dos dois, e acreditava que isso fora uma tentativa deliberada de separá-los. Isso porque, aos olhos dela, ele não passaria de um estudante pobre e sem um futuro garantido, um pretendente que não estava à altura da sua preciosa filha mais velha. Não era segredo que Emmeline havia mesmo declarado guerra contra ele. Ela, aliás, havia inclusive vencido a primeira batalha, mas Sigmund se mostrara um oponente aguerrido e acabou conseguindo a vitória final.

Terminada a bênção do pão, o tio de Minna agora estava com os olhos e o interesse focados inteiramente nela.

– E quando você deve ir embora, minha querida? – ele perguntou gentilmente.

– Ainda não sei. Talvez eu passe um tempo aqui – Minna respondeu, reparando que a mãe fitava seu rosto do outro lado da mesa.

– E quais os seus planos para essa estadia?

– Bem, ainda preciso pensar. Mas pode ser que procure um emprego em Hamburgo.

– Ah, isso seria muito bom – trinou tia Mary. – Quem sabe você possa ajudar Elsa quando o bebê nascer. Eles já estavam mesmo começando a entrevistar candidatas para a vaga.

Minna teve vontade de dizer que aquela era a última coisa que faria na vida, mas deu um jeito de se conter. A ideia de trabalhar para a prima mais nova, de quem ela cuidara quando menina, lhe parecia humilhante demais.

– Na verdade eu já tenho uma oferta de trabalho na cidade, mas se por acaso as coisas não derem certo por lá aviso à senhora – ela mentiu sem pestanejar, evitando encarar o olhar da mãe.

– Está me ocorrendo uma ideia... – tia Mary prosseguiu. – Vocês se lembram daquele homem que alguém apresentou para Elsa e ela não gostou? Por que não vemos se ele continua disponível e o aproximamos de Minna?

Era perfeitamente aceitável e até mesmo considerado educado que uma mulher bebesse cinco ou seis taças de vinho durante um jantar formal do sabá. E Minna sentiu que estava precisando de cada uma delas naquela noite. O álcool a encheu de uma sensação renovada – embora certamente infundada – de tranquilidade, funcionando como uma ferramenta eficaz para conter a sua ansiedade por um tempo.

Mais tarde, enquanto lavava os pratos do jantar junto com a mãe, ela tratou de esquivar-se cuidadosamente das perguntas sobre sua partida apressada da casa de Martha e sobre que oferta de emprego era essa em Hamburgo. Quando reparou que as respostas da filha não iriam ficar mais claras, Emmeline mudou de assunto.

– Que notícia boa, essa da Elsa – ela disse, enxugando a última das travessas. – Ela sempre foi uma criança adorável. A mais linda de todas as primas.

Emmeline guardou a tigela na prateleira mais alta, fechou as portas de vidro do armário e virou-se para a filha.

– Você tem se alimentado direito, querida?

– É claro que sim.

– Pois está magra demais. Essa magreza toda só combina com garotinhas novas. Ela muda até a sua fisionomia, sabe?

– A senhora está me achando envelhecida?

– Eu acho é que talvez você até pudesse parecer atraente para um homem se tentasse manter uma aparência menos dura. Mais acessível, você sabe.

– Eu não quero atrair homem nenhum. – Mal as palavras lhe saíram da boca e Minna já se deu conta da hipocrisia do seu comentário.

– Bem, se pretende ter *seus próprios* filhos algum dia, não pode seguir assim despreocupadamente ano após ano, sozinha. Mulheres que fazem isso... Bem, é uma coisa triste de se ver. Você se lembra daquela nossa vizinha, a pobre *Fräulein* Hessler? Era assim que todos se referiam a ela. Eu simplesmente não me lembro de ninguém que pronunciasse o nome dela sem o “pobre” na frente. E você agora já está com quase 27 anos...

– Vinte e nove.

– Vinte e nove, meu Deus! O tempo passa mesmo depressa – Emmeline comentou, secando agora o último prato antes de entregá-lo a Minna. – Sabe, amanhã podemos fazer uma visita ao rabino Selig. Ele sempre tem uns conselhos ótimos para dar. E conhece a nossa família há muitos anos também. Depois faremos crochê juntas, eu quero lhe mostrar a linha nova que comprei. Quem sabe você volta a se dedicar um pouco aos trabalhos manuais, não é mesmo?

– Boa noite, mãe – disse Minna, sentindo o estômago se revirar.

– Hoje foi um dia longo. Acho melhor ir me deitar.

– Boa noite, querida.

Minna subiu as escadas pensando que não fazia nem 24 horas que chegara em casa e já estava precisando ir embora. As coisas acabavam voltando logo aos seus lugares de sempre. Saudades de casa... Estava aí um sentimento que *já* a afligia. Ficar morando ali seria como aceitar ser enterrada viva. Ela não perderia tempo, precisava começar a procurar pelo tal emprego imediatamente. Depois de desfazer a mala, encheu a tina de ferro de água quente e mergulhou nela. A tradição do judaísmo ortodoxo proibia os banhos no sabá, mas a mãe nunca seguira esse preceito muito rigidamente com ela e com Martha. E ainda bem que não, porque Minna estava precisando desse alívio para encerrar a sua noite. Depois, quando estava deitada, lendo, ela ouviu uma batida de leve na porta.

– Trouxe um pouco de água para você – disse Emmeline, deixando o jarro com o bico lascado junto da cama.

– Obrigada – Minna respondeu, sentindo sua irritação desmoronar. A mãe, afinal, *estava* se esforçando.

Ficou ouvindo seus passos arrastados descendo a escada, trancando a porta da frente e depois voltando a subir até seu quarto no lado oposto do corredor. *Eu estou com 29 anos. Minha mãe não precisava ter me lembrado disso*, Minna pensou, correndo os olhos pelo quarto. Tudo estava do mesmo jeito de antes, só um pouco mais desarrumado. O papel de parede com motivos florais ganhara um tom amarelado e estava descolando nos cantos, havia arranhões nas gavetas da penteadeira e metade dos puxadores desaparecera. O cenário da sua vida hoje estava longe de corresponder aos seus sonhos de criança. Mas eles também nunca giravam em torno de fantasias domésticas como o de outras meninas. De um jeito ou de outro, ela sempre soubera que a maternidade não estaria no seu caminho.

Minna rolou na cama para tentar dormir, mas não conseguiu conter uma onda repentina de remorso. Havia sido uma desconhecida que estivera nos braços daquele homem. Não ela. Embora soubesse que não seria possível apagar as lembranças, Minna estava determinada a tentar. E a *não deixar* que elas interferissem no seu futuro. Até aquele ponto, ela levava uma existência respeitável. E agora encontraria um novo emprego em

uma outra cidade e construiria uma vida sem qualquer outro acontecimento digno de nota. Virando o corpo de lado, puxou as cobertas até o queixo. Depois ouviu um farfalhar do lado de fora e lembrou que a porta dos fundos não estava trancada. Aquilo poderia ter sido um gambá? Uma ratazana? Ou quem sabe algo maior... ?

– Mas que inferno! – ela soltou irritada, enquanto jogava as cobertas de lado para correr até o andar de baixo e passar o ferrolho na bendita porta.

E, enquanto subia de volta na cama, se perguntou – só por um instante – se ele estaria pensando nela.

21

Na manhã seguinte, Minna saiu de casa bem cedo e caminhou até o Café que ficava no limiar da cidade. As rajadas de vento gelado da véspera haviam se acalmado um pouco, mas a brisa continuava forte a ponto de varrer o lixo acumulado na sarjeta e levantar o chapéu da sua cabeça. A intenção dela era dar uma olhada num jornal local para ver se encontrava algum anúncio de emprego, mas quando avistou o cenário desolado com casinhas acanhadas à sua volta, desconfiou que seria obrigada a ampliar o raio da sua procura. Tudo ali tinha o sabor amargo das coisas deixadas para trás.

Chegando ao Café, pegou o jornal no caminho para se acomodar numa das mesas do fundo. Quando foi remexer no bolso para pegar o dinheiro, seus dedos pescaram um pedacinho de papel. O que era aquilo? A caligrafia era inconfundível. Um bilhete dele.

Quinta-feira, 2 de fevereiro. 16 horas. Hotel Vier Jahreszeiten, Hamburgo

Aquilo seria dali a dois dias. *Impossível*, ela pensou. E cogitou a ideia de jogar o papel na lixeira e fingir que nunca o tinha lido. Seria tão fácil! E certamente era o que ela *deveria* fazer. Mas, em vez disso, acabou dobrando o bilhete e guardando-o de volta no bolso. Tentaria seguir adiante com o seu dia. *Mais tarde eu cuido disso*, disse para si mesma, tratando o assunto como quem recebe uma conta elevada que sabe não ter dinheiro para pagar. Mas a verdade era que o recado de Sigmund já estava pesando como se fosse um tijolo amarrado ao seu corpo. Em que momento ele havia deixado o bilhete no seu casaco? Por que simplesmente não lhe dissera que estaria na cidade? Talvez estivesse a caminho de algum congresso lá de qualquer maneira, embora o horário marcado parecesse um tanto suspeito caso assim fosse.

Pedi um café, apoiou a cabeça entre as mãos e tentou se concentrar nos anúncios do jornal, circulando os que lhe pareceram mais promissores. A culpa, sempre esse exercício de autoindulgência. Isso era o que Sigmund diria. “Você não precisa sofrer com ela a menos que queira isso.” Bobagem. A culpa não era uma escolha. Ninguém escolheria sentir que a própria vida estava

afundada num pântano de desejo impossível e de sofrimento. O perigo de ter um novo encontro com ele estava claramente assinalado em todas as células do seu corpo... Mas, no final, Minna sabia que estaria lá.

Na quinta-feira, Minna tomou um trem até Hamburgo e caminhou alguns quarteirões até entrar num bar que ficava ligeiramente abaixo do nível da rua. Era um salão frio, escuro e cavernoso como um purgatório – o lugar ideal para sua espera. Depois de tirar o chapéu e pedir um café, ficou aquecendo as mãos em volta da xícara.

Puxando da bolsa um pequeno espelho, Minna deu uma olhada no próprio rosto. Os olhos estavam um pouco vermelhos, e os lábios, ressecados. Depois de espalhar um pouco de pomada colorida na boca, reparou que deixara uma bochecha mais rosada que a outra ao sair de casa. Felizmente, sua mãe não havia reparado no *rouge*. Na opinião de Emmeline, maquiagem só servia para prostitutas e atrizes.

Naquele dia mais cedo ela se mostrara alegre e falante, tudo isso porque imaginava que Minna estava prestes a conseguir uma vaga com a família Kassel, história que a filha havia exagerado de maneira grotesca ao relatar. O que havia sido uma simples resposta sua a um anúncio publicado no jornal fora transformado pela sua falsidade numa certeza de emprego. Mas, bem, ela estava convencida de que os Kassel pelo menos pediriam para ver uma carta de referência assim que recebessem a notícia do seu interesse pela vaga.

“Você deve saber que a família Kassel é uma das mais tradicionais de Frankfurt... Eles são muito conhecidos por aqui também. Como foi mesmo que eles chegaram ao seu nome? Através da baronesa? Ela deve ter lhes dado ótimas referências suas para eles quererem chamá-la assim com tanta pressa.”

Minna estava mergulhada profundamente nos próprios pensamentos quando o garçom chegou para perguntar se gostaria de mais um café.

– Não, obrigada... Mas aceito um uísque – ela disse, com um sorriso tenso.

O sujeito hesitou por um instante – estava ali diante de uma mulher atraente e de aparência sofisticada, bebendo sozinha no meio do dia. Certamente aquela não era sua clientela habitual. Ele pousou um copinho ao lado da sua xícara de café, encheu-o até a boca e se recostou no balcão para observar enquanto ela sorvia o líquido de uma vez só. Minna sentiu o deslizar longo e lento do uísque se alastrando pelo seu organismo.

– Mais uma dose? – o garçom indagou, num tom que não a agradou muito.

– Não, obrigada – disse ela, sinalizando com um gesto que gostaria de pedir a conta. E depois pagou e saiu.

O vento forte que soprava do mar havia voltado mais uma vez: ele cheirava a sal e maresia e abriu a aba do seu casaco enquanto Minna caminhava. Depois de pensar no melhor trajeto a fazer, ela decidiu cortar caminho pelas ruas de St. Pauli, a capital mundial da vulgaridade, que abrigava na sua Reeperbahn um dos mais conhecidos distritos da luz vermelha da Europa. Ela e Martha sempre tinham o cuidado de passar bem longe dali quando eram meninas, alertadas por Emmeline sobre as ruas sórdidas onde os marujos iam gastar suas coroas. Mas, se o caminho mais direto até o hotel era justamente o que passava pelo bairro, qual era o problema? Além do mais, ainda com o dia claro os bares e cabarés da Grosse Freiheit estariam com suas portas fechadas, com todas as meretrizes e os clientes ainda de ressaca ou adormecidos. Não haveria perigo algum.

Depois de passar pela porta de diversos bares, ela se esquivou de um monte de lixo e adentrou uma área mais sofisticada onde a burguesia local havia iniciado recentemente um programa de embelezamento urbano. Quando chegou ao hotel, já passava das 15h. Ela conseguira se entregar à procrastinação durante quase três horas.

Ela hesitou por um instante na frente da pesada porta de ferro do hotel elegante, depois a empurrou e entrou no saguão. Por alguns instantes, a luz ganhou um brilho intenso, cegante, como acontece logo antes de o sol ceder espaço ao crepúsculo. E então

ela o viu. Sigmund estava de pé no balcão, de costas, sua silhueta desenhada contra a luz do fim de tarde.

Era extraordinário constatar, Minna pensou, como ele lhe parecia uma visão familiar agora. Os cabelos, a postura, a maneira como apoiava a cabeça... E havia algo de único em Sigmund, até mesmo quando visto de costas. Ele se virou para encará-la.

– Não tinha certeza de que a encontraria aqui.

– Você sabia que eu viria – ela retrucou, pousando a mão enluvada na dele.

A noite ainda não havia caído, não era um horário decente para um homem e uma mulher estarem juntos na cama. Minna tinha penetrado num mundo novo, um mundo secreto, pensou, no qual você não vai para o lugar aonde estava indo e desaparece assim que chega lá. E um mundo onde depois, ao voltar à sua vida de sempre, você finge que nada aconteceu. O anonimato é tudo. Você nunca pode arriscar olhares diretos; as trocas mais simples muitas vezes se tornam óbvias demais, e o trivial se torna hipnótico. Há um acordo de parte a parte sobre o que é ou não seguro, uma certa dose de polidez excessiva no contato inicial seguida por uma onda de alívio quando os dois enfim se veem juntos atrás de portas fechadas e podem se entregar ao ardor.

Eles se postaram lado a lado no fundo do elevador revestido de madeira, com os nervos tilintando e os olhos fixos na porta de ferro trabalhado, fingindo que não estavam juntos. O ascensorista idoso deu uma olhada de relance.

– Andar, senhor?

– Sétimo, por favor.

– E a senhorita?

– Sétimo – disse ela, sem olhar para Freud.

O homem nem piscou ao fechar a porta e puxar para o lado a alavanca do mecanismo. Minna ouviu o ranger das engrenagens enquanto via o saguão elegante desaparecer abaixo de si. Sigmund já havia preenchido o registro mais cedo. Tudo fora meticulosamente planejado e impecavelmente executado. À perfeição. E lá estavam eles. Dois desconhecidos num mesmo elevador.

Assim que se viram sozinhos no quarto, ele colou o corpo contra o dela, e Minna foi tomada por uma onda de desejo enquanto tratava de se livrar do casaco e da blusa. Pela expressão no rosto de Sigmund, ela viu que a sensação era recíproca.

– Você sentiu minha falta? – ele quis saber.

– Qual é o seu problema? Como pode me perguntar uma coisa dessas?

Até porque seria preciso ter um corpo feito de pedra para uma pessoa conseguir escapar daquela avalanche, Minna pensou consigo mesma. Ela estava tomada por uma euforia e uma perversão que pareciam quase inumanas. Uma depravação deliciosa.

Depois, ele debruçou o corpo por cima do dela para abrir a gaveta da mesa de cabeceira e tirar de lá um maço de cigarros. E, pela primeira vez, Minna reparou na garrafa de champanhe dentro de um balde de prata e nas duas taças sobre o tampo da penteadeira.

– Tome, meu amor – ele disse com uma voz carinhosa. – Eu trouxe para você.

Ela pegou um cigarro do maço, sentou-se na cama e recostou as costas na cabeceira. Ele o acendeu. Ela deu uma, duas tragadas e depois rolou o corpo para fora da cama, apagou o cigarro na moldura da janela e começou a juntar suas roupas.

– Aonde você vai? – ele quis saber. – Eu tenho a noite inteira.

– Eu preciso voltar. Mamãe vai ficar preocupada.

– Uma lástima. Mas ela pode esperar.

– Ela vai querer saber onde eu estava.

– Só se isso for atrapalhar o jantar dela. Vamos conversar um pouco.

– Você vai falar de como nós somos modernos, de como somos deliciosamente pouco respeitáveis? Ou será que vai tentar me curar de “nós dois”?

– Impossível. Não existe uma cura – ele disse, beijando-a, sorvendo o gosto de fumaça que estava na sua boca. – Venha para a cama de novo.

Mais tarde, antes de se separar mesmo dele, Minna correu os olhos pelo quarto – as toalhas brancas largadas como duas poças no

chão do banheiro, os lençóis amarrotados, as taças de cristal vazias em cima da cama. Seu pensamento flutuou por imagens de braços e pernas entrelaçados, úmidos e escorregadios. A luz vazava pelas frestas da cortina como uma mensagem secreta passada por baixo de uma porta. Ele a chamou para junto de si. Ela debruçou o corpo para lhe dar um beijo de leve na boca. Ele afastou uma mecha de cabelo que caíra no seu rosto e a fitou em silêncio, pensativo.

– No que você está pensando? – ela quis saber.

– Estou querendo saber quando a verei de novo.

– Não estrague o momento.

– Você não está pensando na mesma coisa?

– Não.

– Mentirosa.

– Já estou contando as horas. Era isso que você queria ouvir? – indagou ela.

– Eu quero ouvir a verdade.

– A verdade é que não há o menor futuro para isto.

– Para tudo há um futuro.

22

Antes de embarcar no trem para casa, Minna passou pela *Apotheke* perto do hotel. Até então não havia se preocupado com o ritual das duchas preventivas após o sexo, principalmente porque terminara o primeiro encontro decidida a nunca mais vê-lo. Não que fosse impossível ter engravidado na primeira vez, é claro. Onde ela estava com a cabeça? Nas nuvens, certamente. Mas agora era o momento de fincar os pés no chão e tomar as precauções que qualquer mulher casada ou prostituta conhecia muito bem. O mais seguro, obviamente, teria sido sair da cama direto para fazer o ritual lá mesmo no banheiro do hotel. Mas, fosse como fosse, ela não dispunha do preparado nem do instrumento necessário quando estava lá. E então entrou na pequena loja, passando por paredes forradas de armários com gavetas meticulosamente etiquetadas. A conversa que travou com o farmacêutico foi de tom pragmático, o mesmo que ele usou antes de lhe entregar a seringa uterina e uma mistura à base de água e ácido carbólico.

Antes mesmo de cumprimentar a mãe, Minna correu escada acima para trancar-se no banheiro e realizar o procedimento necessário. Depois, escondeu a seringa na sua mala para descartá-la na lata de lixo mais tarde. O instrumento não voltaria a ser necessário.

– E então? Conseguiu o trabalho? – Emmeline quis saber.

– Acho que sim – Minna respondeu.

– Bem, eles certamente foram bem meticulosos na entrevista. Você passou horas fora de casa.

Minna passou a maior parte da noite atormentada por um mau presságio tão forte que teve medo de que fosse acabar com sua vida. E ficou a maior parte da noite acordada, com os olhos arregalados na escuridão. Num dado momento, levantou-se da cama para ir até o banheiro. *Eu sou um monstro*, pensou, encarando sua imagem fria e dura no espelho. Não conseguia parar de pensar no sexo. Ter estado com aquele homem mais uma vez fora como mergulhar numa piscina cheia de mercúrio. Um veneno mortal e ao mesmo tempo uma dádiva.

Deveria se sentir constrangida por demonstrar tanto ardor. Deveria se mostrar mais recatada. Havia passado horas agarrada ao corpo dele, os rostos dos dois brilhantes como se fossem feitos de vidro líquido. Pouco antes de ir embora, havia confessado a ele que o encontro provocara nela uma sensação de excitação tão forte que havia lhe parecido chocante. E ele lhe dissera que esses impulsos são instintivos e básicos tanto na mulher quanto no homem, e que a satisfação sexual era a chave para uma vida emocional feliz.

Mas, se era mesmo assim, por que ela não estava feliz agora? De alguma maneira, a sensação era de que os dois haviam se tocado por inteiro e ao mesmo tempo não se tocavam em parte alguma.

Pouco depois de finalmente ter conseguido pegar no sono, ela despertou outra vez, agitada e nervosa, ouvindo o tiquetaquear do relógio em cima da lareira, um cachorro latindo desconsolado na vizinhança e, a cada hora exata, o ecoar lamentoso e distante dos sinos da igreja de São Miguel. Se fosse católica, Minna poderia ir se confessar, ganhar a absolvição e tocar sua vida adiante. Por que essa possibilidade lhe parecia tão mais atraente do que ter que cumprir penitência diante do velho rabino em um dos três cultos diários da sinagoga da sua mãe? Talvez os católicos tivessem sido sensatos ao inventar os confessionários para abrigar segredos pessoais dos olhares julgadores de toda a congregação. Houve um momento em que ela se levantou para beber um copo d'água, mas sua boca continuava seca. Num instante sentia calafrios, e logo depois um calor e uma impaciência inexplicáveis. Como uma coisa tão básica e tranquila como o sono podia ter se transformado naquela tortura?

Minna já havia lido sobre as mulheres que tomavam a decisão de rechaçar abertamente os preceitos vitorianos de conduta, mulheres que falavam dos prazeres de Eros, mulheres que depois se escondiam por trás de faces coradas e crises de enxaqueca. Mas quem se mostraria disposta a se lançar ao fogo para alimentar essa fera que agora lhe parecia insaciável?

Ainda assim, caso ela se visse entregue à mercê de um juiz e forçada a fazer um juramento de só dizer a verdade, teria que admitir a ponta de arrependimento que sentira quando se separara

dele sem a promessa de um futuro reencontro. Mas o fato era que não havia alternativa possível.

Por sorte, no dia seguinte chegou uma mensagem das irmãs Kassel lhe oferecendo um período de experiência como dama de companhia na sua casa, com a possibilidade de o cargo ser definitivamente seu dependendo do grau de satisfação e compatibilidade de ambas as partes.

Quando finalmente chegou a hora de se despedir da mãe, Minna sentiu uma tristeza inesperada. Houve pouca emotividade de ambas, e ela sabia – como sempre soubera – que Emmeline estava aliviada por poder voltar à sua rotina solitária. A mãe havia se tornado uma mulher rígida e altiva depois de sofrer a série de perdas amargas que se abatera sobre a sua vida, e jamais se esqueceria das décadas de grandes e pequenas desfeitas que tivera que suportar de vizinhos, parentes, amigos próximos e até mesmo das próprias filhas. Para Martha, de alguma maneira, ela sempre conseguira encontrar o perdão. Mas não para Minna.

Estar de volta em casa a fazia se recordar do caminho de vida diferente que ela escolhera ainda na juventude, e que de uma maneira ou de outra nunca havia funcionado da forma que era esperada. Minna se via sempre acompanhada pela dúvida quanto ao que fazer em seguida, sem jamais se acomodar, sem jamais se acertar de vez na sua vida. O ato de deixar a casa da mãe deveria ser o sinal de que ela estava partindo para ser mais feliz em outro lugar, mas a realidade que a aguardava era uma vida de servidão e renúncia de si mesma. Uma vida que seria considerada sofisticada por alguns, mas que aos seus olhos se configurava como um infortúnio. Puro sofrimento numa gaiola de ouro.

Os Kassel eram uma antiga família tradicional de Frankfurt da qual essas duas irmãs solteironas, Bella e Louisa, representavam a derradeira geração. Elas moravam no distrito de Sachsenhausen, numa elegante mansão neoclássica de três andares, quatro salões para recepções, oito quartos e quatro banheiros. A residência era uma estrutura atraente, pintada de branco, com janelas retangulares envoltas por intrincadas molduras decorativas. Uma construção que exalava simplicidade, proporção e equilíbrio –

ideais que havia muito as duas irmãs tinham deixado de lado na decoração interna. O interior da casa era um primor de mau gosto e exuberância.

Os aposentos de Minna ficavam no último andar, com janelas para as sebes que demarcavam o fim da propriedade e para o austero jardim dos fundos. Depois que sua bagagem foi deixada no alto das escadas, ela foi conduzida a um dos salões e se viu, ao entrar, mergulhada num abarrotado ninho de feminilidade decorado com uma miscelânea de peças e móveis extravagantes. Era um ambiente antigo, imponente e gelado. As paredes tinham um tom berrante de vermelho-rubi, as vidraças eram cobertas por guirlandas franjadas que se acumulavam por cima das pesadas folhas de madeira das janelas. E Minna certamente nunca vira uma sala tão atulhada de bricabraques: porta-retratos, aquarelas, estatuetas, livros, jarros, dois capacetes turcos fazendo-se de vasos de planta, espelhos com molduras rococós e uma profusão de bibelôs de jade e quartzo-róseo. E, para completar, quase a totalidade das obras de arte presentes consistia em imitações malfeitas de mestres famosos do passado, daquele tipo de quadro comumente encontrado aos montes nas casas de penhores.

Arroubos decorativos daquele tipo não eram tão raros assim, Minna pensou consigo mesma. Sua antiga patroa, a baronesa, também era vítima da mesma moda que tornava os ambientes quase inabitáveis. No seu entender, aliás, muita gente rica não hesitava em corromper e misturar aleatoriamente estilos numa pretensa homenagem à nobreza do seu passado.

Ela encontrou as duas irmãs empoleiradas em almofadas franjadas sobre a estrutura de noqueira texturizada do sofá. Louisa, a mais velha, tinha pouco menos de 1,5 metro de altura e um rosto pálido e severo retorcido por um tique nervoso intermitente. Ela levantou uma mão fria e flácida para tocar a de Minna enquanto a examinava com um olhar míope de desaprovação.

– Queira se sentar, *Fräulein* – disse, fazendo um gesto na direção da cadeira que havia num canto. Sem esboçar nem a sombra de um sorriso.

Minna tirou seu casaco com um ar hesitante, deixando-o sobre os ombros enquanto se acomodava perto de uma mesinha do século XVI com os joelhos tremendo por causa do frio. Será que aquelas duas nunca tinham ouvido falar em sistemas de aquecimento, pensou. A mulher seguiu examinando Minna por cima dos óculos enquanto lhe despejava uma ladainha de expectativas e normas de conduta (referindo-se a si mesma o tempo todo como “nós”, que abarcava ela própria e a irmã), e alertava que em hipótese alguma a casa toleraria a presença de médiuns, comunistas, vegetarianos ou venezianos vulgares. E, ah, sim: o consumo de bebida alcoólica pelos funcionários era terminantemente proibido, e todos estariam sujeitos a inspeções diárias em seus pertences.

A irmã mais nova, Bella, que tinha o rosto coberto por uma grossa camada de maquiagem, herdara o mesmo nariz e queixo pontudos, mas em contraste com a silhueta de passarinho da irmã era uma figura molenga e rechonchuda. E, além disso, como Minna não demoraria a descobrir, ela possuía o hábito de repetir tudo o que Louisa dizia como se fosse algo que tivesse acabado de lhe ocorrer ou, em vez disso, de completar as frases da irmã. Bella deixou que Louisa conduzisse a parte inicial da entrevista sem erguer os olhos do seu tricô. Suas agulhas se cruzavam sem parar num clique-claque contínuo, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Graças aos céus, num dado momento ela finalmente deixou de lado aquele barulhinho infernal para se juntar à conversa.

- Aos domingos, na hora do almoço, nós recebemos convidados.
- Oficiais de prestígio, e banqueiros também.
- Uma pessoa jamais deve se permitir ter contato com quem está abaixo do seu nível social.
- Nós temos ojeriza a alpinistas sociais e mulheres dedicadas à caridade.
- Elas são piegas demais.
- Nós costumamos organizar mesas de carteados dia sim, dia não.
- E nos dedicamos a cantar e a tocar piano.
- Também dia sim, dia não.
- Às sextas-feiras, nos dedicamos aos jogos de salão.

– Geralmente em companhia do nosso amigo mais brilhante e fiel, Julian.

– *Cher, trop cher*, Julian.

Depois de ter passado mais de uma hora ouvindo aquela avalanche de tolices, Minna ainda não fazia ideia de quais seriam suas incumbências diárias. Mas as irmãs lhe disseram que fosse para o seu quarto terminar de se acomodar para que começasse a trabalhar na manhã seguinte. Ela supôs então que estivesse contratada e concluiu que as duas deviam ter aprovado a lista de referências que apresentara – que incluía o nome da baronesa. Felizmente, entretanto, nenhuma pediu para ver a carta de recomendação da mulher em si, que obviamente não existia.

Minna subiu as escadas que levavam até o seu quarto e trocou o conjunto cinzento de viagem pelo seu robe. Sua sensação era de estar totalmente despida de qualquer adorno – uma mulher sem enfeites. Ao olhar para o rosto refletido no espelho, reparou na cor de pelo de doninha dos cabelos, na pele opaca e sem viço. Era quase como se ela tivesse assumido a missão de sumir, de criar uma Minna diferente imersa num mundo diferente, um mundo moral e adequado onde as pessoas acreditavam em honra, abnegação e fidelidade.

Ela se deitou na cama, prestes a enfrentar mais uma noite agitada. Mesmo na fortaleza que era aquela casa, ainda conseguia ouvir o farfalhar das folhas fustigadas pela ventania lá fora. Uma trovoadas ribombou ao longe e ela sentiu a pontada familiar da melancolia que a acompanhava. Mais uma casa onde se adaptar, mais uma lista de regras e restrições perversas para acatar. O trabalho em si nada tinha de atraente, mas ela esperava que com o tempo seu desconforto e desalento cedessem. Afinal, havia conseguido uma maneira de escapar da casa da mãe e arrumara um lugar para ficar até decidir o que iria fazer da sua vida.

E o que seria isso, exatamente?

Mais uma rajada de vento varreu o telhado. Minna rezou para conseguir manter a mente tranquila até o dia amanhecer. Ela *não iria* se encontrar com ele outra vez.

Quando enfim pegou no sono, foi atormentada por sonhos inquietantes. Viu-se abandonada, trancada numa casa vazia sem que ninguém desse falta da sua presença. Quando acordou, às 5h, estava varada de frio. Ainda podia ouvir o vento uivando do lado de fora, e sentiu a certeza cortante de que havia conseguido trair a única pessoa que se importava com ela no mundo. Sentando-se na cama, empurrou para longe esse pensamento esmagador. Bem mais fácil seria restringir suas reclamações às queixas físicas, e de fato suas costas estavam doendo e a cabeça latejava. Tratou de se vestir antes de descer até a cozinha e preparar um chá, e depois parou diante da imensa fornalha enegrecida que ainda não havia sido acesa. Apertando mais o xale em volta do corpo, ela se perguntou se por acaso haveria alguma regra rígida com relação àquilo também, mas estava sentindo tanto frio que a resposta deixou de ter importância. Quando a criada da copa chegou, o fogo já estava aceso, e Minna se sentara perto do calor da fornalha para tentar se aquecer enquanto aguardava para receber as instruções das irmãs Kassel. Enquanto as horas se passavam, ficou olhando para os armários que transbordavam de pratos, travessas e copos de todos os formatos e tamanhos. Havia panelas de cobre pendendo de ganchos no teto e uma parede inteira só de condimentos que impregnavam o ar com os aromas exóticos da Índia, China e outras terras distantes. *Essas duas devem receber muitas visitas mesmo*, ela pensou. Mas que tipo de pessoa iria querer visitar uma casa daquelas?

E lá ficou ela esperando – e tirando cochilos ocasionais – até 11h, quando as irmãs a chamaram com um toque da sineta. Ao subir até a sala Minna encontrou as duas no sofá, já se preparando para se recolherem e tirarem a sua primeira soneca do dia. Ela logo descobriu que o sono era o principal passatempo das irmãs Kassel, e também o tema mais constante das suas reclamações. Diariamente, conversas giravam em torno da insônia da véspera, do número de horas que elas enfim *havam conseguido* dormir e em que horários pretendiam ir para seus quartos “pensar” ao longo do dia, o que significava tirar um cochilo. Minna recebeu instruções sobre comprimidos, receitas médicas e soluções de pepsina, e foi

incumbida de descobrir qual seria a dose exata das infusões trazidas da farmácia capaz de proporcionar uma boa-noite de sono. As irmãs falavam sobre sono desde o início do dia até tarde da noite e viviam se queixando dos seus ataques de “debilidade”, condição que atribuíam à falta de sono mais do que à sua ausência de disposição para saírem de casa. O tempo todo, Louisa murmurava baixinho consigo mesma, até mesmo durante os cochilos que costumava tirar no sofá da sala de estar. E Bella não demorava a pegar no sono também, com seu tricô largado numa massa emaranhada de fios pousada em seu colo.

Minna acabou descobrindo que sua lista de tarefas diárias era bastante corriqueira: ela precisaria ajudar as duas a se levantarem pela manhã, e à tarde teria que ir cuidar de pequenas incumbências na rua enquanto as irmãs se recolhiam para descansar. Elas nunca a acompanhavam a lugar nenhum, com medo de que pudessem acabar exaustas demais. E isso acabou sendo vantajoso para Minna, que em alguns dias aproveitava para escapar até algum bar das redondezas e tomar uma ou duas cervejas antes de voltar para casa.

Na sexta-feira, quando estava voltando da rua, Louisa a avisou que havia chegado uma correspondência e que a criada a deixara no seu quarto. Bastou olhar o envelope para saber que não era uma carta dele.

Viena, 22 de fevereiro de 1896

Minha querida Minna,

Você não imagina o tamanho da minha surpresa e desapontamento quando eu soube que havia deixado a casa de mamãe na semana passada para aceitar um emprego em Frankfurt. Ontem chegou o cartão-postal dela me informando sobre seu novo endereço, e devo dizer que estava esperando que você mesma nos desse essa notícia, principalmente em vista das saudades que eu e as crianças estamos sentindo – e também porque estávamos esperando que voltasse para ficar conosco depois de um mês.

Sophie ficou especialmente abalada ao saber da novidade. Ela voltou a apresentar os problemas para dormir e passa a maior parte das noites em claro. Sigmund pelo visto acha que essa sua ideia foi na intenção de garantir uma renda própria, e que talvez você sentisse que estava atrapalhando a nossa rotina doméstica. Mas eu lhe garanto que, no meu entender, é justamente o contrário.

Nós devemos ficar sempre unidas. Peço que, por favor, você reconsidere a sua decisão, e que se for mesmo ficar em Frankfurt que seja de maneira temporária.

Tudo o que posso fazer é lhe implorar, minha irmã querida, e esperar que resolva voltar para nós.

Cheguei à conclusão de que talvez essa sua ideia de aceitar a vaga das irmãs Kassel tenha sido por influência de mamãe, e que você só tenha concordado em fazê-lo por causa dos conselhos dela. Se isso for verdade, gostaria que se lembrasse de que, como Sigmund costuma dizer, ela não costuma levar nossa felicidade em consideração. Apesar de que, como você bem sabe também, ele pode ser um tanto severo nos julgamentos que faz a respeito de mamãe.

A propósito, hoje pela manhã quando eu voltava do florista me encontrei por acaso com Eduard, que estava saindo da sua ronda matinal no hospital. Ele me acompanhou durante uma parte do caminho e nós conversamos sobre amenidades e contamos as novidades de parte a parte. Você sabia que o puro-sangue dele vai disputar as provas em Dresden no próximo verão? Ele também me contou que tinha acabado de viajar para Florença, e descreveu uns afrescos maravilhosos que viu no teto da Galeria Uffizi. Quando perguntou de você e eu lhe contei sobre seu novo emprego, a reação dele pareceu um pouco surpresa.

"Mas por que logo em Frankfurt?"; ele indagou.

"Isso eu não sei lhe dizer"; eu respondi. Porque não sabia mesmo.

Mas que sujeito atraente ele é! E educadíssimo, por certo. Ele quis saber se eu poderia lhe dar o endereço das suas novas empregadoras, se não fosse muita presunção e se não tivesse se enganado com sua reação àquela visita aqui em casa. Tratei de garantir que você gostaria de receber notícias, e imagino que ele deva lhe escrever uma carta em breve.

Bem, o que mais eu posso lhe contar? A rotina das crianças continua uma loucura. Anna está sofrendo com os primeiros dentinhos. Martin e Ernst pegaram amigdalite, e Edna caiu doente, ou pelo menos é isso que está nos dizendo. Que Deus me dê forças! Sigmund passa o tempo todo recolhido no consultório como de hábito, mas ontem à noite saiu de lá um pouco para jogar um jogo de viagens que as crianças adoram. Ele lhe mandou lembranças.

Vou incluir no envelope a carta que Sophie escreveu. Ela pergunta por você todos os dias. E eu continuo agarrada à esperança de que mudará de ideia e logo estará conosco aqui outra vez.

Da sua irmã que a ama,

Martha

Minna ficou comovida com os apelos inocentes da irmã pela sua volta. Ela havia conseguido sobreviver à última semana apoiando-se na decisão firme de não repetir suas transgressões e de se afastar definitivamente de Sigmund. Embora, lá no fundo, continuasse ardendo o desejo de vê-lo outra vez. Mas aquilo tinha que parar. A questão dolorida veio à tona mais uma vez, inundando tudo: como

ela havia conseguido fazer aquilo com a irmã? O sétimo mandamento parecia ser uma lei que era violada indiscriminadamente na sociedade civilizada. Quantas vezes já não tinha ouvido que “esse aqui” ou “aquela ali” estava tendo um caso? Era quase como uma epidemia. A diferença era que as circunstâncias peculiares da situação de Minna a deixavam um passo além do tal fenômeno generalizado. *Blut ist dicker als Wasser.*

23

Alguns dias mais tarde, enquanto Minna ainda tentava redigir sua resposta para Martha, chegou mesmo uma correspondência de Eduard.

Viena, 26 de fevereiro, 1896

Minna querida,

Sua irmã Martha fez a gentileza de me passar seu endereço. E que bela coincidência essa sua estadia em Frankfurt! Devo ir à cidade no mês que vem para o leilão anual de puros-sangues no Frankfurter Rennklub que fica em Niederrad, alguns quilômetros ao sul da cidade. A pista de provas deles foi construída nos moldes da que existe em Paris, com torres e tudo mais, e há um restaurante fantástico perto do lugar. Talvez você queira me acompanhar nesse dia.

Minha cara, acho que não dei a devida atenção aos relatos sobre seu desejo de liberdade quando estivemos juntos pela última vez. Quero dizer que admiro seu espírito aventureiro e estou ansioso para nos encontrarmos novamente.

Afetuosamente,

Eduard

Ela atirou o cartão numa gaveta fazendo-o desaparecer na montanha de papéis que havia lá dentro, e pôs-se a refletir sobre a aprovação flagrante que Martha demonstrava ter pelo sujeito. O fato era que sua irmã tinha toda a razão. Eduard era mesmo um ótimo pretendente em potencial. Mas, considerando o rumo de seus próprios pensamentos naquele momento, Minna não teria como responder à mensagem dele.

Quando finalmente se dirigiu ao andar de baixo, ela encontrou as irmãs em um dos salões lendo um recado do seu amigo mais próximo, Julian Barnett, consultor de decoração. Ele passara um tempo fora, mas chegaria de volta naquela tarde. E para comemorar o retorno as duas decidiram organizar um jantar de última hora na noite seguinte, *à huit heures sonnantes*, às 20h em ponto.

A cozinheira, as ajudantes de cozinha e arrumadeiras da casa receberam as instruções necessárias; as fornalhas foram limpas e a mobília espanada e lustrada; e Minna foi incumbida de sair para comprar velas, flores, frutas cristalizadas, conserva de nozes, garrafas de champanhe e embutidos. Pelo menos haveria um pouco de calor naquela casa – e algumas doses de álcool.

Na noite seguinte, o convidado de honra chegou pontualmente às 20h e encontrou uma casa aquecida, bem iluminada e repleta de rosas brancas que era a visão perfeita da abundância. Minna havia sido alertada pelas irmãs (mais de uma vez) que o olho clínico de Julian era implacável, e a criadagem recebera instruções para esconder os xales e colchas puídas que costumavam ficar largados pelos sofás como bichos de estimação esquecidos.

– *Cher Julian. Estávamos com saudades* – as duas disseram em uníssono.

– Minhas duas clientes mais encantadoras – retrucou ele numa voz suave e aguda, enquanto entregava a cartola de seda, a bengala com ponteira de prata e a capa de lã ao laçao. Em seguida, lançou um olhar lânguido na direção de Minna, que aguardava no vestíbulo, antes de abrir um sorriso radiante para as donas da casa e erguer a mão de cada uma para beijá-la num gesto cheio de floreios.

Minna ficou olhando para o sujeito alto e esguio. Seu rosto era de uma palidez quase fantasmagórica, com malares bem destacados e um cabelo preto imaculadamente penteado para trás. As mãos eram macias e rechonchudas como as de uma mulher, e tinha um imenso anel de safira no mindinho esquerdo. O trio cruzou a porta do salão e foi se acomodar no meio da profusão de badulaques e das tigelas cheias de pot-pourri mofado.

– Sua casa está adorável, como sempre – elogiou ele, correndo os olhos em volta. – Vocês duas têm mesmo um bom gosto impecável. – *Sim, claro, desde que o visitante seja um apreciador de necrotérios*, Minna pensou.

A festa de última hora foi uma reunião íntima com doze convidados, a maioria já conhecida entre si. O grupo era uma mistura de altos funcionários do governo, jovens beldades da sociedade local e dois catedráticos de ar um tanto severo. As típicas figuras de quem ninguém gosta de verdade, mas que são sempre úteis para dar vida a um evento social. Minna teve que admirar o talento das irmãs para organizar uma reunião como aquela, embora todos os presentes *não parassem* de trocar relatos sobre suas velhas aventuras no exterior e os escândalos mais recentes do noticiário local.

– Isto me faz lembrar a Feira Mundial em Chicago – disse o professor Wertheim, um primo distante da família Kassel.

– Eu soube que bastou o presidente Cleveland apertar um botão para que cem mil lâmpadas se acendessem no pavilhão do evento – comentou *Herr* Bahr, ex-ministro do Parlamento que chegara acompanhado por uma jovem de cabelos negros que Bella mais tarde descreveria como uma *jeune femme fatale*.

– É verdade... Eu mesmo já estou trocando a iluminação da minha casa.

– E como foram as suas férias?

– Maravilhosas. Paris não é um espetáculo?

– Ouvi dizer que a cidade está abarrotada de americanos.

– Pois eu prefiro a peste a ter que suportá-los.

– E por falar na peste... Vocês souberam do caso daquele tal Dreyfus? Pobre homem, as notícias que chegam de Paris são piores a cada dia que passa – disse Wertheim. Aparentemente ele tinha acesso a algumas “informações privilegiadas” sobre o chamado caso Dreyfus, um escândalo que havia se espalhado como uma praga por toda a Europa. Isso porque alguns de seus amigos de inclinação mais progressista haviam organizado uma manifestação de apoio ao capitão da artilharia judeu Alfred Dreyfus, acusado de atuar como espião dos alemães e condenado pelo governo francês como traidor.

– Uma nação que se diz civilizada, e vejam como eles o tratam, humilhando-o publicamente e confiscando as suas medalhas – acrescentou *Frau* Wertheim, enquanto o marido devorava vários bocados de *gruyère* com presunto de uma bandeja de prata. – Pobre sujeito, acorrentado à própria cama na Ilha do Diabo e, segundo o que contam, escapando da loucura apenas graças às suas leituras de Tolstói e de Shakespeare.

Minna reprimiu o impulso de emitir sua opinião e dizer que o caso todo era uma aberração do sistema judicial francês. As evidências obviamente haviam sido forjadas. Até porque Dreyfus era o único judeu da equipe do general... e isso havia bastado para condená-lo.

Terminada a festa, ela se recolheu aos seus aposentos e ficou zanzando de um lado para o outro do quarto feito um animal

T enjaulado. Chegou a cogitar a ideia de ir até o andar de baixo surrupiar uma taça de vinho, mas a casa estava tão gelada (havia muito que as irmãs já tinham apagado as fornalhas) que acabou desistindo. Agora, precisava se concentrar no problema que tinha diante de si. Como iria responder à carta de Martha? Não era possível continuar procrastinando aquilo. Só esperava que esta noite as irmãs Kassel dormissem direto. Minna descobrira que Louisa e Bella, assim como crianças pequenas, raramente tinham uma noite inteira de sono – elas ficavam atormentando-a para que lhes levasse bolsas de água quente, uma xícara de chá, um cobertor ou travesseiro extra que precisava ser buscado em alguma caixa guardada no sótão. Isso quando não mandavam que fosse até o vizinho exigir que seu cachorro “infernai” parasse de latir. A simples ideia de ser perturbada outra vez por batidas na porta do seu quarto às 2h parecia insuportável para Minna.

Ela acendeu a vela que ficava sobre a pequena escrivaninha, pegou uma folha de papel na sua valise e começou a escrever hesitante, preparando o que seria o primeiro de muitos rascunhos. Os assuntos se revezavam aleatoriamente, dos relatos de como andava se sentindo sozinha e confusa para a confissão da falta que as crianças lhe faziam com suas pequenas idiossincrasias, as brigas e o jeito como haviam começado a se mostrar cada vez mais apegadas a ela.

“Você precisa impedir que a babá volte a dar láudano para Sophie... Quem sabe não seja possível passar no quarto dela algumas vezes ao longo da noite... Oliver já terminou as provas para o ginásio?... Como está a garganta dos meninos?... Por favor, dê uma olhada se o quarto de Martin não anda frio demais.”

Minna seguiu se esforçando noite adentro, vendo cada vez mais folhas amassadas se acumularem no chão em volta da sua cadeira. Linhas rabiscadas, trechos nada sinceros, assuntos que não interessariam a ninguém. As horas passavam sem parar. A vela se extinguia em seu pavio enquanto ela apertava mais o xale em volta do corpo e vestia o casaco por cima de tudo, ainda em busca da coisa certa para dizer. Por fim, desistiu da empreitada e escreveu a resposta à irmã num bilhete curto e em tom jovial... Um bilhete que

soava perfeitamente corriqueiro, mas que, no entanto, era marcado pela sombra da mentira.

Minna escreveu que havia se comprometido com o novo emprego e que jamais ficaria com a consciência tranquila (quanta ironia) se decidisse abandonar suas patroas idosas. Em resposta aos apelos mais emocionais de Martha, ela admitiu – como era esperado – que realmente sentia uma enorme saudade das crianças e que mal podia esperar pelo fim de ano, quando a família celebraria as festas reunida. Para Sophie, ela incluiu um bilhete com a promessa de lhe enviar em breve um exemplar de *The Water-Babies*, um livro do reverendo Charles Kingsley que todas as crianças costumavam adorar.

Sobre os detalhes do novo emprego, lançou algumas informações superficiais para Martha. Não houve qualquer menção às circunstâncias verdadeiras, que a essa altura haviam se tornado opressivas.

Minna acrescentou ainda que, embora ficasse lisonjeada com o interesse de Eduard, não acreditava que pudesse haver algum futuro no relacionamento entre os dois, uma vez que o sujeito não lhe despertava “aquele tipo” de sentimento.

Ela teve que parar e pensar sobre a questão de enviar ou não lembranças de volta para Sigmund. Para começo de conversa, fazer isso seria tão hipócrita a ponto de quase parecer criminoso. E além do mais ele mesmo não lhe escrevera coisa nenhuma, nem um simples cartão-postal – aliás, qual seria o motivo do silêncio? Que ele era perfeitamente capaz de escrever, Minna sabia com certeza. Era inclusive um missivista compulsivo, que seguia regras como se obrigar a responder a todas as cartas recebidas num período de até 24 horas. No fundo, o problema maior era a complexidade e confusão das suas próprias motivações e desejos; nem mesmo a própria Minna sabia o que queria de verdade. Um dos pontos sobre os quais estava segura, entretanto, era a certeza de que precisava se afastar o máximo possível daquele emaranhamento. E, portanto, acabou decidindo que não mencionaria o nome de Sigmund de maneira nenhuma.

No final, ela contemplou a resposta pronta e ficou se perguntando como podia ter chegado àquele ponto. E se viu fisgada pela armadilha primordial humana que são os famosos "e se?". E se fosse possível voltar no tempo? Será que ela teria conseguido se empenhar mais em resistir à tentação? Talvez sim. Mas isso agora não fazia mais diferença nenhuma. Minna já sabia que, naquele momento, era incapaz de fazer cessar o desejo que sentia por ele.

Viena, 10 de março de 1896

Querida Minna,

Fiquei feliz por enfim ter notícias suas, mas, pelos céus, ainda não consigo entender o que você está fazendo aí, e nem por que não fez qualquer menção de quando pretende voltar para casa. Estou preocupada, achando que de alguma maneira isso possa ser culpa minha, ou que exista algum outro motivo sobre o qual você não possa me falar. Tento consolar a mim mesma me apoiando na ideia de que você é apenas, como sempre foi, minha irmã com sede de independência, e que esse seu afastamento nada tem a ver conosco. Essa suposição faz algum sentido? Ou será possível que você ainda esteja ressentida porque eu a desautorizei na frente das crianças? Pensando em retrospecto, eu vejo mesmo que não deveria ter me intrometido numa questão tão corriqueira.

Seja como for, não vou perturbá-la mais com esse assunto. Você sabe o que é melhor para si – exceto, talvez, no que diz respeito aos assuntos do coração, o que nos leva de volta à questão do Eduard. Saiba que ele não vai ficar disponível para sempre. Estive na casa dos Stern uma noite dessas, e a filha deles (aquela criatura atirada) estava praticamente se jogando para cima do homem. Ela ficou sentada ao seu lado no sofá, rindo alto demais de todas as piadas que ele fazia, inclinando o corpo tão para perto a ponto de quase ficar em cima dele, e depois o encarando com um sorriso tolo nos lábios. Quando ele finalmente se levantou para buscar uma bebida, eu o segui até o bar, onde mencionei seu nome e deliberadamente monopolizei sua atenção até o jantar ser servido. E, se é que pode haver algum incentivo extra para sua volta, saiba que ele pareceu ávido por ter notícias suas. Se o destino não vai intervir nessa história, eu mesma estou fazendo isso.

A essa altura da vida, Minna, talvez você já não tenha mais idade para se entregar a flertes ou romances, ou quaisquer que sejam as expectativas que continuem atizando sua imaginação. Tente ser pragmática, ao menos desta vez, e pense no seu futuro. Não espere até as flores do seu jardim murcharem de vez. O tempo não está correndo a seu favor.

Espero que você consiga entender minha caligrafia. A paralisia no braço, embora tenha melhorado, continua comprometendo minha correspondência. As crianças têm me mantido bastante ocupada. A pequena Anna está ótima, fartando-se de leite integral Gartner's, esbanjando saúde. Já Mathilde, por sua vez, apareceu com uma escarlatina leve. Tratei de isolá-la logo no quarto, e até agora, graças a Deus, nenhum dos outros mostrou qualquer sintoma.

Estou exausta hoje, acabamos de voltar de um jantar na casa da minha sogra. Sigmund, como de hábito, estava atrasado, e Amalia não sossegou até ele aparecer. Mesmo sabendo que ele sempre se atrasa, ela fica de cara fechada, mal tomando conhecimento da presença das crianças, zanzando sem parar da porta da

frente até a entrada do prédio. E o pai dele enquanto isso só sabe se refugiar na sua poltrona, sem dizer uma palavra. Sinceramente, não sei como o sujeito pode aguentar aquilo. E então, quando o seu "Sigi de Ouro" finalmente chegou, Amalia lhe disse que estava muito pálido e que tinha emagrecido desde a última vez.

"Ele tem tido refeições adequadas?", ela perguntou, virando-se na minha direção como se estivesse me culpando. E logo em seguida fez um comentário grosseiro sobre meu próprio peso.

Ninguém que se casasse com Sigmund estaria à altura das expectativas dela, a verdade é essa. E isso porque Amalia não reparou no meu braço e nem no fato de que algumas das crianças haviam ficado doentes em casa. Consegui dar um jeito de lhe contar que o consultório de Sigmund anda mais movimentado, e pelo menos isso a deixou feliz – o que é algo muito raro. Aliás, eu li para ele sua última carta e Sigmund ficou feliz por saber que tudo está correndo bem com você.

Mas a verdade, minha querida, é que tudo aqui anda terrivelmente monótono sem a sua presença. Por favor, mande mais informações na próxima carta, para que assim elas possam aplacar um pouco a falta que você nos faz.

Da sua irmã que a ama,

Martha

Frankfurt, 15 de março de 1896

Querida Martha,

Acabei de ler a sua carta e lhe digo que nossos pequenos desentendimentos por conta das crianças não tiveram nada a ver com minha decisão de aceitar o emprego. Eu jamais sairia da sua casa por conta de algo tão banal. Concluí apenas que precisava cuidar da minha própria vida e deixar de ser mais um fardo para sua família.

A notícia sobre seu braço me deixou triste. As minhas patroas têm falado de um novo comprimido chamado aspirina, fabricado pela empresa Bayer, aqui da Alemanha... Aparentemente, ela funciona melhor que o láudano para o tratamento da dor. Veja com Sigmund se ele pode conseguir alguns desses para você.

Parece que os almoços de domingo não mudaram nada, não é mesmo? E o que dizer do pobre Jakob? O pai de Sigmund sempre pareceu tão explorado naquela casa, como um animal enjaulado à espera da próxima farpa lançada na sua direção. Amalia tem que se dar conta de que seus comentários indelicados podem ofender as pessoas, mas se ela não parece se importar com isso você também não deveria. Ela é apenas uma velha tola, e você sabe que nem mesmo Sigmund consegue conviver muito tempo com a mãe.

Eu lhe agradeço pela sua preocupação no que diz respeito a Eduard e as minhas perspectivas de futuro (que no seu entender, pelo visto, estão minguando a cada dia). Apesar de seus conselhos sensatos, eu não seria capaz de iniciar um relacionamento amoroso ou um casamento só porque o momento é o mais propício para isso. Você me pede para desconsiderar o coração em favor de conseguir um

bom pretendente. Mas eu lhe digo que ainda preciso, como sempre precisei, de alguma emoção e romantismo envolvidos na história.

Mande todo o meu amor para as crianças.

Da sua irmã,

Minna

Minna levou a carta para ser postada e começou suas tarefas às 10h. O que havia começado como um emprego comum semanas antes se transformara numa rotina brutal e humilhante. As irmãs agora exigiam que ela ficasse à porta de seus quartos todas as manhãs esperando para ser chamada, e sua lista de tarefas passara a incluir dar banho nas patroas, uma incumbência que normalmente caberia à criada, que decidira largar o emprego inesperadamente na semana anterior.

Ao chegar, entrou direto no quarto escuro e abafado onde Bella jazia como um leviatã na cama, com a respiração pesada. Minna tratou de afastar as cortinas, acender as lâmpadas a gás e puxar as cobertas para ajudar a mulher a se levantar cambaleante. Fazendo-a se apoiar no seu braço, ela acompanhou seus passos arrastados até o lavatório e lá ficou, aguentando reclamações sobre o seu caso de bloqueio de urina. Depois, tomou a mão da velha senhora, a fez contornar as poças no chão (sobre as quais as criadas encarregadas do andar de cima viviam reclamando) e entrar na banheira esmaltada de branco que ficava envolta em painéis de mogno, lembrando um imenso caixão.

Minna havia sugerido que ela usasse o chuveiro instalado confortavelmente bem acima do seu pescoço para lavar o cabelo, mas Bella insistia em mergulhar a cabeça na banheira, o que fazia com que Minna tivesse que içá-la de volta e estava lhe provocando dores nas costas – além de lhe proporcionar uma visão muito explícita e inoportuna do corpo nu da mulher.

Depois do banho, Minna abriu um armário que continha uma farmácia inteira de remédios, purgantes, pastilhas, óleos, extratos, várias misturas com pó de ópio, tinturas, sedativos, emplastros e também sabões. Aguardou até que Bella escolhesse os medicamentos do dia: bálsamo White Pine para tosse com uma pitada de morfina, xarope de salsaparrilha para purificar o sangue e

a pele, o Unguento para Toda a Família do Dr. Claris no seu frasco cor de ametista, as pílulas para os rins do Dr. Jessup. Bella também tomou uma dose do seu remédio favorito para dor de cabeça e letargia, que continha mercúrio e chumbo em quantidades alarmantes.

Depois, era a vez dos cosméticos. Na juventude, Bella havia morado por um tempo na França, onde os salões de beleza estavam começando a aparecer e os cosméticos eram usados avidamente e estavam bem disponíveis no mercado. Ela era partidária do antigo provérbio romano que dizia que “uma mulher sem pintura é como comida sem sal”. E, sendo assim, Bella tingia os lábios com produtos à base de sulfeto de mercúrio, sombreava os olhos com chumbo e deixava a pele do rosto mais clara com óxido de zinco.

Ela não chegava a ponto de recorrer à beladona, extraída da planta de mesmo nome, que algumas de suas amigas usavam nos olhos na esperança de resgatar neles um brilho jovial. Afinal, havia relatos de incidentes com cegueira temporária. De vez em quando, entretanto, dormia com o rosto envolto em tiras finas de carne crua, às quais se atribuía uma série de propriedades rejuvenescedoras.

Minna em seguida escovou o longo cabelo grisalho e embaraçado de Bella, e começou a vesti-la.

O traje escolhido para essa manhã era um vestido diurno com listras num azul vivo e cor de heliotrópio que pedia um pesado corpete estruturado com arame de aço flexível na parte da frente. Além do corpete – como costumava acontecer em casos de silhuetas desfavoráveis, para que fosse possível fechar a cintura do traje –, Minna tinha que passar uma faixa de couro por cima da coisa toda, amassando e suavizando quaisquer porções protuberantes de carne. Demorou mais de trinta minutos para amarrar o corpete bem apertado e terminar de enrolar a faixa de couro em Bella, quebrando quase todas as suas unhas no decorrer do processo.

Depois de ter deixado a primeira das irmãs à mesa do café, Minna foi acordar Louisa para começar todo o procedimento outra vez. Às 11h já estava desesperada por um descanso, por mais breve que fosse, mas isso seria impossível. Após o desjejum, precisava ir à farmácia, ao verdureiro, ao açougue e à padaria, além de buscar

chocolates, flores e *Blutwurst* (morcela), a comida favorita das irmãs.

Depois de providenciar tudo isso, precisava ir se sentar na sala e se mostrar alegre e interessada em qualquer que fosse a trivialidade que as irmãs tivessem escolhido discutir no dia. Hoje, o assunto era a compra de novas peças de decoração e móveis que estariam à venda num leilão no subúrbio. Julian havia recomendado um par de mesinhas laterais e uma luminária em estilo oriental com vasos combinando. E só Deus sabia, Minna pensou, onde elas pretendiam encaixar aquelas aquisições em meio ao salão já tão abarrotado e mal decorado.

– O que você acha, Minna? – Bella quis saber. – Devemos garimpar também mais alguns cristais da Boêmia? Eles são absolutamente irresistíveis, na minha opinião. Os legítimos, quero dizer.

– Nada mais vulgar que uma imitação – comentou Louisa.

O que ela poderia dizer sobre cristais da Boêmia? Qual seria a melhor forma de dizer àquelas duas, sem parecer indelicada, que naquela casa já havia tranqueiras suficientes para encher dez residências, e que sua decoração já era tão vulgar que uma possível imitação seria o menor dos seus problemas? Como lhes dizer que sua cabeça não parava de doer, e que ela largaria aquele maldito emprego assim que tivesse a oportunidade?

A conversa foi interrompida pela criada, que entrou trazendo para Louisa um envelope numa bandeja de prata. Um sorriso brotou nos seus lábios enquanto ela lia o cartão escrito à mão.

– É do Julian. Ele está nos convidando para a recepção que vai dar na sua casa de campo no mês que vem!

– Certamente os Olbriche estarão lá...

– E os Bahr... E, minha nossa, ele *até* incluiu você no convite, Minna!

– Quanta gentileza – exclamou Bella.

– É mesmo, Julian é um amor. Sempre tão educado, fazendo questão de convidar também a criadagem – Louisa disse, lançando um olhar enfático na direção de Minna.

A bem da verdade, ela preferiria ficar em casa a ter que passar um final de semana inteiro escutando as vozes agudas das irmãs Kassel, que a faziam pensar em dois beija-flores batendo freneticamente as asas sem chegar a lugar algum. Aliás, quando havia sido a última vez em que tivera uma conversa decente com alguém? Minna então se lembrou. A última vez havia sido com ele, claro.

25

Ao longo das semanas seguintes, as irmãs se entregaram a uma série frenética de preparativos para o seu fim de semana no campo, e Minna estava trabalhando 24 horas por dia. No final de uma das tardes, ela reparou na carta que havia sido deixada em cima da sua penteadeira. Dessa vez *era* a caligrafia dele.

Viena, 25 de março de 1896

Minha querida Minna,

Já está muito tarde, e eu não consigo dormir. Na verdade, minhas noites têm sido agitadas desde que você saiu às pressas daquele quarto de hotel em Hamburgo, como se tivesse visto algum fantasma. Quero que saiba que não tenho a menor intenção de deixar que permaneça em Frankfurt para sempre, e que preciso vê-la outra vez.

O que meu desejo pede são dias ininterruptos ao seu lado, mas vou me contentar com uma noite inteira em Frankfurt. Tenho colegas na cidade e posso conseguir um pretexto para a viagem assim que você conseguir a sua folga. Apesar do modo como se comportou, sei que você se encontrará comigo e que suas alegações de "jamais" e "impossível" não devem ser levadas ao pé da letra. Principalmente se eu lhe levar presentes, como talvez maços de cigarros, ou que tal uma garrafa de gim? Ah, seria bom se as coisas fossem fáceis assim...

A julgar pelo bilhete que enviou à Martha, suponho que você conseguiu se instalar definitivamente no seu cargo novo e atingiu seu objetivo de me deixar abandonado neste estado infernal de solidão e privação. E, sim, é essa sua atitude, juntamente com a falta de clemência do meu trabalho de pesquisa, que me provocam noites de agonia e dores de cabeça terríveis. E nem mesmo a coca, veja você, tem bastado para aliviar o meu martírio.

Estou agora na minha escrivaninha, frente a frente com Atena, que se tornou minha estatueta favorita. Ela fica na minha mesa, junto à janela, linda e quase real. Estou começando a compreender por que os gregos antigos tinham o hábito de acorrentar as suas estátuas para evitar que fugissem. E eu, assim como eles, não quero deixar que você me escape.

Quando vou vê-la outra vez?

Afetuosamente,

Sigmund

Minna dobrou o papel e o deixou guardado no bolso durante os dias seguintes, voltando a ler e reler a carta sempre que tinha oportunidade. Mas não seria preciso fazer isso para garantir a

presença constante de Sigmund nos seus pensamentos. Só conseguia pensar nele.

A questão era: até que ponto estava disposta a chegar? Será que seria capaz de se lançar em algo ainda mais destrutivo? Não. Nunca mais. O seu caso com Freud estava encerrado. Não daria prosseguimento àqueles momentos de insanidade. Ainda se sentia marcada pela deslealdade que cometera, mesmo com toda a falta que sentia do toque dele. Afinal, no mundo *dela* existiam limites a respeitar, mesmo se por acaso no dele isso não fosse verdade.

Que resposta dar àquela carta? Ela tomou a decisão de que não lhe escreveria nada, e ponto. De que adiantaria escrever? Só se fosse para contar mentiras, dizendo que seria impossível conseguir uma noite livre ou que ela não queria encontrá-lo. Não, era melhor confiar que o silêncio acabaria por desencorajá-lo, e que serviria para afastar os dois.

Viena, 1º de abril de 1896

Minna querida,

Pelo amor de Deus, mande ao menos um bilhete! Ou você anda ocupada demais ou está tentando se enganar acreditando que vai conseguir escapar do que está acontecendo. Você não quer saber como eu estou? Embora não tenha perguntado, vou lhe contar. Estou completamente arrasado, sofrendo como um cão. Deprimido, tomado pela fadiga, incapaz de trabalhar.

Presumo que sua atitude seja uma tentativa de dissimular a realidade do que existe entre nós. Essa é uma iniciativa nobre da sua parte, mas eu lhe imploro que não tente resolver as coisas dessa maneira. Martha e as crianças devem passar um tempo em Reichenau em breve. Irei me encontrar com eles duas semanas depois que viajarem. Se não tiver tido notícias suas até lá, meu plano é ir visitá-la de qualquer maneira.

Afetuosamente,

Sigmund

Frankfurt, 15 de abril de 1896

Querido Sigmund,

Vou direto ao ponto. A sua carta me deixou assustadíssima! Você perdeu o juízo? Não pode simplesmente chegar aqui sem aviso e estragar tudo. Nós não vamos nos encontrar novamente!

Estou contente, para não dizer empolgada, com meu novo emprego, e não tenho qualquer intenção de pôr em risco esta vida que construí para mim.

Lamento pelos desconfortos que vem sentindo, mas creio que talvez esteja exagerando os sintomas numa tentativa de me agradar.

Afetuosamente,

Minna

P.S.: Ainda pode me mandar a garrafa de gim.

No decorrer dos dias seguintes, toda a criadagem das irmãs Kassel empenhou a maior parte do seu tempo nos preparativos para o fim de semana que seria passado na casa de campo de Julian, enquanto as duas patroas rondavam em volta feito galinhas nervosas. Bella tagarelava o tempo todo sobre o seu receio de que a jornada fosse exigir demais da saúde das duas, e a ladainha da irmã levava Louisa a ter ataques de fúria. As duas ostentavam a peculiaridade um tanto duvidosa de não pisarem num saguão de hotel, estação de trem ou café havia muitos anos, e Minna não conseguia deixar de se perguntar se depois de tantas estolas de pele desbotadas, blusas amareladas e conjuntos de lã (todos cheirando a cânfora) enfiados nas malas, elas não acabariam cancelando a empreitada no último minuto.

Na véspera da partida, Minna só conseguiu se recolher ao seu quarto perto de meia-noite. Depois do jantar, as irmãs lhe pediram que pegasse a lista de medicamentos necessários para a viagem, e mandaram que abrisse os armários de cada uma para empacotar cuidadosamente todos os remédios, anotando os horários e dosagens de cada um. Minna havia concordado meio relutante, mas a tarefa era tão tediosa que a deixou tentada a pegar todos os frascos de uma vez e atirar na lixeira. Chegou a lhe ocorrer, já às 23h30, que seria fácil matar as duas com uma pequena alteração em alguma daquelas dosagens. Entretanto, a possibilidade de ter que enfrentar um inquérito policial por negligência profissional a fez conter seus impulsos.

Quando enfim conseguiu ir para o quarto, havia mais uma carta à sua espera.

Viena, 30 de abril de 1896

Minha querida Minna,

Fechei a porta do consultório e todas as janelas, a fim de ter a tranquilidade necessária para me sentar à escrivaninha e lidar com essa sua recusa teimosa em me encontrar. Já lhe expus todos os meus sentimentos, e agora o que posso fazer é lhe transmitir o apelo de homem solitário e desolado, e que tem sofrido em todas as áreas da vida.

Você sabe, meus colegas continuam se recusando a reconhecer o trabalho que tenho feito. Iniciei minha carreira com a melhor das intenções – cheio de amor pela pesquisa e pela medicina. Mas tenho sido assediado pelas mentes tacanhas dos Neandertais da comunidade médica, que estão empenhados em me levar à ruína. E, para minha infelicidade, me vejo incapaz de agir com falsidade e usar de bajulação hipócrita, mesmo com a insistência de Martha de que é isso que vem barrando o meu progresso na hierarquia da universidade.

Aos olhos dela, minha "inaptidão social" se deve às minhas visões a respeito da sexualidade – que, como você sabe, Martha considera repugnantes e constrangedoras. Ela não tem qualquer interesse em conversar sobre o meu trabalho. Nunca demonstrou qualquer traço de curiosidade intelectual com relação ao que faço. Na concepção dela, sua única obrigação é garantir o bom andamento da rotina doméstica. No passado, quando tentei lhe explicar que um homem tem outras necessidades, ela me virou as costas. Hoje, sinto que estamos caminhando em direções opostas. Não mostramos a menor empatia um com o outro, e isso se estende a quase todos os aspectos da vida.

E é por isso que eu me volto para você, Minna, em busca de apoio. Você sempre me compreendeu.

Aliás, gostaria de deixar claro que, ao contrário da sua suposição um tanto condescendente de que eu estaria sofrendo de sintomas derivados puramente de um ataque hipocondríaco, o médico acaba de sair daqui depois de confirmar o diagnóstico de arritmia grave e dispneia.

Com amor,

Sigmund

P.S.: Qual a sua marca de gim preferida?

Minna dobrou a carta e a guardou junto das outras na gaveta. Francamente! Será que um médico tão conceituado não poderia ter se saído com algo melhor do que "a minha esposa não me entende"? Muitas vezes fora acusada de teimosia e excesso de independência. Mas esses traços de personalidade nem sempre precisavam ser negativos. No momento, estava contando com eles para salvar a própria alma, aliás, se é que a salvação ainda era possível àquela altura dos acontecimentos. Um pensamento errante lhe passou pela mente, a lição de moral de uma história que ela ouvira quando era pequena. Tenha cuidado com os turcos à sua porta com a intenção de derrubar o cristianismo. Agora, da mesma maneira que ocorrera durante o cerco à Viena no século XVI, um dos lados acabaria alcançando a vitória no final, mas o custo seria alto para ambas as partes.

26

Na manhã da partida, as irmãs tagarelavam excitadas enquanto a criada e um laçao empilhavam uma montanha de xales e malas no saguão da entrada. Julian chegou na hora marcada e, transbordando charme por todos os poros, sorriu alegremente quando a dupla surgiu à porta de casa com Minna logo atrás.

– Nós ficamos profundamente gratas pelo seu convite, Julian, querido – começou Louisa.

– Profundamente – ecoou Bella. As duas estavam vestindo casaquitos em tons coordenados de cinza, chapéus e luvas de couro preto que haviam sido um transtorno no caso de Bella, que precisara usar um alargador para fazê-las caber confortavelmente nos seus dedos gorduchos.

– O prazer é todo meu – Julian respondeu.

Havia ficado acertado que todos viajariam juntos na carruagem das irmãs, mais espaçosa.

A saia comprida de Minna farfalhou ao sabor da brisa quando Julian a ajudou a embarcar, tomando graciosamente sua mão e cumprimentando-a com um roçar ligeiro dos lábios sobre a luva. Acomodada no assento, ela tratou de equilibrar a bolsa e um livro sobre os joelhos.

A propriedade rural de Julian ficava a cinquenta quilômetros de Frankfurt, e fora construída pelo pai dele depois da sua excursão cultural pela Itália em meados da década de 1860. O filho, único herdeiro, tomara posse da residência mais de uma década atrás, por ocasião da morte prematura de ambos os pais.

Eles rodaram durante horas nas estradas rurais cobertas de geada, passando por igrejas, vilarejos e ruínas antigas, e manobrando através das ruas estreitas de cidadezinhas medievais. A fachada imponente da *villa rustica* ficava de frente para uma colina coberta de árvores no limiar da cidade, e ela era cercada por um denso bosque de abetos raros para a região e árvores frutíferas. O grupo passou pelo canil que abrigava as matilhas de cães usados nas expedições de caça a raposas e codornas, mas os estábulos,

meio lacrados por troncos atravessados nas portas, estavam com as baias vazias e tomadas por ervas daninhas.

Quando a carruagem da família Kassel finalmente parou diante da casa, Julian saltou para tocar a campainha. Depois de aguardar vários minutos, tocou outra vez até que um mordomo – que chegou ainda puxando apressadamente os suspensórios – espiou pela fresta da porta antes de abri-la devagar. Minna concluiu que as visitas do proprietário deviam acontecer com uma frequência irregular, sobretudo nessa época do ano, e que obviamente ele não avisara à criadagem sobre seus planos para o fim de semana.

O mordomo ajeitou uma escada portátil diante da porta da carruagem e ajudou as irmãs a desembarcarem, dando ordens aos cocheiros para descarregarem a bagagem. Ao passar pela entrada grandiosa, Minna reparou que, embora a propriedade fosse ampla e extensa, ela estava em mau estado de conservação: a pintura das paredes externas estava descascada e com bolhas, as portas precisavam de uma nova demão de verniz e havia diversas vidraças rachadas ou mesmo faltando, tendo sido cobertas por tábuas em vez de substituídas. Além disso, os abetos em frente à área social estavam tão crescidos que não deixavam passar qualquer luz e não permitiam a apreciação da vista. Passando pela cozinha, reparou no que parecia ser um bando de gatos sem dono reunido perto da entrada dos fundos. Com todo aquele jeito esnobe, pelo visto Julian necessitava de mais do que o “bom gosto” das patroas.

Enquanto o grupo ia tomar o chá na sala de estar, Minna foi diretamente para o segundo andar conferir se os pertences de Bella e Louisa seriam adequadamente desempacotados.

Voltou a descer horas mais tarde, para ajudar as duas a irem descansar nos seus aposentos antes das festividades noturnas. Quando chegou ao patamar da escada conduzindo Bella, que estava ofegante e reclamava de dor em um dos braços, a velha senhora enlaçou a cintura de Minna e se aproximou para confidenciar numa voz doce, temperada pelo aroma dos coquetéis de mais cedo:

– Quem poderia imaginar Julian sendo dono de uma casa em ruínas assim... Eu não consigo entender o que minha irmã vê nesse homem.

Minna reagiu com um olhar chocado. Até onde ela sabia, as duas irmãs morriam de amores pelo sujeito.

– Não faça essa cara de espanto. Eu o aturo por causa de Louisa. Sinceramente, você achava mesmo que nós precisamos de todos aqueles cachepôs vindos da Provença?

Minna olhou para o rosto cor de giz da patroa, com suas olheiras escuras, e repreendeu a si mesma. Bella afinal tinha uma profundidade de espírito que ela não conseguira detectar.

Depois que as irmãs estavam acomodadas para descansar, Minna se recolheu no seu quarto. Tentou tirar um cochilo também, mas o tiquetaquear do relógio de malaquita verde pousado em cima da cômoda não a deixava dormir. Afastou as cortinas, fez força para abrir a janela e tratou de deixá-lo do lado de fora do parapeito. Torcendo para que não acabasse caindo no meio das plantas lá embaixo. E, depois de acender um dos cigarros turcos que trouxera escondidos na bagagem, ficou acordada por mais um tempo, fitando a paisagem cinzenta e desolada do interior.

Acordou com as batidas na sua porta. Era Louisa, que, metida num roupão e calçando um par de chinelos, viera lhe dizer que estava na hora de se arrumarem para o jantar.

– Você pode ir acordar Bella? – pediu. – Bati várias vezes na porta, mas ela está dormindo um sono de defunto.

Minna tratou de vestir seu robe e atravessou o corredor para dar algumas batidas de leve na porta da patroa. Não houve resposta. Achando que tinha ouvido um barulho, girou a maçaneta e deu uma espiada para dentro. Um dos gatos tinha conseguido entrar de algum jeito e estava arranhando a colcha perto da cabeça de Bella.

– Xô! – fez Minna num sussurro, sacudindo a mão no ar para o animal, que passou por ela com um salto e escapou para o corredor. E então algo a fez se virar de volta para encarar Bella. Talvez tenha sido a ausência completa de ruído, e até mesmo do rressonar suave que ela às vezes ouvia vindo do quarto dela. A cabeça estava deitada de lado no travesseiro, com o cabelo solto cobrindo o rosto. Minna se agachou e afastou com cuidado uma mecha grisalha. Bastou um olhar para ela se dar conta. Bella estava morta.

Era costume dos agentes funerários levarem dois mudos para se postarem à porta da residência da família do morto, como sentinelas. E por que mudos? Minna havia feito essa mesma pergunta para a mãe durante um funeral, muitos anos antes. E ouvira Emmeline lhe explicar que para eles era fácil aprender a assumir o ar solene e calado adequado à ocasião, e que além do mais era preciso que houvesse opções de trabalho para os pobres deficientes, coitados.

No dia do funeral de Bella, lá estavam os dois sujeitos de ar austero montando guarda, trajando fraques pretos surrados com faixas de crepe encardidas na cintura e cartolas, que não se encaixavam direito nas suas cabeças. O acesso era permitido apenas aos convidados da família. O bufê e as bebidas eram apenas para os entes queridos enlutados. Passantes que por acaso reparassem na faixa negra pendurada à porta e quisessem entrar por mera curiosidade eram prontamente enxotados.

A casa das irmãs Kassel entrara num tumulto permanente desde a trágica viagem de volta. As providências para o elaborado funeral haviam chegado às raias da obsessão. Os primeiros dias foram ocupados por visitas a casas funerárias, gráficas e costureiras, que fariam os trajes apropriados ao luto que Louisa fez questão de impor a toda a criadagem.

Ela, que desde a infância era inseparável da irmã, estava inconsolável. Ficava sentada sozinha na ponta do sofá da sala de visitas, com o tricô intacto no colo e o pensamento vagando ninguém sabia por onde. Sem falar nada, sem se alimentar. O único movimento que Louisa fazia era se recolher de tempos em tempos ao seu quarto para tomar novas doses dos remédios.

A principal incumbência de Minna, durante o período de visitação, era ficar sentada na sala junto ao corpo de Bella, que havia ganhado uma tonalidade castanha nada favorável apesar das porções de sal colocadas estrategicamente para retardar o processo de decomposição. As flores, escolhidas especialmente pelo seu perfume marcante, já não conseguiam mascarar o cheiro de carne apodrecendo.

A procissão de visitas, em sua maior parte viúvas, primas e tias distantes que prestavam suas condolências a Louisa apressadamente, se deparava com a visão deplorável do corpo de Bella (“Ela está tão serena, não é mesmo?”) e tratava de ir embora o quanto antes. Aquela não era uma casa onde as pessoas tivessem vontade de ficar nem um minuto além do necessário.

Depois do funeral e das visitas que era de praxe receber logo em seguida, Louisa informou à Minna que as duas passariam os seis meses seguintes confinadas dentro da casa escurecida. Não demorou para o fluxo de visitantes que apareceram logo após a morte de Bella se reduzir de maneira drástica, e agora já não vinha praticamente mais ninguém. Mas o pior, se é que alguma coisa poderia ser pior do que isso, era que Louisa parecia pouco a pouco ir perdendo seu contato com a realidade. Alguma mudança de comportamento em função do luto seria de se esperar, mas ninguém sabia o que concluir das conversas constantes que ela, com os olhos vidrados, vinha mantendo com sua falecida irmã.

Minna tinha consciência de que seu dever era se mostrar caridosa e compreensiva, mas a verdade era que não estava mais suportando lidar com a situação. Nas semanas seguintes, avisou formalmente que deixaria o cargo na residência da família Kassel e entrou em contato com uma agência de empregos para encontrar uma nova posição como governanta ou dama de companhia.

Logo em seguida, tomou a decisão de ampliar a pesquisa e procurar também vagas como auxiliar de escritório, secretária ou encarregada de contabilidade, áreas de atuação que começavam a se abrir para as mulheres e que permitiriam que Minna tivesse uma fonte de sustento sem ser obrigada a viver na casa de outra pessoa. Quanto mais ela pensava nessa ideia, mais a perspectiva lhe agradava.

Uma tarde, quando Minna estava entediada a ponto de já ter cogitado abrir um dos romances açucarados da coleção de Bella, ela ouviu uma carruagem encostando em frente à porta da casa. Um som de cascos de cavalos no calçamento, de tilintar dos arreios e depois uma discussão em voz baixa chegou da rua. Ela olhou pela janela e viu Sigmund emergir do veículo segurando uma

valise. Ele hesitou por um instante, verificando o número da casa. O sol da tarde iluminou seu perfil quando ele tirou o chapéu, alisou os cabelos e se encaminhou para a porta da frente.

Minna sentiu seu coração afundar no peito, ali olhando para ele. Sua vontade foi de correr escada acima para tentar se recompor, mas agora já era tarde demais. Tomada por uma mistura de medo e euforia, ela abriu a porta.

– Não faça uma cara tão desapontada assim – ele disse alegremente, inclinando-se para lhe dar um beijo no rosto.

– Desapontada? Eu estou em choque – ela retrucou, sentindo as faces corarem. – O que você está fazendo aqui?

– Mas que lugar mais alegre... – ele comentou, ignorando o desconforto dela para lançar um olhar pela sala bolorenta. Um aroma pungente de tapetes velhos e flores mortas pairava no ar.

– Nós ainda estamos de luto.

– Isso eu estou vendo – disse ele, caminhando mais na direção dela, recusando-se a manter uma distância protocolar. Minna ficou impressionada ao constatar que ele não havia mudado nada: a aparência era bem cuidada e distinta, os sapatos estavam engraxados, e a camisa de linho brilhava com um branco impecável. E também estava lá a sua presunção de que seria obviamente bem-vindo. Antes que Minna conseguisse pensar em qualquer coisa ele a acou num canto e lhe deu um beijo no pescoço. Ela encolheu o corpo junto da parede.

– Você não deveria ter vindo – disse.

– Mas aposto que você está feliz por me ver – retrucou com um sorriso confiante, sem se deixar abalar pela reação pouco empolgada da parte dela.

– Você poderia ter escrito uma carta, para me avisar que... – iniciou Minna, num sussurro abafado.

– Eu fiz isso. Cheguei a lhe dizer especificamente que viria.

Ela ergueu os olhos para encará-lo e lamentou pelos sentimentos que ainda nutria com relação a ele. Queria que ficasse e ao mesmo tempo que fosse embora.

– Vamos dar um passeio, Minna. Achar um Café onde possamos conversar. A menos que você queira me receber aqui mesmo.

– O horário não é o ideal...

– Então o que sugere? Eu atravesssei metade de um país para ver você. Pode me encontrar mais tarde se preferir, ou então venha agora e vamos tomar um café.

Ele tomou a mão dela na sua, e por um momento abençoado nenhum dos dois falou coisa nenhuma.

– Só uma bebida – ela disse, soltando a mão, tentando recuperar o equilíbrio.

E o deixou esperando no vestíbulo, já de chapéu e casaco vestidos, enquanto subia as escadas para lavar o rosto e passar um pente no cabelo. Depois, sem parar para ver quem poderia estar espiando os dois, ela saiu em sua companhia para o ar fresco lá fora.

Já na rua, os dois caminharam juntos à beira do rio e, num dado momento, ele pousou de leve a mão nas suas costas para guiá-la pelo meio de um grupo de vendedores de rua. Minna inspirou fundo quando eles entraram numa taverna, e o seguiu até uma mesa com vista para a água.

Os dois se acomodaram e ele pediu uma garrafa de vinho e um prato com frutas, queijos e pão. A conversa que se seguiu foi cortês, um atualizando o outro sobre os últimos acontecimentos. Minna relatou meio evasiva o episódio da morte de Bella, o longo período de luto, a maneira como Louisa começara a dar sinais de que estava escapando da realidade. Ele assentiu com a cabeça, compreensivo, enquanto tratava de voltar a encher o copo dela várias vezes e lhe contava sobre as últimas barreiras impostas pelo Comitê de Psiquiatria de Viena e a maneira como se sentia frustrado com a falta de apoio à sua pesquisa.

Em alguns momentos ela ficava com os olhos fixos, parecendo enxergar através dele, e se sentia no meio de um redemoinho de ruído prestes a explodir em algum momento, embora o lugar ainda estivesse meio vazio. Seu copo não ficou vazio um instante, mas mesmo assim Minna sentia os lábios ressecados, a boca seca pelo esforço emocional que era estar ali sentada diante dele.

– Mas, então, minha querida. Você já viu o bastante de Frankfurt?

– Não pretendo continuar na casa das irmãs Kassel, se é isso que você quer dizer. Na verdade, já estou com diversas outras vagas em vista.

– Para fazer o quê?

– Isso vai depender. Talvez eu busque um emprego numa área diferente.

– Como por exemplo...

– Como trabalhar num escritório, numa escola, ou... – Ela parou e baixou os olhos, tendo uma ideia repentina. – Ou talvez vendendo chapéus. – O pensamento a encheu de um divertimento secreto, e ela se perguntou quantas taças de vinho já teria bebido.

– Uma vendedora de loja? – Ele riu, sem saber se ela havia falado sério ou não. – Mas isso é ridículo, completamente inadequado.

– Eu não esperava que logo você viesse me dizer o que é ou não adequado. Por que *não* vender chapéus para senhoras? – indagou ela. – Chapéus elegantes, vindos de Paris. Só a última moda. Você sabe, aqueles com fitas e plumas e borboletas mortas.

Ele lhe lançou um olhar cético enquanto ela seguia falando.

– Chapéus deixam as mulheres felizes. Nunca vi uma mulher sair triste de uma chapelaria. E creio que não se pode dizer o mesmo dos *seus* pacientes. – Ela sorriu internamente, esperando pela reação.

– Minha querida, pelo visto, ter que ficar vigiando um cadáver na sala daquela casa afetou o seu juízo.

Freud se recostou na cadeira, acendeu um charuto e refletiu sobre a situação. Ele estava com *aquela* expressão no rosto. A expressão de alguém que está prestes a fazer uma pergunta que estava segurando por horas. *Vamos ver as cartas que ele tem na mão*, Minna pensou.

– Você já esteve em Maloja nesta época do ano? – ele perguntou de repente.

– Maloja?

– Uma estância de férias na Suíça. Nos Alpes. Vá até lá comigo.

– Eu não posso...

– Serão só alguns dias. Não estou pedindo tanto assim.

– Ah, está sim, meu querido. Está sim – disse ela, olhando para ele por cima da borda da sua taça. Ela tateou para pegar sua bolsa, desconfortável. O convite a havia feito se sentir um pouco tonta e vulnerável. Deveria ter imaginado desde o início que esse era o plano dele. Agora tudo lhe parecia muito claro, em retrospecto. Seu olhar cruzou com o dele, e em seguida ela virou a cabeça.

– Como eu poderia suportar? – indagou, numa voz estrangulada.
– A culpa... Santo Deus, Sigmund.

– A moral ou Deus não têm nada a ver...

– Eu assisti a essa palestra – ela interrompeu. – A culpa não passa de um castigo autoimposto que a civilização nos empurra. Não foi isso que você falou? Mas não se pode conseguir justificativa racional para tudo, não é mesmo?

– As necessidades sexuais são um direito, e ninguém deveria ser forçado a passar pela vida sem satisfazê-las – ele disse, baixando o charuto.

– Então se trata simplesmente de uma questão acadêmica e filosófica.

– Se você quer ver dessa maneira. É a verdade. A culpa é uma imposição da sociedade para impedir que nós amemos quem queremos amar. Você não tem vontade de estar comigo? – indagou ele, com o olhar ficando mais suave.

– Isso não tem nada a ver com a discussão.

– Vá até lá comigo. Você já sentiu o perfume das *Kohlröserl* no final da floração? É tão intenso e tão doce... E há campos e mais campos delas nas encostas. Com os tons mais incríveis de roxo e de vermelho.

Ela remexeu nervosamente na bolsa, adiando a resposta.

– Você pode acender para mim? – pediu, estendendo um cigarro para ele.

Ele pegou um fósforo do bolso e acendeu o cigarro. Enquanto Minna tragava, reparou que as mãos dela estavam tremendo. Ela recostou a cabeça para trás e soprou uma baforada de fumaça no ar. Ele estendeu a mão por cima da mesa para afastar suavemente uma mecha de cabelo do seu rosto, e acariciou a face dela de leve. Sentindo o toque dos dedos na sua pele, ela afastou-lhe a mão.

– Eu não paro de pensar em você – ele disse. – Na maneira como nós...

– Não venha com essa conversa romântica – cortou ela. – Não combina com você. E eu também não quero ouvir falar de flores nas encostas. Pare com isso.

– Tudo bem. Vou parar de falar – ele disse, sem se deixar desanimar. Ele acenou para pedir a conta ao garçom com um gesto que um homem de negócios faria para fechar um acordo comercial. – Termine a sua bebida. Você vem comigo.

– Eu não sei. Não sei mesmo – ela disse, remexendo-se inquieta no assento. Ele tomou a mão dela na sua e a apertou. Podia ver a indecisão nos seus olhos.

– O estoicismo tem suas vantagens, mas nunca foi conhecido por ser algo divertido.

– Não venha com tiradas inteligentes – ela pediu. – Eu não estou com energia para entrar numa barganha.

– Eu não vou barganhar – ele disse, chegando mais perto dela.

– E não vai desistir – ela completou, constatando o óbvio.

– Não.

– Mesmo que eu me levantasse agora e fosse embora.

– Mesmo que você levantasse e fosse embora – repetiu ele, o hálito morno batendo no seu rosto.

– E eu não vou conseguir resistir – ela disse, sentindo o coração ribombar contra as costelas.

– Pobre Minna – fez ele.

Ela entendeu o que ele quis dizer. O sentimento avassalador que tomava conta do seu ser sempre que estava perto dele havia assumido o controle, e não havia outra decisão a ser tomada exceto aquela. Assim que voltou para a casa das irmãs Kassel, Minna tratou de recolher seus pertences, de guardar as cartas e livros na mala e apagar da memória todos os vestígios dos rostos pálidos e enrugados que enchiam a sala de estar. O último pensamento que lhe ocorreu, ao encontrá-lo na estação de trem, foi a frase de Sêneca: “Deixai escapar a perversidade... pois todo culpado é seu próprio carrasco.” Ela iria com ele.

27

Eles caminharam pela plataforma da Estação Central, encaminhando-se para o vagão da primeira classe. O horário da partida era dali a menos de trinta minutos, mas os trilhos ainda estavam cheios de trabalhadores lavando os vagões, examinando as rodas das composições e jogando óleo nas engrenagens. Apesar de seus temores, Minna se sentiu tomada por uma onda de energia e excitação.

O burburinho dos passageiros comuns ficou para trás, e ela e Freud seguiram adiante, passando por vagão-leito e vagão-salão, vagão econômico e vagão-restaurantes até chegarem ao vagão que transportava dignitários, famílias ricas e oficiais do governo até os seus refúgios de elite. A iluminação das lâmpadas elétricas brilhava forte através das amplas janelas protegidas por cortinas, e Minna pôde ver o movimento dos bilheteiros, camareiras e garçons envergando jaquetas brancas passando entre os vagões.

Ela ergueu a parte da frente das saias para embarcar, depois caminhou pelo corredor estreito que levava à cabine privativa que Freud obviamente havia reservado com antecedência. E tratou de reprimir a constatação um tanto perturbadora de que ele agira o tempo todo com a certeza de que ela o acompanharia naquela viagem.

O carregador chegou trazendo a bagagem dos dois, e Minna teve que recobrar o fôlego quando o homem destrancou e abriu a porta. A cabine era espaçosa – suntuosa, para dizer a verdade – com seu revestimento em painéis de nogueira escura, janelas com molduras de ouro, instalações hidráulicas em latão bem polido e uma imensa janela panorâmica com elegantes cortinas drapeadas. O sofá, que podia ser convertido em cama, era estofado num luxuriante brocado vermelho-bordel, o mesmo tecido que revestia a cadeira que havia junto ao lavatório. Ela jamais havia sonhado que pudesse ver tanto luxo a bordo de um trem.

– Sigmund... isto é tão... majestoso – ela disse. – Parece o cenário de uma fuga de um casal de amantes.

Como numa resposta, o vagão ganhou vida com um tranco e guinchou ao começar a deixar a plataforma para trás. Ela virou o rosto para longe do dele e fitou a paisagem pela janela, lutando contra o impulso de desistir de tudo. Desistir em nome de quê? De um resgate? Agora era tarde demais para isso. Eles estavam entrando no território do faz de conta, dos doces primórdios. Esse era o lado bom do amor, ver seu próprio mundo transformado sob o brilho de uma luz falsa.

– Você se lembra... ? – ele começou. – Quando foi mesmo? Há oito, dez anos? Você foi nos fazer uma visita. Eu tinha ficado trabalhando até tarde, Martha estava no andar de cima com as crianças, e você queria ir até o Prater ver o movimento de um festival. Eu estava precisando de um pouco de ar fresco, então a acompanhei. Uma rajada de vento levou seu chapéu, fez seu cabelo voar e se soltar dos grampos. Nós corremos atrás do chapéu... E fui eu que finalmente consegui agarrá-lo. Nós dois estávamos rindo quando eu o ajeitei de volta no lugar. E lembro que você, de tão excitada que estava, enlaçou os braços ao redor do meu pescoço. Foi a primeira vez que senti seu corpo tão próximo.

Ela se lembrava do festival no Prater e do abraço, mas não imaginava que o momento havia sido tão marcante para ele.

– Eu precisei me conter para não lhe dar um beijo ali mesmo – ele disse, inclinando-se para a frente para abraçá-la pela cintura e beijar seus lábios. E depois começou a acariciar-lhe os cabelos, os ombros, as costas. – Você soube disso naquele dia. Tem que ter percebido.

– Não percebi. Achava que o seu interesse era nas minhas ideias.

– Você era ingênua.

– E agora não sou.

Ela abriu um sorriso, empurrou o corpo dele para longe e lentamente se pôs de pé, indo fechar as cortinas e trancar a porta da cabine. Ela o desejava, e nada mais tinha importância agora. Desabotoando a blusa branca de gola alta, deixou-a cair no chão, e em seguida tirou a saia cinzenta de verão que estava usando. Depois, livrou-se da anágua e começou a desatar lentamente os cordões do seu espartilho com arames acinzentados.

– Não – ele disse, puxando-a para junto de si. – Fique com ele.

Depois, ela se virou para fitá-lo, apoiando a cabeça nas mãos, e viu o seu perfil forte e bem delineado contra a luz fraca do fim de tarde. Deitada ali ao seu lado, ouvindo o barulho reconfortante do trem e os suspiros de desejo que ele deixava escapar, Minna foi tomada por uma mistura de um alívio enorme com uma sensação deliciosa de languidez. Eles ainda tinham uma noite inteira pela frente e ela sabia que devia ser quase hora do jantar, mas o deleite de poder deitar ali com o corpo aninhado no dele era uma sensação libertadora.

– No que você está pensando? – indagou.

– Eu estou pensando – ele sussurrou bem no seu ouvido – no que teria acontecido se eu tivesse conhecido você antes.

Ovagão-restaurant era o retrato perfeito da opulência. O teto era coberto de afrescos, e os pés de Minna afundaram no espesso carpete vinho que cobria o chão. Cada uma das mesas, estrategicamente localizada junto a uma das janelas panorâmicas, estava posta com toalhas de linho branco impecáveis, louça de porcelana e pesados talheres de prata. O maître os recebeu chamando *Herr Doktor* Freud pelo nome. Antes de sair da cabine, Minna havia colocado um par de luvas. Não seria adequado que ninguém reparasse na ausência de uma aliança em seu dedo.

Eles foram acomodados em uma das mesas frontais e servidos imediatamente com champanhe de um balde de prata e canapés de um formato diferente, cobertos de caviar. O ambiente era extremamente formal e elegante, e com aquela formalidade toda veio uma calma temporária. Ela pegou o cardápio e leu as opções em silêncio enquanto o trem atravessava uma ponte, fazendo com que os pratos chacoalhassem em cima das mesas.

O maître agora havia voltado a sua atenção para um casal idoso que acabara de chegar. O homem tinha um manto de lã jogado nos ombros e um chapéu escuro, e levava uma bengala que usava para se manter equilibrado em meio ao chacoalhar discreto do trem. A mulher estava embrulhada num casaco de peles e pareceu mal ter reparado no gesto do marido quando ele estendeu um maço de

notas na direção do maître. Em seguida ele acendeu um charuto, girando-o entre os dedos enquanto pegava o cardápio.

– Querido, apague essa coisa infernal. Você sabe que faz mal para o seu coração – ralhou a mulher. Ele a fitou em silêncio, depois esmagou a ponta do charuto no pratinho de pão com borda de ouro, apertando-o com mais força do que seria necessário.

– Nós estamos de viagem para as montanhas por causa da saúde dele. O médico já recomendou que parasse de fumar, mas foi em vão. É um hábito terrível, realmente.

O marido agora tinha os olhos fixos no cardápio e um desinteresse óbvio em manter uma conversa, fosse com a esposa ou com os desconhecidos da mesa vizinha.

– Vocês são de Frankfurt? – a mulher quis saber.

– Viena – respondeu Freud, sem fazer menção de apresentar a si mesmo ou Minna.

– Foi o que eu pensei. A gente sempre reconhece os passageiros que são de Viena. Mas o seu rosto não me é estranho... Por acaso são amigos do casal Gunther, Wilber e Elise? – indagou ela, lançando um olhar de relance para o marido enquanto ele devorava o seu quarto canapé. – Já chega, meu bem – alertou, e voltando a encarar Minna e Sigmund acrescentou: – Por causa do peso dele, vocês sabem.

O marido passou um guardanapo na boca, jogou-o de lado e se levantou.

– Eu vou ao lavatório.

– O casal Gunther? – a mulher repetiu para Minna, retomando a conversa como se nada tivesse acontecido. – Vocês os conhecem?

Os músculos de Minna se retesaram. Ela já ouvira aquele nome em algum lugar. Podiam ser amigos de Martha, talvez? Não, provavelmente não. Mas ela não conseguia ter certeza. Lançou um olhar para Sigmund querendo conferir se o nome lhe dissera alguma coisa, mas o rosto dele não tinha qualquer traço de reconhecimento – nem de preocupação. Era estranho que nunca tivesse lhe ocorrido a possibilidade de que topassem com alguém conhecido. Ela sentiu sua garganta pinicar, e viu-se ávida por uma bebida.

– Não conhecemos – Freud disse. – Com sua licença, senhora, mas nós precisaremos trocar de mesa. Eu pretendo fumar ao longo de toda a refeição.

– Ah, eu não quis dizer que... – ela começou, para então parar, vermelha de constrangimento por causa da gafe. A mulher manteve os olhos fixos no próprio guardanapo enquanto Freud e Minna se levantavam e passavam para outra mesa na extremidade oposta do vagão.

Eles escolheram uma refeição de três pratos, começando com um *Rindsuppe* de carne para depois passar para uma seleção de carnes de caça fatiadas e crepes de queijo e espinafre. Minna comeu pouco e bebeu o Riesling branco sugerido pelo maître, enquanto Sigmund preferiu uma cerveja. Ele lhe falou sobre alguns casos que lhe haviam sido encaminhados (um sujeito inválido sofrendo de convulsões, uma mulher com impulsos suicidas), e depois, num tom bem mais animado, começou a descrever sua mais recente aquisição: um prato pré-colombiano que Minna temeu que acabasse seus dias sendo usado como cinzeiro no consultório.

Num dado momento, o assunto recaiu sobre as crianças e suas doenças, atividades e passeios recentes. Minna sentiu um aperto repentino no peito e teve que se conter para não soterrá-lo de perguntas. Sophie estava dormindo bem? Mathilde vinha se dedicando aos estudos? E Martin, conseguira ficar um tempo sem arrumar encrencas? Ela não iria falar sobre as crianças, pois isso levaria inevitavelmente a perguntas sobre Martha, e Minna não se sentia pronta para conversar a respeito da irmã ou das suas próprias transgressões.

Ao final da refeição, ele vasculhou os bolsos para encontrar mais um charuto, o acendeu, se recostou na cadeira e esfregou as têmporas.

– Você está com um ar cansado – ela disse.

– Eu tenho me acabado de tanto trabalhar, se você quer mesmo saber.

– É claro que eu quero saber.

– Estive em Berlim, conversando com Fliess. Eu já lhe falei a respeito dele. Uma mente brilhante e que, ao contrário de Breuer,

não vê com ceticismo as minhas teorias.

– Eu soube que as coisas andam mais complicadas com a associação... – comentou ela, hesitando antes de revelar que Martha lhe dera essa informação.

– Eu tomei a decisão de simplesmente ignorar as críticas deles. *Especialmente* as de Breuer. Ele discorda de mim em quase todos os tópicos de estudo. E vem solapando deliberadamente a minha credibilidade. Simplesmente se recusa a acreditar que a ansiedade dos meus pacientes neuróticos esteja ligada à sexualidade.

– Então não houve qualquer mudança...

– Nenhuma mudança.

– E o que você pode fazer?

– Preciso encontrar as curas. É isso o que devo fazer – ele disse, abrindo outra garrafa e servindo champanhe para os dois. – Mas a boa notícia é que eu tive uma mudança de rumo importante com o meu livro dos sonhos. Passei a analisar os meus próprios sonhos, e estou descobrindo que eles revelam uma quantidade impressionante de informações a respeito da infância das pessoas. Informações que podem ser cruciais para determinar por que nós pensamos da maneira como pensamos, e por que nos sentimos culpados, ciumentos ou competitivos. Está sendo, como dizem, uma avalanche de novas pistas e explicações.

– Você está analisando os seus próprios sonhos? – ela indagou.

– Estou. E você é a única pessoa para quem falei sobre isso... fora o Dr. Fliess, que tem se tornado tão indispensável quanto você para a minha vida emocional.

Minna se recostou para fitar o rosto dele. Sua cabeça girava acelerada, e o interior do vagão começou a parecer quente demais. *Indispensável*. Se fosse ser sincera consigo mesma, ela teria que admitir que era isso que sempre quisera ouvir.

– Quanto mais eu investigo, mais constato que estou descobrindo as raízes de todos os meus medos e desejos. O que há de mais belo no lado intelectual desse trabalho é... – Um meio sorriso se insinuou nos lábios dele, e os joelhos dos dois se tocaram.

Embalada pelo balanço ritmado do trem, ela ficou olhando a expressão nos olhos dele, a maneira como mexia as mãos e os

lábios ao falar. Minna se sentia cansada com todo aquele vinho e tão pouco tempo de sono, mas a ideia de que os dois estavam juntos depois de todos aqueles meses era reconfortante. A monotonia e a sujeira da sua vida anterior haviam ficado no passado. Ela estendeu a mão por cima da mesa para tocar na dele suavemente.

– Meu querido, você está acabando com a minha capacidade de raciocínio. Não consigo pensar direito sentada assim tão perto... depois de tanto tempo...

Ele fez um gesto para pedir a conta, pegou a garrafa de champanhe e conduziu Minna de volta para a cabine. No caminho, ela precisou se agarrar a um corrimão de metal quando o trem cambaleou para o lado ao fazer uma curva e Sigmund a segurou para que não caísse. Quando abriram a porta, viram que a cabine havia sido transformada na sua ausência. No lugar do sofá, havia uma cama com lençóis brancos. E ao lado dela um pequeno vaso de prata com uma rosa vermelha.

Metódico, Sigmund pendurou o paletó no gancho apropriado, trancou a porta e fechou as cortinas. Depois, abriu a mala de viagem e tirou um pequeno frasco azul de coca líquida. Fazendo um sinal para que ela se aproximasse, ele repetiu o ritual que Minna agora já conhecia, passando o dedo molhado de coca no interior de uma narina, depois na outra. E entregou o vidro a ela.

– Eu decidi que não ia fazer isso novamente...

– Vai lhe fazer bem. E não tem nenhum risco de viciar, ao contrário do álcool ou da morfina. Vamos, só um pouco.

Ela esfregou o líquido na mucosa da narina, sentou-se e ficou esperando. Até que ela chegou – a alegria estranha e súbita, a sensação de leveza. Não havia mais cansaço algum, só uma euforia generalizada.

– Maravilhoso – disse, recostando a cabeça numa almofada.

Ele sorriu, indulgente, depois estreitou ligeiramente os olhos.

– Você tem tido notícias do Eduard?

– Como disse?

– Do Eduard. Você está lembrada dele, não está? – ele indagou, aplicando mais uma dose de coca em cada narina.

– Mas por que você foi tocar nesse assunto justo agora? E, sim, a resposta é “sim”.

– Isso é bom.

– Você não se incomoda?

– Não. Eu já lhe disse o que acho dele.

– Já disse?

– Que ele é um patife. E um mentiroso.

– Sigmund, querido, você é bom demais para se prestar a isso – ela disse, sem fazer esforço para disfarçar o fato de que estava se divertindo. – Vamos falar de outra coisa.

– Como por exemplo?

Ela o encarou, o olhar ficando mais suave à medida que a coca tomava conta do seu organismo. Inclinando o corpo, sussurrou no seu ouvido:

– Tenho certeza de que você vai pensar em algo...

Ele deslizou a mão para dentro da sua blusa e fez-lhe um carinho suave no seio.

– Começamos pela sua boca então. Ela é macia e expressiva, e me agrada sentir o gosto de gim quando você estava achando que eu não iria reparar. Gosto do fato de você ter um cérebro masculino, da maneira como pisca os olhos quando está irritada e do fato de não conseguir bordar. Gosto da sua silhueta alta e apumada e da forma como mexe o corpo irrequieta quando está entediada. Gosto de ver você de vestido, e gosto de como a linha da clavícula se destaca no seu peito.

Depois ele passou as mãos por baixo da saia e começou a acariciar a parte interna das coxas dela.

– Gosto do seu cabelo castanho volumoso e da maneira como você tenta domá-lo para trás com as suas travessas, mas as mechas insistem em escapar delas. Gosto da sua pele, da sensação dela ao meu toque. Dos seus olhos lindos e suas sobrancelhas cheias... Gosto do seu riso e dos seus punhos fechados socando as minhas costas. Gosto do seu cheiro e do seu gosto. E desse pontinho no canto da boca, que você lambe com a ponta da língua. Gosto da maneira como você grita quando fazemos amor. Gosto de você nua.

Ela estava longe, agora. A milhas e milhas de distância. Mal conseguia ouvir a voz dele ao longe. Havia se esquecido de quem era. De quem ele era. E aí estava a beleza da coisa toda.

28

O trem serpenteou noite adentro, descendo dos planaltos da Alemanha para mergulhar em vales estreitos e profundos e densas florestas escuras. Fez paradas em diversos vilarejos nos arredores da fronteira com a Suíça, e, pouco antes da meia-noite, simplesmente parou sem nenhum motivo aparente. Minna abriu a janela da cabine e olhou para a escuridão lá fora. O ar estava mais frio e rarefeito, diferente, quase ameaçador de uma maneira que ela não saberia explicar. Depois de fechar a janela, ela foi se aconchegar junto ao corpo dele.

Pela manhã, no horário turvo das 5h, eles fizeram o transbordo para a rede ferroviária local e embarcaram rumo à Alta Engadina. Sem direito a vagão-restaurante, nem primeira classe, e muito menos champanhe ou água quente. O trem era pequeno, um remanescente surrado da década de 1830 que bufava e sacolejava pela paisagem pedregosa soltando assovios demorados e quase doloridos a cada curva e entrada de túnel.

Minna e Freud sentaram-se frente a frente numa cabine com bancos de madeira, os casacos pendurados nos ganchos e suas bagagens deslizando de um lado para o outro nas prateleiras acima da janela. Ele passou um tempo com os olhos perdidos na paisagem, depois pegou sua pasta de documentos, remexeu um pouco lá dentro e tirou uma pilha de papéis. O trem atravessou cidades medievais desconhecidas enquanto ele trabalhava e ela mergulhava numa versão alemã de *Hamlet* traduzida por Schlegel e Tieck, que Sigmund havia levado para sua pesquisa a respeito dos sonhos.

Ao lhe entregar o magro volume, ele havia lhe falado da sua convicção recente de que Shakespeare era uma farsa e que Edward de Vere, o 17º conde de Oxford, seria o verdadeiro autor das celebradas obras do bardo. E desfiou em seguida uma litania de justificativas para sua crença, a começar pelo fato de que apenas um nobre poderia ter escrito com tanta familiaridade a respeito dos meandros da corte real, e, encerrando com o argumento de que não havia qualquer correspondência ou manuscrito original deixado por

Shakespeare, nenhuma evidência de que ele mesmo fosse o autor das suas peças.

– É uma linha de raciocínio muito interessante, Sigmund – ela dissera, divertindo-se com a conversa. – Mas a ideia me parece altamente improvável.

– Tenho certeza de que tenho razão. Até Mark Twain concorda com a minha tese.

– Ora, então é certo que *só pode* ser verdade mesmo. Se até Mark Twain concorda... – ela concluiu, rindo.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo enquanto o trem iniciava a subida íngreme pelas colinas pedregosas na região da Bregaglia. Num dado momento, ele ergueu o rosto da pesquisa que tinha no colo e esfregou os olhos.

– Difícil? – ela quis saber.

– Muitíssimo.

– Conte para mim.

Sigmund começou a falar calma e metodicamente, e ela não descolou os olhos dos seus. Ele lhe contou sobre as novas teorias que havia descoberto em meio à autoanálise dos sonhos que vinha fazendo.

Ele iniciou sua explanação afirmando que o homem *não era* a criatura racional que pensava ser, e que “nós todos somos caldeirões turbulentos de desejos conflitantes dos quais mal conseguimos ter completa consciência”.

– Mas e quanto a Kant e Spinoza, e suas teorias sobre o homem racional? – ela indagou.

– Isso foi há séculos – disse, dispensando o argumento. – E a argumentação deles era filosófica, não científica.

– Bem, se você vai desmerecer as ideias dos maiores pensadores do mundo ocidental, é melhor ter uma boa explicação para isso.

– Com prazer – disse ele, recostando o corpo no assento e cruzando os braços com um ar de superioridade.

E lhe explicou que a psique humana se dividia em três partes – o id, o ego e o superego –, todas numa guerra constante umas com as outras. O id representava as paixões indomadas do homem, e o ego, sua porção racional. Pense na imagem do cavalo e seu cavaleiro, ele

propôs. O ego era o cavaleiro, e o id, o cavalo. Era a função do cavaleiro dominar a força superior do cavalo e impedir que ele sucumbisse às tentações da sociedade.

Ele passou então a descrever a terceira parte da psique humana, o superego, que no seu entender era a mais impressionante das descobertas científicas que havia feito. Segundo sua teoria, o superego poderia ser comparado à consciência, com a diferença de que – como se apressou a ressaltar – ele era bem mais complexo. O superego consistia num juiz inconsciente e altamente crítico que agia condenando, recompensando ou punindo os impulsos inaceitáveis do id.

– Não sei se estou entendendo, Sigmund – interrompeu ela. – Como é mesmo que tudo isso funciona? Quem é que combate quem?

Ele ficou em silêncio por um instante, encarando-a com seu olhar intenso.

– Bem, se um homem sente uma atração louca por uma mulher, essa é a paixão do seu id buscando se expressar. E, se por acaso as normas da civilização condenarem essa paixão como pecaminosa de alguma maneira, o ego reage, reprimindo o id. Mas o superego sempre pode entrar na briga também, na forma de uma autocondenação severa, chegando até mesmo ao ponto de tentar acabar com a imensa atração. O que pode acontecer, entretanto, é que a pessoa acabe se prejudicando mais do que ajudando ao tentar dar ouvidos a todas essas forças ao mesmo tempo. Porque não há como haver paz interior assim.

– Então o que você está tentando dizer – iniciou ela, com um toque de humor irônico – é que para ser feliz a pessoa precisa liberar esses seus impulsos.

– Exatamente, minha querida.

Como sempre, Minna pensou consigo. A felicidade, no mundo de Freud, sempre tinha a ver com sexo.

E assim as horas foram passando. Eles dormiram e leram, voltaram a vestir os casacos, reclamaram com os condutores sobre o frio e trataram de se segurar firmes nos bancos enquanto o trem galgava a parede íngreme do vale para chegar ao topo da cadeia do

monte Wetterhorn. A vista era deslumbrante em toda a volta, e Sigmund começou a lhe falar da estância em Maloja, dos lagos escondidos, cachoeiras, das altas pastagens alpinas e do ar que deixava as pessoas zonzas.

Mais tarde, ela deitou a cabeça suavemente no seu ombro e entrelaçou a mão enluvada na sua. Minna não se lembrava de ter sentido felicidade maior. E, quanto mais o trem adentrava aquele mundo frio e estrangeiro, mais exultante ela ia se sentindo. Estava livre, da mesma maneira que um prisioneiro é livre quando decide apostar num plano de fuga. E mesmo que no fundo soubesse que aquele interlúdio divino seria breve, a sombra do destino que a aguardava depois não conseguia abalar seu estado de espírito. Sob a luz esfuziante do meio da tarde, protegeu os olhos com as mãos e tentou ignorar o fato de que estava fazendo a coisa errada.

29

A plataforma na estação de Maloja estava deserta quando Freud e Minna desceram do trem, ao fim da tarde. A única pessoa à vista era uma juvenzinha metida numa fantasia estereotipada de tirolesa perto da barraca de suvenires, com seu grisalho cão montanhês cochilando logo ao lado.

Freud zanzou impaciente pela plataforma atrás de um coche de aluguel, enquanto Minna se aproximou da garota para olhar os postais com imagens de geleiras abissais e closes de flores alpinas e de trutas.

Eles pelo visto haviam chegado pouco depois do grupo de oficiais da guarnição militar local que arregimentara todos os coches disponíveis para receber um membro da família imperial de passagem pela cidade junto com seu séquito. O chefe da estação explicou à Minna que os membros da realeza ficariam todos no mesmo hotel, o Schweizerhaus, e, diante da reação de surpresa no rosto dela, contou que eles sempre costumavam aparecer nessa época do ano atrás do “ar puro e das propriedades regeneradoras da água da montanha”. Mas haveria outro transporte para atendê-los, segundo ele, dentro de poucos minutos.

Minna se acomodou num banco de madeira rústico e respirou o hálito puro e gelado soprado pelas montanhas, com seu aroma rascante de pinho misturado ao das flores silvestres. Antes de embarcarem no coche seguinte, reparou que Freud atravessou a plataforma até a banca de suvenires, comprou um dos postais e o guardou no bolso.

Já passava das 19h quando chegaram ao seu destino final, um elegante hotel alpino instalado num ponto alto do terreno e cercado por jardins e alamedas bem cuidadas. O sol, que às vezes ficava no céu até as 22h, havia se escondido por trás de uma massa de nuvens vinda das regiões glaciais. A temperatura não parava de cair e uma camada leve de neve havia salpicado as vidraças, mas o imponente saguão em estilo *art nouveau* estava bem aquecido e iluminado por elegantes lustres que pendiam acima de sofás convidativos. Um grupo de mulheres em trajes de noite, enfeitadas

de joias, conversava numa mistura de francês e alemão acomodado num conjunto de poltronas de couro. Minna ouviu o som de violinos vindo do salão de refeições. Uma beldade usando um vestido de seda dourada e uma pequena tiara aninhada na sua massa de cachos ruivos entregou uma taça vazia ao garçom que passava e lhe fez um sinal pedindo que trouxesse outra dose.

Minna deixou escapar um riso suave de puro deleite. Sorriu para Freud, que apertou sua mão em resposta.

– Então o lugar é do seu agrado? – indagou ele.

– Uma pena que você não conseguiu achar um hotel decente para nós – ela provocou, correndo os olhos em volta.

O porteiro entrou com as malas enquanto um mordomo lhes ofereceu uma bebida e os conduziu até o balcão da recepção. E chegando lá Minna ficou parada ao lado de Sigmund num rompante de constrangimento, sentindo as pontas dos dedos formigarem de nervoso enquanto mantinha os olhos fixos nas tábuas do assoalho. Ela o ouviu dizer o seu nome para o recepcionista de modo frio, enfatizando que havia reservado uma suíte de luxo com vista para as montanhas. Depois, erguendo rapidamente os olhos, observou em silêncio enquanto ele assinava o surrado livro de registros encadernado em couro.

Dr. Sigm. Freud e Frau.

De braços dados, ele a conduziu para o elevador e depois pelo corredor até o quarto, a barra da sua saia roçando de leve no assoalho encerado e que exalava um delicado aroma de cera de abelha. Girando a grande chave de latão na fechadura, ele abriu a porta. O quarto era um encanto. Havia uma sacada ampla com vista para as montanhas, um teto alto e abobadado, papéis de parede estampados, uma lareira, duas poltronas confortáveis e um lustre com lâmpadas elétricas. E, no centro de tudo, a cama. A estrutura de madeira entalhada e laqueada de branco formava um dossel ornamentado por camadas de renda drapeada que lembravam um véu de noiva. Havia mesinhas de cabeceira combinando em cada um dos lados e, num canto, uma escrivaninha onde repousavam bandejas de prata com queijos e chocolates e uma garrafa de champanhe num balde de gelo. Com a sua

assinatura no livro de registros, Freud a fizera deixar de ser a pessoa que era, ou se transformar numa outra além de si mesma. Mas aquele lugar fazia com que fosse fácil esquecer essa duplicidade.

Minna se repreendeu de antemão pelo pensamento que lhe ocorreu em seguida. Lá estava ela na lua de mel que jamais teria, com o homem que jamais seria seu marido. Não fazia sentido querer pensar na realidade – ela certamente estragaria tudo. Mas se lembrou dos romances que lera quando era menina, nos quais a heroína declarava triunfante ao final: “E então, prezado leitor, eu me casei com ele.”

A primeira coisa que ele fez foi abrir a garrafa de champanhe e servir uma taça para cada um. E, em seguida, virar a própria taça como se fosse um copo de cerveja, recuando um pouco para fugir das bolhas, e abrir a valise para tirar o frasco de coca. E então fez um gesto chamando-a mais para perto.

– Outra vez? – Minna indagou.

– Isto é afrodisíaco.

– E todo o resto já não é? – ela disse, correndo os olhos pelo quarto.

Ele a brindou com um sorriso indulgente enquanto tratava de aplicar uma gota em cada uma de suas narinas e depois fazia o mesmo em si mesmo. E repetia mais uma vez o gesto nos dois. Ele ficou olhando enquanto ela se levantava, ia até a sacada e abria a porta para sair. E depois a seguiu, tremendo sob o ar gelado da montanha, e a envolveu nos seus braços. Trechos longínquos de uma valsa vienense romântica chegavam do salão de refeições. E ela sentiu aquela primeira onda, que agora já lhe parecia familiar.

– Está gelado aqui – ele disse, esfregando-lhe os ombros. – Vamos voltar para dentro.

Minna o seguiu, parando por um instante diante do fogo. Depois, apagou as luzes e acendeu uma vela perto da cama. Ele lhe passou o frasco de coca mais uma vez, e ela aplicou outra dose em cada narina. Depois de inspirar profundamente, ergueu as mãos para esfregar as têmporas e espirrou algumas vezes.

Ela pensou na situação em que se encontrava poucos dias antes. No seu desalento. Na melancolia. E agora, com o organismo tomado

pela coca, sentia apenas alegria. Não saberia dizer se era só o efeito da coca ou também do quarto sofisticado. Mas tudo estava lhe parecendo inegavelmente mais romântico, mais excitante do que qualquer outro lugar onde já estivera na vida. Uma pensão barata podia ter lá seus encantos, mas...

Depois de afofar os travesseiros da cama, ela ia se preparando para deitar quando reparou numa grande mancha marrom na barra da sua saia. O que podia ser aquilo? Lama, talvez? Minna sentiu o corpo se cobrir de suor. Seus trajes estavam tão pesados e incômodos, cobertos pela fuligem do trem. Ela se sentiu mergulhada numa pilha de roupa suja.

– Você quer jantar?

– Não estou com um pingo de fome. Como você pode perguntar uma coisa dessas? – disse ela, indo até o banheiro.

Ele ouviu a água correndo.

– Minna? Minna, o que está fazendo?

– Eu não consigo escutar você por causa da torneira aberta...

– Você está tomando banho?

– Ainda não...

Numa prateleira acima da banheira estava uma coleção de sais de banho caros, talcos, sabonetes e toalhas fofas bordadas com a letra "S" dourada. Ela aspirou o aroma doce de lavanda e de rosas enquanto esperava a banheira encher. E não reparou na presença dele junto à porta, observando com os olhos fixos enquanto ela derramava os sais e os óleos na água, tirava peça por peça da roupa e entrava na banheira, com as mechas pesadas do cabelo caindo soltas nas costas molhadas.

Meu Deus, ela pensou ao mergulhar na água morna, por favor, limpe os meus pecados.

Mais tarde, quando os dois estavam nos braços um do outro, ela indagou:

– Como seria a vida se nós fôssemos casados?

– Eu sei bem como seria.

– Conte para mim.

– Você quer que eu diga a verdade?

– É claro.

- Eu escrevi um artigo sobre isso uma vez.
- Eu não me lembro.
- O título era “A moral sexual civilizada etc. etc.”, com ênfase no “civilizada”.

– E qual era a sua conclusão?

– A satisfação sexual no casamento dura apenas uns poucos anos. Depois, a esposa fica sobrecarregada pelas tarefas domésticas, os filhos, a administração da casa e tudo mais, e a paixão desaparece. Além disso, os métodos contraceptivos enfraquecem o desejo... e podem até provocar doenças...

Minna ergueu as sobrancelhas, irritada. Era óbvio que Sigmund estava usando o casamento com sua irmã como exemplo universal, e ela não iria ficar ali ouvindo aquilo. Não naquele momento.

– A minha conclusão foi que o desencanto espiritual e as privações corporais decretam a morte da maior parte dos casamentos, e ao marido restam apenas as pálidas lembranças do que foi um dia. E, digo mais...

– Pare, Sigmund! Chega! Não era para ser uma pergunta acadêmica.

– O que você queria que eu dissesse?

– Alguma coisa diferente disso... um elogio. Diga que você me adora.

Ele sorriu e olhou para o corpo dela deitado junto ao seu, a pele ainda morna e brilhante por causa do banho.

– Eu adoro você – provocou ele, correndo a mão pelas suas costas. – Eu seria capaz de caminhar sobre as brasas por você. Seria capaz de escalar...

– Tudo bem. – Ela riu. – Já chega. Não tem importância.

Depois, quando afundou nos travesseiros macios, ela ouviu o canto alto e lúgubre de um pardal-das-neves soando uma vez e mais outra, sem parar.

30

Eles passaram os dias seguintes em excursões pela região, caminhadas em volta do lago e refeições tranquilas em restaurantezinhos aconchegantes, onde a luz suave refletia o branco da neve de verão. Minna se pegou imaginando como seria viver num lugar como aquele, com seus campos abarrotados de flores perfumadas no verão e pinheiros drapeados de gelo nos meses de inverno. Um lugar onde ela poderia se isolar do mundo exterior. Um lugar onde os dois poderiam ficar juntos.

As noites dos dois seguiam uma rotina constante. Ela tirava a roupa e deslizava para junto dele na cama, envolta pelo casulo do acolchoado. No início, ele falava e falava numa pregação embriagante, com toda sua energia e concentração dirigidas unicamente para Minna. Tudo o que dizia era brilhante, luminoso, como se ele a presenteasse com um tesouro de joias extravagantes. O intelecto dele era como uma droga, intensa e erótica, e ela não conseguia ficar com as mãos longe do seu corpo. E depois, com os dois exaustos, ela descansava a cabeça no ombro dele, entrelaçava as pernas nas suas e pensava, com uma tristeza maior do que nunca, que ele era a única pessoa que havia amado na vida.

Ele lhe contou histórias da sua infância. Horas e mais horas de conversas. Ela soubera por Martha de alguns detalhes isolados, mas agora ele recontava a narrativa completa, diante do fogo ardendo suave na lareira e em meio a carícias suaves no seu rosto. Ele lhe relatou como havia sido o escolhido, o favorito da família – enquanto as cinco irmãs e os pais se distribuíam por três quartos, Sigmund dispunha de um aposento espaçoso e bem iluminado só para si, com lâmpadas a gás em vez de velas. E contou sobre o seu irmão menor, Julian, que morrera de infecção intestinal aos oito meses de idade. Embora tivesse apenas dois anos na época, Sigmund se lembrava de ter desejado a morte do irmão para que voltasse a ter a atenção da mãe. Ele havia se sentido “destronado e usurpado” e chegara até mesmo a fantasiar que matava o bebê. E depois que viu seu desejo se realizar magicamente passara a se culpar pelo acontecido.

E contou também sobre o pai. Sobre como, ainda bem novo, Sigmund era fascinado pelos feitos heroicos de guerreiros famosos da história. E como o relacionamento com o pai, o mascate Jakob, sempre fora frágil em função dos anos de desapontamento acumulado por causa da falta de pulso, de sucesso ou ambição. Ele lhe relatou um dos fracassos mais retumbantes de Jakob: a decisão de investir em plumas de avestruz importadas da África do Sul justamente quando a moda feminina mudou e a demanda pelo produto desapareceu. E comparou o pai ao Micawber, o personagem de Dickens em *David Copperfield*, que com seu otimismo incorrigível costumava repetir: "Alguma coisa vai acontecer." Segundo Sigmund, haviam sido as desventuras do pai que o levaram à obsessão por Alexandre, o Grande, por Aníbal e Garibaldi.

E houve também a história. Todos na família sabiam sobre ela, mas ele relatou tudo outra vez à Minna numa voz cheia de emoção, como se tudo tivesse acontecido no dia anterior. Quando era um menino vivendo na Morávia, Sigmund aguardava ansioso pelos passeios dominicais que fazia com o pai. Os dois vestiam os melhores trajes que tinham, Jakob envergando seu casaco de lã mais novo e um chapéu forrado de pele, e caminhavam juntos pela rua principal da cidade. O pai contava casos da sua vida na estrada para divertir o menino. Num certo domingo, lá pela metade do passeio, um jovem arruaceiro chegou por trás dos dois, derrubou o chapéu de Jakob na lama e o insultou dizendo: "Fora da calçada, judeu!" Sigmund se sentiu humilhado quando o pai calmamente se abaixou para pegar o chapéu enlameado e seguiu adiante, como um cão surrado, sem esboçar resposta. A reação dele pareceu tudo menos heroica aos olhos do menino que na época lia com fascínio as histórias de Aníbal, sobretudo a passagem em que o pai dele fizera o filho jurar num altar que se vingaria dos romanos.

– Eu nunca consegui perdoá-lo – disse Sigmund, com a voz ameaçando falhar. – Cheguei a tentar fazer isso. Mas nunca consegui.

Nesses momentos de confissões íntimas, ela tentava guardar na memória cada detalhe, fingir que pertencia a ele. E dizia a si mesma

que eles não eram como as outras pessoas. Uma ideia um tanto irônica, claro, e que Minna sabia que não correspondia à verdade.

Por mais que quisesse que os dias se estendessem infindáveis à sua frente, Minna não conseguiu evitar a sensação de que o tempo estava mais acelerado. O tempo. Aquele que não estava a seu favor. Não era isso que sua irmã havia lhe dito? Ou talvez tivesse sido a mãe.

Numa das noites, ela acendeu um cigarro e ficou na sacada vendo as nuvens se acumularem no topo das montanhas. O ar estava esfriando, e ela mal conseguia distinguir o contorno enevoado do lago para além da pastagem. As manchas de neve cintilavam na encosta rochosa, e as silhuetas dos pinheiros negros podiam ser vistas por toda parte. Seriam só mais alguns dias, e depois... E depois? Para onde ela iria depois dali? Para Viena não poderia ser, isso era certo. Nem para Hamburgo. Nem qualquer outro lugar. Se ela pudesse fazer isso, começaria tudo outra vez feito uma personagem de Mary Shelley, mas não como um monstro desfigurado e sim como uma linda jovem, agradável e descomplicada, que viveria uma vida também agradável e descomplicada. Dando mais uma tragada no cigarro, Minna tentou se lembrar de qual fora a última vez em que não havia se sentido ansiosa ao pensar na própria vida. Talvez tivesse sido na noite passada, nos braços dele.

Nessa noite, quando foram jantar, eles escolheram uma mesa junto à janela panorâmica que dava para o lindo vale da Engadina, no limiar da fronteira com a Itália. Freud estava com um humor excelente enquanto os dois se deliciavam com um linguado ao molho de vinho seguido pela *galantine de veau*, escolhendo um vinho diferente para acompanhar cada prato.

Quase ao final da refeição, Minna ergueu os olhos por acaso e teve um choque ao avistar um casal que lhe pareceu conhecido entrando no salão de refeições. Sentiu um revirar súbito no estômago, e deixou escapar um arfar curto de susto.

- O que aconteceu? – indagou ele.
- Acho que conheço aquela mulher.
- Que mulher?

– Aquela que está ali. Não posso apontar agora. A loira, que está com o vestido azul. Troque de lugar comigo – ela pediu, sentindo-se encurralada de repente.

– Isso não tem cabimento. Tente se acalmar. Mesmo que *seja* ela, não há problema nenhum. Não há nada de incomum em dois familiares viajando juntos.

– Os lugares – sibilou ela.

Ao se levantar para trocar de lugar com Freud, Minna lançou mais um olhar na direção da mulher. Talvez *não fosse* ela, afinal, pensou. O cabelo parecia mais cacheado e estava penteado para cima, o nariz era mais largo, os olhos juntos demais. E a mulher que ela conhecia nunca usaria argolas nas orelhas como um pirata. Um impulso de sair do salão às pressas teve que ser reprimido com esforço.

– Você prefere voltar para o quarto, minha querida? – indagou Freud, sem se abalar.

Ela fez que sim.

Minna foi tomada por uma onda de alívio quando eles passaram incógnitos pelos sofás de tecido brocado e as aquarelas de paisagens alpinas do saguão e subiram as escadas que os levariam para o quarto. *Para a segurança*, ela pensou.

Assim que entrou, foi direto para o banheiro se preparar para deitar. Lavou o rosto, penteou os cabelos e passou um pouco de glicerina nos lábios. Quando voltou para o quarto, Sigmund estava sentado junto à escrivaninha fumando seu charuto. Com o postal que havia comprado na estação na mesa à sua frente. Ela caminhou até lá e deu uma olhada por cima do ombro dele. E só precisou ler as duas primeiras linhas:

Querida Martha,

Espero que esteja tudo bem com você e com os pequenos. Eu consegui hospedagem numa pensão modesta.

– Estou quase terminando – ele lhe disse, erguendo o rosto com um sorriso. – Só faltam mais algumas linhas...

Então ali estava. Bem claro ali diante dos seus olhos. Freud escrevendo alegremente um postal para a sua irmã na sua frente.

Não que ela tivesse tentado se enganar pensando que momentos como esse jamais iriam acontecer.

– Você não se sente incomodado com isso? – indagou.

– Com o quê?

– Estar escrevendo para Martha, comigo aqui...

– De maneira nenhuma.

Ela lançou um olhar cético para ele.

– Minna, minha querida – ele disse, pacientemente. – Eu já lhe expliquei isso antes. Martha e eu estamos vivendo em abstinência, ela não demonstra nenhum interesse pela minha carreira ou pelo que me dá prazer na vida pessoal; e ainda que eu às vezes me sinta mal por causa das atribulações que ela enfrenta, não tenho nenhum traço de culpa e acho que você não deveria ter também.

Uma argumentação diabólica, Minna pensou. Ela continuou a ouvi-lo sem fazer outros comentários, mas a expressão calma que tratou de pregar no rosto lhe pareceu dura e artificial. A posição dele com relação à culpa era um balde de água fria. “Autoimposta” ou não... ela estava lá. Talvez ele fosse capaz de se livrar do sentimento como um réptil que deixa para trás a pele antiga, mas para seres humanos de sangue quente a questão era muito mais complexa. O único ponto com o qual ela *poderia* concordar era a sua teoria de que a culpa criava uma massa de sintomas histéricos e que tornava as pessoas muito infelizes.

Minna ficou ouvindo a movimentação no corredor, atrás da porta fechada. As camareiras terminavam os serviços da noite, casais subiam voltando do jantar. Ela ouviu o tilintar da risada de uma mulher conversando com a amiga algo sobre sua casa em Praga e uma festa que estava para acontecer. Todos os que estavam ali iriam para casa logo. Um conceito tão simples, mas que de alguma maneira sempre fora abstrato na vida dela.

31

Na última manhã dos dois, Minna concordou em tomar o teleférico perto de uma geleira chamada Eiskapelle. Freud havia insistido em fazer reservas para o passeio apesar da resposta um tanto desanimada que ela lhe dera, visto que na sua opinião todas as geleiras pareciam iguais. Nessa em especial, o veículo semelhante a um bonde era puxado por um sistema de cabos desde a base da montanha através dos 3,2 mil metros de uma parede íngreme de granito para chegar a um mirante frágil plantado lá no alto.

A cabine estava abafada e apinhada de turistas barulhentos e inquietos vindos de toda a extensão das terras baixas da Alemanha. Muitos estavam envergando trajes típicos da Baviera e posavam para fotografias reunidos em pequenos grupos antes de embarcar. Minna estava usando um casaco, uma saia rodada que chegava até os tornozelos, uma blusa de mangas compridas e com um colarinho rígido que apertava o pescoço, e camadas demais de roupas de baixo. Freud escolhera usar uma camisa com as mangas arregaçadas, calções presos abaixo dos joelhos e um chapéu de lã verde que Minna achou que não lhe caía nada bem. Ele levava uma sacola cheia até a borda com pedaços de pão, salsichas e um queijo cujo odor pungente se misturava aos outros cheiros que já tomavam conta do ar naquele recinto fechado.

Ela se apoiou na parede da cabine agarrada a um copo de cerveja escura que estava muito quente e não a satisfazia. As janelas estavam semiabertas mas não corria nenhuma brisa no interior do teleférico, só o calor que emanava do fundo do vale. Minna tentou ignorar as gotas de suor que pingavam pelas suas costas. Um garotinho calçando botas, meias grossas e um short com os suspensórios típicos encostou o corpo no dela quando começou a subida, carimbando uma mancha com o doce grudento que levava na mão na lateral da sua saia.

O teleférico sacudia e balançava perigosamente, passando pelas copas das árvores em forma de lança que iam rareando à medida que a altitude aumentava. Um guia local, que Minna já vira

trabalhando como porteiro do hotel, começou a fazer um resumo sobre a história da região, mas ninguém lhe deu ouvidos. Quando eles finalmente chegaram ao mirante, a temperatura havia despencado, e os turistas, com os casacos apertados em volta do corpo, se apinharam na trilha sinuosa que levava até a calota da geleira.

Freud saiu marchando pelo terreno pedregoso com um humor excelente, não aparentando dar qualquer importância ao fato de que aquele seria o último dia dos dois. Essa sua indiferença com relação ao fim da viagem era uma coisa chocante. Minna, por sua vez, não conseguia pensar em outra coisa, e precisou fazer um esforço para se concentrar na voz dele enumerando as camadas pré-históricas no granito da montanha: "Piz Palu, Piz Bernina, Piz Trovat..."

Ela fechou os olhos, irritada. Quem podia pensar em geologia num momento daqueles? Alguns passos adiante, fingiu estar passando mal por causa da altitude e informou a Freud que desceria na viagem seguinte do teleférico. Ela já havia visto o suficiente daquela paisagem fria e desolada, que só parecia contribuir para aumentar seus temores com relação ao futuro. Eles combinaram de se encontrar duas horas mais tarde no Café turístico que havia ao pé da montanha.

Durante toda a descida, Minna teve que fazer um esforço para não chorar. Normalmente tendia a reprimir esses impulsos, e na verdade não costumava gostar quando outras mulheres choravam em público. A visão dos lábios trêmulos, dos maxilares travados e olhos se enchendo de lágrimas costumava deixá-la incomodada. Uma mulher chorosa parecia sempre tão... bem, tão instável. Num minuto elas pareciam bem, no seguinte vinha o aguaceiro. Minna sempre se orgulhara da sua capacidade de manter o estoicismo diante dos problemas. Mas agora via sua resistência se esfacelar.

Não, pensou ela, fitando o vazio lá fora. Ela não saltaria nesse precipício. A solução seria distrair a cabeça e pensar em outras coisas, como poemas de Baudelaire ou a sequência de reis da dinastia dos Habsburgo. Ou ainda calcular a conversão de datas do calendário judaico para o cristão, que a deixava um pouco mais

jovem. É, isso certamente daria certo. Seus olhos ficaram perfeitamente secos.

Quando Freud finalmente chegou ao Café, Minna estava pronta para lidar com o inevitável. A discussão não poderia mais ser adiada. Ele se sentou ao seu lado no banco, pediu uma cerveja, afrouxou os cadarços das botas e deu um sorriso cheio de expectativa. Ela sabia o que viria em seguida. Ele estava prestes a desfiar, que Deus a protegesse, mais detalhes técnicos a respeito da geleira. Oliver teria adorado, mas não Minna. Como ele podia se mostrar tão indiferente ao momento?

– Depois que você desceu, nós...

– Sigmund – ela interrompeu. – Preciso tomar algumas providências para minha volta a Hamburgo.

Não fazia sentido ficar só “rondando a fera na moita”. Uma governanta certa vez havia lhe explicado que essa expressão tivera origem com os trabalhadores contratados para caçar javalis. Porque eles rondavam as moitas e batiam na vegetação em torno delas para evitar o contato direto com os animais. E ela já havia feito isso por tempo demais.

– Como assim, voltar para Hamburgo? Você vai voltar para casa comigo. – O espanto na voz dele parecia genuíno.

– Não posso fazer isso. Como iria viver na mesma casa que a minha irmã?

– Da primeira vez funcionou tudo muito bem. Você foi uma ajuda imensa naquela casa. Ela quer desesperadamente a sua volta.

– Mas deixaria de querer se soubesse de nós dois... Deus do céu, estamos falando de princípios básicos de moralidade aqui, não de organização doméstica.

– Estou vendo que você está ficando alterada com esse assunto. Tente ser racional...

– Você não pode seguir fingindo que somos só membros de uma família normal. Ou um casal de jovens amantes que se encontram debaixo das pontes da sua cidade.

– Minna, minha querida. Essa perspectiva de você me deixar outra vez é intolerável. Eu não posso viver sem você. Se tivesse os

meios para isso, eu a instalaria num apartamento próprio... talvez algum lugar com vista para o Prater.

Ela o encarou, incrédula.

– Nós não podemos fazer isso.

– É claro que podemos – ele disse.

– Não aja como se eu estivesse só sendo puritana. Esta história já ultrapassou os limites do comportamento humano decente.

– Ah, então vamos voltar à discussão sobre moral? – retrucou ele, irritado, dispensando com um gesto o garçom que chegara para trazer a sua cerveja. – Nós não estamos pecando contra “a lei de Deus”, se é nisso que você está pensando.

– É claro que não, porque para você Deus não *existe*. Mas, para aqueles que ainda acreditam, a moralidade dos seus atos importa, sim.

– Isso é só mais uma forma de autoflagelação. Histeria autoproduzida e autopunição. Não é para mim.

– Não. Para você, não. As regras nunca se aplicam a você.

– Eu sei que você anda abalada. Que está em conflito, tentando fazer a coisa certa. Muita gente tem sentimentos assim. Todos nós vivemos transbordantes de desejos sexuais primitivos que mal podemos controlar...

Minna revirou os olhos e sacudiu a cabeça. Ia começar outra vez. As teorias dele sendo usadas contra ela quando nada mais parecia funcionar.

– Acontece que esses sentimentos que nós nutrimos um pelo outro são inevitáveis e poderosos – ele disse. – E que quando você os nega está provocando um trauma em nós dois. É preciso que você reconheça que essas forças existem e respeite o poder e autoridade delas... Caso contrário, poderão se transformar em algo nefasto...

– Se você começar a me falar de impulsos, desejos e repressão, eu juro que vou gritar. Não pode simplesmente criar argumentos científicos para justificar o que está acontecendo entre nós – ela disse numa voz alterada pela raiva, mesmo sabendo que era impossível separar o homem das suas teorias.

– Eu queria poder lhe dar alguma garantia de que isso tudo vai acabar bem.

– Você não pode, porque isso é impossível. Você *não faz ideia* de como isso tudo vai acabar.

– Eu faço, sim. Você vai morar na minha casa, e...

– Não vou ser sua esposa.

Ele ficou em silêncio um instante.

– Não. Não vai ser minha esposa – ele disse num tom suave, quase se desculpando.

Eles ficaram sentados como estavam por alguns minutos, nenhum dos dois querendo fazer qualquer movimento. Ela soltou um suspiro e o encarou.

– Você nunca teve medo de que eu acabasse arrumando um marido?

– Você tinha muitos pretendentes em potencial, Minna – ele disse, com o olhar ficando mais suave. – Mas o fato é que nunca quis um marido. – Ele fez uma pausa. – Ou quis?

– Se eu quisesse um marido, estaria casada agora – ela respondeu, numa voz abafada.

E parou para refletir consigo mesma. Não. Ela nunca quisera um marido. Já havia se perguntado muitas vezes por que, e agora a resposta lhe ocorreu num rompante. Ela sempre o quis.

32

Enquanto faziam as malas para ir embora, Minna se perguntou até que ponto Martha estaria sabendo sobre o paradeiro dos dois. Será que tinha havido algum tipo de negociação do casal? Será que os dois haviam conversado sobre a situação dela, sobre a vida patética que estava levando? Ela era aquela parente que ninguém quer por perto, que tem que contar com a caridade de todos em volta? O que *exatamente* ele havia contado à Martha, ela quis saber.

– Tudo – ele disse. Martha sabia que Freud partira para uma conferência em Frankfurt e que passaria alguns dias na Suíça antes de voltar para casa. E ficara combinado que, caso ele conseguisse convencer Minna a acompanhá-lo, ele a levaria consigo para a Suíça (embora não tivesse havido menção ao hotel de luxo) e os dois iriam juntos para Viena depois. Ninguém questionaria o arranjo feito por eles. E Martha jamais descobriria a verdade. Era irônico que ele dissesse isso, Minna pensou, logo ele, que em um dos seus artigos havia escrito que “mesmo quando os lábios calam... a traição abre caminho à força e exala por todos os poros”.

Ela foi tomada subitamente por mais uma avalanche de dúvidas. Como poderia encarar a irmã, sabendo de tudo o que havia feito? E feito mais de uma vez. A mãe delas sempre havia professado a máxima bíblica de que quando você prejudica alguém sua consciência se encarrega de torturá-lo até que tome a iniciativa de buscar o perdão. Mas como Minna poderia buscar perdão se estivesse morando naquela casa e lembrando com saudades dos momentos que tivera com o marido da sua irmã?

Às vezes, ela sentia como se os últimos acontecimentos tivessem se desenrolado para além do seu controle. Paixão – essa era a emoção que a fizera afundar na própria cama, questionando-se se algum dia seria capaz de se recuperar de tudo aquilo. Uma emoção que fizera com que ela se esquecesse de todas as outras pessoas.

A maior parte dos aflitos escolheria buscar apoio na religião para solucionar seus dilemas morais. Mas Minna já sabia muito bem qual

era a solução no seu caso. Ela só não se sentia capaz de levá-la adiante.

Culpa. A palavra tinha origem latina.

Mea culpa. Minha culpa. A irmã e tia amada dera lugar a uma mulher pecadora.

Paixão. Palavra também originária do latim, *patior*, cujo significado era “sofrer”.

Minna continuou presa nesse redemoinho caótico, mas no final a situação era bem simples: ela não estava pronta para abrir mão dele. Havia avançado demais naquele caminho para parar tudo agora. Agora conhecia outro modo de existência. Um sentimento que invadia todas as células do seu corpo, uma força que a fizera se transformar da criatura racional que era numa outra que certamente não se pautava pela razão. O desejo – ele era mesmo um tipo de insanidade.

Era noite quando os dois viajantes chegaram ao número 19 da rua Berggasse, e o tempo estava muito ruim. Uma tempestade de verão se abatera sobre a cidade, com uma chuva pesada que martelava os lombos dos dois cavalos da sua carruagem e um vento feroz que fazia as rodas baterem contra o meio-fio enlameado. O cocheiro, com a cabeça descoberta, fazia o possível para manejar as rédeas encharcadas e controlar os cavalos que sapateavam nas poças e assustavam um ao outro, encharcados de lama e de suor. Minna surgiu à porta do veículo agarrada à sua sombrinha inútil de musselina, e sapateou pelos montes de lixo que se acumulavam à entrada do prédio. Freud a seguiu, apressado, com a cabeça curvada numa tentativa de se proteger da água.

Martha e as crianças estavam amontoados na entrada, os corpos bem juntos para tentar evitar a chuva. Quando a dupla enfim chegou até junto dela, Martha puxou Minna para si como se estivesse resgatando uma vítima de afogamento e lhe deu um abraço. Ela parecia aliviada por ver a irmã, e se havia notado qualquer coisa fora do comum não deixou transparecer.

– Eu estava me sentindo tão solitária sem você, minha irmã – ela disse, afastando as mechas de cabelo rebelde e encharcado que haviam caído na testa de Minna. – Quero que considere esta casa

como seu lar pelo tempo que desejar. Será que pode tirar as botas antes de entrar?

Minna não teve como evitar a constatação de que a cena se pareceu bastante com sua primeira chegada à casa da família Freud. Com uma única diferença. Hoje ela estava sendo trazida pela mão do cunhado. Seus olhos estudaram o rosto pálido e cansado de Martha atrás de qualquer sinal de hesitação ou de dúvida, mas não havia nada disso, só uma exaustão por baixo dos sorrisos de boas-vindas.

As crianças se mostraram eufóricas com sua chegada e, desta vez, estavam todas saudáveis ao mesmo tempo. Sophie tomou a mão de Minna num arroubo de possessividade e implorou para que ela subisse para ver a sua casinha de bonecas nova. Os garotos cercaram o pai, bombardeando-o de perguntas – “Você colheu cogumelos?”; “Nadou no lago?”; “Foi pescar?” – que foram seguidas pelo questionamento detalhado de Oliver a respeito da altura e da composição da geleira.

– Vamos entrando, meus queridos – Martha convidou, depois de roçar um beijo de leve no rosto de Freud. Ele sorriu para ela, cumprimentou as crianças, e pareceu perfeitamente à vontade com a situação toda.

– Sigi, querido, que tal tomarmos um chá para você nos contar melhor sobre a viagem?

– Sinto muito, mas agora será impossível. Perdi um tempo enorme nas últimas semanas e preciso voltar ao trabalho – ele disse, encaminhando-se para o consultório.

– É claro – disse Martha numa voz fria. – Ernst, Oliver, Martin. Alguém ajude *Tante* Minna a levar a mala lá para cima.

Os meninos discutiram entre si por um instante, e em seguida Oliver pegou a valise e começou a subir. Minna encontrou seu quarto exatamente do mesmo jeito que havia deixado, com os vestidos ainda pendurados no guarda-roupa. Ela se sentou na cama e tratou de tirar a roupa, deixando tudo amontoado no chão. Depois foi se postar diante do espelho, tirou as travessas do cabelo e escovou as mechas úmidas e onduladas antes de escolher um conjunto limpo na bagagem.

Edna, a criada, a ajudou a desfazer a mala, tagarelando alegre como um passarinho o tempo todo.

– A senhora não sabe como é bom ver *Frau* Freud de pé e arrumada outra vez. Ela não tem andado nada bem ultimamente. Por causa dos nervos, sabe como é. Se quer saber a verdade, ela mal tem conseguido cuidar dos filhos nos últimos meses. Porque o doutor nunca sai do consultório, também. Eu fico feliz da senhora estar aqui de volta. A coitadinha da Sophie chorou muito quando foi embora. A sua ausência foi muito sentida por todos, pode ter certeza disso...

Depois de uma batida de leve na porta, Martha entrou no quarto. Minna reparou nas olheiras escuras emoldurando os olhos da irmã, e no tom ligeiramente extenuado da sua voz.

– Você está se sentindo bem? – indagou, perguntando-se num relance se ela poderia estar desconfiando de algo.

– Eu não consegui pregar o olho ontem à noite, e quando finalmente estava a ponto de dormir um pouco Sophie entrou no quarto aos prantos. Aquela menina chora por qualquer coisa, eu vou lhe dizer.

– É por causa dos pesadelos. Eu já notei que ler uma história ajuda a mente dela a se distrair um pouco.

– Não é por acaso que ela tem verdadeira adoração por você. Eu nunca teria forças para ler um livro de madrugada, às 3h da manhã – disse Martha, apertando a mão da irmã. – Mas imagino que agora você deva estar exausta da viagem. Conte para mim como foi.

Minna examinou o rosto da irmã. Não havia nada nele que sugerisse qualquer coisa além de um mero interesse ditado pela boa educação. Mas o tom de voz que Martha estava usando era bem conhecido por ela. Era a voz que a irmã usava quando dizia alguma coisa querendo comunicar outra. Às vezes ela tinha vontade de fazer com que Martha fosse mais direta e lhe dissesse logo o que estava pensando. Que tivesse um ataque, gritasse, ficasse com raiva. Às vezes Minna tinha vontade de poder saber o que se passava de verdade na cabeça de Martha. Mas esta não era uma dessas vezes.

– Bem, os dias na Suíça foram adoráveis. Nós tivemos bastante tempo livre... e conversamos sobre as pesquisas dele. E tenho que

admitir que alguns conceitos são bem complicados, e que ele precisou usar toda a paciência que tinha para tentar me explicar.

– Mas no fim você conseguiu entender?

– Consegui, claro. Ele descobriu que o comportamento neurótico pode ser atribuído diretamente a...

– Eu acho que prefiro ouvir sobre as outras coisas que você fez por lá. Teve a chance de ir a alguma caminhada? Foi nadar? Catar cogumelos?

– Bem, nós caminhamos um pouco... E subimos por um teleférico...

– Aquela geringonça pavorosa! Eu detestei cada minuto quando nós fizemos esse passeio uma vez. Mas, pensando bem, não sinto muita falta da Suíça de maneira geral. E à noite, o que vocês faziam? – Martha perguntou, recolhendo as roupas que Minna deixara espalhadas.

– À noite? Bem, não há nada para fazer nas montanhas à noite – ela respondeu, agora com as mãos agarradas firmes uma à outra.

– O salão de refeições do hotel é uma beleza, pelo que me recordo.

– É verdade. Mas eu não estava com espírito para aturar a música.

– Música? Naquele lugar? Lá não costumava haver música...

– Devia ser algum músico de passagem pela cidade. Nada demais – Minna se apressou a dizer, agitada. – E de qualquer maneira eu estava cansada demais da viagem, só queria mesmo descansar.

– É exatamente como eu me sinto sempre. Viajar é a coisa mais maçante e complicada que existe. Aliás, se eu pudesse escolher, nunca mais viajaria para lugar nenhum. Tirando as visitas esporádicas à mamãe e as nossas férias anuais com as crianças, é claro.

– É compreensível mesmo que alguém queira passar o resto da vida em Viena. Há tantos lugares para ver aqui.

– Sigmund pode ficar livre para rodar o mundo: Roma, Paris, Nova York, Atenas. Ele que vá aonde quiser e com quem desejar. Porque a minha companhia é que ele não quer, Deus sabe disso.

- Certamente isso não deve ser verdade...
- Mas você chegou a receber alguma carta de Eduard? – interrompeu Martha, mudando abruptamente de assunto.
- Recebi, sim.
- E que resposta deu a ele?
- Eu não dei resposta nenhuma.
- Uma solução um tanto rude, querida. Não é do seu feitio.
- Eu não quis dar esperanças ao sujeito.

Martha fez uma pausa, como se estivesse decidindo se deveria ou não continuar a conversa. Depois bufou ostensivamente.

– *Ora, Minna*, quem mais você acha que vai aparecer na sua vida a esta altura?

Pela curvatura obstinada no queixo da irmã, Minna sabia – tinha anos de experiência na convivência com ela, afinal – que a história estava só começando. Martha jamais desistia quando se agarrava a alguma coisa. Seu comentário havia sido só o preâmbulo para iniciar o velho discurso de “você é sua pior inimiga”.

– Deus sabe que eu já lhe disse isso não sei quantas vezes, e que nem cabe a mim continuar insistindo, mas às vezes eu juro que parece que você é a sua pior...

Um grito vindo da sala de estar interrompeu a fala dela. Seguido por um estrondo.

– Mãe! Martin quebrou o seu melhor vaso e agora ele está sangrando! – gritou Mathilde, no seu tom habitual de voz.

– Estou indo! Arrume um pano na cozinha! Escute o que estou lhe dizendo, Minna, eu não vou suportar esta loucura por muito mais tempo.

Martha e Minna dispararam pelo corredor, cruzando com Sigmund, que rumava a passos largos na direção oposta.

– É uma coincidência impressionante – Martha disse. – Basta acontecer qualquer coisa com as crianças que ele desaparece de vista, ou então trata de sair de perto na mesma hora.

- Talvez ele esteja ocupado com outra coisa – Minna retrucou.
- Ele está *sempre* ocupado com outra coisa.

A mente de Minna não deixou de registrar que de fato Sigmund estivera “ocupado com outra coisa” nos últimos dias. Com ela. Mas

ela foi tomada momentaneamente por uma estranha ausência de culpa, que permaneceu lá enquanto ajudava Martha a limpar a bagunça na sala e a fazer o curativo na mão de Martin. A ideia de ter que se conformar com alguma imitação malsucedida de Freud lhe parecia impensável agora. Ela faria o que fosse necessário para conseguir estar perto dele.

33

Viena estava um forno. Agosto se abatera sobre a cidade como uma vingança, e pela primeira vez em muitos anos a família Freud não iria escapar do calor opressivo viajando para seu refúgio nas montanhas de Altaussee. Para a imensa frustração das crianças, o pai fez contato com o proprietário do chalé que eles costumavam alugar em Obertressen, perto do lago, e cancelou a reserva. Ao longo do mês, Martin, Oliver e Sophie caíram de cama com uma série de doenças que foram passadas em sequência para Martha. Freud, por sua vez, continuava na luta para terminar o último capítulo do seu livro dos sonhos, que o editor, Franz Deuticke, ansiava por ver pronto o quanto antes. Deuticke era dono de uma pequena editora especializada em publicações científicas na cidade e inicialmente ficara surpreso com o tema, mas não mais do que havia se espantado ao receber a proposta para publicar seu outro trabalho, *Estudos sobre a histeria*, lançado recentemente.

A família ficou na cidade, portanto, e, à medida que a estação avançava, se viu muitas vezes confinada aos limites da casa. Na maioria dos dias o calor era forte demais para permitir qualquer caminhada ao ar livre, e todas as compras tinham que ser feitas antes do meio-dia. As tempestades repentinas não adiantavam para aplacar a sensação de abafamento, e quando a noite chegava o ar continuava parado e pesado de umidade.

– Nos Estados Unidos, já existem ventiladores elétricos – Oliver informou.

– Esse seria o *único* motivo para ir até lá – o pai disparou de volta.

Por ocasião da volta da Suíça, tanto Minna quanto Freud haviam concordado que não teria como manter o caso no número 19 da rua Berggasse. Mas isso não impediu que eles continuassem tendo encontros vespertinos ocasionais numa pequena pensão perto da estação ferroviária, nem que se envolvessem em discussões teóricas que varavam as noites no consultório dele. Nos dias em que ele mandava chamá-la depois do jantar, com as crianças já nas suas camas, Minna trocava o que estivesse usando por um vestido de

verão em musselina, enchia um caneco de cerveja gelada ou limonada e descia para vê-lo. Levava o leque de seda no bolso da saia e às vezes aplicava-lhe uma compressa fria na nuca enquanto conversavam calmamente sobre seu trabalho noite adentro – as teorias sobre os sonhos, os pacientes, seu processo de autoanálise, e, sempre, as origens sexuais dos comportamentos neuróticos. Até que o calor ficava forte demais para os dois aguentarem.

– Não consigo mais. Está um forno aqui dentro. E meus ombros estão doloridos – dizia ele, fumando tanto que ela mal conseguia respirar.

– Você quer que eu traga um balde com gelo? Posso ir até lá em cima buscar num instante. Ou quem sabe lhe faço uma massagem na nuca?

– Não, não – respondia ele, levantando-se para apagar o charuto. – Esse tempo está sufocante. Eu vou encerrar a noite por aqui. Feche a janela, sim?

– Claro. – Ela fazia uma pausa. – Boa noite, então.

– Está bem. Boa noite, querida.

Ao longo desse período, a pesquisa tomou todo o tempo e a energia de Freud, e ele foi se mostrando cada vez mais obcecado à medida que passavam as semanas. Noite após noite, ficava no consultório quente, com as janelas abertas e uma caneca suarenta de cerveja na mão, debruçado sobre páginas e mais páginas de estudos de caso, enchendo as margens do papel com suas anotações.

A única distração foi uma viagem rápida até Munique para uma conferência com o Dr. Fliess. Ele havia se aproximado ainda mais de Fliess depois do seu rompimento com o Dr. Breuer, e passou a falar das teorias dele com um tom quase reverente na voz, embora Minna considerasse todas elas um tanto disparatadas.

Para começo de conversa, o médico acreditava que quase todas as doenças e os sintomas importantes do corpo humano eram provocados pelo nariz. Todo tipo de afecção física, da enxaqueca aos problemas de coração, dores de estômago e problemas nas articulações, tudo estaria ligado ao excesso de coriza e muco no

sistema olfativo. E Fliess ia ainda mais além, afirmando que o nariz também seria responsável pelas disfunções sexuais.

Minna não entendia exatamente como o bom doutor de Berlim conseguira fazer esse salto da sinusite para a frigidez ou bissexualidade, mas Freud parecia fascinado – para não dizer enfeitado – pelas teorias absurdas professadas por ele.

Assim que soube da fixação de Fliess pelo nariz, Minna teceu alguns comentários irônicos que comparavam o sujeito a Cyrano de Bergerac. Mas, como a reação de Freud não foi nem um pouco divertida, ela decidiu guardar para si mesma a piada que fazia menção a Pinóquio.

Desde a sua volta, Minna havia assumido quase por completo a supervisão da rotina das crianças. Elas a mantinham ocupada desde o início da manhã até a noite, todas na barra da sua saia o tempo todo, inquietas e entediadas. No início, ela e Martha haviam dividido as tarefas domésticas de maneira igualitária, mas agora a irmã lhe delegara quase todas as responsabilidades nessa área.

– É muito justo. Afinal eu me esfalfei de trabalhar quando você estava em Frankfurt – ela chegou a repetir mais de uma vez, como se os quatro meses que Minna havia passado lá tivessem sido um período de férias.

Desde que as duas eram meninas, Martha vigiava atentamente a divisão de tarefas e recompensas entre elas. Tudo tinha que ser exatamente igual para cada uma das irmãs. Se iam dividir um pedaço de bolo, ela fazia questão que uma cortasse e a outra escolhesse o seu pedaço primeiro. Se Martha por acaso fosse à rua fazer uma compra para a mãe, ela dizia à Minna: “Na próxima, você vai.” E estava sempre registrando minuciosamente quem fazia o quê e quando, mostrando-se magoada quando sentia que a balança pendia para um dos lados. Minna esperava que a irmã já tivesse superado esse tipo de rivalidade infantil, mas aparentemente Martha continuava enxergando o mundo nesses termos de toma lá, dá cá – *quid pro quo*.

Um dia pela manhã, quando começou a soprar uma brisa leve e a temperatura amenizou um pouco, Minna decidiu que seria loucura

manter as crianças confinadas por mais tempo. O ambiente dentro de casa estava opressivo, e as regras impostas por Martha tornavam as coisas piores. Janelas e cortinas tinham que ficar fechadas contra o sol forte durante o dia, e só voltavam a ser abertas depois do entardecer. E, além disso, não era servida nenhuma refeição quente porque Martha “não iria tolerar o fogo aceso na cozinha”.

Mas, apesar das súplicas de Minna, Martha deixou claro que não queria as crianças vagando pelas ruas.

– Está quente demais, com poeira demais nas ruas, e estão circulando boatos de saques no centro da cidade. *Não é possível* que você não tenha ouvido falar. Florence Skekel me disse que os alvos são os lojistas judeus. Chamando a todos de “contaminadores semitas”. Você consegue imaginar?

– Eu soube que Florence é muito alarmista.

– Soube por quem?

– Pelo marido dela, quando jogamos cartas.

– O marido não a entende.

Quase no fim da tarde, depois que Minna havia passado o dia se esfalfando de trabalhar, Martha finalmente cedeu, permitindo que as crianças saíssem.

– Vão até o Prater – ela disse, abanando uma mão no ar como se estivesse espantando mosquitos. E, ao ouvir um estrondo vindo de algum lugar da casa, acrescentou: – E tratem de sair logo!

Mas a essa altura Minna estava se sentindo exausta.

– Martha, vamos deixar para amanhã. O dia hoje foi uma loucura, não tenho mais energia para passeio nenhum.

– Francamente, Minna, não estou pedindo nada de *tão* extraordinário assim. E por que esse cansaço todo? Você teve tempo de sobra para descansar. Deus sabe como eu fiquei enlouquecida nesta casa todos aqueles meses que passou fora. Por acaso você está doente?

– Eu não estou doente. Só estou me sentindo exausta, e além do mais já está tarde para sair.

– Pode ser que esse cansaço todo seja por conta das suas visitas ao consultório de Sigmund até tarde da noite. Apesar de ser uma coisa boa que Sigi tenha alguém com quem conversar...

Houve um momento de silêncio enquanto as duas irmãs se entreolharam. Depois, Minna deu meia-volta devagar e rumou na direção da cozinha.

– Eu vou tomar um café antes de nós sairmos.

E escapou depressa lá para dentro. Ela se sentia perversa na companhia de Martha, e também um pouco ridícula. Na posição em que se encontrava agora, precisava mentir para a irmã sobre as coisas mais corriqueiras, apenas para em seguida passar o tempo todo se perguntando se o que dissera havia ou não soado plausível. Minna sentia um travo permanente na sua boca e chegava até a sentir náuseas, como se houvesse alguma coisa podre na sala e estivesse sendo obrigada a ignorar o mau cheiro. Antes da sua ida para Hamburgo, Minna estava em meio a um conflito interno, angustiada por conta do seu desejo. Havia se convencido de que a atração que sentia por Sigmund era algo que havia se abatido sobre ela, e não uma situação provocada por atitudes suas. Mas agora, já acolhida de volta na família, havia momentos em que seu estômago se revirava em meio a conversas com Martha sobre os preços no mercado, as crianças ou qualquer assunto do dia a dia. E depois ela se pegava surpresa pensando em como podia ter sido capaz de agir com tanta frieza e indiferença, como se aquela transgressão descarada não estivesse acontecendo.

Minna tomou seu café na cozinha, apoiada no aparador e se sentindo fraca por causa da temperatura. E se por acaso ela fosse uma amiga da família ou uma vizinha que tivesse se apaixonado por Sigmund? Isso teria tornado as coisas mais fáceis? *Sim, certamente mais fáceis*, ela pensou. Teria sido um caso extraconjugal, e esposas são capazes de passar por cima de casos assim; mas sua situação era diferente – mais pecaminosa. Pelo menos ela ainda tinha a decência de sentir repulsa pelo próprio comportamento. Minna sorriu para si mesma pensando em como era ridícula a lógica dessa sua conclusão.

Mas, junto com todo o resto, ela agora estava com medo. Não apenas por si mesma, mas por todos eles. Era como se vivesse esperando o momento em que Martha se viraria de repente para acusá-la. E esse momento não vinha. Às vezes Minna chegava a

desejar que ele acontecesse logo, pois só assim se veria livre da tortura imposta pela sua própria persona frívola e desavergonhada.

34

Ultimamente, era sempre ela que precisava ficar esperando.

Por que ele estava demorando tanto?, Minna se perguntou, zanzando de um lado para o outro do quarto. O atraso já passava de uma hora desta vez.

A pensão parecia mais suja à luz do dia. A colcha ao pé da cama estava manchada, o papel de parede se soltara nas beiradas e havia tábuas empenadas e arranhadas no assoalho. Aliás, esse chão não era forrado por um carpete antes? Ela ouviu um casal discutindo no quarto ao lado. E depois uma porta batendo. Debruçando o corpo na janela, viu o momento em que ele entrou no saguão.

Assim que entrou no quarto ele foi se sentar ao lado dela na cama, afrouxando os laços dos sapatos. Depois balbuciou um pedido de desculpas pelo atraso, do jeito que as pessoas fazem quando na verdade não estão nem um pouco arrependidas.

Poucos meses atrás, ele teria chegado antes da hora. E poucos meses atrás, Minna teve que lembrar a si mesma, ela nem sequer estaria ali.

Os encontros estavam cada vez mais difíceis de serem combinados, por causa dos horários de Sigmund. Dessa vez, a oportunidade havia aparecido na última hora.

– Não houve jeito de eu arrumar um coche. Tive que caminhar vários quarteirões até aparecer um – ele disse.

Ela começou a mexer na blusa, tentando abrir a fileira de botões minúsculos. Ele tocou no seu rosto, tirou-lhe a blusa empurrando-a pelos ombros. Os lábios plantaram um beijo rápido na sua barriga, depois ele terminou de tirar-lhe as roupas e puxou o corpo dela para junto do seu. Ao primeiro toque dos seus dedos, ela continuava sentindo a mesma excitação. Simples assim.

Uma vez, eles fizeram deitados no chão. E uma vez foi dentro da banheira. Ela gostava de levar uma garrafa na bolsa e tomar várias doses antes que ele chegasse. Em geral ele conseguia ficar mais um tempo depois, mas dessa vez se afastou dela na mesma hora e começou a procurar pela calça.

– Preciso ir embora.

– Já? Você acabou de chegar.

– Tem um paciente me esperando... – ele disse, no mesmo tom que costumava usar com Martha quando queria um pretexto para se retirar da sala. Ela ficou olhando enquanto ele se vestia, serviu mais uma dose da sua bebida e chamou seu nome quando ele já estava de saída do quarto. Quando ele se virou para encará-la, a expressão que tinha no rosto era impassível.

– Não tem importância – Minna disse.

Mais tarde, quando já estava de volta em casa e já havia reassumido sua vida de sempre, ela se sentiu tomada por uma apatia enorme. O problema não era só a falta de afeto que vinha sentindo da parte de Sigmund. Além dele, o medo constante de ser pega estava começando a azedar os momentos que se seguiam aos encontros.

Às vezes, Martha lançava uns olhares estranhos na sua direção e perguntava: “Está tudo bem com você?”, e a pergunta inevitavelmente desencadeava uma onda de desespero que a fazia gritar de fúria por dentro. Não! Não está nada bem comigo.

Num dia da semana seguinte, chegou um envelope formal endereçado em relevo dourado a “Dr. Freud e *Frau*”. O casal Freud estava convidado por *Herr* Zelinsky e sua esposa para a noite de estreia na ópera seguida de um jantar no seu maravilhoso apartamento na região elegante da Reichsratsstrasse.

Minna leu o convite com interesse quando se sentou na sala com Martha para separar a correspondência. Gustav Mahler havia acabado de ser empossado como diretor da Hofoper, e era simplesmente a figura pública mais célebre de Viena no momento. O prédio imponente da ópera havia acabado de ser inaugurado também, com seus afrescos nos tetos abobadados e colunas dóricas – e, o que era mais importante, todos estavam dizendo que tinha uma acústica impecável.

– Ah, será uma montagem de *Don Giovanni* – Minna exclamou, com a voz aguda de excitação.

– Pelo menos Sigmund não vai ficar tão entediado. No ano passado foi *Norma*, e ele acabou cochilando.

- E vai ser uma emoção ver Mahler.
 - Eu não acho. Ele tem sido uma *decepção* ultimamente.
 - Decepção?
 - Com essa história detestável de conversão. Então ele é *católico*, agora? Se quer saber a minha opinião, acho que não vai adiantar nada. *Nem assim* ele vai ser convidado para o palácio. Uma vez judeu, sempre judeu.
 - Ele foi obrigado a se converter, você sabe, ou nunca teria conseguido a posição.
 - Seja como for – seguiu ela, com um abanar desdenhoso da mão –, a mãe dele deve estar se revirando no túmulo.
 - Martha, se a apresentação não lhe interessa, eu poderia ir no seu lugar com todo o prazer – arriscou Minna, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer.
 - Você acompanharia Sigmund? – ela disparou de volta.
 - Só se você não fizesse mesmo questão de ir – disse Minna, recuando.
 - E de onde saiu essa ideia? É claro que eu quero ir. Vai ser o acontecimento social da estação.
 - Bem, talvez eu possa comprar um ingresso então – retrucou Minna, decidindo perversamente insistir no assunto.
 - Para a noite de estreia? Vai custar uma fortuna. E, além do mais, quem ficaria cuidando das crianças?
- Minna encarou a irmã sem uma palavra e tratou de sair da sala antes que dissesse alguma coisa da qual iria acabar se arrependendo depois. Aquela reação de Martha fora preocupante. Minna estava farta de saber que Martha não era uma amante da ópera. E Martha sabia muito bem que Minna adorava. Aquilo teria sido simplesmente um rompante de insensibilidade da irmã – que simplesmente desconsiderara por completo os seus sentimentos? Ou será que Martha tinha ficado desconfiada das motivações ocultas de Minna? Pela centésima vez desde que havia voltado para a casa da família, ela se perguntou. Será que a irmã *sabia*? Seria possível que houvesse uma tentativa de ataque velado por trás dos modos irritadiços de Martha? Não parecia provável. Principalmente depois que, passado algum tempo, ela surgiu pela porta entreaberta do

quarto para garantir simpaticamente que lhe cederia o convite numa próxima vez.

– Pode ser uma vez para cada uma – disse ela, diplomaticamente. – Mas você sabe que eu adoro as noites de estreia.

Graças a Deus, Minna pensou. *Isso não tem nada a ver com Sigmund, então. Tem a ver com a festa.*

Na noite do evento, Martha escolheu um vestido cor de carmim com palas de veludo e uma saia godê que parecia uma sombrinha entreaberta, botas forradas de cetim preto e uma pulseira de imitação de azeviche emprestada da mãe. Minna entrou quando ela estava pegando a pelerine de lã e o seu leque império. Sophie pairava em volta da mãe dizendo que ela estava parecida com uma princesa, e Mathilde tinha adotado sua postura crítica de sempre.

– Mãe, essa pelerine não combina. É melhor você ir com o casaco de pele – insistia ela. – Além do mais, não pode usar pulseira de ouro com fivelas de prata. Metais não se misturam!

– Martha, Sigmund está esperando – interrompeu Minna.

– Ele que espere. Nós vamos à ópera, não tomar um trem – Martha respondeu, espalhando sem pressa o *rouge* nas bochechas e dando uma última olhada no espelho.

Sigmund zanzava de um lado para o outro da sala, fumando. Ele estava elegante no seu paletó branco acompanhado de cartola, gravata preta e sapatos envernizados, e não parava de consultar o relógio de bolso e de murmurar consigo mesmo sobre a carruagem alugada esperando lá fora.

– Já está mais do que na hora de sair. Estamos trinta minutos atrasados – disse ele, irritado. – E ainda precisamos passar para buscar os Bernheim, que moram longe do caminho do teatro. Não sei por que você foi se oferecer para levá-los, afinal.

– *Santo Deus!* Você pelo menos poderia falar alguma coisa, Sigmund. Eu estou com o seu vestido favorito, afinal. Toda mulher precisa ouvir um elogio de vez em quando, não é mesmo, Minna?

– É claro que sim – ela respondeu. – Sigmund, diga a Martha como ela está adorável.

Freud esfregou a nuca num gesto exasperado e esmagou a ponta do charuto num cinzeiro. O olhar que lançou na direção de Minna foi cheio de impotência e resignação.

– Você está adorável, minha querida – falou, num tom que Minna achou absolutamente artificial. Ainda assim, sua esposa aparentemente se deu por satisfeita.

– E, Minna – lembrou Martha –, já está ficando tarde. Não deixe Sophie enrolar você com as tais histórias antes de ir para a cama. Ela precisa dormir sem essas bobagens. E mande a babá trocar Anna antes de deixá-la no berço. Ela não fez isso da última vez, e ficou uma sujeira horrível. Minha nossa, meus binóculos – exclamou ela, saindo apressada da sala.

Minna foi até onde Sigmund estava e espanou um fiapo imaginário do ombro do paletó dele.

– E *you* tem alguma incumbência para mim esta noite, Sigmund? – ela disse num sussurro. – Devo deixar seus sapatos engraxados, quem sabe?

– Pare com isso. Não tem graça.

– Eu não estava tentando ser engraçada.

Era estranho pensar que, em outras circunstâncias, Minna teria ficado feliz pela irmã. No momento, tudo o que sentia era desprezo por ela. Como se aquele incidente doloroso fosse culpa de Martha. Às vezes ela mal conseguia suportar a si mesma.

Minna tomou Sophie pela mão e guiou a menina exausta escada acima. Mathilde estava jogando cartas com os meninos na sala de estar, e gritinhos vinham da direção do quarto onde a babá dava mamadeira à Anna. Um mar de cestos de brinquedos e cacarecos se espalhava em volta da cama de Sophie, e a mobília da casa de bonecas estava toda espalhada no tapete como num cenário em miniatura de uma grande liquidação de móveis. Minna sentiu uma dor de cabeça começando a brotar, daquele tipo que faz latejar atrás das orelhas e deixa os olhos lacrimejando. Ela tomou a decisão de ignorar a bagunça. Estava cansada e triste demais. O que esperava quando tinha voltado para aquela casa, afinal? Que ele nunca mais fosse sair com a esposa? Ali estava ela, arrasada porque fora deixada de fora na noite do baile. Mas a verdade era que estava

longe de ser a Cinderela da história – ela era uma das irmãs malvadas.

Ela vestiu a grossa camisola branca em Sophie, lavou o rosto e as mãos da menina e a pôs na cama. Depois, apagou a vela da mesa de cabeceira e puxou as cobertas até o pescoço dela. Mas quando inclinou o corpo para um beijo de boa-noite, Sophie estendeu os bracinhos e a puxou bem para perto.

– Não vai, não – ela sussurrou.

– Querida, eu estou muito cansada. Tenho que voltar para o meu quarto.

– Não vai, não – Sophie sussurrou outra vez, a testinha enrugada de preocupação. – *Vochê* não pode ficar aqui comigo, *Tante* Minna? Eu tenho medo.

Ela sentiu o hálito doce e quente da menina no seu rosto. Voltou a acender a vela e se sentou na beirada da cama. Muitas vezes, Minna lia histórias para Sophie até ela pegar no sono. As que a sobrinha mais gostava eram os contos de Catherine Sinclair que falavam de gigantes, elfos e fadas, principalmente os da fada Faz-Nada.

– Vou contar para você a história de uma fada muito linda – Minna disse – que tinha as bochechas cobertas de *rouge* até a altura dos olhos, os dentes de ouro e o cabelo roxo mais brilhante do mundo.

Na manhã seguinte, Martha dormiu até tarde. Minna ouviu Sigmund sair para a universidade no horário de sempre, mas Martha não se mexeu até depois das 11h. Ela surgiu na sala ainda de camisola, com uma caneca de café na mão e procurando Minna.

– Como foi a ópera? – ela lhe perguntou sem muita animação.

– Ótima – Martha respondeu, ávida por contar os detalhes da noite. – Os nossos lugares ficavam logo atrás do camarote real, e você não iria acreditar se visse aquelas peles: zibelinas, arminhos, chinchilas... Todas com as patas, cabeças e caudas, é claro. E *tout* Viena estava lá.

– Que bom.

– O cortejo real entrou com toda pompa, e eles se sentaram bem na nossa frente. E não pararam de falar um minuto, durante o

espetáculo inteiro. Sigmund ficou uma fera. Eu precisei segurá-lo para não soltar uma reclamação. Aliás, você se lembra do casal Rosenthal, não lembra? Eles estavam com a filha, uma moça que mesmo com o vestido decotado de renda que estava usando é a cópia exata do pai. Coitada! Eu ouvi dizer que se apaixonou por um italiano cristão, e o pai fez greve de fome até ela assinar um documento garantindo que nunca mais iria chegar perto do rapaz.

– E a música?

– Maravilhosa. Aquele tenor novo que veio de Frankfurt foi a sensação da noite... aplaudido de pé ao final de cada ária. E obviamente Lilli Lehmann foi a imagem da perfeição. Dizem que ela vai voltar para o Met em breve. Mas, querida, eu estou absolutamente exausta. O espetáculo só acabou depois da meia-noite, e já era 1h quando chegamos à casa dos Zelinsky. Sigi estava tão faminto que foi logo se empanturrando. As pessoas pensaram que ele não comia há dias.

Minna teve que fazer um esforço para manter a expressão animada no rosto enquanto a irmã seguia tagarelando sem parar sobre cada vestido, cada peça da mobília, e sobre como Sigmund tinha se divertido. Chegou a passar pela sua cabeça, num relance, a ideia de que talvez Martha estivesse fazendo aquilo de propósito. E, se por acaso estivesse, o sucesso estava sendo total, diga-se. Minna chegara a um estágio de desânimo completo. Mas o fato era que, se pretendia continuar com aquela farsa, ela teria que aprender a engolir seu ressentimento, seu orgulho, e a conviver com o fato de que Martha era, e sempre seria, a esposa ali.

35

Onde ele *podia* estar?

Minna postou-se junto à janela do quarto da pensão, respirando o ar abafado. O início de setembro havia trazido certo alívio, mas aquele dia estava especialmente infernal. Sentia o suor evaporando da pele, e estava com as mãos úmidas e pegajosas. Havia até deixado a porta entreaberta na esperança de que pudesse correr uma brisa pelo quarto. Mas nada parecia ajudar. Dizia-se que nos hotéis mais sofisticados havia ventiladores elétricos no teto e máquinas que sopravam o ar através de baldes de gelo. Para os ricos, sempre existiria uma maneira de se refrescar.

Assim que eles voltaram da Suíça, Minna ficava sentada em seu quarto na maior parte das noites, esperando como uma cortesã por um chamado de Freud, ansiando pela chance de desfrutar de um dos seus debates noturnos. Mas no último mês ele havia pedido que ela descesse até o consultório somente uma vez, e Minna passara a maior parte do seu tempo sozinha, como estava agora, e à espera. E, o que era ainda pior, já fazia algumas semanas que, ao se cruzarem de passagem no corredor, tudo o que havia da parte dele era uma mudança muito ligeira na expressão do rosto. Parecia que ele estava deliberadamente decidido a ignorá-la. Podia ser só um excesso de cuidado da sua parte, ou talvez estivesse envolvido demais com o trabalho, Minna pensou. Ela continuava ansiando por um chamado depois das longas horas de trabalho do dia dele, um sinal, um olhar, qualquer coisa que lhe trouxesse de volta a sensação do seu toque. Mas Sigmund vinha se mostrando estranhamente ausente, e às vezes, mesmo com seis crianças e Martha em casa o tempo todo, o lugar parecia um deserto.

▪
▪
▪

Minna não conseguia imaginar o que podia estar fazendo ele se atrasar tanto. A pensão ficava a poucas quadras da universidade. Ela manteve os olhos colados à porta por mais um

tempo. Depois se levantou lentamente, recolheu seus pertences e desceu a escadaria claustrofóbica até o saguão. Remexeu a bolsa atrás de algumas coroas... Essa não. Não havia dinheiro suficiente para pagar a conta.

O escritório apertado do dono ficava junto à entrada do lugar, e Minna foi até a mocinha sentada atrás do balcão. Ela estava embrulhada num xale, mesmo naquele calor, e tinha os olhos mergulhados numa revista.

– Eu não vou mais precisar do quarto – começou Minna, numa voz tensa. – Posso lhe mandar o pagamento pela manhã?

Um suspiro exasperado pairou no ar.

– A regra da casa é pagar na saída – disse a mocinha, sem erguer os olhos. Estava claro que ela devia repetir aquela mesma frase muitas vezes.

– Eu só passei duas horas lá – disse Minna, brusca, deixando algumas coroas no balcão e irrompendo porta afora. *Ela que levante aquele traseiro e venha atrás de mim, pensou. Que garotinha insuportável.*

Ela parou na rua por um instante para checar se estava tudo ali: bolsa, casaco, chapéu. Sim, tinha trazido todos os seus pertences. E graças a Deus, pois certamente não iria querer mais pôr os pés *naquele lugar.*

Agora já estava quase na hora do maior movimento da tarde, e Minna teve que driblar o trânsito para conseguir atravessar a rua. As ruas sinuosas em volta da estação eram um território desconhecido com seus operários carregando marmitas e homens de negócios em seus ternos escuros e seus chapéus. Uma onda de trabalhadores a caminho de casa.

Minna seguiu caminhando, sentindo as pedras do calçamento ferverem sob seus pés e a blusa ensopada de suor. As saias e a anágua estavam cada vez mais pesadas e mais úmidas. Como ele *podia* ter se esquecido? Os dois não haviam combinado tudo na semana anterior? Ou teria sido duas semanas antes? Ela não se lembrava. Talvez devesse tê-lo relembrado pela manhã. Mas em que momento? Com Martha ali, pairando em volta do marido? Ultimamente, estava cada vez mais difícil pegá-lo sozinho em

qualquer lugar. Quando *havia sido* a última conversa de verdade entre os dois?

Certo dia, bem cedo, ela havia cruzado inocentemente com ele no corredor e lhe dera um bom-dia sorridente. A resposta viera num tom irritado. Ele reclamou que o barbeiro tinha ficado doente e mandara um incompetente no seu lugar, e que o sujeito lhe deixara o pomo de adão “cheio de fiapos, e ainda um corte abaixo do nariz”. Sem nem uma palavra carinhosa para Minna.

Ela se sentia furiosa só de relembrar a cena. Dobrou a esquina, ainda distraída por essas lembranças, e desceu do meio-fio. Um grito cortou o ar junto com o barulho de rodas de madeira freando e raspando contra o calçamento.

– Santo Deus, mulher! *Presta atenção!*

O condutor da carruagem desviou sua parelha de éguas para longe com um puxão das rédeas, e os xingamentos ficaram ecoando no ar. Minna saltou de volta para a calçada e sentiu os animais passarem tão perto que poderia tocar o suor que escorria pelos seus flancos. Um calafrio lhe correu pela nuca e nos braços.

– Eu não o vi chegar – ela disse para uma mulher que passava por perto. Minna sacudiu a cabeça, agora furiosa com Freud por ele quase ter provocado a sua morte. Depois caminhou apressada até a parada de ônibus mais próxima e ficou esperando o transporte. As moedas que haviam sobrado na sua bolsa somavam o valor exato de uma passagem.

Chegou em casa antes do jantar. Ainda longe do consultório, ouviu o som grave de vozes masculinas vindas de lá. A porta estava aberta, e a vista que ela teve do corredor foi completa. Sigmund segurava uma taça de vinho numa das mãos e um charuto na outra. O canalha. Em frente a ele, no sofá, fitando-o através da penumbra criada pela nuvem de fumaça, estava o jovem médico de Berlim, Wilhelm Fliess.

Fliess tinha cabelo escuro, olhos castanhos puxados e um bigode meticulosamente aparado. Minna já nutria uma antipatia prévia pelo sujeito e pelas suas teorias bizarras, e o fato de Freud agora lhe enviar cartas quase diariamente não havia melhorado a situação. Ele certa vez havia lhe dito que via Fliess como um companheiro na sua

jornada de pioneirismo científico, alguém que também estava disposto a arriscar tudo em nome das descobertas. Mas a questão é que, quando estamos enfeitiçados por alguém, nós somos capazes de acreditar em qualquer coisa.

Minna ficou parada em silêncio na entrada do consultório, esperando avistar um sorriso nos lábios de Freud, um aceno, ou algo que se parecesse com um pedido de desculpas. Vendo os olhares afetuosos trocados pelos dois, ela sentiu uma pontada de frustração no peito. Era um desalento ter que vê-lo cobrir Fliess com o mesmo tipo de atenção concentrada que um dia havia dedicado a ela. Como ele era capaz de fazer aquilo? Talvez os dois estivessem no meio de alguma discussão científica importante e ele simplesmente não tivesse como se desvencilhar.

Mas, espere um instante. Ela viu Freud pousar a taça de vinho e deixar o charuto de lado. Ele ergueu o velho frasco azul em uma das mãos. Uma dose foi aplicada na narina esquerda. E outra na narina direita. Ele passou o frasco para Fliess e ergueu os olhos, virando o rosto na direção de onde ela continuava parada. E a expressão que se formou nele foi de uma indiferença irritante.

– Minna, o meu querido amigo Wilhelm veio fazer uma visita – disse Freud, sem reparar na raiva que deixava as bochechas dela coradas.

– Estou vendo – respondeu ela, com um sorriso duro.

– *Fräulein* – Fliess cumprimentou, beijando-lhe a mão –, que prazer em revê-la. Eu estava aqui contando a Sigmund sobre as minhas descobertas mais recentes...

– Eu vou adorar ouvir também – disse Minna, sentando-se sem ter sido convidada.

– Será um prazer. Eu sei que Sigmund dá muito valor às suas opiniões – disse ele. – Começemos então pela teoria de que os homens, *assim como* as mulheres, têm ciclos mensais, e que todos estão ligados aos movimentos planetários... Portanto, se você tomar a data do seu aniversário, multiplicar por cinco e somar ao número de dias do seu ciclo menstrual, *voilà*, teremos um diagnóstico e também o prognóstico da sua saúde futura.

Minna ficou pensando que a numerologia travestida de astrologia daquele lunático até se passaria por uma ciência de fato. Ela assentiu com a cabeça como se o que tinha acabado de ouvir dele fizesse algum sentido.

– Muito interessante – disse. Sim, muito interessante *para um charlatão*. Que idiota pretensioso, e Sigmund não parava de bajulá-lo um só instante.

Fliess ficou para o jantar e depois para um lanche noturno. À meia-noite, ele acompanhou Sigmund de volta até o consultório e os dois só saíram de lá ao amanhecer.

No dia seguinte, Fliess chegou antes do meio-dia e os dois mergulharam, mais uma vez, num debate acalorado, com Freud conduzindo-o para o consultório como se fosse um chefe de Estado em visita ao apartamento. Ele voltou no próximo dia e nos outros que se seguiram, chegando de manhã bem cedo, perambulando à toa na sala de estar, espalhando o rastro dos seus charutos Maria Mancini e seu creme de barbear floral pela casa, remexendo nos jornais, servindo-se das latas de biscoito e conservas de frutas da despensa. Ele se tornou parte da rotina doméstica, trocando gracejos com a criada. Minna se pegou muitas vezes esgueirando-se pelos cantos e atrás das portas, de ouvidos atentos para tentar entreouvir as conversas, mostrando uma expressão de frieza quando por acaso cruzava com os dois.

Eles discutiam Platão, Dante e as ideias de Stendhal sobre a paixão (incluindo no debate até mesmo o detalhe indiscreto de que o sujeito morrera de sífilis em plena rua, em Paris).

– *Vitae summa brevis spem nos vetat inchoare longam*. Horácio, primeiro livro das *Odes*, número quatro – citou Fliess uma noite à mesa do jantar, diante dos seis filhos completamente entediados de Freud, sua presença à mesa ignorada pelos demais.

– “O breve tempo da vida não nos deixa alimentar uma longa esperança” – traduziu Freud. – Mas você não concorda que os trechos mais iniciais do livro merecem também a nossa atenção? *Quod si me lyricis vatibus inseres, sublimi feriam sidera vertice*.

Minna já tinha ouvido o bastante. Foi até o andar de cima e vasculhou entre os livros empilhados de qualquer jeito no tampo da

sua penteadeira. Ah, ali estava: o exemplar da obra de Homero que ela havia pegado emprestado com Sigmund no mês anterior. Que infantilidade, ficar jogando citações em latim de um lado para o outro. Ela também podia jogar citações, se quisesse. E atirou o livro no chão. Pronto! Ali estava a sua citação jogada.

Puxa vida. Ela juntou o Homero do chão e o devolveu à pilha em cima da penteadeira. *Ele*, afinal, não tinha culpa de nada.

E assim as coisas seguiram. Um dia ela foi se deparar com Fliess na sala de estar, fartando-se de torta Sacher e erguendo a xícara de café despreocupadamente na sua direção para sinalizar que precisava que lhe servissem um pouco mais.

Alguns dias depois, ela foi despertada por uma tempestade fortíssima. Um fio de água pingava, pingava, pingava sem parar no chão ao lado da cama, e o som foi amplificado pelo metal da panela que Minna arrumou para aparar a goteira. Abriu as venezianas das janelas e achou a paisagem lá fora opressiva – o céu, as árvores, o rio, tudo misturado numa densa mancha cinzenta.

Depois de se vestir mecanicamente, desceu na intenção de supervisionar o café da manhã das crianças. Mas só chegou até a sala de estar. Porque foi lá que se deparou com Fliess, sentado feito uma Cachinhos Dourados na cadeira de Freud, lendo o jornal dele e tomando café de uma xícara delicada que fazia parte da louça “boa” de Martha, um conjunto de porcelana que ninguém usava.

Que coisa mais estranha sentir ciúmes por causa de outro homem. Só de olhar para Fliess, ela ficava com o estômago embrulhado. De olhar para os olhinhos espremidos dele, a testa de Neanderthal, a barba comprida emaranhada. As sobrancelhas que emendavam no meio. E aquela voz. Irritante e ironicamente anasalada. Doutor, vá curar a si mesmo!

Ela ficou olhando enquanto ele bebericava o café, deixando pingar o líquido escuro no pires para depois apoiar descuidadamente a xícara direto no tampo da mesinha lateral. Antes que conseguisse se conter, Minna tratou de tirá-la dali e secar a mesa usando a própria saia.

– Assim vai marcar a madeira – disse, a voz saindo tensa. Depois ouviu um barulho atrás de si e girou o corpo para ver Freud parado

na soleira da porta, com os olhos escuros e alheios.

– Depois você limpa a madeira – ele disse numa voz brusca, sem nem mesmo usar o nome dela.

Minna ia dar uma resposta, mas, vendo a expressão no rosto dele se estreitar e endurecer, largou a xícara de volta no pires molhado e marchou para fora da sala sem dizer uma palavra.

Como ele ousava tratá-la como se fosse uma criada intrometida? Ela foi tentar se recompor no andar de cima, mas uma sensação terrível brotou na boca do estômago e tomou conta dos seus pensamentos. E, para sua grande surpresa, Minna viu-se com os olhos cheios d'água.

36

No domingo seguinte, como acontecia a cada quinze dias, Freud reuniu a família para o almoço de praxe no apartamento dos pais dele. Ao meio-dia em ponto, Minna, Martha e as crianças embarcaram no ônibus lotado, indo se espremer nas duas últimas fileiras de assentos. O dia havia amanhecido chuvoso depois de uma mudança drástica no clima ao longo da noite, e os cavalos trotavam pelas pedras do pavimento bufando nuvens de vapor.

Na humilde opinião de Minna os condutores dos ônibus não passavam de ladrões institucionais, extorquindo o quanto conseguiam de dinheiro dos seus passageiros. Antes de as tarifas terem sido fixadas, era comum ver discussões nas esquinas a respeito de quanto os grosseirões cobrariam para levar as pessoas de um ponto a outro. Mas o conselho municipal acabara se decidindo por uma taxa fixa, o que tornou os passeios de ônibus bem mais agradáveis.

Minna ajeitou o xale nos ombros e alisou a parte da frente do vestido. As janelas começavam a ficar embaçadas à medida que o ar úmido e abafado se acumulava no interior do veículo. As crianças, trajando suas melhores roupas, tinham os ombros encurvados e esfregavam os olhos, olhando emburradas pelas janelas manchadas de graxa.

– Estou ficando sufocado! – reclamou Martin, estendendo a mão para baixar a vidraça.

– Não, fecha *icho* – ceceou Sophie. – Está frio.

Oliver se adiantou para fechar de volta a janela, justo no momento em que a lama espirrada por uma enorme carroça de cervejeiro atingia a lateral do ônibus, espalhando respingos marrons no traje de marinheiro antes impecável do menino.

– Olhe só o que você fez – ralhou Martha.

– Não foi culpa minha – Martin gritou.

– Trate de sentar aí e ficar quieto – ela disse, enxugando o próprio rosto com o lenço.

– Por que sou sempre eu que levo a culpa?

– Porque você faz coisas idiotas – interveio Oliver, enquanto Minna, que estava com uma dor de cabeça biliosa, tentava mudar o assunto da conversa. Ela continuava com raiva por conta da maneira como havia sido tratada por Sigmund na tarde anterior, mas não lhe restara outra opção além de acompanhar a família no programa dominical. E, fosse como fosse, iniciar uma discussão com Martha sobre sua vontade de ficar em casa demandaria uma energia que não tinha no momento. As crianças já estavam se encarregando de caprichar nas reclamações.

– Se vocês olharem para a direita agora mesmo vão conseguir ver as torres da catedral de São Estêvão – Martha anunciou, embora ninguém estivesse prestando a menor atenção. – Será que não podemos chegar só uma vez à casa dos seus avós sem estar com a família em pé de guerra? – ela disse com um suspiro.

– Por que a gente tem que ir lá? – choramingou Mathilde. – Nem o papai gosta.

– É claro que ele gosta.

– Gosta, nada.

– Gosta, sim.

– Então por que ele não está aqui?

– Porque ele teve que se encontrar com o Dr. Fliess – disse Martha. – E agora já chega de discussão.

O condutor fez uma curva repentina para deixar a pista larga do Ring e cruzar a fronteira invisível entre o sexto distrito e Leopoldstadt, o tradicional bairro judeu. O lugar, que começara como um gueto apinhado, agora se transformara num bairro modesto tendendo para classe média, e era lá que os pais de Sigmund ainda ocupavam um apartamento ligeiramente decrépito mas ainda elegante. A guinada abrupta dos cavalos jogou todos de volta em seus assentos e encerrou de vez a briga. Quando enfim se aproximaram do prédio, Minna fez sinal para que o condutor parasse. Amalia estava na entrada, como de hábito, à espera de Sigmund.

Dos sete filhos que ela tivera, Freud era sem sombra de dúvida o favorito. Como Sigmund havia contado à Minna na Suíça, ele sabia desse seu privilégio desde pequeno, e a organização doméstica

sempre havia sido feita em torno dele. Quaisquer conflitos que aparecessem eram solucionados sempre em favor de Sigmund. Amalia o tratava como um gênio, um príncipe, o filho que iria trazer fama e fortuna para a família, e ninguém na casa contestava o tratamento especial dado a Sigmund.

Minna desceu do ônibus puxando a barra do vestido até descobrir o cano alto das botas pretas. Mechas de cabelo haviam se soltado para fora do chapéu, e as rajadas bruscas de vento inflavam as saias. As crianças desembarcaram em silêncio logo atrás e, educadas, foram cumprimentar a avó, que mal fez questão de registrar a sua presença. Martha plantou um beijo no rosto da sogra.

– Olá, queridos – fez Amalia, erguendo impaciente o queixo pontudo, os olhos escuros vasculhando tudo atrás do filho. – E Sigi?

– Sinto muito, mamãe. Ele está numa conferência e não vai poder almoçar conosco hoje.

Martha lançou um olhar enviesado para Minna enquanto Amalia dava as costas para o grupo todo, mordida o lábio e subia a escada batendo os pés. *Que mulher impossível*, Minna pensou consigo.

Quando elas entraram na sala, Jakob, pai de Freud, estava na sua poltrona lendo o jornal e dando baforadas no cachimbo. Ele abriu um sorriso e se levantou para enlaçar o braço e dar tapinhas carinhos no ombro de cada criança. Minna nutria uma simpatia por aquele homem alto e de traços bonitos, mesmo sabendo que Sigmund o considerava um constrangimento na sua vida.

As crianças, por outro lado, o adoravam. Ele foi pegar uma caixa de charutos cheia de cartões que comprava dos mascates na rua e deixou que os netos escolhessem os seus preferidos no meio do monte de figuras mostrando sapos vestidos de jóquei montados em ratos enormes, gatas princesas num salão de bailes, duendes brincando de roda. Ele também tinha postais com imagens do imperador voando por cima das nuvens como se fosse uma divindade alada, parecendo um sorvete de morango com cobertura de creme por causa das bochechas rosadas e das mechas estufadas de cabelos brancos.

– Vamos sentar, então? – Jakob convidou, ignorando a irritação de Amalia por causa da ausência de Sigmund. A mesa, já posta para

dez pessoas, tinha tantas camadas quanto um vestido de mulher, com um forro branco enfeitado por um caminho de mesa no centro do tampo e diversos guardanapos rendados. O aroma da carne agri-doce, da *Zwiebelkuchen* e do *Blatten mit Kraut* convenceu as crianças a irem se sentar. Mas, em Minna, a mistura de cheiros provocou apenas enjoo.

– Eu contratei uma mocinha nova... uma dor de cabeça sem fim
– Amalia comentou, com as costas muito retas na sua cadeira, sorvendo a sopa da colher. – Ela não sabe cozinhar, muito menos limpar. Acho que vou mandá-la embora hoje mesmo. Embora Deus saiba de onde vamos tirar o dinheiro para arranjar coisa melhor.

Minna e Martha se remexeram desconfortáveis nas suas cadeiras vendo Amalia insultar Jakob na frente das crianças como se nada fosse.

– Até mesmo com as ideias malucas dele... os estoques disto ou daquilo que inventa fazer... antes pelo menos nós tínhamos condições de manter decentemente uma casa. Mas agora que vivemos à base de empréstimos, nós...

– Eu tenho uma novidade – Martha interrompeu.

– Novidade? – ecoou Amalia.

– Sigmund foi nomeado como *Ausserordentlicher Professor!*

Minna pousou o garfo no prato.

– Ele foi? Quando? Por que não me contou?

– Certamente ele achou que *eu* iria fazer isso, querida – Martha disse, olhando para a irmã com a sombra muito discreta de um sorriso nos lábios. Minna, atônita, serviu-se de mais uma taça de vinho e mordiscou sem vontade a comida. Quando a sobremesa foi servida, ela empurrou o prato de torta de creme.

– Você não vai querer o doce? – Martha perguntou.

– Pode ficar com ele – Minna disse, deslizando o prato na direção da irmã.

– Bem, seria uma pena jogar fora – ela concordou, levando os bocados de creme com o garfo até a boca.

▪
▪
▪

Quando elas voltaram para casa, Minna se recolheu no quarto, exausta e perplexa. Como Sigmund podia ter deixado de lhe contar? Uma notícia tão relevante, tão importante para ele? Ela se deitou na cama e deixou a cabeça afundar no travesseiro. Estava precisando descansar. Ao acordar, viu a escuridão lá fora e percebeu que havia dormido por horas. Num dado momento, a criada surgiu na porta entreaberta e Minna se lembrava de tê-la enxotado com um: "Vá embora! Estou doente." E depois disso ninguém mais viera perturbá-la.

Depois que finalmente conseguiu se arrastar para fora da cama, encheu a banheira e mergulhou na água morna pensando que essa era a hora crítica no andar de baixo, quando as crianças demandavam mais atenção. Era a hora em que todas estavam exaustas e mal-humoradas, em que precisavam de ajuda com os estudos e depois para tomar banho e jantar – uns cutucando os outros, brigando pela sua atenção e correndo para ocupar seus lugares à mesa, famintos como leitõezinhos. Ela secou o corpo sem pressa junto do fogo, depois voltou para baixo das cobertas. Não havia o que fazer. Ela não sairia do quarto esta noite.

Enfrentar o ar distante e desdenhoso de Sigmund nas últimas semanas havia sido como uma tortura. Que coisa estranha ser tratada com silêncio e evasivas por alguém que se proclamava o rei da cura pela fala. Por diversas vezes Minna engolira seu orgulho e tentara se aproximar, mas em todas ele a recebera de maneira impessoal e fechada, por dias a fio, estando ou não na companhia de Fliess. A justificativa racional que ela repetia para si mesma era que ele devia estar sob uma pressão muito grande por causa da data de entrega do seu livro dos sonhos. Todas as suas horas de trabalho vinham sendo dedicadas ao livro, ocupadas pelo seu processo de autoanálise, pelo complexo de Édipo e suas teorias a respeito do id, ego e superego.

Ainda assim, a angústia provocada pela frieza dele era uma constante. Minna já acordava com ela no peito, e a carregava consigo o dia inteiro, até mesmo quando estava ocupada com as crianças. A angústia levava embora seu apetite e sua capacidade de

apreciar qualquer coisa. Às vezes, podia senti-la latejando na nuca e descendo pelo seu braço. Em outras, a fazia trincar os dentes com tanta força que acabava deixando-a com enxaqueca. Nem na leitura ela conseguia encontrar alívio. Talvez fosse só imaginação sua, mas muitas vezes Minna se pegava preocupada com a possibilidade de ele estar se cansando dela.

A única saída era entorpecer a cabeça mergulhando no gim. Grande coisa, afinal, se a própria Martha era viciada em láudano e Sigmund vivia à base de nicotina e de cocaína.

Ela vestiu uma camisola e abriu a janela para respirar um pouco de ar fresco. O céu havia passado de um lilás cintilante para um tom mais escuro de roxo até enegrecer totalmente. Puxando a garrafa de gim que ficava debaixo da cama, ela serviu uma dose generosa, depois mais outra... e mais outra, até sentir algo como uma pequena erupção brotando dentro do peito. Onde ela estava com a cabeça, para ficar ali passiva esperando por um chamado dele? O que havia acontecido com a determinação e o senso de iniciativa dela? Ele por acaso estava achando que Minna iria suportar ser tratada daquele jeito para sempre? Ninguém em sã consciência toleraria aquele tipo de comportamento. Ela refletiu a respeito por alguns instantes. Pois bem, se ele não estava se mostrando tão disposto a ir conversar com ela, ela iria conversar com ele.

Chegou a vestir o robe, mas depois, pensando melhor, escolheu um conjunto de saia e blusa e penteou os cabelos. Depois, tratou de enxaguar a boca – ainda havia um traço de álcool no seu hálito. Só de pensar no confronto o seu corpo já se enchia de uma onda de energia renovada. Ela marchou porta afora e desceu as escadas.

A porta do consultório estava entreaberta, e Minna entrou sem bater. Ela o encontrou junto à escrivaninha, com o cotovelo apoiado numa pilha de papéis. A nuvem de fumaça de sempre toldava o ar, e os cinzeiros estavam transbordantes de pontas apagadas de charuto.

Ele ergueu os olhos, num susto.

– Minna? – O rosto estava afogueado e coberto de suor, e ela reparou que havia olheiras escuras e inchaço ao redor dos olhos. Ela hesitou.

– Você está se sentindo bem?

– Acho que estou com um problema com um dos pacientes... – ele começou a dizer. Houve um momento de pausa, e ele a encarou.
– Parece que Wilhelm provocou um dano muito sério.

– O que houve? – Para Minna não foi surpresa ouvir que o lunático do Fliess finalmente cometera um erro grave.

O nome da paciente era Emma Eckstein. Minna sabia que ela vinha de uma família tradicional da sociedade vienense. Freud lhe contou que a jovem o procurara inicialmente com queixas de uma depressão leve e problemas de estômago. Ele fez um diagnóstico associando os sintomas a um caso brando de histeria, e depois decidiu pedir consultoria a Fliess. As complicações haviam começado quando Fliess concluía que todas as queixas de Emma provinham de problemas ligados ao sistema olfatório, e havia decidido fazer uma cirurgia demorada que mutilara a moça, deixando-a sem uma parte do nariz.

– A culpa foi minha, por ter permitido que ele fizesse a operação. Depois que Wilhelm voltou para Berlim, a família da jovem me procurou preocupada com a saúde dela. Quando a examinei havia muito pus e sangue no corte infeccionado, de onde emanava um cheiro terrível. Eu fiquei com medo de que já houvesse um processo de decomposição instalado.

– Santo Deus – exclamou Minna, extraindo certo prazer perverso daquela história... não do sofrimento da moça, mas da inépcia de Fliess.

– E decidi chamar um especialista na mesma hora. Assim que olhou para ela, ele decidiu reabrir a incisão. E você sabe o que encontrou?

– O quê? – indagou Minna, inclinando-se mais para perto.

– Fiapos de tecido dentro da cavidade nasal da paciente, restos de um pedaço de gaze que ficara lá. O cirurgião me relatou que teve um trabalho enorme para dar um jeito naquilo, e disse que Wilhelm havia ferido todos os preceitos da boa prática médica... ele podia ter matado a moça.

– Eu lamento muito – Minna disse, deliciando-se com o castigo merecido que Fliess tivera. O sujeito era um idiota, e Sigmund precisava enxergar isso.

– Foi um desastre. Eu tenho tido até pesadelos com a pobre garota. Sente-se um pouco, você precisa escutar isso – ele disse, já sem nenhum traço dos modos formais e do tom impessoal de voz.

Minna obedeceu, ocupando um lugar na ponta do sofá e mantendo os olhos fixos no rosto dele. Depois de ter amargado um período incerto na margem mais longínqua do círculo formado pelos interesses de Sigmund, ela voltava ao seu posto de confidente.

– No sonho, eu me vejo num grande salão, em meio a uma festa. Uma das convidadas se chama Irma, e obviamente é Emma. Eu a puxo de lado para censurá-la por não ter seguido meus conselhos médicos. Ela diz que ainda está sentindo dor e que a dor está ficando cada vez pior, e eu fico preocupado, achando que posso ter deixado passar alguma coisa por desatenção. Nessa hora, examino a garganta dela e encontro um monte de feridas com crostas cinzentas. Muitos colegas meus estão na festa também, incluindo Breuer e aquele pediatra, Oskar Rie, que eu acabo descobrindo que aplicou na jovem uma injeção de trimetilamina com a seringa suja. No sonho, o único amigo que me ajuda é o Dr. Fliess, e ele me assegura de que a culpa não foi minha.

Minna ficou calada num primeiro momento. Estava óbvia a tentativa de Sigmund de inocentar seu amado Fliess e de tranquilizar a si mesmo reafirmando que nenhum dos dois havia feito nada de errado. Mas essa insistência em isentar Fliess, mesmo sendo em sonho, a deixava desconcertada.

– Da maneira como eu vejo, a culpa foi toda de Wilhelm – ela argumentou. – E, muito francamente, não entendo como você pode não enxergar isso. O sujeito deixou um pedaço de gaze no lugar da cirurgia.

– Mas não é justo ver só dessa forma – contrapôs Sigmund. – Eu não deveria ter chamado Wilhelm para fazer a cirurgia aqui em Viena, onde ele não teria como acompanhar o pós-operatório da paciente.

Minna não se sentia com disposição para discutir. Cedo ou tarde, Sigmund acabaria vendo que Fliess era um incompetente. Ela continuou atenta enquanto ele andava de um lado para o outro da sala, analisando o próprio sonho. Estava claro que a experiência

havia sido um choque para Sigmund. Diante disso, suas reclamações pareceram pouco importantes naquele momento. E, fosse como fosse, ali estava ele, puxando-a de volta para o círculo mais próximo da sua confiança – não era isso que Minna queria o tempo todo?

37

Minna teve uma noite de sono tranquilo. O fiasco de Fliess acabara sendo uma bênção disfarçada. Ou pelo menos ela achou que seria. Agora que a reputação do sujeito estava manchada, Minna supôs que ela voltaria a ocupar seu posto de destaque na vida de Freud como amiga, amante... e até mesmo como a sua musa.

Na verdade, o que ocorreu foi o oposto disso. Nas semanas seguintes, Freud voltou ao seu modo brusco e sua agenda lotada. Ele passava silenciosamente por ela quando seus caminhos se cruzavam no corredor, e não fazia questão de aparecer em casa na hora das refeições ou de participar de qualquer conversa que fosse. Mas o pior era que – tirando os olhares rápidos de reprovação – ele havia parado de olhar para Minna.

Em algum ponto, no meio dessa história toda, ela começou pouco a pouco a se dar conta de que, quanto mais ia se sentindo abalada pelo afastamento entre os dois, mais alegre Martha ia ficando. A irmã, aliás, andava mostrando uma energia renovada quando cuidava das suas tarefas e agenda social – havia um brilho diferente nos seus olhos, uma independência e, por mais estranho que isso pudesse parecer, uma aura de otimismo pairando à sua volta. Martha havia se transformado na imagem da esposa “feliz”, enquanto ela, Minna, se via deslocada abruptamente para o papel daquela que precisa arrumar forças para seguir adiante.

– Minna, querida, veja o dia lindo que está fazendo hoje. Eu acho que vou dar uma passada no florista depois de ir ao Tandelmarkt. Os crisântemos ficam uma beleza nesta época do ano, você não acha? – tagarelou Martha, esvoaçando pelo quarto.

– Mas eles custam caro – Minna disse, num lembrete não muito sutil sobre o que Sigmund achava da ideia de desperdiçar dinheiro com flores.

– Nossa, quanta preocupação! A situação aqui não está tão crítica assim. Será que você se importa de ir até o açougue para mim? Eu mandei o açougueiro separar um bom corte para o assado,

e já que você vai sair poderia aproveitar para buscar o pão e o queijo.

Minna não estava exatamente ávida por mais uma incumbência na rua, mas pegou decidida um xale extra que encontrou no armário do vestíbulo e pôs-se a caminho. Sem se preocupar em arrumar os cabelos ou o rosto. Era só uma ida ao mercado. Ela passou pelas várias paradas do roteiro ditado pela irmã pensando que era bom poder andar um pouco ao ar livre, mas que não estava se sentindo com energia para o passeio.

Na volta para casa, o seu humor pareceu se desanuviar junto com o clima, e ela reparou que as torres das igrejas podiam ser avistadas no horizonte envoltas em halos de luz brilhante. Minna então decidiu prolongar a caminhada, apesar dos embrulhos pesados que estava carregando, e enveredou por uma alameda do Prater que ia sair perto de casa. E foi ali que avistou Sigmund, passeando ao lado de uma mulher elegante embrulhada numa pelerine de arminho e levando uma sombrinha de seda na mão. O casal estava concentrado na sua conversa, com as cabeças curvadas, e num dado momento ela espanou delicadamente uma folha do ombro dele e deixou a mão pousada ali por um instante.

Minna estacou, hipnotizada pela cena, enquanto o ouvia rir de alguma coisa que a companheira dissera. A mulher retrucou com algo impossível de ouvir de onde ela estava. O casal seguiu seu passeio lentamente, enquanto Minna fazia um esforço para manter a compostura. Depois, ela ajeitou os embrulhos nos braços e deu uma olhada de relance sobre o ombro para ver se havia algum caminho por onde pudesse escapar sem ser percebida.

– Ora, ora, Minna – ele disse ao vê-la, numa voz fria porém cordial. – Estou vendo que foi ao mercado.

Houve uma pausa desconfortável no diálogo enquanto ele esperou que ela dissesse alguma coisa e Minna ficou lá parada sem conseguir achar nada para dizer. A acompanhante abriu um sorriso animado, e foi com desalento que ela reparou na beleza das suas faces coradas, da testa alta, da silhueta bem desenhada e dos dentes perfeitamente brancos. O cabelo exibia um penteado impecável no estilo grego, com cachos suaves emoldurando o rosto.

Não era uma moça muito jovem, mas ainda tinha uma presença marcante.

– Você é da casa de Freud, querida? – indagou a mulher.

– Sou – respondeu Minna, ajeitando o fino xale de lã enquanto esperava uma apresentação da parte de Sigmund, que não aconteceu. E ela ficou lá, deslocada, como uma garota que não conseguira par no salão de baile.

– Está um lindo dia, não é mesmo? – a outra comentou.

Minna assentiu com a cabeça, agarrada nervosamente aos embrulhos das compras, tentando não tropeçar ao ir embora como se fosse uma atriz num esquete vulgar de comédia.

– Nós nos vemos em casa, então – disse Sigmund, tomando a mulher pelo braço e seguindo na direção oposta.

Quem *era* aquela criatura, pensou Minna, enquanto se empenhava ao máximo para continuar caminhando e mantendo a cabeça erguida. Quando entrou no apartamento, ela estava trêmula de indignação. Mais uma vez, havia sido tratada por ele como parte da criadagem. Como se não fosse necessário fazer qualquer apresentação. Quem diabos era aquela mulher?

O silêncio imperava na casa quando Minna retornou. As crianças estavam com a preceptora e Martin, na escola, e então ela decidiu deixar as compras na cozinha e voltar para a rua. Subindo as escadas, foi até o quarto conferir rapidamente sua aparência esgotada, e tratou de salpicar um pouco de pó no rosto e de pentear os cabelos. De uma coisa ela tinha certeza: não queria estar por ali quando Sigmund e *aquela mulher* chegassem.

Mas não foi possível evitar. Ao caminhar de volta para o vestíbulo, sentiu o aroma inconfundível do perfume caro misturado à fumaça de charuto. E Minna não conseguiu se conter... Ela seguiu o rastro até o consultório de Freud.

Minna ficou parada à porta, segurando o chapéu e o casaco. A mulher havia se sentado no divã e a criada estava lhe servindo uma bandeja com o serviço de chá de prata de Martha. Sigmund, de pé diante dela, segurava a sua mais nova aquisição. Quando havia sido a última vez que ele recebera visitas no consultório àquela hora? E Minna *nunca* o vira tomando chá.

– É o meu amuleto mágico. Os antigos egípcios acreditavam que a peça garantia ao seu dono poderes sobrenaturais – disse ele, segurando-a contra a luz para que ela visse o reflexo do sol no bronze.

Como pode ser? Será que a fala é ensaiada, Minna pensou. Era exatamente a mesma coisa que ele havia lhe dito. Só que sem o chá e os biscoitinhos açucarados.

A mulher tinha inclinado a cabeça para trás para encará-lo, e levava num gesto delicado a xícara aos lábios, claramente encantada. A saia era formada por uma malha intrincada de texturas e pregas, e as luvas eram debruadas com um fio de pérolas. Minna não havia reparado nesses detalhes na primeira vez que a vira, e eles contribuía para montar a imagem de uma presença aristocrática.

– Uma maravilha, não acha? O meu fornecedor teve que mover céus e terras para consegui-la.

Minna não conseguiria mais suportar aquilo. Fingindo-se de inocente, entrou na sala sob um pretexto que ainda não tinha decidido qual seria. Sigmund virou-se para olhá-la com uma expressão que só poderia ser descrita como consternada.

– Então nos encontramos novamente – disse Minna, ignorando a reação dele. – Eu sou Minna Bernays. Irmã de Martha.

Frau Andreas-Salomé fitou Minna com os olhos simpáticos arregalados, visivelmente surpresa.

– Desculpe. Eu não sabia que era da família.

Houve uma pausa desconfortável enquanto Minna esperava que Sigmund dissesse alguma coisa, mas ele apenas ficou lá, com os olhos fixos nos dela e uma expressão nada convidativa no rosto. Foi a mulher que quebrou a tensão.

– Eu me chamo Lou Andreas-Salomé – ela disse, chegando discretamente para o lado no assento. – Não quer se juntar a nós? Sigmund estava me mostrando as peças da sua coleção.

– Creio que já conheço todas – Minna disse numa voz fria. – E de qualquer maneira já estava de saída, mas muito obrigada.

O que ela estava esperando? Pelo menos algo que se parecesse com uma sombra de cordialidade da parte dele? Sim, era claro que

estava.

Quando passou pela porta, seus ombros estavam curvados sob o peso da revelação: havia outra mulher na vida dele, e não era a sua irmã.

Ao descer a extensão ensolarada da Ringstrasse, passando pela fileira de residências imponentes com seus jardins gradeados, Minna enxugou a testa e sentiu a pulsação estranhamente acelerada. Talvez fosse uma indisposição por causa do calor. Ou talvez fosse só a raiva. Ou a humilhação daquela situação. Ela estava precisando desesperadamente descansar, e sentia os olhos pinicarem. Havia passado a noite em claro com Sophie, que contraíra uma infecção intestinal leve, e agora começara também a se sentir ligeiramente enjoada, embora estivesse com fome. Provavelmente a menina lhe passara a doença. E, além disso, as lágrimas pareciam prestes a transbordar a qualquer momento. Algo completamente fora do seu estado normal, com toda a certeza.

Minna buscou refúgio no primeiro café que encontrou, escolhendo uma pequena mesa de mármore e abanando a pele fria e úmida com o chapéu. Ela se livrou da jaqueta de lã e a pendurou nas costas da cadeira, e afrouxou a cintura da saia abrindo os primeiros botões, que eram também os mais apertados. Pediu uma dose do seu café favorito, uma mistura encorpada de grãos vindos da Turquia com açúcar e creme, e tratou de mordiscar um pouco de pão e queijo na tentativa de acalmar o estômago, que não parava de se revirar e roncar.

O lugar estava cheio de pessoas que haviam feito uma pausa para almoçar durante suas compras, de militares vestindo uniformes de cores vivas e de estudantes mergulhados em seus jornais. Num canto, três rapazes e uma moça bonita estavam reunidos num grupinho, balançando-se para trás nas suas cadeiras de madeira. Os quatro aproveitavam o dia bebendo e fumando, aparentemente alheios às complicações da vida. A jovem, que antes estava ouvindo os outros falarem, irrompeu de repente numa risada que a deixou com os olhos e as faces brilhantes. Minna se acomodou na própria mesa, secando com o guardanapo a nuca suada e tentando pensar, mas sentia-se deslocada, indefesa.

Sem aviso, os aromas pungentes do café vienense forte e doce se misturaram à fumaça dos cigarros e lhe provocaram uma onda de enjoo. Sua garganta se contraiu feito um nó enquanto a náusea subia do estômago, provocando ânsias de vômito. Minna se agarrou à beirada da mesa e fechou os olhos. Depois de ficar ali imóvel um instante, foi levantando devagar. Ela precisava falar com Sigmund.

38

Quando Minna voltou para casa, Sigmund não estava no seu escritório. Encontrou Martha arrumando os crisântemos num vaso no corredor.

– Onde está Sigmund?

– Ele saiu com *Frau* Andreas-Salomé. Vocês já se conheceram?

– Já.

– Uma mulher linda. Poetisa, pelo que soube. E anda muito interessada no trabalho de Sigmund. Tem ido às palestras dele, o que pode ser ótimo para nós. Ela é rica, bem relacionada. Correm boatos de que quatro homens se apaixonaram por ela ao mesmo tempo. E não foram homens *comuns*, veja bem: Klimt, Rilke, Nietzsche e um outro, que acabou cometendo suicídio quando ela decidiu deixá-lo.

– Mas que sorte a dela.

– É verdade – concordou Martha, sem perceber o sarcasmo. – Ter um homem tão apaixonado assim por você...

Minna se sentiu esgotada, saturada, como uma criança prestes a cair no choro.

– Há quanto tempo eles têm se encontrado? – perguntou numa voz fraca.

– Se encontrado? Mas que jeito estranho de falar. É a mim que você pergunta? Francamente, Minna, não me preocupo com esse tipo de coisa. Você acha que eu devia ter comprado alguns cor-de-rosa? Eles tinham crisântemos cor-de-rosa para vender hoje.

– Ele vem jantar em casa?

– Com certeza, porque amanhã viaja para uma conferência em Göttingen... Com tudo arranjado por *Frau* Andreas-Salomé.

– Ah.

– Vá descansar um pouco, minha querida. Você está tão pálida...

Minna virou-se para subir as escadas, depois parou.

– Como você consegue? – ela disse, com as costas viradas para a irmã e a mão agarrada com força no corrimão. O silêncio foi tão grande que ela pôde ouvir até a própria respiração. Um fio de suor escorreu atrás da sua orelha.

– Como eu consigo o quê, meu bem?

Minna se obrigou a virar lentamente para encarar Martha.

– Como você aguenta que ele pule de uma pessoa para outra, dedicando toda sua atenção à escolhida da vez e ignorando todo o resto? É exasperante, você não acha? Faz a gente se perguntar o que é que ele preza de verdade, afinal, e...

– Não, não faz. Eu não me preocupo com isso. Deixei de me preocupar. Ele que tenha os seus casos passageiros.

– Casos?

– Bem, não literalmente. O importante é que nunca é nada sério. Ele gosta de ter alguém que estimule o seu intelecto. Mas o encanto nunca dura. Essa mulher não me desperta nenhum tipo de preocupação, e você não deveria se preocupar também.

– Mas, Martha...

– Minna, basta pensar no *Herr* Dr. Breuer, ou no *Herr* Dr. Fliess, e em todos os que houve entre um e outro. Ele adorava esses homens, e hoje sequer pronuncia o nome deles. Nesse aspecto Sigmund é como um menino mimado, você não percebe? Hoje está de mal com um, depois com outro. E fica fascinado por este ou por aquele também. Homens. Mulheres. Guerreiros da Antiguidade. Santo Deus! – completou Martha, com um riso leve. – Eu mal consigo acompanhar a sucessão interminável deles, sinceramente. As crianças já me dão trabalho demais.

Minna não conseguiu responder. Talvez Martha não soubesse que ela e Sigmund eram amantes, mas certamente tinha perfeita noção de que a irmã era só mais um dos “alguéns” que estimulavam o intelecto dele. E que a ligação entre os dois passaria com o tempo, do mesmo jeito que todas as outras. *Mas que ironia*, ela pensou. A pessoa que enfim viria a confirmar os seus piores temores com relação a Sigmund havia sido justamente Martha.

39

Minna subiu as escadas sentindo um turbilhão no peito, mal conseguindo disfarçar sua humilhação. Já ia se encaminhando para o quarto, mas parou diante da porta aberta dos aposentos de Martha. Depois de hesitar um instante, caminhou direto para a prateleira onde a irmã guardava seus livros considerados indispensáveis. E encontrou o que precisava ao lado de uma tradução alemã do livro de culinária e gestão doméstica da Sra. Beeton.

DICAS DE SAÚDE PARA MÃES NO PERÍODO DA GRAVIDEZ E RESGUARDO (1877)

por Thomas Bull e Robert W. Parker

Existem certos sinais de gravidez que toda mulher deve aprender a identificar como fundamentais, e cuja presença supostamente se faz necessária na maior parte, senão em todas as mulheres, para que realmente exista uma gestação.

Falta dos incômodos mensais: o primeiro sintoma da gravidez é ausência dos períodos mensais, que no vocabulário feminino comum são descritos como "os incômodos".

Enjoos matinais: logo após a concepção, muitas vezes o estômago passa a sofrer os chamados "enjoos matinais". Assim que desperta, a mulher não sente nada de diferente, mas, ao se levantar, as náuseas aparecem, podendo levar a ânsias de vômito durante a toailete matinal.

Pontadas de dor, aumento do volume e outras modificações no busto: depois que os primeiros dois meses de gestação se completam, uma sensação incômoda de pulsação e alargamento é sentida, acompanhada de formigamentos na parte central do seio, centrados nos mamilos. O mamilo tende a se tornar mais proeminente...

Minna já havia lido o suficiente. Não era preciso consultar um médico. Os sinais estavam todos ali. Pousou o livro na mesa de cabeceira, se recostou de volta nos travesseiros e enxugou as palmas suadas das mãos na roupa de cama fria. Aquele livro das *Dicas para a saúde das mães...* era a bíblia de toda a "jovem esposa", mas não teria mais nenhuma utilidade na sua vida.

Fechando os olhos, ela mergulhou num sono agitado. A hora do jantar chegou e passou, e quando Minna despertou já passava das 22h. Ela abriu os olhos na escuridão gelada do quarto, ergueu o corpo e se embrulhou no xale. Como podia ter permitido que isso acontecesse? Tratou de afastar uma onda de tristeza tão avassaladora que o simples ato de tomar conhecimento da sua existência já bastaria para ser esmagada por ela. Uma coisa era certa. Sigmund devia ser informado imediatamente. Não fazia sentido esperar. Nenhum sentido.

Minna abriu seu guarda-roupa e tateou o fundo do móvel para encontrar sua garrafa de gim. Serviu-se de uma dose generosa e engoliu aquele fogo líquido como se fosse remédio.

A urgência da sua situação era inegável. Contaria a ele ainda esta noite.

Já passava da meia-noite quando Minna ouviu a entrada da casa se abrindo e os passos pesados de Sigmund nos degraus da escada. Ela estava meio adormecida, mas o ranger da porta a trouxe de volta à vida num susto. Saltando para fora da cama, vestiu o roupão e pegou a vela que estava acesa em cima da penteadeira. A casa estava em silêncio, exceto pelo som dos passos dele entrando na sala de estar e depois voltando na direção da escada. Ficou parada lá, aguardando, atenta, o corpo rígido de tensão. Será que ele havia passado esse tempo todo com a tal mulher? Um dos pés já batera no primeiro degrau. Se ela queria mesmo lhe falar, teria que ser nesse instante.

– Sigmund – chamou, debruçando o corpo no parapeito e olhando para baixo.

Ele subiu um degrau e a viu, a luz da chama da vela brincando no seu rosto.

– Minna... Ainda acordada?

– Preciso falar com você.

– Agora? Já é tarde, e você está de roupão. Não é melhor esperar até eu voltar de viagem?

– Não, eu não posso esperar – ela disse, as faces como duas bolas de pura ira.

– Vamos descer até meu consultório, então – ele disse. Depois esfregou os olhos com um jeito irritado, deu um bocejo, e se livrou lentamente do casaco e do chapéu. Ele parecia resignado, ou será que só ficara acuado?

Nas últimas horas, Minna havia ensaiado o que ia dizer, como soltaria toda a sua raiva e a sua dor. Mas quando os dois finalmente se viram sentados frente a frente, o olhar penetrante dele – que sempre intimidava os alunos – aplacou o seu ímpeto.

– Estou ouvindo. Aconteceu algum problema? – Ele tateou o bolso atrás de um charuto e voltou a erguer a mão vazia.

– Eu soube que você está indo para Göttingen.

– É.

– Por quanto tempo?

– Isso eu não sei. O de sempre, uns dez dias mais ou menos. É sobre *isso* que vai ser a conversa?

– E quando você ia me contar sobre a viagem? – atacou ela, tentando conter sua tensão.

Ele lhe lançou um olhar confuso.

– Eu não sabia que precisava falar com você sobre a minha agenda.

– Tem razão. Por que você falaria comigo sobre *qualquer coisa*, não é? Nós mal trocamos duas palavras neste último mês.

– É claro que nós temos nos falado. Que absurdo.

– Eu estou imaginando coisas, então?

– Lamento se você se sentiu desprezada, mas achei que seria a melhor pessoa para entender como funciona o meu trabalho. Às vezes eu preciso simplesmente me isolar de todo mundo.

– Bem, não *exatamente* de todo mundo – ela disse, pensando que a coisa agora já havia ido longe demais. Aquelas suas tentativas débeis e patéticas de arrumar justificativas para o que fizera estavam lhe dando vontade de gritar. – Há quanto tempo você conhece essa *Frau* Andreas-Salomé? É na companhia dela que está indo viajar? Reparei que você não fez questão nenhuma de nos apresentar.

– Minna, você está sendo tola.

– Bem, eu sou mesmo uma garota tola. E você é a maior prova disso. Por que não foi me encontrar na pensão?

– Eu não vou nem tentar explicar...

– Duvido mesmo que fosse conseguir.

– Isto é ridículo. Eu preciso ir dormir.

– Ah, azar o seu. Porque *eu* estou precisando de uma dose da sua famosa cura pela fala.

Ele deixou escapar um suspiro exasperado.

– Agora *não* é hora para isso...

– Mas certamente aqui *é* o lugar... Eu devo me deitar no divã?

– O que está acontecendo com você?

– Praticamente tudo. – Houve um momento de silêncio enquanto ela estendia o corpo no assento, puxando o roupão por cima das pernas. – Ah, bem mais confortável assim – ela disse sarcasticamente, aconchegando-se no meio das grandes almofadas de veludo. – Por onde começar, então? Acho que vou começar com uma pergunta. Ou essa parte cabe a você? Bem, não importa. Por que você fez questão de me convencer a voltar para Viena na sua companhia?

– Eu achava que havia sido uma decisão mútua – ele disparou de volta.

– Até onde um “eu não posso viver sem você” pode ser mútuo, é claro. Mas por que essa tentativa de se esquivar?

– Não estou entendendo. O que você quer?

– O que eu quero? Essa não é a sua especialidade? – Ela irrompeu num riso cortante. – Você não tem mesmo a menor ideia do que eu quero, tem?

– Será que você pode falar mais baixo?

– Assim está melhor? – ela sussurrou. – Vamos ser francos aqui. Eu mudei a minha vida inteira por sua causa. E para quê?

– Você está angustiada – ele disse, examinando o rosto exausto e pálido dela.

– Que diagnóstico brilhante! Essa sua cura pela fala é genial mesmo.

– Não posso imaginar por que está agindo dessa maneira...

– Ah, não? O seu objeto de estudo são mulheres angustiadas. E quer saber por que elas vivem angustiadas? Pois eu vou lhe poupar anos de pesquisas, então. Elas vivem angustiadas porque homens feito você contam mentiras para aquelas que, como eu, são idiotas o suficiente para acreditar nessas mentiras.

– Quer fazer o favor de se acalmar? – ele disse, pondo-se de pé diante dela. – Eu não quero mais falar sobre isso.

– Eu aposto mesmo que não – retrucou ela. Erguendo o corpo, ficou sentada e voltou a ajeitar o roupão. Os ombros se retesaram quando encarou o rosto dele, furiosa. – Bem, pois vamos mudar de assunto então. Vamos falar do seu trabalho. De algum tópico científico... e calmo. Você não chegou a escrever... onde foi mesmo? Ah, sim, foi nas *Contribuições à psicologia do amor*. Você não escreveu que é preciso que haja alguma interdição para alimentar a libido? Que paixão e casamento não podem coexistir?

– Santo Deus, Minna...

– Não escreveu? – vociferou ela, espumando de raiva.

– Sim, mas...

– Então era esse o meu papel? Eu era a sua “interdição” para alimentar a libido?

– Você está histérica.

– Nada disso. Para você, *todas* as mulheres que estão com algum problema são histéricas.

– Bem, no seu caso eu acho que é verdade.

– Engano seu, Dr. Freud – Minna disse, desafiadora, olhando bem nos olhos dele. – Eu não estou histérica. Estou grávida.

Ele deu um passo para trás e fechou os olhos, sem acreditar.

– Você tem certeza? – indagou.

– Tenho, sim. Você domina os princípios básicos da biologia, não é mesmo? É claro que domina. E *você* é o sujeito que professa que os preservativos são prejudiciais psicologicamente, que produzem ansiedade e depressão. Mas só considerou os efeitos deles para o *homem*, quando na verdade é a *mulher* que acaba desenvolvendo um quadro de ansiedade – e uma ansiedade *grave* – quando se descobre grávida.

Minna empurrou para longe o impulso perverso de varrer com um gesto todas as estatuetas da mesa dele e vê-las espatifadas no chão. De arrancar os livros das suas prateleiras. O que estava acontecendo com ela? Deixando transparecer não mais do que uma ligeira amostra do seu surto silencioso, ela o encarou com os olhos fuzilantes. Dessa vez, ele nem tentou retrucar.

– Minha querida, eu lamento por isso – ele disse suavemente, sentando-se e passando o braço em volta dos ombros dela. O ar de impaciência havia sumido do seu rosto quando a puxou para junto de si. Ao sentir aquele toque pela primeira vez em semanas, tudo voltou dentro de Minna, aquele fogo que tomava conta lentamente do seu corpo sempre que ele estava por perto. Ela sabia o que queria. Queria a paixão de volta. E essa constatação a deixou ainda mais furiosa. Tudo o que menos queria era a piedade dele. Era degradante sequer imaginar que Sigmund agora sentiria algum tipo de obrigação com relação a ela. A magnitude do que eles haviam feito parecia não alcançá-lo, de alguma maneira. Era impressionante. A situação era tão monstruosa que Minna não se sentia sequer capaz de confiá-la a outro ser vivente.

– Não sei mais o que você quer de mim – ela disse, desvencilhando-se do toque dele.

– Eu quero aquilo que sempre quis. Os meus sentimentos por você continuam os mesmos.

E ela ficou ouvindo enquanto ele discorria sobre o futuro com uma frieza pragmática, como quem testemunhasse a água se transformando em gelo.

Ele lhe disse que tinha um colega que “cuidava discretamente dessas questões numa clínica em Merano”. O procedimento poderia ser agendado para dali a poucos dias, sem nenhuma dificuldade.

Depois, ela poderia passar algum tempo no spa particular que havia por lá, um lugar para onde as pessoas iam quando estavam precisando de uma “mudança de ares”, diferente do ambiente isolado e hospitalar dos sanatórios feitos para acolher pacientes tuberculosos que muitas vezes não saíam com vida de suas dependências.

Ela se lembrou de uma vez durante um chá quando ouvira conversas sussurradas sobre uma mulher que tivera uma gravidez indesejada. O que se dizia é que existiam muitos abortivos fáceis de conseguir e baratos, e que muitos inclusive eram anunciados nos jornais como soluções para “regular os incômodos” ou como a “salvação feminina”. Falou-se em purgantes, ocitócicos, sulfeto de ferro, cloreto de ferro, emenagogos, da raiz de samambaia, chamada de “raiz das prostitutas”, e de um remédio popular alemão, um chá abortivo feito de uma mistura de manjerona, tomilho, salsa e lavanda. Mas é claro, haviam cochichado as presentes, que as mulheres “modernas” de Viena quando se viam “em apuros” geralmente procuravam cirurgias em clínicas particulares, cujo custo chegava à casa dos cinco mil florins.

De onde Sigmund tiraria aquele dinheiro, pensou ela. Mas logo se deu conta de que esse problema era dele.

– Você provavelmente precisará ficar lá depois.

Ela assentiu com a cabeça, mas ao olhar para ele sentiu que alguma coisa havia se quebrado entre os dois. Não havia mais nada o que dizer. Ela finalmente havia terminado de falar.

Sigmund inicialmente havia se oferecido para ir com Minna até Merano, mas ela decidiu que seria mais fácil para todos se embarcasse sozinha no trem noturno. Estava precisando desse tempo para si mesma, havia explicado a ele. O que ela não havia lhe dito era que ainda não sabia se realmente se submeteria ao procedimento ou não, ou mesmo se passaria mais do que alguns dias no tal sanatório particular.

Sigmund já deveria saber a essa altura que não seria do feitio de Minna sair de cena discretamente e cuidar de todas as providências para a conveniência dele. Ela tomaria a decisão que mais lhe aprouvesse, no tempo que lhe aprouvesse. E, naquele exato momento, a sua mente estava em meio a um conflito. Ela estava dilacerada, entregue à agonia da indecisão. Os esforços deliberados de Sigmund para tomar as providências necessárias não haviam bastado para aplacar os seus medos, nem um pouco. Uma coisa era certa, no entanto. Ela não deixaria seu destino nas mãos dele. Minna tinha consciência de que a maior parte das mulheres no seu

“estado” não se sentiria da mesma maneira, mas não podia mudar a própria essência. Mesmo que essa essência quisesse fazê-la seguir o caminho contrário do que diziam as expectativas das outras pessoas.

Ele havia lhe comprado uma passagem de primeira classe numa cabine-leito, e Minna passou um tempo olhando para o borrão da paisagem do lado de fora da janela, sob o céu baixo e cinzento. Até que, por fim, o mundo de Viena ficou para trás. Em diversos momentos, o trem fez paradas em lugares do caminho para reabastecer os tanques de água e combustível, mas mesmo durante os períodos de deslocamento suave, as hastes das rodas indo para a frente e para trás sobre os trilhos, ela ficou lá sentada, tensa, com os olhos arregalados para a escuridão da noite. Disparando uma lista infindável de perguntas para si mesma, como se fosse uma juíza da Inquisição. Por que você não largou dele quando teve a oportunidade? Onde estava a sua lealdade? Quando pensava na irmã, voltava a sentir a dor e o fardo da traição. “A culpa, na consciência”, o bispo Robert South escrevera uma vez, “age como a ferrugem sobre o ferro... e corrói até a própria essência e a substância do metal”.

40

Minna chegou à estação de Merano numa manhã sombria de terça-feira. Um sujeito de uniforme que se apresentou como funcionário do sanatório a abordou e pediu que lhe entregasse o tíquete das bagagens. Ele pegou a mala de Minna e a acompanhou até a carruagem. Ela ficou olhando os telhados do lugarejo sumirem à medida que eles galgavam uma estrada estreita e íngreme que margeava uma escarpa de rochas escuras.

– Quanto tempo vai ficar? – ele perguntou num sotaque rascante.

– Algumas semanas – foi a resposta. Na verdade, ela não fazia a menor ideia.

O ar terapêutico das montanhas, com todas as suas alardeadas propriedades milagrosas, lhe pareceu úmido e gelado, e Minna sentiu uma antipatia imediata pelo prédio assim que eles chegaram. Já vira estruturas semelhantes, criadas pelos arquitetos rebeldes do grupo Die Jungen, de Viena. O edifício despojado e moderno era um bloco de tijolos e concreto projetado para supostamente parecer moderno e sofisticado. Mas a única sensação que lhe passava era de frieza e isolamento. Malditos arquitetos modernos.

Ela se recordou da conversa que tivera com Martha pouco antes de partir. Sigmund havia dito à sua irmã que ela desenvolvera um quadro de apicite nos pulmões e que precisaria ficar internada algumas semanas no sanatório, ou talvez até meses. Martha dirigiu-se imediatamente para o quarto de Minna, com a preocupação estampada no rosto.

“Como você foi pegar uma coisa dessas? Não tem histórico nenhum de problemas no pulmão.”

“Não sei.”

“Mas eu tenho uma amiga que foi tratar dos pulmões em Merano e voltou plenamente recuperada. Não encare como um castigo, de jeito nenhum. Será mais como uma espécie de férias.”

Férias, Minna pensou. Bem que ela queria que isso fosse verdade.

Depois de concluírem o registro de entrada, a jovem atendente lançou um olhar para o rosto pálido de Minna e a conduziu pelo braço até o seu quarto no terceiro andar do prédio, com uma sacada que dava para o pátio da propriedade. O lugar tinha paredes de um branco brilhante, e uma mobília funcional composta de uma cama simples de metal, uma mesa de ferro, um guarda-roupa de madeira e, na sacada, uma espreguiçadeira com um cobertor de lã dobrado na ponta. O local ideal para alguém desaparecer.

– O seu atendimento só está agendado para a sexta-feira, mas o Dr. Schumann quer vê-la amanhã. Se precisar de alguma coisa, é só tocar a campainha ao lado da cama – a moça explicou, treinada para não fazer qualquer pergunta pessoal ligada a família, marido ou filhos.

Minna deu uma olhada para sua pequena mala lotada de livros, artigos de toalete, camisolas e alguns conjuntos simples de saia e blusa. Chegou a pensar em arrumar a bagagem, mas depois acendeu um cigarro e foi para a sacada.

Enquanto soprava um fio de fumaça, contemplou a amplidão do lugar. Havia uma mulher cantando no quarto ao lado. E alguém tossindo nos andares de baixo. Ficou pensando no procedimento que poria um fim à sua gravidez dali a alguns dias, depois deixou o corpo despencar na cama e dormiu com a roupa que estava vestindo.

Minna só foi sair do quarto várias horas mais tarde. Ela atravessou o saguão e entrou no elegante salão de refeições, onde foi acomodada entre duas mulheres numa comprida mesa de banquetes coberta por uma toalha bem engomada de um tecido branco adamascado. Uma atendente surgiu, e ela pediu um consomê de carne, frango assado e um prato de queijos.

– Minha querida, que prazer em conhecê-la! É sua primeira vez?
– A jovem metida num vestido da moda riu e bebericou sua taça de vinho como se estivesse circulando entre os convidados de alguma festa. – Ah, nesse caso nós precisamos ficar amigas agora mesmo. Você é a única pessoa que chega perto da minha idade aqui. Quantos anos tem? Vinte e sete? Vinte e oito?

O seu cabelo ondulado e loiro estava arrumado num grande coque *chignon*, e o vestido de organdi tinha uma gola coberta com pele de “cabra tibetana branca”, fato que ela lhe confidenciou como se as duas já fossem grandes amigas. A moça se apresentou como Lady Justine Brenner, embora Minna não tenha acreditado muito na parte da “lady”.

A figura exuberante de Justine contrastava em tudo com os outros hóspedes do lugar, que vinham chegando salão com um ar frágil e conversavam baixinho entre si sobre seus sintomas, sobre os efeitos do clima sobre seus sintomas, e os vários tratamentos que haviam sido prescritos para amenizá-los.

– Preciso tirar estes sapatos. Estão acabando com os meus pés. Mas, diga, onde você acha que eles foram feitos? – Justine indagou numa voz arfante, erguendo uma das botas envernizadas de salto que usava por baixo da anágua de seda lilás.

Ela não esperou pela resposta de Minna.

– Em Paris? Nada disso. São botas trazidas de Nova York. Todos os melhores sapatos vêm de lá. Essas são enfeitadas com plumas de cisne. O meu Felix traz um par de cada cor para mim. É um dos seus muitos encantos – disse ela, bebericando o vinho com cuidado. – Embora no momento eu esteja furiosa com ele. O homem viajou com a esposa para os Estados Unidos e teve a audácia de me deixar aqui sozinha. Um crápula. Mas ele fez a gentileza de me mandar um perfume de Berlim, é claro. – Ela sorriu, revelando a sombra de uma covinha na face esquerda.

Minna assentiu, educada, sem saber o que dizer em resposta. Na verdade, ela queria que a mulher ficasse quieta. Só porque as duas tinham por volta da mesma idade não significava que fossem ter qualquer outra coisa em comum.

Uma senhora mais velha sentada do outro lado de Minna, uma certa *Frau* Bergen, apontou na direção de Justine com um gesto da cabeça.

– Essa aí age como se tivesse acabado de voltar da alta temporada em Mayerling e não de um mês de eletroterapia – disse, fazendo a revelação no tom de um comentário casual.

Minna baixou sua colher e lançou um olhar intrigado para a mulher.

– Todo mundo sabe – ela continuou num sussurro. – O amante casado a trouxe para cá depois que ela bebeu “acidentalmente” um vidro inteiro de láudano.

O salão ficou turvo de repente e Minna sentiu a cor fugir do seu rosto. O suor empapava suas axilas e se acumulava por cima do peito. Quem eram aquelas pessoas? Ela viu tudo girar num borrão em tons nauseantes de verde e vermelho. Fechar os olhos só piorou a sensação. *Perder a sanidade deve ser exatamente assim*, pensou.

– Coitadinha. Está se sentindo mal? Seu rosto está pálido demais. Posso ajudar você a voltar para o seu quarto? Venha, se apoie no meu braço – Justine ofereceu.

Minna se levantou, dolorosamente consciente de todos os olhos voltados para si. Ela agarrou o braço de Justine, grata pela ajuda, e se deixou conduzir para fora do salão pelas portas de vidro que havia na parte de trás.

As duas atravessaram lentamente o saguão, e passaram pela sala de jogos e pelos consultórios, sob a luz arroxeadada do entardecer filtrada pelas janelas. Diversas funcionárias, recostadas nas paredes, trocaram sussurros entre si enquanto viam Minna passar. Ela captou a palavra “grávida” pairando no ar enquanto as duas terminavam a travessia e começavam a subir a escadaria de pedra branca.

41

— É impossível conservar esse tom rosado na pele depois – disse Justine, saindo da água. Uma funcionária se apressou em envolver o corpo voluptuoso numa toalha felpuda. – Pode acreditar, eu tentei fazer isso. Mas, mesmo que não dure muito, o efeito não é transformador?

Justine e Minna estavam usufruindo das “águas terapêuticas” de Merano. Justine acabara de lhe explicar sua tentativa de suicídio como um “ligeiro erro de cálculo na dosagem”, enquanto Minna tentava se distrair e esquecer o procedimento marcado para dali a alguns dias.

Ela afundou na água morna, com os olhos semicerrados, e deixou o corpo flutuar acima do assento do banco submerso de mármore. Milagrosamente, a pressão nas suas têmporas se desvaneceu – uma dádiva dos deuses das águas. Baixou a cabeça e deixou as orelhas mergulharem enquanto a voz de Justine ia sumindo aos poucos. Agora, tudo o que ouvia era o ondular suave batendo nas bordas e a torrente do seu próprio sangue correndo pela aorta. Num relaxamento suave, como quem se deixasse levar por um devaneio.

Minna correu os olhos pela sala de banho e pelas outras mulheres que havia ali, languidamente reclinadas nos bancos ou refesteladas à luz suave do sol. Elas a faziam se lembrar das odaliscas que tanto serviam de inspiração a artistas contemporâneos como Cézanne, Gauguin e Matisse. Minna pensou num quadro em particular, de um jovem pintor alemão chamado Kirchner, que retratara escandalosamente um grupo de banhistas nuas numa praia do Mar Báltico. A história que circulava era que o artista levava suas amantes para esses refúgios isolados e pintava retratos delas enquanto faziam piqueniques e tomavam banhos de sol.

— Um paraíso, não é mesmo? – disse Justine, enlevada.

Ela seria capaz de convencer o mundo inteiro de que estava perfeitamente feliz com sua vida de amante, vivendo num estúdio elegante perto da Ringstrasse e desfrutando de todos os vestidos e sapatos que pudesse desejar. E de que “se deliciava” com sua

existência independente. E não, afirmava, não tinha aquela obsessão em se casar mostrada por outras mulheres da sua idade.

Minna saiu da água e foi se sentar ao lado de Justine num dos bancos de mármore. Algumas das senhoras que estavam se secando, espalhadas pela sala, lançaram olhares para Justine quando ela jogou a toalha de lado e foi se acomodar numa espreguiçadeira. Uma chegou a inspirar o ar ruidosamente, como se tivesse acabado de testemunhar uma decapitação.

– Podem olhar... – sussurrou ela. – Bruxas velhas.

– Elas devem estar com inveja.

– Duvido muito. Houve uma que ficou me perturbando com os preceitos do Sexto Mandamento...

– Não seria o Sétimo? Acho que o Sexto fala de assassinato...

– Que seja. Nenhuma delas jamais fez nada minimamente ousado nas suas vidas. Eu não tenho ilusões quanto ao que devem achar de mim – ela disse com um sorriso. – Você precisa experimentar os banhos com essência de pinho que eles têm na cidade – ela disse, rolando o corpo para ficar deitada de bruços, com o queixo apoiado nas mãos. – A água fica de um verde pavoroso, mas o perfume é uma maravilha. Todos os moradores locais apreciam muito. Vamos juntas, qualquer hora. Vai ser um passeio especial...

– Nós temos permissão para deixar a propriedade?

– Nós não estamos em cativeiro aqui, minha cara – provocou ela.

– Só em desgraça.

– Então você soube da minha história – Minna falou, corando.

– É claro que soube. Este lugar é um antro de fofocas. Até porque não há mais nada para fazer aqui, não é mesmo? Não é de admirar que eles imponham esse toque de recolher absurdo às 21h.

Por um instante, Minna desejou ser mais parecida com Justine, ou pelo menos com o lado de Justine que estava tendo a chance de conhecer naquele momento: uma mulher de espírito livre e que não se preocupava com as opiniões da sociedade a seu respeito. Minna havia acabado de passar dos 30 anos, idade em que alguns já a veriam como velha demais, enquanto outros diriam que estava no auge da sua beleza. Especialmente agora com a exuberância da

gravidez, a pele úmida cintilando. Ainda assim, havia uma tristeza crescendo dentro do seu corpo junto com o bebê que estava gestando. E, talvez pela primeira vez, ela se perguntou qual seria a sensação de segurar aquela criança nos braços.

O dia estava inconstante, havia descambado para uma tarde cinzenta depois de uma manhã adorável, e agora uma tempestade iminente pairava sobre o vale. Justine e Minna, cansadas de ficar na varanda, decidiram fazer uma caminhada. Vestidas de maneira quase idêntica, com saias pretas, capas e boinas escuras, elas seguiram por uma trilha de terra margeada por pinheiros com o vento açoitando suas costas. À luz mortiça e enevoada daquela hora, pareciam duas bruxas voando pelo ar.

– Um lugar tão alegre – disse Justine, tendo que fazer um esforço para se fazer ouvir no meio da ventania. – Meu Deus, aí vem aquela mulher desagradável, *Frau* Berger. O que eu vou dizer a ela?

– Diga que estamos procurando Heathcliff.

Justine começou a rir.

– Então você leu – Minna disse.

– Não precisa ficar tão surpresa. Amantes também leem. Precisamos ter algo que preencha os nossos dias vazios. Venha comigo... Depressa!

Ela agarrou Minna pelo braço e saiu da trilha, passando pelo meio da vegetação. Com a sombra do prédio do sanatório às suas costas, as duas correram pelo meio de um grupo de árvores até irem parar numa clareira, onde se deixaram cair, sem fôlego, num banco que havia ali.

Talvez tenha sido o riso despreocupado de Justine. Ou o fato de elas estarem ali juntas, as duas contra o mundo. Ou talvez tenha sido por conta da dignidade e serenidade inabaláveis mostradas por Justine depois de tudo o que havia passado. O fato é que alguma coisa fez Minna tomar a decisão de adotá-la como sua confidente, primeiro revelando sobre o seu caso, depois contando que o envolvimento era com o seu cunhado, e falando também sobre a frieza do tratamento dele depois que haviam voltado da Suíça.

– No início, eu tentei justificar para mim mesma raciocinando que num caso extraconjugal, assim como no casamento, a paixão do

início não poderia durar para sempre. Mas depois me dei conta...

– Você se deu conta do seu papel dispensável. De que ele seguiu com a sua vida como se nada tivesse acontecido. E de que você tinha sido deixada para viver com um fantasma.

O fato de Justine não ter se mostrado chocada em nenhum momento ao longo da sua eletrizante sequência de revelações deixou Minna aliviada, e ajudou a abrandar um pouco a sensação de vergonha e autocomiseração.

– E quando ele soube da gravidez, reagiu como qualquer outro homem casado reagiria – ela disse, chegando mais para perto e enlaçando seu braço no de Minna. – Como você foi esperar qualquer outra coisa que não isso?

– Eu achei que ele era diferente. Por causa do seu trabalho científico, entende? Achei que ele compreendia o que as mulheres queriam, as necessidades femininas. Acontece que as teorias dele sobre as mulheres e suas emoções estão completamente equivocadas.

– A experiência me ensinou que a obsessão por sexo dos homens, na maioria das vezes, tem a ver apenas com a falta de atividade sexual nas suas próprias casas. Mas, um bebê? Isso muda tudo. É inconveniente demais, constrangedor demais... e sai caro...

– Mas não é impossível – Minna interrompeu.

– Bem, minha querida, vai depender da sua definição de impossível.

– O que eu quis dizer foi que algumas mulheres *têm* seus filhos sem estarem casadas.

– Sim, são ossos do ofício. Mas eu não recomendaria.

– Eu quero ter esse bebê – Minna confessou, e ouvir suas próprias palavras em voz alta deixou tudo mais claro. Justine lhe lançou um olhar solidário.

– E como você faria isso? Para onde iria?

– Não sei.

– Não voltaria para a sua família, então?

– Não, eu não seria capaz de fazer isso. Teria que encontrar algum outro lugar. Um lugar onde as pessoas não fossem nos julgar, onde eu pudesse levar uma vida pacata e criar a criança em paz.

– Não existe lugar assim. Se você encontrar um, eu vou querer ir para lá também – disse Justine.

Ela se virou para encarar Minna, com os olhos sérios.

– Ele prometeu que se casaria comigo, sabe? Eu não achei que fosse cumprir a promessa, é claro, mas de qualquer maneira foi uma coisa boa de ouvir.

Nessa mesma noite, depois do jantar, Minna ficou pensando nas alternativas que tinha. Ela decidiu que passaria mais alguns dias no sanatório e que depois tomaria as providências para embarcar para os Estados Unidos. Ela poderia ficar morando com o irmão e a cunhada até a criança nascer, e depois pensaria no que fazer. Sigmund seria contra, claro. Ele arrumaria milhares de argumentos para dissuadi-la da mudança. Mas ela não daria ouvidos a nenhum deles. Não. Essa era a melhor solução. Ninguém sairia magoado desse jeito.

No seu caminho de volta para o quarto, ela parou no balcão da recepção a fim de deixar uma mensagem para o médico informando que a intervenção da sexta-feira estava cancelada. Quando ela já ia se afastando, a recepcionista a chamou para entregar uma carta que chegara mais cedo.

Viena, novembro de 1896

Minha querida Minna,

Eu estava indo visitar você quando meu pai caiu gravemente doente e, obviamente, não pude mais viajar. Por favor, tente entender, se eu pudesse me rasgar em dois neste momento faria isso, só para ir até aí e trazê-la para casa, mas no momento isso é impossível. A doença do velho apareceu de repente, com hemorragia nas meninges, ataques de sonolência seguidos de uma febre inexplicável, hiperestesia e espasmos. Ele está vivendo um tormento terrível, e não há muito o que eu possa fazer além de ficar ali vendo-o agonizar.

Como você bem sabe, nos últimos meses eu andei mergulhado nas minhas pesquisas, trabalhando até a exaustão e enfrentando momentos de desalento completo. Nunca fiquei tão mobilizado assim com o trabalho, e me pergunto, será que vou colher algum resultado no final? O meu livro ainda não está pronto para ser publicado, mas eu sigo escrevendo.

Minha querida, como isso tudo deve estar sendo difícil para você! Peço desculpas se não lhe dei tanta atenção quanto deveria. Todos os meus pensamentos neste instante estão repletos de autoacusação. Eu estou perdendo meu pai. Não quero perder você também.

Seja como for, minha amada Minna, espero que você concorde que não há nenhum outro destino possível para você – o seu futuro é aqui conosco. Eu sempre cuidarei de você. O que mais posso lhe dizer?

Conversei com Martha sobre as providências para a sua volta, e logo você deve receber uma carta dela contando todos os detalhes. Ela está muito preocupada com a sua saúde, e ansiosa por tê-la de volta em casa. Receba o meu beijo, minha doce amada, e minha impaciência para revê-la. E fique bem.

Do seu,

Sigm.

A carta de Sigmund lançou Minna num estado de confusão. Ali estavam as palavras que ela vinha ansiando por ouvir desde a volta da Suíça. Agora ele a queria de volta. Porque estava, ao que tudo indicava, frágil por conta da doença do pai e necessitado de um ombro amigo. E estava atravessando conflitos internos por conta do seu trabalho, como sempre. Ela se perguntou se ele teria escrito a mesma coisa caso desconfiasse que o procedimento havia sido cancelado. Mas já sabia qual era a resposta.

42

Minna estava deitada nua sobre a mesa de exames, coberta apenas por um lençol branco. Naquela manhã bem cedo recebera um recado do médico sugerindo que fizesse um exame pré-natal antes de ir embora, já que seu atendimento já estava pago. Ela não se lembrava de outro momento na vida em que tivesse se sentido tão esgotada, e uma sensação de letargia e cabeça pesada a incomodava. Havia passado quase a noite inteira em claro, com períodos entrecortados de sonhos e outros em que ficou deitada no escuro ouvindo o gemido do vento nas janelas. Ela estava com saudade de Sigmund, ansiava por ouvir sua voz, mas talvez fosse melhor que ele não estivesse ali para questionar sua decisão.

A enfermeira encheu um frasco transparente de clorofórmio e o deixou na mesinha de metal, junto de uma pequena caixa de madeira.

– Você sabe de quanto tempo está, querida?

– Não muito. Uns dois meses mais ou menos.

– Você tem sorte de poder contar com o Dr. Geringer. Ele é muito seletivo, sabe, só aceita pacientes recomendadas. E é discretíssimo.

– Ah...

– Há algumas que tentam o óleo de junípero antes... uma coisa muito perigosa – ela disse, fechando as cortinas. – Eu já vi reações terríveis, e mortes também. E, escute o que eu digo, depois da morte o corpo exala o perfume do óleo como se fosse um veneno.

– Há um mal-entendido aqui – Minna disse, tentando não deixar transparecer seu pavor. – Eu cancelei o procedimento. O doutor não lhe disse?

– Calma, querida. É normal ficar um pouco nervosa – a enfermeira disse, começando a tirar os instrumentos de um estojo de carvalho forrado de veludo que pareceu um caixão em miniatura aos olhos de Minna. As peças em aço com cabo de ébano eram todas facilmente reconhecíveis: um bisturi, um gancho obstétrico, um fórceps e agulhas de calibres variados. Havia também um

carretel de fio de seda para suturar lacerações e um instrumento que se parecia com uma comprida agulha de crochê de aço.

– Tente relaxar agora. Quando você acordar, o seu probleminha estará resolvido.

Minna sentou-se abruptamente na maca.

– Desculpe, mas eu não tenho “probleminha” nenhum. Estou aqui para um exame pré-natal.

– Acalme-se, *Fräulein*.

– Exijo falar com o doutor!

– Como quiser – a outra disse, batendo a porta atrás de si ao sair.

Minutos mais tarde, o médico surgiu, metido num jaleco branco que parecia um paletó. Ele tinha um ar reconfortante, olhos fundos, e mostrou certa reserva ao tomar as mãos dela nas suas.

– Sinto muito, *Fräulein* Bernays. Acabei não comunicando à enfermeira a sua mudança de planos. Vamos ao exame, então?

Minna virou a cabeça para encarar a parede e tentou se concentrar na textura áspera da tinta enquanto sentia os dedos macios do médico tateando seu abdômen e depois o metal frio do espéculo entre as pernas. Ela tentou não gritar quando uma pontada aguda de dor varou seu ventre.

– Está tudo certo, minha querida. Aparentemente a gestação tem oito semanas, o que ainda é um período seguro para fazermos a intervenção... caso decida mudar de ideia. Só lhe peço que não espere tempo demais, ou eu ficarei de mãos atadas.

– Não será preciso. A minha decisão está tomada – Minna disse, com toda a dignidade que conseguiu reunir.

Minna passou os dias seguintes às voltas com os planos para sua viagem para os Estados Unidos. Escreveu para o irmão, pedindo-lhe que enviasse uma passagem sem explicar o motivo. Havia anos que ele a convidava para fazer uma visita, e certamente não se mostraria inclinado a bombardeá-la de perguntas. Minna fez também uma lista das coisas que precisaria fazer antes da viagem. Ainda que sua vontade fosse simplesmente desaparecer, havia muitas providências que teriam que ser tomadas antes. Era preciso pedir a documentação necessária, uma etapa que, se Deus

quisesse, não tomaria muito tempo. O irmão havia comentado algo sobre a existência de pedido de urgência para o processo. Ela pensou no seu baú de viagem que estava no armário da casa dos Freud. E no quarto, cheio das suas coisas guardadas. Seria preciso passar por lá em algum momento para buscá-las. Talvez ela pudesse marcar de ir num dia em que Sigmund estivesse na universidade. Até porque, fosse como fosse, Minna jamais se perdoaria se fosse embora sem se despedir das crianças.

Quando se deitou para dormir, teve o pressentimento de que havia alguma coisa errada. Talvez fosse só por conta dos seus planos apressados de mulher em desespero. Será que ela havia levado em conta todas as complicações que poderiam surgir? Minna nunca seria capaz de prever tudo.

Ela acordou sentindo calafrios e com o coração acelerado – os possíveis efeitos, pensou, de algum pesadelo. Quando foi tentar retomar o fôlego, sentiu uma dor na base das costas e no abdômen que se alastrou pelos quadris e chegou até as pernas.

Minna puxou o cordão da campainha ao lado da cama, e a atendente sugeriu compressas quentes e um chá.

– Devem ser só as falsas contrações – ela disse a Minna. – É algo muito comum. Elas podem durar algumas horas. Incomodam, mas não são nada grave.

Ela ajeitou uma almofada pequena sob os joelhos de Minna e afastou as cortinas de lã para abrir a janela do quarto. E seguiu tagarelando, dizendo que o desconforto podia ser um resultado do cansaço, excitação mental ou talvez um problema digestivo, e que se fosse esse o caso uma colherada de óleo de rícino e um pouco de água de cevada morna deveriam resolver.

– Tome um pouco de ar fresco, tente caminhar, e aos poucos você vai se sentir melhor.

Algumas horas mais tarde Minna foi acordada por tremores tão intensos que chegaram a sacudir a cama. Uma cólica forte logo começou, junto com a náusea. Ela espalmou a mão nas costas numa tentativa de conter a dor enquanto tentava chegar até a cômoda. A última coisa que pensou antes de cair desmaiada foi que esperava que não acontecesse nada de ruim com o bebê.

43

– **H** á quanto tempo você estava aí? – Minna perguntou.

– Não sei. Algumas horas – Justine disse, levantando-se da cadeira. Ela deixou a costura de lado, calçou os pés envoltos em meias nos escarpins e atravessou o quarto escurecido até a mesa de cabeceira de Minna. O cabelo loiro volumoso estava preso com grampos, e o seu jeito esvoaçante de sempre fora trocado por um ar mais disciplinado, com os olhos verdes concentrados na tarefa que estava desempenhando. Justine tateou atrás da vela e voltou a acendê-la, e depois colocou os braços de Minna de volta para debaixo da coberta. Ela foi informada que passara os últimos cinco dias dormindo, embalada por uma combinação nauseante de remédios e sofrimento.

– Você está com a aparência melhor. A cor voltou ao seu rosto.

Minna fitou Justine, e algo no meio do seu raciocínio enevoadado sinalizou que seu corpo estava numa cama. Ela se apoiou nos cotovelos e tentou pensar. E a dor de ter perdido a criança a atingiu com tanta força como se a perda tivesse acabado de acontecer.

Justine começou a remexer a escalfeta metálica, ajeitando-a debaixo dos lençóis com os cobertores em volta. Depois, afastou os cabelos do rosto de Minna. Ela ia lhe dizer que estava na hora de sair da cama, mas vendo o seu ar frágil e as suas olheiras profundas, decidiu esperar mais um pouco.

– Acabei de terminar *Jane Eyre* – disse Justine, tentando desanuviar os ânimos. – Não achei tão bom quanto...

– Eu não quero falar sobre livros – Minna interrompeu, com a voz ainda falhando. E as duas passaram alguns minutos ali, sem se encararem de frente, em silêncio.

– Minna, você precisa sair desse estado...

– Eu não *preciso* fazer coisa nenhuma.

– Não pode passar o resto da sua vida aqui.

– Como se eu quisesse ficar aqui... Na verdade estava de mudança para os Estados Unidos, sabe, já com tudo encaminhado.

– Eu sei. Você me contou.

– Conte?

- Duas vezes.
- Deve ter sido o efeito dos remédios. Pode me passar um cigarro?
- É proibido fumar – a outra disse com um sorriso ligeiro, puxando uma latinha de cigarros egípcios do bolso do vestido. Ela entregou um para Minna, acendeu e ficou olhando-a tragar.
- Não iria dar certo – falou.
- O quê?
- A ida para os Estados Unidos. As coisas lá não são como você pensa. Nova York e Boston são cidades brutais. Eles não gostam de estrangeiros, divorciadas, boêmios. Uma mulher na sua condição acabaria na sarjeta... e a criança seria uma fonte constante de desgosto.
- Não acredito em você.
- Mas é verdade. Eu conheço as coisas. Já ouvi muitas histórias. Miséria urbana, cortiços, gente com sotaques estranhos e hábitos alimentares chocantes, gangues de justiceiros e corpos atirados no rio Hudson como peixes mortos.
- Eu iria para o oeste, então.
- E o que você acha que encontraria lá além de selvagens e de fazendeiros? Imagine viver arando uma terra seca no meio de uma pradaria isolada...
- Já terminou?
- Ainda não... – ela disse animada, deliciando-se com o quadro detalhado que estava pintando. – E fico pensando se você e a criança iriam conseguir resistir ao inverno sem morrerem de tifo, ou tuberculose, ou varíola... e se os seus ossos ficariam entregues aos abutres.
- Ora, isso é muito reconfortante – Minna disse, achando graça, apesar de tudo. As descrições de Justine eram tão extravagantes que acabavam soando cômicas.
- Eu me esforço – ela disse, ajeitando os grampos dos cabelos.
- Foi só um tantinho exagerada.
- Escute, eu conversei com o seu médico hoje mais cedo. E sugeri a ele que já que a sua perda foi precipitada pela forma bruta

como o exame pré-natal foi realizado, *certamente* a sua estadia não deveria ser cobrada.

– Você não fez isso!

– Fiz, sim. Ele negou qualquer responsabilidade, é claro. Mas depois eu fui checar na recepção e eles me disseram que o Dr. Freud será reembolsado de todos os honorários.

– Sigmund vai gostar da notícia.

– Tenho certeza de que vai. Pela minha experiência, descobri que os médicos na sua maioria são... – Ela hesitou por um instante, erguendo a sobrancelha. – Como posso dizer isso de um jeito educado?... Uns sovinas canalhas.

Elas ouviram uma tosse alta e trepidante quando um paciente passou pela porta entreaberta do quarto.

– Jesus, mas que gente! Nem para ter a decência de tapar a boca com a mão – reclamou Justine, fechando a porta com uma batida.

– Eu não sei o que fazer – Minna disse depois de um longo silêncio.

– Se fosse eu, iria querer ir para casa – Justine ponderou.

Casa, Minna pensou. Mas onde era isso? Com a sua mãe? De jeito nenhum. Com a irmã? Ela seria capaz de voltar para lá depois de tudo o que tinha acontecido?

– Embora – acrescentou ela, acendendo um cigarro –, eu não seja a pessoa mais indicada para dar conselhos a ninguém.

Minna ergueu o corpo, baixou lentamente as pernas pela beirada da cama e vestiu o roupão. Ignorou a ligeira tontura que sentiu ao se encaminhar para a sacada e se acomodar cuidadosamente na cadeira que havia lá, fitando a luz arroxeadada que se espalhava pelo horizonte.

Justine levou um xale de lã para cobrir os ombros de Minna e foi se sentar ao lado dela.

– Eu vou embora pela manhã – ela disse. – Já devia estar em Viena há alguns dias, mas quis ter certeza de que você ficaria bem.

A amiga falava numa voz baixa e suave. Minna recostou a cabeça para trás e fechou os olhos. Foi tomada por uma onda de emoção,

mas não poderia se arriscar ao constrangimento de irromper em lágrimas.

– Se eu dissesse que acredito que vamos nos encontrar de novo estaria mentindo para mim mesma... – Justine disse baixinho.

Minna tomou a mão dela e a levou ao rosto, depois ficou segurando-a no seu colo. E as duas mulheres ficaram sentadas em silêncio, as silhuetas delineadas pela luz do fim do dia.

– Você quer que eu chame a enfermeira? – Justine indagou.

– Não.

– Quer que eu peça para lhe trazerem um jantar?

– Não.

– O que resta para nós então é beber até não aguentarmos mais?

– Acho uma boa ideia.

Justine recostou o corpo na cadeira e soprou anéis bruxuleantes de fumaça no ar.

– Ótimo. Eu também acho.

Viena, novembro de 1896

Querida Minna,

Detesto ter que lhe dar essa notícia, mas Jakob foi sepultado ontem depois de mais um edema pulmonar grave. Ainda que todos soubéssemos que esse era o desfecho inevitável, Sigmund está inconsolável. Minha irmã querida, o homem ficou irreconhecível. Passa o tempo sentado sozinho no consultório, fitando as paredes, ou vagueia sem rumo pelo apartamento. Outro dia eu o encontrei na sala, com os olhos arregalados para o nada. E ele não tem demonstrado interesse pelos pacientes nem pela sua pesquisa.

Ontem, ele recebeu a notícia de que um colega da universidade recusou seu nome como orientador, e ainda disse aos outros que Sigmund não pode ser levado a sério. Certamente esse deve ter sido mais um golpe duro entre tantos outros. Pois bem, você sabe como ele fica furioso quando esse tipo de coisa acontece, não sabe? Ontem ele só olhou para mim e encolheu os ombros. Tudo o que ele parece ter energia para fazer ultimamente é ler a respeito de Bismarck, que segundo me disse nasceu no mesmo dia que Jakob.

Minha querida, eu também preciso lhe dizer que terei que deixar as crianças para ir até Hamburgo. Mamãe está doente, e já escreveu uma pilha de cartas implorando que eu vá até lá cuidar dela. Assim, a menos que você prefira ir no meu lugar (e sei qual é a sua resposta para isso), eu já combinei que devo chegar em breve, e sendo assim – como Sigmund me contou que você está se sentindo melhor – acho justo que volte para casa para poder tomar conta das crianças.

Chequei os horários do ramal do Brenner e fiz uma reserva para você no trem das 16h de quinta-feira. Se puder, devo ir encontrá-la na estação.

Queria ter lhe escrito com notícias melhores. Mas as coisas são como são. Vai ser uma alegria quando nossa vida voltar à rotina normal e pudermos estar todos juntos outra vez.

Da sua irmã que a ama,

Martha

Minna não pôde deixar de notar a previsível insistência da irmã em equacionar a divisão de tarefas. O tom de Martha na carta era carinhoso, mas deixava bem claro que a irmã estaria se esquivando do seu dever para com a família caso se recusasse a seguir o combinado.

Ali estava sua solução. Entregue a ela numa bandeja de prata. Ah, se as coisas fossem tão simples assim. Sim, ela iria até lá para cumprir sua obrigação familiar, mas também estaria voltando para

Freud. A irmã havia lhe oferecido um lar uma vez e ela arruinara as coisas. Dessa vez, Minna não cometeria os mesmos erros.

45

No meio da tarde, Minna desceu do trem na plataforma da Wien Westbahnhof e avistou Martha esperando no meio da multidão. A irmã estava usando um casaco vermelho-escuro, tinha os cabelos presos no seu pequeno coque de sempre e o rosto se iluminou quando distinguiu a silhueta de Minna no meio das baforadas de vapor do trem.

– Martha, mas que surpresa – Minna disse, a voz mal se fazendo ouvir no meio do alarido de carregadores arrastando bagagens e viajantes passando apressados. Ela deu uma gorjeta ao carregador que chegou caminhando ao seu lado e pegou a pequena valise gasta da mão dele.

– Você não precisava ter tido esse trabalho... Eu estava pronta para pegar o ônibus.

Uma rajada de vento chegou trazendo o cheiro acre de fumaça e gás de motor, e Minna estremeceu dentro da sua jaqueta leve de sarja e da saia de passeio que usava.

– Queria ver você antes de ir cuidar da mamãe – Martha disse, dando dois beijos nas faces de Minna e tomando-lhe a mala das mãos. – Meu Deus, mas que peso! Você está bem para carregar isso? Eu só embarco para Hamburgo às 17h, então temos tempo de sobra. Como está se sentindo, minha querida? Seus pulmões melhoraram?

– Não se preocupe, Martha. Eu estou bem.

– Estou vendo que está. Venha, vamos tomar um café.

Martha guiou a irmã pelo braço até um Café que ficava perto da entrada do terminal. O sol do fim da tarde entrava pelas vidraças do prédio comprido de teto abobadado, e Minna ergueu a mão para proteger os olhos. Ela provavelmente havia esquecido seu chapéu no trem.

A viagem de volta havia sido longa e tediosa, e Minna não conseguira dormir nem por um instante. O trem era sacudido por vagões sendo atrelados e desatrelados nas diversas paradas do caminho, e a paisagem na janela também não servira para distraí-la.

Ela havia embarcado na primeira etapa da viagem no horário desumano das 6h, e estava ávida por rever as crianças, conversar rapidamente sobre amenidades, alegar exaustão e se recolher no seu quarto. Mas Martha havia sido tão gentil que ela não poderia dizer um “não”. Mesmo assim, sua sensação foi de estar acuada na mesa do café enquanto a irmã tagarelava sobre o estado de saúde de Emmeline (um horror) e depois se lançava numa descrição detalhada da rotina da casa para as próximas semanas.

Não era aquela situação que Minna esperava encontrar. Ela havia imaginado que Martha passaria alguns dias em casa antes que ela precisasse ficar frente a frente e a sós com ele. Santo Deus. O reencontro seria ainda esta noite. O que ela poderia lhe dizer? Que tinha tomado a decisão de ter o bebê. Que havia feito planos para deixá-lo definitivamente. Que a perda do bebê havia arruinado com tudo.

– Martha, você tem mesmo que ir hoje? Por que não espera até pelo menos eu estar instalada? Se mamãe já esperou até agora, alguns dias a mais não farão diferença.

– Não seja indelicada, querida. Pense no estado de saúde dela. E, seja como for, já está tudo acertado. Estou com a passagem comprada, e vou embarcar.

Não adiantaria tentar convencer a irmã do contrário. Martha *jamais* mudava de ideia, a menos que fosse um caso de vida ou morte. Elas se acomodaram no Café, ao lado de um grupo de mulheres elegantes com seus chapelões, e pediram *Kaffee mit Schlag*. Depois, Martha voltou a chamar o garçom e pediu também duas porções de strudel.

– Para mim não precisa – Minna disse. – Eu comi no trem. – Só de pensar no doce quente e transbordante de creme ela sentia o estômago revirar.

– Não seja tola. Traga duas fatias, por favor – ela repetiu para o garçom. – Achei você mais magra. Está *pronta* para assumir isso, não está? – Martha indagou, examinando o rosto de Minna. – Vai mesmo dar conta de tudo até eu voltar?

– É claro que vou.

– Deixei uma lista com as coisas por escrito, no seu quarto. Sophie agora tem consulta com o fonoaudiólogo às terças, e não às quintas-feiras. E o professor de Mathilde vai todas as tardes, às 16h. Martin provavelmente vai lhe implorar para ir patinar, mas não deixe.

– Vai dar tudo certo. Não é tão complicado assim.

– Eu sei que vai... Mas se você ainda estiver se sentindo fraca, posso pedir para Edna levar a irmã dela. Você acha melhor? Não quero que fique pesado demais para você.

– Não, não quero que Edna chame a irmã. Pare de se preocupar.

– Bem, você está parecendo cansada – Martha disse.

As duas ficaram em silêncio por alguns instantes enquanto o garçom servia o café e as porções de strudel. Minna ficou olhando para o seu prato, empurrando o doce de um lado para o outro com o garfo.

– Você não perguntou sobre Sigmund... – Martha disse, numa abordagem cuidadosa do assunto em torno do qual as duas vinham pairando havia meia hora.

– Como ele está? – Minna perguntou baixinho, sem erguer os olhos.

– Continua do mesmo jeito, acredite você ou não. E não há nada capaz de distraí-lo. *Frau* Andreas-Salomé saiu de cena na semana passada, e o rompimento *não foi* amigável.

– Ah, mas que lástima.

– É mesmo, não? Pensei a mesma coisa – Martha disse, com um sorriso ligeiro. – A mulher apareceu por lá histérica, e não estou falando no sentido clínico do termo. Ela estava *mesmo* aos prantos, e obviamente ninguém sabia do paradeiro de Sigmund. Fui eu que tive que lidar com a situação.

– E a tocou porta afora.

– Da maneira mais gentil possível.

– Certamente.

Elas cruzaram olhares por um instante.

– Minna – disse Martha, com a voz ganhando um tom mais sério.

– Minha preocupação é justamente por ele estar tão debilitado. Certamente vai voltar a se isolar no consultório, e você não está na sua melhor forma também. São seis crianças. A situação seria difícil

de administrar mesmo se você estivesse bem e descansada. Espero que vocês dois consigam se entender um com o outro, e digo isso para *o seu* bem.

– Mas, Martha, não estou voltando com a intenção de...

– É claro que não – interrompeu Martha, obviamente sem disposição para ouvir mais nada. – Mas quando ele voltar ao seu estado normal, e mais cedo ou mais tarde isso vai acontecer, provavelmente continuará tendo o mesmo comportamento que sempre teve... Você entende o que estou querendo dizer?

Ninguém deixaria de entender. A gravidade era palpável na sua voz. Minna assentiu com a cabeça.

– Eu vi como você fica frustrada quando ele a ignora. Seria bom que tentasse adotar um pouco da minha filosofia para lidar com Sigmund. Aproveite os seus momentos civilizados, não preste atenção quando ele estiver grosseiro. Que outra opção nos resta?

Minna ficou atônita. E sem conseguir determinar até onde a irmã saberia ou não dos fatos. No mínimo, Martha acabara de dar mostras de que reconhecia seus verdadeiros sentimentos, mas será que os reconhecia como sentimentos de alguém que fora amante de Sigmund? Ou que a via como mais uma numa longa lista de confidentes que acabavam sendo descartados por ele? Minna fitou o rosto de Martha na esperança de captar algum sinal, mas a expressão dela era inescrutável, sem nenhuma mudança perceptível. O maior dom dela sempre fora sua capacidade de manter uma autossuficiência indefectível no seu espírito, o que era uma qualidade impressionante e também invejável. Martha conseguia tocar o barco adiante com toda a eficiência mesmo em vista dos fatos mais dilacerantes, e estava convidando – sem que uma palavra fosse dita explicitamente a esse respeito – a irmã a fazer o mesmo.

– Martha, posso tomar conta de tudo na sua ausência, mas só ficarei por algumas semanas.

– Eu não vou entrar nessa discussão agora. Você ainda não está recuperada. Mas *vou* dizer que, de maneira geral, não é prudente nos deixarmos guiar pela emoção. E também que, mais especificamente, não faz sentido abrir mão de tudo por conta de uma coisa tão transitória.

– Como assim?

– Só estou dizendo que todos naquela casa sabem que Sigmund magoou você. Ele é assim... E você precisa deixar isso no passado.

Minna fitou o rosto imperturbável da irmã. Lágrimas escorreram pelas suas faces e caíram pelo pescoço.

– Não... Não chore. Isso não combina com você. Eu já disse o que tinha para dizer. E você também. Cada uma teve a sua vez.

Martha estendeu a mão para tocar na de Minna, num gesto que buscava confortar as duas. Elas se abraçaram quando chegou a hora de ela embarcar, e depois Minna passou mais um tempo sentada no Café, olhando o céu nublado do lado de fora. Ela sentiu uma pontada de solidão que não estava no seu peito antes, e pensou na irmã. Ainda escutava o ressoar da voz de Martha, cheia de resiliência passiva, de aceitação e da promessa de que algo bom viria no final desde que todos tratassem de seguir adiante tirando o melhor proveito do que a vida lhes dava, e desde que cuidassem uns dos outros.

As árvores ao longo da avenida estavam começando a perder as folhas, e logo estariam com os galhos nus. Tudo o que haveria para ver seria o bloco cinzento de prédios de apartamentos do outro lado. Pelo visto, o outono havia chegado a Viena sem a presença dela. Tanta coisa acontecera desde a sua partida! Minna sentia como se tivesse passado anos fora.

Ela pagou o seu café, vestiu o casaco e saiu, procurando por um coche de aluguel. Inspirou fundo e ouviu o farfalhar do vento passando pelas árvores. A casa estava à sua espera. Talvez, pensou, acabasse decidindo mesmo ficar.

Mas só por um tempo.

EPÍLOGO

LONDRES, FEVEREIRO DE 1941

Minna havia chegado ao número 19 da rua Berggasse ainda jovem, e ali vivera por mais de quarenta anos. Agora, ela estava à beira da morte.

A manhã havia chegado sombria quando Martha subiu as escadas para ver a irmã. O jardim estava salpicado com uma camada fresca e úmida de neve, e uma névoa cobria a cidade. Assim que entrou no quarto de Minna, ela soube. Agora não levaria muito mais tempo. As mãos da irmã estavam cruzadas no peito num gesto de súplica, e a respiração era rascante e difícil. O médico dissera que o coração de Minna havia piorado nos últimos dias, e que não havia muito o que pudesse ser feito além de tentar mantê-la confortável.

Minna quase não saíra mais do quarto depois da morte de Sigmund, ocorrida pouco mais de um ano antes. Ele havia travado uma batalha longa e incessante contra um câncer de garganta, e Virginia Woolf, que o visitara pouco antes de sua morte, chegara a comparar Sigmund a um "vulcão semiextinto". Mas ele sempre havia dito que, assim como o rei Macbeth, estava decidido a "morrer lutando". E foi exatamente o que fez. Sigmund passou seus últimos dias no consultório, lendo e estudando na sua poltrona favorita postada diante da janela. E, nos últimos momentos, Martha e Minna ficaram à beira da sua cama. Onde mais elas poderiam estar?

Martha puxou mais um cobertor por cima da irmã e aumentou a temperatura do radiador do quarto, que chiou e estalou em sinal de protesto. Ela achou que Minna não tivesse notado sua presença, mas ela virou ligeiramente a cabeça e abriu um sorriso. Alguns dias eram melhores do que os outros, e talvez hoje fosse um dos dias em que ela acordava com disposição para conversar. No dia anterior, Minna chegara até mesmo a se sentar na cama e ler por um tempo.

Martha ouviu uma explosão ao longe e as vidraças das janelas estremeceram. Os bombardeios agora eram constantes, e havia blecautes todas as noites. Dormir estava se tornando impossível, e a cada vez que ouvia um estrondo Martha subia para ver como Minna

estava. Só mesmo tendo nervos de aço para continuar morando naquela cidade.

Antes de a família Freud tomar a decisão de se mudar para Londres, a vida em Viena se deteriorou drasticamente. O chanceler renunciou ao seu cargo, e imediatamente as tropas de Hitler tomaram a Áustria. Martha vira da janela da sua sala quando os nazistas marcharam pela Ringstrasse, aclamados pela multidão exultante. Ela agora mantinha a porta bem trancada, com medo das turbas que andavam invadindo as casas e lojas dos judeus.

À medida que a Anschluss seguia seu curso, Sigmund foi apontado como inimigo do Estado. A Gestapo saqueou o apartamento da família e confiscou os passaportes de todos. Anna passou um tempo presa, e conhecidos começaram a desaparecer. Sigmund finalmente concordou que eles precisavam escapar. Mas haviam esperado tempo demais. Foi só com a ajuda de amigos muito influentes e autoridades como os embaixadores americanos em Paris e Berlim e o presidente Roosevelt, e com a ajuda do Departamento de Estado norte-americano, que eles obtiveram permissão para deixar o país. Todos os contatos influentes trataram de deixar claro para o governo alemão que qualquer arbitrariedade cometida contra o agora mundialmente famoso cientista criaria um incidente diplomático para o país. A essa altura da sua vida, a reputação que Sigmund havia conquistado a duras penas já não era mais questionada por ninguém.

As notícias recebidas do continente europeu continuavam sendo terríveis. As quatro irmãs mais novas de Sigmund haviam sido enviadas para campos de concentração, e Martha temia que houvesse acontecido o pior. Nunca em seus piores pesadelos ela imaginara que a situação pudesse chegar a esse ponto.

– Minna, você quer tomar um chá quente? – indagou. – A criada vai trazer a bandeja.

Quando Minna assentiu com a cabeça, ela tratou de levantar cuidadosamente seu corpo, apoiando-o com os travesseiros numa posição reclinada.

– Está disposta a conversar hoje, querida? Eu não consegui dormir nada esta noite. Você dormiu? Parece que vieram mais

bombas – disse ela, ajeitando o xale nos ombros da irmã.

– Eles não param nunca, não é mesmo? – Minna comentou, com ar de desinteresse. Era uma pergunta de alguém que já estava se despedindo deste mundo, rumo à outra vida.

– E está a cada dia pior, inclusive. Na casa do vizinho, uma das janelas se espatifou totalmente. Graças aos céus nós não tivemos prejuízo nenhum. Em alguns dias, eu fico surpresa quando vejo que a casa amanheceu ainda de pé.

Martha olhou para as omoplatas saltadas da irmã e para a sua silhueta esquelética. Ela parecia muito frágil, pálida como uma folha de papel, como se pudesse ser engolida pela cama. Minna sempre havia sido magra demais, e agora perdera ainda mais peso. Quem era aquela velha ali deitada? Martha estava perdendo a irmã, a pessoa com quem havia dividido tudo na vida. As duas tinham vivido juntas por aqueles anos todos, passado por tanta coisa. Sempre enfrentando tudo, sempre eles três. Em silêncio, lutou com os sentimentos conflitantes que borbulhavam dentro de si – gratidão, tristeza, inveja e também amor – mais do que cabia em seu peito. Mas, se a linha do tempo pudesse se inverter e ela tivesse a chance de reviver a própria vida, Martha sabia que voltaria a tomar as mesmas decisões.

A criada bateu de leve na porta e entrou trazendo a bandeja com o chá e biscoitos. Martha a tomou da mão da moça e a deixou na mesa de cabeceira. Depois, serviu uma xícara para Minna, puxou uma cadeira e se sentou perto da irmã.

– Coma um biscoito – falou numa voz preocupada.

– Podem ficar para você. Não estou com fome.

– Minna, minha querida, você precisa se alimentar. Eu vou deixá-los aqui, caso você queira pegar um mais tarde – ela disse, fazendo uma pausa em seguida. – Sabe, eu fiz uma arrumação nas coisas de Sigmund. Para catalogar todos os livros e antiguidades, e arquivar alguns papéis importantes. Guardar tudo o que pudesse ter algum valor histórico, você sabe. Um trabalho enorme.

– Sinto por não poder ajudar você. Deve ser difícil mexer nisso.

– Não é fácil, mas era preciso. Você sabe como estava tudo espalhado no consultório. Mas, de qualquer maneira, eu trouxe uma

coisa para você.

Martha levou a mão ao bolso da saia e tirou um maço grosso de envelopes amarelados e amarrados com um barbante. Obviamente, o conteúdo deles estava intacto havia anos.

– São as cartas que você enviou a Sigmund. Ele tinha todas guardadas, nesses anos todos.

Minna pegou as cartas com as mãos trêmulas, depois deixou-as cair na mesa como se estivessem fervendo. Ela procurou por um sinal de raiva no rosto da irmã, mas não havia nenhum.

– Que estranho – Minna disse, com um travo na voz. – Achei que todas tivessem sido destruídas em Viena. Ele me disse que havia queimado tudo o que era de natureza pessoal.

– Pelo visto, não foi tudo. Quando você estiver mais disposta, pode ser que queira dar uma olhada nelas.

Martha inspirou fundo, depois soltou o ar devagar. Ela havia tratado do assunto das cartas como se elas fossem um detalhe da rotina matinal, uma trivialidade. Depois de todos aqueles anos, se ainda existia algum sentimento de recriminação, ele agora estava abafado. Ela tentou sorrir enquanto ajeitava os travesseiros da irmã e puxava novamente as cobertas.

Minna fitou o seu rosto sem piscar.

– Você se lembra daquele rapaz americano que foi à Viena oferecer um contrato a Sigmund para publicar a autobiografia dele?

– Martha indagou. – Há quanto tempo foi isso? Dez anos?

Minna assentiu com a cabeça.

– Se não me engano era verão, pouco antes de nós sairmos de férias. Estava um calor terrível. Eu fiquei com pena do pobre menino, metido num terno de lã. Sigmund foi terrivelmente grosseiro. Aliás, eu nem entendi por que ele sequer havia concordado em receber o rapaz, se jamais havia tido intenção de escrever coisa nenhuma.

– Eles não lhe ofereceram dinheiro suficiente, a questão foi essa – Minna contrapôs.

– Não, não foi isso. Ele me disse que se escrevesse seria uma traição contra todas as pessoas da sua vida: família, amigos, inimigos, todo mundo. Foi por isso que ele passou a vida destruindo

cartas. Ele achava que as autobiografias não passavam de um monte de mentiras sem valor, e me disse que, no seu caso, concordar em escrever uma implicaria indiscrições que teriam consequências impensáveis.

– Apenas para os pacientes – atalhou Minna, num fio de voz.

– Sim. Apenas para os pacientes – Martha concordou. – Agora, por que você não descansa um pouco?

Minna olhou pela janela com uma expressão distante no rosto. Depois, recolheu as cartas da mesa de cabeceira com um gesto solene e chamou pela irmã.

– Martha, querida – disse numa voz neutra –, será que você pode jogar isso fora para mim?

– Você não vai querer ler as cartas? – Martha perguntou, cheia de tato.

– Não – disse Minna, afundando o corpo nos travesseiros. – E elas não têm valor histórico nenhum.

Martha guardou as cartas no bolso e deixou o quarto da irmã. Ela sempre havia acreditado que existem certas coisas na vida que devem permanecer escondidas. Faria qualquer coisa para proteger a reputação do marido. E sabia que a irmã agiria da mesma maneira. Inúmeros ajustes haviam acontecido. Mas ainda que eles jamais fossem mencionados ou sequer reconhecidos, e mesmo que o tempo tivesse servido para amainar seu impacto, isso não significava que eles não tivessem existido. E não significava que ela não estivesse ciente.

NOTA DAS AUTORAS

A amante de Freud é um romance baseado no caso de amor entre Sigmund Freud e sua cunhada, Minna Bernays. O livro retrata o período iniciado em 1895, quando Minna chegou pela primeira vez para morar com a família Freud em Viena. Ela passou mais de quarenta anos vivendo com eles, e nunca chegou a se casar ou a ter seus próprios filhos.

A família escapou da ocupação nazista em Viena e emigrou para Londres em junho de 1938. Sigmund Freud morreu de um câncer na garganta em setembro de 1939, na casa onde morava, em Maresfield Gardens, com Minna e Martha junto ao seu leito de morte. Minna morreu de insuficiência cardíaca um ano mais tarde. Diz-se que, depois da morte de Freud, ela quase não saía mais do seu quarto. Martha Freud continuou vivendo em Londres, cercada pelos filhos e netos, até a sua morte em 1951, aos 90 anos de idade.

Durante mais de setenta anos, circularam boatos entre biógrafos e historiadores a respeito da natureza do relacionamento entre Sigmund Freud e Minna Bernays. Questões eletrizantes foram levantadas. Teria ou não existido um envolvimento entre os dois?

Em 1989, Peter Gay, um dos mais importantes biógrafos de Freud, tomou a decisão oficial de desvendar, de uma vez por todas, o mistério em torno dessa história polêmica. A pesquisa do estudioso começou pela Biblioteca do Congresso, onde ele se debruçou sobre um arquivo da correspondência entre os dois que havia sido liberado recentemente pelo Museu Freud, em Londres.

“Eu tive o prazer – e qualquer estudioso vai entender do que estou falando – de ser o primeiro a por as mãos nesse valioso material”, ele escreveu num artigo publicado na edição de 29 de janeiro de 1989 do jornal *New York Times*.

A história por trás da liberação dessa correspondência havia se iniciado em 1972, quando a filha mais nova de Freud, Anna, entregou um número significativo de cartas à seção de manuscritos da Biblioteca do Congresso. Chamou a atenção na época o fato de ela ter deixado de fora da doação uma parte da correspondência,

alegando que seriam cartas de natureza exclusivamente pessoal e que não deveriam ser abertas à exposição pública. Essa parte do arquivo foi mantida no endereço de Maresfield Gardens, a última moradia de Freud em Londres (onde hoje funciona o Museu Freud) até quarenta anos depois da morte de Anna, quando o diretor do Arquivo Freud levou pessoalmente as cartas até os Estados Unidos.

Gay relatou que, enquanto ele estava sentado no ambiente silencioso da imponente sala dos manuscritos, diante da caligrafia familiar de Freud em alemão, aconteceu um revés intrigante e inesperado: parecia haver uma lacuna significativa na coleção de cartas, e lhe ocorreu a impressão de “algo de estranho” ligado a essa parte que faltava. Aparentemente, alguém se dera ao trabalho de numerar as cartas em ordem cronológica, e entre o número 93 e o 161 havia uma brecha inexplicável. Essas cartas perdidas cobririam o período entre 1895 e 1900 – exatamente os anos durante os quais Minna e Freud teriam tido seu caso, segundo os boatos.

Boatos esses que encontraram sua confirmação cinquenta anos mais tarde, graças ao psicólogo suíço e ex-discípulo de Freud, Carl Jung. Jung declarou, em 1957, que Minna Bernays havia confessado a ele que estava tendo um caso com Sigmund Freud. A revelação apareceu numa entrevista publicada pelo periódico *Andover Newton Quarterly*.

Não demorou para que eu fosse apresentado à irmã mais nova da esposa de Freud. Além de ser muito bonita, ela não só entendia de psicanálise mas também acompanhava de perto todo o trabalho que Freud vinha desenvolvendo. Alguns dias mais tarde, quando eu estava no laboratório dele, a cunhada veio me perguntar se podia falar comigo. Ela estava se sentindo muito incomodada em vista ao seu relacionamento com Freud, atormentada por um sentimento de culpa. Através dela, eu soube que Freud estava apaixonado e que a ligação entre os dois de fato era bastante íntima. Aquela foi uma descoberta chocante para mim, e ainda hoje eu me lembro da angústia que senti na ocasião.

CARL JUNG, entrevistado por JOHN M. BILLINSKY,
ANDOVER NEWTON QUARTERLY, vol. 10 (39-43), 1969

A maior parte dos especialistas em Freud rejeitou as alegações como tendo sido provocadas pelo ressentimento que Jung nutria com relação ao seu rival. As histórias do rompimento entre os dois por conta de desavenças quanto às teorias da sexualidade de Freud

eram amplamente conhecidas. Peter Gay acabou chegando à conclusão de que as cartas desaparecidas da correspondência entre Sigmund Freud e Minna Bernays não existiam mais, e que todas as pessoas que poderiam ajudar a esclarecer o mistério daquela lacuna provavelmente já deviam estar mortas. Mesmo que as tais cartas fossem encontradas, ele declarou, era “extremamente improvável que elas fossem confirmar os boatos” de um caso entre Minna e Freud.

E esse foi o consenso geral até meados de 2006, quando um sociólogo alemão descobriu provas de que, em 13 de agosto de 1898, Sigmund Freud, então com 42 anos, e Minna Bernays, aos 33, haviam viajado juntos até um resort elegante em Maloja, na Suíça, e que se identificaram no livro de registros do hotel como marido e esposa. O velho livro encapado em couro mostrava que os dois ocuparam o quarto 11, no terceiro andar, e estava assinado com um “*Dr. Sigm. Freud u Frau*” – Dr. Sigmund Freud e esposa.

E essa evidência aparentemente foi persuasiva a ponto de convencer Peter Gay a mudar de ideia. Em 24 de dezembro de 2006, em mais um artigo para o *New York Times*, ele declarou que o achado mostrava ser “bastante possível que os dois tenham dormido juntos”. Agora parecia ficar claro que Minna Bernays fora não apenas a “confidente mais próxima” de Freud, desempenhando um papel crucial durante os anos mais importantes das suas descobertas científicas, mas também sua amante.

Embora hoje seja consenso entre os estudiosos que Sigmund Freud e Minna Bernays tiveram de fato um envolvimento amoroso, as informações que existem sobre ela são muito escassas. De qualquer modo, é evidente que Minna, por si mesma, foi uma personagem fascinante.

Embora se baseie num fato verídico, *A amante de Freud* é uma obra de ficção. E, sendo assim, nós nos fizemos valer da licença poética para tomar algumas liberdades, como por exemplo com relação às idades das crianças e a alguns eventos que ocorreram anos antes ou depois do período em que o livro se passa.

FONTES UTILIZADAS

A polêmica a respeito do caso entre Sigmund Freud e Minna Bernays teve início em 1957 com a declaração feita por Carl Jung de que Minna teria confessado a ele que estava tendo um relacionamento íntimo com Freud. Em 1982, mais uma vez, o controverso estudioso Peter Swales afirmou em artigo publicado no *New American Review* que Minna Bernays não apenas havia tido um caso com Freud, mas havia engravidado dele e se submetido a um aborto. A teoria de Swales suscitou debates acalorados nos anos seguintes, sobretudo entre os eminentes Peter Gay e Paul Roazen, reconhecidos como estudiosos importantes da vida e obra de Freud. Mas a descoberta do livro de registros do hotel suíço por Franz Maciejewski em agosto de 2006 fez com que os principais estudiosos reavaliassem suas posições, e gradualmente foi sendo aceita como verdadeira a constatação de que Freud, de fato, tivera duas esposas. Este livro nasceu da onda de artigos que se seguiu nos principais jornais e periódicos americanos, alguns dos quais estão listados abaixo.

BLUMENTHAL, Ralph. "Hotel Log Hints at Illicit Desire That Dr. Freud Didn't Repress." *The New York Times*, 24 de dezembro de 2006.

BOND, Alma H., Ph. D. "Did Freud Sleep with His Wife's Sister? An Expert Interview with Franz Maciejewski, Ph. D." *Medscape*, 4 de maio de 2007.

FOLLIAN, John. "Analyze This: Freud 'Bedded Sister-in-Law.'" *The Sunday Times*, 7 de janeiro de 2007.

GAY, Peter. "Sigmund and Minna? The Biographer as Voyeur." *The New York Times*, 29 de janeiro de 1989.

MACIEJEWSKI, Franz. "Freud, His Wife and His 'Wife.'" *American Imago* 63 (4) (2006), 497-506.

ROAZEN, Paul. "Of Sigmund and Minna" (e a resposta de Peter Gay). *The New York Times*, 9 de abril de 1989, seção de cartas ao editor.

SILVERSTEIN, Barry. "What Happens in Maloja Stays in Maloja: Inference and Evidence in the 'Minna Wars.'" *American*

Imago 64 (2) (2007), 283-89.

Nós gostaríamos de citar também as muitas outras fontes indispensáveis que ajudaram a montar o respaldo histórico para que este livro fosse escrito. Em primeiro lugar, citamos as biografias de Sigmund Freud escritas por dois historiadores renomados: *Freud: A Life for Our Time*, de Peter Gay, e *Freud: Darkness in the Midst of Vision*, de Louis Breger. Além delas, e afastando-nos um pouco dos registros oficiais da época, temos o estudo abrangente e revelador de Paul Roazen sobre os relacionamentos entre Freud e seus pares, intitulado *Freud and His Followers*. A obra desses três autores pinta um retrato vibrante e detalhado de um homem que foi brilhante e que também tinha suas falhas.

Uma parte da pesquisa que contribuiu imensamente para nossa compreensão a respeito da vida de Freud foi a visita que fizemos ao Museu Freud (antiga residência da família) em Maresfield Gardens, em Londres. Os Freud se mudaram para a Inglaterra em 1938 escapando da ocupação nazista em Viena, e praticamente todas as posses de Sigmund tiveram que ser contrabandeadas ou enviadas para lá posteriormente por amigos próximos ou parentes: sua biblioteca, as peças de antiquário (como a estatueta de Atena), quadros, peças de mobília, fotografias (incluindo uma de Lou Andreas-Salomé), tapetes e o famoso divã, que havia sido presente de um ex-paciente. Hoje, todos os cômodos da casa, incluindo a sala opulenta que funcionava como seu escritório e consultório, encontram-se meticulosamente preservados, intocados pela ação do tempo. Até mesmo os óculos de Freud podem ser vistos em cima da escrivaninha, como se tivessem acabado de ser deixados ali pelo doutor em pessoa.

Revelações sobre a personalidade, a criatividade e os processos mentais de Freud nos foram dadas pelas cartas surpreendentemente francas e íntimas que ele trocou com familiares, amigos e colegas, especialmente a extensa correspondência com Wilhelm Fliess, seu amigo mais próximo na época. Tivemos acesso a essas cartas através dos livros *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess, 1887-1904*, traduzido para o inglês e editado por

Jeffrey Moussaieff Masson, e *Letters of Sigmund Freud*, organizado e editado por Ernst L. Freud.

Foram usados também como fontes diretas os trabalhos escritos por Sigmund Freud durante o período de tempo em que o livro se passa, em especial *A interpretação dos sonhos* e sua versão de leitura mais fácil, *Sobre os sonhos*. Consultamos também as obras *Freud on Women: A Reader*, com organização de Elisabeth Young-Bruehl, e também *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* e *Cinco palestras sobre psicanálise*.

A lista de outras biografias e trabalhos sobre Sigmund Freud que se mostraram importantes para nossa pesquisa inclui *The Life and Work of Sigmund Freud*, de Ernest Jones; *Sigmund Freud: Man and Father*, de Martin Freud; *The Death of Sigmund Freud: The Legacy of His Last Days*, de Mark Edmundson; *Berggasse 19: Sigmund Freud's Home and Offices, Vienna 1938*, de Edmund Engelman (fotografias); *Martha Freud: A Biography*, de Katja Behling; *The Freudian Mystique: Freud, Women, and Feminism*, do Dr. Samuel Slipp; "Jung and Freud (The End of a Romance)", artigo de John M. Billinsky, *Andover Newton Quarterly* 10 (1969), 39-43; e *The Freud Journal*, de Lou Andreas-Salomé, com tradução para o inglês de Stanley A. Leavy.

Dentro das limitações naturais de uma obra de ficção, tentamos fazer um livro que refletisse com a maior verossimilhança histórica possível a Viena da virada do século e o contexto político-social do Império dos Habsburgo antes da sua queda.

Para isso, nos apoiamos em algumas obras que foram especialmente úteis: *Fin-de-Siecle Vienna: Politics and Culture*, de Carl E. Schorske; *Schnitzler's Century*, de Peter Gay; *A Nervous Splendor: Vienna 1888-1889*, de Frederic Morton; *Wittgenstein's Vienna*, de Allan Janik e Stephen Edelston Toulmin; *Pleasure Wars: The Bourgeois Experience: From Victoria to Freud*, de Peter Gay; *The Habsburgs: Embodying Empire*, de Andrew Wheatcroft; *Austria-Hungary Handbook for Travellers*, de Karl Baedeker; *Alma Mahler-Werfel: Diaries, 1898-1902; Fraulein Else*, de Arthur Schnitzler; e *The Radetzky March*, de Joseph Roth.

Por fim, a recriação do apartamento burguês do doutor Freud em Viena foi possível graças ao apoio das seguintes fontes: *Inside the Victorian Home*, de Judith Flanders; *English Women's Clothing in the Nineteenth Century*, de C. Willett Cunnington; *Mrs. Woolf and the Servants*, de Alison Light; *Beeton's Book of Household Management*, organizado por Isabella Beeton; *Victorian and Edwardian Fashions from "La Mode Illustree"*, organizado por JoAnne Olian; *The Writer's Guide to Everyday Life in Regency and Victorian England from 1811-1901*, de Kristine Hughes; e *Cooking the Austrian Way*, de Ann Knox.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaríamos de agradecer à Molly Friedrich. Sem a orientação dela e os seus esforços incansáveis este livro não existiria.

Obrigada à Amy Einhorn, nossa editora, cujos conselhos fantásticos e faro literário apurado garantiram que o livro fosse escrito.

Queremos agradecer também pelas muitas horas de trabalho e pelo talento empenhado por Lucy Carson, Molly Schulman, Nicole LeFebvre e Elizabeth Stein.

Obrigada a toda a equipe da Putnam – aos capistas, ao talentoso pessoal da divulgação, e ao conhecimento extraordinário da equipe de revisores. Nós somos gratas a todos vocês pelo seu apoio e pela sua dedicação.